





~~Monro
Fennel~~
Stahl. IV. 930

Stahl



COMPENDIO
DA
HISTORIA DO BRASIL

PELO GENERAL

J. I. DE ABREU E LIMA

NATURAL DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,
Autor do Bosquejo historico, pôltico e litterario do Brasil
e memorias sobre o Guaco e sobre a Elephancia.

NOVA EDIÇÃO EM UM VOLUME, CONTINUADA ATÉ NOSSOS DIAS.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CRISTINA LESSA"
Tombo N.º 784
MUSEU LITERARIO

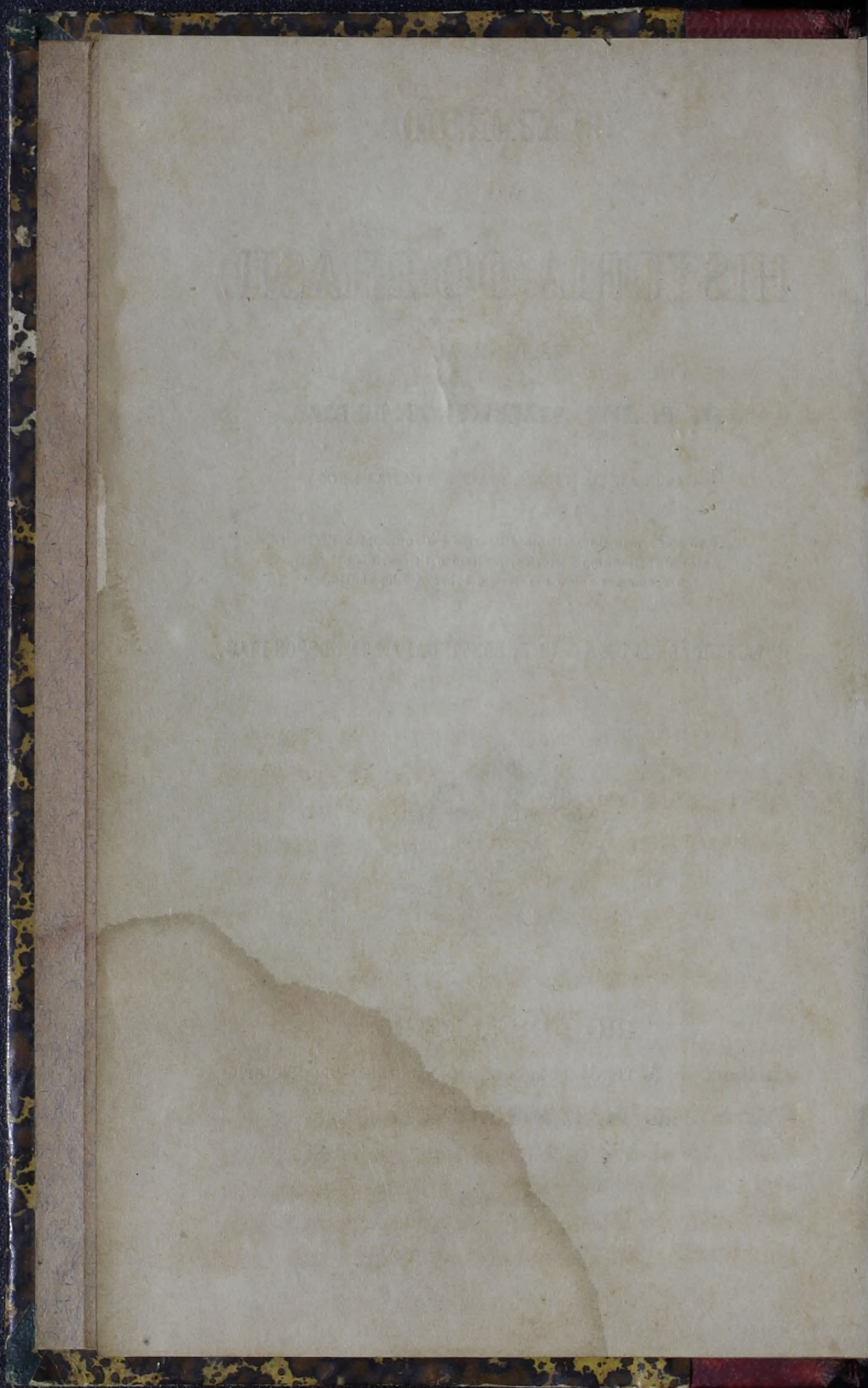
RIO DE JANEIRO

Publicado e á venda em casa dos editores-proprietarios

H. LAEMMERT & C.

66, Rua do Ouvidor, 66

1882



2190
BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENS DO BRASIL"

Tombo N.º

784

COMPENDIO

DA

HISTORIA DO BRASIL

Myles Jones,

INTRODUCCÃO

A nação portugueza, fraca no principio, chegou pela sua grande energia, e pela sabedoria de suas leis, ao mais elevado gráo de poder a que era possivel attingir, ficando triumphante e senhora absoluta de um immenso imperio, cuja riqueza parecia convida-la a gozar os attractivos do fausto e todos os generos de gloria. O monarcha, os grandes e o povo, inflamados do amor dos descobrimentos e da sêde das riquezas, assignalárão por empresas atrevidas os primeiros ensaios da navegação moderna, e com prodigios de valor souberão abrir caminho para todas as partes do mundo. Em poucos annos as costas occidentaes da Africa, até então desconhecidas, e as Indias Orientaes, vierão a ser presa dos navegantes conquistadores sahidos de Portugal.

Toda a nação estava já preparada para grandes empresas, quando nos fins do decimo-quarto seculo D. Fernando I, nono monarcha, morreu sem deixar herdeiro masculino. A aversão dos Portuguezes ao dominio de Castella favoreceu as intenções de D. João. *Imão* natural do rei.

INTRODUÇÃO

Este príncipe se apoderou do governo, e as côrtes de Coimbra lhe derão a corôa, que elle assegurou sobre sua cabeça pela famosa batalha de Aljubarrota, aos 14 de Agosto de 1485. O novo rei, conhecido na historia pelo nome do Mestre de Aviz, foi tronco da segunda linha que por espaço de dous seculos occupou o throno de Portugal. O seu reinado foi illustre não só pela victoria decisiva de Aljubarrota, mas ainda pela expedição que armou contra os Mouros, tomando-lhes Ceuta em 1415, e perseguindo-os dentro da mesma Africa.

Desde este momento começaram os Portuguezes a conhecer a necessidade da navegação e dos descobrimentos. O reinado de D. João I faz-se digno de contemplação, principalmente pelo impulso e movimento que o infante D. Henrique, digno filho deste monarcha, dá ao espirito de sua nação para vencer preconceitos que até então parecião invenciveis. Instruido na geographia e nas mathematicas, activo, emprehendedor, o infante D. Henrique abre a seus compatriotas a carreira de gloria que os immortalizou. A' sua propria custa faz construir alguns baixéis, e os envia a reconhecer a costa d' Africa. Os Portuguezes, em todos os tempos altivos, bravos, intrepidos, de espirito penetrante e imaginação ardente, navegão por mares desconhecidos, dobrão cabos até então considerados como limites do mundo, e assombrão a Europa por empresas atrevidas.

Pela influencia de D. João Iº e pela inspiração de seu genio se descobrem, primeiro as ilhas da Madeira, das Canarias e de Cabo Verde, depois as dos Açores; e, dobrando o Cabo Bojador, correm ao longo da costa occidental da Africa, mais longe do que até então o havia feito nave-

gante algum. O illustre infante D. Henrique morreu pouco depois da aclamação de D. João II, seu sobrinho, legando á sua patria um tão immenso campo de gloria. Basta a mais succinta narração do que elle meditou e empreheheu para seu elogio. Se Portugal o não contou no numero de seus reis, o mesmo Portugal e a Europa inteira o colloca a par dos mais assignalados varões. É a elle incontestavelmente que se devem as primeiras idéas que nos fins do decimoquinto seculo franquearão o descobrimento de um novo hemispherio e da passagem ás Indias.

O forte impulso que elle havia dado a seus compatriotas lhe sobreviveu; as emprezas e os descobrimentos succedêrão umas ás outras. Cada vez mais animados e mais ardentes, os Portuguezes navegou ao longo da praia occidental da Africa, e correndo a immensa costa que se estende desde as columnas de Hercules até o rio Zaire, concebem entao o projecto de abrir passagem do Oceano Africano para o Oriental, lisongeando-se de poderem chegar até as Indias e fazer um commercio directo naquellas regiões, primeiro termo de tantas esperanças e fadigas. Enquanto a maior parte dos Estados da Europa começava a tomar uma fórma mais regular e a offerecer factos interessantes á historia, Portugal se occupava unicamente de seus descobrimentos e de seus estabelecimentos maritimos.

El-rei D. João II era a alma das grandes emprezas de seus vassallos; além dos cuidados do reino, presidia a seus gloriosos trabalhos, que animava com desvelo paternal. Entretanto que isto assim passava, appareceu um daquelles homens extraordinarios que mudão os destinos das nações; attrahido vivamente pelo exemplo dos navegantes portuguezes, Christovão Colombo con-

cebe o projecto de abrir o passo ás Indias pelo^s mares do Occidente, e corre a offerecer sua^s esperanças e promessas a muitos soberanos, que a^s desdenhão. O designio dos Portuguezes era então sómente encaminhado á Africa, e el-rei D. João II não deu por isso a Colombo melhor acolhimento que os reis de França e de Inglaterra.

O illustre Genovez foi igualmente repellido pelos soberanos de Castella; mas como seus vastos projectos offerecião um attractivo, obtiverão-lhe enfim a protecção e soccorro da rainha Isabel.

Aventura-se Colombo a ignotos mares, e descobre a America. Na sua volta das Antilhas apparece coberto de gloria na côrte de Castella, onde foi recebido com singular distincção. O prospero successo de sua primeira expedição fez tão viva impressão nos animos dos Portuguezes, que el-rei D. João II julgou dever contrapesar o effeito aos olhos da sua nação e da Europa por alguma grande empresa, mandando preparar sem dilação uma armada para abrir caminho ás Indias Orientaes. Mas o rei de Castella, vendo nestas disposições um principio de hostilidades, logo se lhe mandou queixar por seu embaixador. Ficárão portanto mallogrados os aprestos, e o negocio foi devolvido á Sé Apostolica, que occupava então Alexandre VI; este Pontifice, cujos direitos divinos reconhecião as duas potencias, lhes repartio o mundo, assignando a cada uma seu hemispherio.

El-rei D. João II morreu nos fins do decimoquinto seculo, levando consigo ao tumulo o duplicado pezar de haver rejeitado os offerecimentos de Colombo, e de não ter consummado a expedição das Indias Orientaes. Comtudo esta maravilhosa empresa foi concebida em seu rei

nado, e seu successor a realisou. Começa neste periodo o seculo de vigor e de gloria de Portugal. El-rei D. Manoel, neto de el-rei D. Duarte, subio ao throno por falta de filho legitimo de D. João II; dotado das mais nobres qualidades, mostrou-se antecipadamente o amigo das artes, o protector da navegação e o pai de seu povo; a gloria dos seus antecessores não o estimulou senão para augmentar mais e mais o esplendor do throno e a prosperidade da nação. Algumas considerações de timida politica balancearão no principio os impulsos do genio d'el-rei D. Manoel; porém depois das mais sábias deliberações resolveu definitivamente levar ávante a grande empreza conforme aos intentos já concebidos.

Uma pequena armada com cento e sessenta homens, entre soldados e marinheiros, é confiada ao commando de Vasco da Gama, descendente de uma casa illustre de Portugal; elle parte em 1497 com instrucções ordenadas pelo mesmo monarcha. O Cabo das *Tormentas* ou das *Tempestades*, conhecido onze annos antes, offerecia a possibilidade de poder passar-se ao Oceano Indico, e desde então recebeu o nome de Cabo da *Boa Esperança*, que o Gama devia justificar. Este grande navegante dobrou o Cabo, triumphou de todos os perigos, e as Quinas Portuguezas tremulárão pela vez primeira sobre estes mares. Gama continúa sua derrota, corre a costa oriental da Africa, e depois de haver por muito tempo vagado sobre um Oceano quasi ignoto, chega a Calecut, cujo rei, mais conhecido pelo nome de Samorim, o recebe com signaes de benevolencia.

Vasco da Gama propõe ao Samorim uma aliança e tratado de commercio com o rei seu amo; mas, prevenido depois pelos Mahometanos, achá aquelle monarcha na audacia, na actividade e

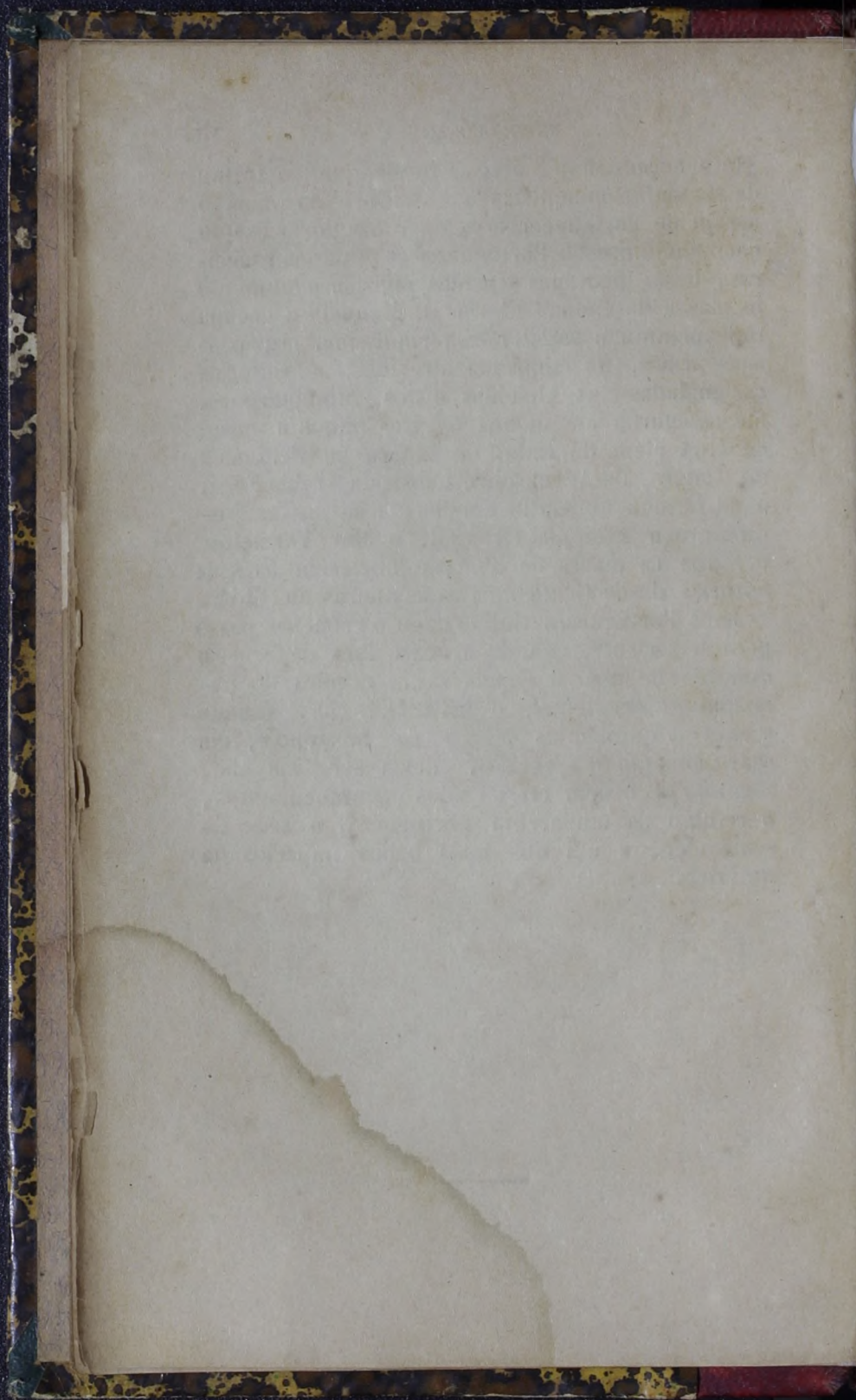
na ambição dos navegantes portuguezes, um motivo de inquietação, e procura cerca-los de ciladas e perigos. O almirante apenas lhe pôde escapar por sua constancia inalteravel e represalias exercidas a proposito. Toma o caminho da Europa, depois de ter feito respeitar o nome portuguez no Indo, onde não havia achado disposições verdadeiramente favoraveis se não no rei de Melinde, que o fez acompanhar por um embaixador; vence novos obstaculos para regressar a Portugal, e chega finalmente em 1499, dous annos depois da sua partida.

É facil julgar qual seria a recepção que el-rei D. Manoel reservava ao illustre navegante. Festas brilhantes e todos os testemunhos de uma alegria publica lhe forão deferidos, assim como honrado com signaes de estima e de reconhecimento por seu soberano. Gama foi feito Conde da Vidigueira, e creado almirante dos mares orientaes; estes titulos, tão gloriosamente ganhadados como liberalmente dados, perpetuarão a memoria de seus serviços, como a illuminada justiça do monarcha que os soube apreciar e reconhecer. El-rei D. Manoel, dando tão alto apreço á navegação do Gama, não tinha ainda calculado sua importancia e vantagens. Tudo ia mudar de face no commercio do antigo mundo. A passagem do Cabo da Boa Esperança e as expedições que se seguirão rom êrão os obstaculos que se oppunhão aos progressos da navegação, da industria e da civilisação. —

Mudando assim o commercio do mundo, os descobrimentos de Colombo e do Gama, tiverão uma influencia decidida sobre os destinos da especie humana. A icêa só das regiões immensas, e mares até então ignorados, de novas fontes de riquezas, electrison os espirites, excitou a emula-

ção e accendeu a cubiça. Desde que se tratou de sustentar conquistas na Africa e na Asia, o desejo de enriquecer e o amor da gloria fizeram correr milhares de Portuguezes ás praias es'rangei-ras; desde logo suas armadas cobrem e dominão os mares da India. El-rei D. Manoel se occupa unicamente em sujeitar esta riquissima região ás suas armas. As emprezas atrevidas, as victorias assignaladas dos Almeidas e dos Albuquerque, lhe assegurão em menos de tres annos a posse de Gôa além do Indo, de Malaca na Peninsula do Ganges, de Adem sobre a costa da Arabia Feliz, e de Ormuz no Golfo Persico; seus navios frequentão a Ethiopia Oriental, o Mar Vermelho, e todos os mares da Asia; estabelecem as suas feitorias desde Centa até as fronteiras da China.

Já os Portuguezes tinham dado o primeiro passo para o Oriente, quando o acaso lhes deparou o dominio de uma das mais vastas regiões do hemispherio occidental, o BRASIL, que, situado a mil e quinhentas leguas da metropole, em seu principio desprezado, devia ser um dia, segundo a ordem eterna dos acontecimentos, o refugio da monarchia portugueza, a séde do seu poder, e um dos mais bellos imperios da America.



ADVERTENCIA



Offerecemos ao publico uma nova edição do *Compendio da Historia do Brasil, do general J. I. de Abreu e Lima, dedicado a S. M. o Imperador*. Era primitivamente este compendio uma obra em dous volumes, ornada de sete estampas finas e repleta de notas e documentos destinados a corroborar as asserções contidas no texto, e não podia, quer por causa do tamanho, quer por causa do preço, aspirar á circulação que tinhamos em vista conciliar em proveito da divulgação da historia patria.

Como desejassemos tornar o conhecimento do passado do Brasil accessivel ao publico em geral, e principalmente á mocidade estudiosa, tratámos de organizar, sob o ponto de vista didactico, o livro actual, que, sem omittir factos algum importante, torna-se recommendavel pela exposição clara e concisa de todos os acontecimentos que se derão no Brasil. Reduzindo o formato pela suppressão de documentos e notas, que não

affecção a exposição da doutrina, foi-nos possível realizar uma extraordinária diminuição de preço, que sobremodo aproveita aos pais de familia e aos collegios.

Uma outra circumstancia, para a qual chamamos a attenção do publico, é a continuação da exposição historica até nossos dias, confeccionada por um distincto litterato nacional. Era uma lacuna geralmente observada em quasi todos os compendios da Historia patria, que quando muito attingião ao periodo regencial e á inauguração do reinado actual. Podemos affirmar que é a primeira vez que em um livro escolastico se depara com a narração breve e conscienciosa dos feitos memoraveis que assignalão o longo e prospero reinado de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Esperando encontrar da parte do publico, e de todos os que particularmente se occupão de vulgarisar o conhecimento das cousas patrias, o mesmo favor que lhes foi dispensado em seus anteriores esforços, os abaixo assignados assegurarão que nada descurarão para bem servir á mocidade brasileira, á qual especialmente destinão a nova edição do *Compendio da Historia do Brasil*.

OS EDITORES.

COMPENDIO
DA
HISTORIA DO BRASIL

CAPITULO PRIMEIRO

1500—1531

I

Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.

Havendo chegado a Portugal D. Vasco da Gama em 1499, com a certeza de ter descoberto a navegação da India, determinou El-rei D. Manoel mandar no seguinte anno uma armada para visitar os reis daquella costa, fazer com elles allianças, e formar alguns estabelecimentos que pudessem servir ao mesmo tempo de escala e feitoria de commercio na viagem e na volta das Indias; depois devia ir a Calecut e diligenciar todos os meios de brandura com o Samorim, para alcançar licença de estabelecer uma feitoria na sua capital, ou declarar-lhe guerra aberta se elle se recusasse ás proposições de Portugal. Para commandante desta armada, que constava de dez caravellas e tres navios redondos, foi escolhido um fidalgo chainado Pedro Alvares Cabral (*). O numero da gente que a guarnecia andava por mil e duzentas ou mil e quinhentas pessoas, como outros pretendem.

(*) Alguns escrevem Pedralves Cabral.

Prompta a frota defronte de Rastello, hoje Belém, e determinado o dia 9 de Março para a saída, na vespera, que era Domingo, foi el-rei com toda a côrte ouvir a missa na ermida de Nossa Senhora de Belém, defronte da qual estava fundeada a frota. Prégou D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, dissertando sobre o objecto da empreza; e emquanto se officiou, esteve arvorada sobre o altar uma bandeira com a cruz da Ordem de Christo, que o mesmo bispo benzeu por fim, e el-rei com sua propria mão entregou a Pedro Alvares Cabral, ao qual havia tido junto de sua real pessoa dentro na tribuna durante a festividade. Acabado este acto, assim desenrolada, como estivera no altar, foi aquella bandeira levada em procissão, e acompanhada por el-rei até o caés, onde Cabral e os outros capitães lhe beijarão a mão, salvando entretanto toda a artilharia da armada.

Foi esta despedida geralmente a todos de grande contemplação, por ser aquella armada a mais poderosa e brilhante que até aquelle tempo sahia do reino para terras remotas. No dia seguinte partio toda a frota a bom salvamento; a 14 passou á vista das Canarias; e na noite de 22 para 23, depois de haver avistado a ilha de S. Nicoláo, uma das de Cabo Verde, desgarrou da armada o navio de Vasco de Athayde, que arribou a Lisboa maltratado. Cabral fez diligencias por descobri-lo, e vendo que não apparecia, continuou a viagem. Com o intuito de evitar as calmarias da costa d'Africa, e por ser-lhe ponteiro o vento, segundo se crê, empegou-se para Oéste do meridiano da mencionada ilha, tanto que no dia 21 de Abril, derradeira oitava da Pascoa, encontrão signaes de terra, e no dia seguinte pela tarde, na latitude de 17° Sul, avistarão uma montanha

redonda, porção da serra dos Aimorés, e terra chã coberta de arvoredos.

Fazendo o commandante signal aos outros navios que se approassem á terra, forão surgir ao sol posto em dezenove braças, obra de seis leguas arredados della; e em respeito ao oitavario de Cabral á montanha o nome de *Monte Pascoal*, que ainda conserva, e á terra o de *Vera Cruz*. No dia seguinte navegarão contra a mesma terra em direitura á foz de um rio denominado hoje *Rio do Frade*, aferrarão meia legua afastados, onde passarão a noite com algum incommodo por ventar rijo do Suéste. Como o rio, que naquella mesmo dia foi examinado pelo capitão Nicoláo Coelho, não tinha capacidade para recolher nem ainda os menores vasos da armada, e o vento não era favoravel para costear a terra do Sul em busca de algum surgidouro, mandou o commandante navegar contra o Norte, fazendo passar Affonso Lopes, seu piloto, a uma das caravellas menores para navegar mais proximo á praia e examinar o primeiro porto que encontrasse.

Tendo a armada navegado obra de dez leguas em ala, encontrarão a enseada da Corôa Vermelha, aliás bahia Cabralia, onde pela tarde entrarão as caravellas que ião mais perto da praia. Affonso Lopes, indo sondar o porto, recolheu no batel dous moços indigenas, que andavão n'uma almadia, e levou-os ao almirante, que ancorara com os navios grandes como a uma legua afastado dos arrecifes que estão á entrada da enseada. Alli se entretiverao grande parte da noite com os nospedes nao esperados; os quaes na manhã seguinte, logo que a capitania aferrou no porto, forão postos na praia vestidos de camisas e com barretes; indo em sua companhia um degradado para observar o modo de vida daquelle povo.

Oito dias se demorou aqui a armada; e o que neste tempo houve de mais notavel foi a resolução de cada navio tomar os mantimentos que pudesse recolher, para mandar o que os levava de aviso a el-rei com a noticia do descobrimento e do que se havia obrado; e celebrar missa cantada duas vezes o guardião Fr. Henrique: primeira no domingo de Pascoela em um ilhéu que está dentro da enseada, á vista de um grande numero de indigenas que estavão na costa firme; outra no 1º de Maio ao pé de uma grande cruz, que na mesma manhã tinha sido collocada junto á praia com as armas e divisas d'el-rei D. Manoel, em testemunho da solemne posse que em seu real nome se havia tomado da nova terra da VERA CRUZ.

A 2 de Maio sahio a armada deste porto, deixando nelle dous degradados, segundo a relação desta viagem escripta por um piloto da mesma frota, e conservada por Ramusio, onde se menciona que aquelles ficárão chorando, e os homens do paiz os confortavão, mostrando-se delles compadecidos. Um dos degradados, que aprendeu logo o idioma dos indigenas, chamados Tupiniquins, e servio de interprete aos primeiros Portuguezes que alli aportarão, tornou depois para Portugal.

Como a costa corre ao mesmo rumo a que o capitão Gaspar de Lemos necessariamente devia navegar, e elle tinha interesse (e provavelmente recommendações de Cabral) em saber até que altura a terra se estendia para o Norte, nada é tão verosimil e natural como avista-la elle muitas vezes até o Cabo de S. Roque, se é que a não levou sempre á vista até esta paragem, porque as aguas nesta monção puxão para terra. Os dous indigenas com que chegou a Portugal, segundo Barros, provão que elle aportou em alguma

parte, depois que sahio de Porto Seguro, visto que para honra dos descobridores foi esta medida alli geralmente havida por injusta, e não teve effeito.

O prazer que el-rei D. Manoel recebeu na chegada do capitão Gaspar de Lemos com as noticias do descobrimento da extensa, amena e povoada terra da Vera Cruz, fez conceber a este magnanimo monarcha o projecto de manda-la explorar, vendo d'ahi em diante estender-se o seu dominio não sômente nas tres antigas partes do mundo, mas ainda na quarta de novo descoberta. Determinou portanto armar uma frota destinada a trazer desta nova região noticia completa, e assegurar-se da sua posse.

II

Primeiras explorações das terras do Brasil.

Posto que os nossos escriptores não se coadunem sobre o anno em que el-rei D. Manoel mandou continuar o descobrimento desta nova terra, é fóra de toda a duvida que a primeira esquadra expedida para este exame constava de tres caravellas que sahirão do Tejo em Maio de 1501, debaixo do commando de Gonçalo Coelho, e forão encontradas no porto de Bezenegue, junto a Cabo Verde, por Pedro Alvares Cabral quando voltava da India.

E' igualmente certo que o mesmo monarcha expedia outra esquadra com duplicado numero de caravellas ao mesmo exame, logo depois da volta da primeira; e comquanto não concordem todos os escriptores sobre o commandante desta segunda expedição, convem muitos em que fóra

Christovão Jacques. Costeou este o continente observando cuidadosamente o mais notavel ácerca dos rios, portos, cabos e enseadas, com os arrecifes e ilhas adjacentes, aspectos e gizamentos da costa até o Cabo das Virgens na entrada do estreito Magalhanico; havendo ancorado em muitas paragens para fazer os exames necessarios, segundo as insinuações que levava, e se pratica em casos taes.

Consta que assentou varios padrões com as quinas de Portugal nos sitios mais azados para serem vistos; que perdeu quatro caravellas, e deixou em Porto Seguro uma colonia, ou parte dos que escaparão dos naufragios, com dous missionarios Franciscanos, tornando ao reino com duas caravellas carregadas do pão que pela intensidade e brilhantismo de sua côr, semelhante á da brasa, fez ao depois perder áquella região o nome dado por Cabral. No mesmo anno de 1503, antes que este explorador chegasse á terra de Vera Cruz, aportou no meio da sua costa D. Afonso de Albuquerque, que sahira de Lisboa a 6 de Abril, commandando uma esquadra para a India, não se nos diz em que latitude; declara-se sómente que havia arvores de canna-fistula e brasil naquella paragem Pouco tempo depois foi o pão-brasil posto em contracto, começando a colonia a ser visitada pelos navios dos contractadores.

Em 1505 navegou a frota da India (commandada por D. Francisco de Almeida) mui proxima á costa do Brasil, mas não se sabe que fosse avistada por alguns dos navios que a formavão. No anno de 1506 costeou Tristão da Cunha (indo para a India) a terra de Pernambuco, tão proximo a ella que descobriu ou reconheceu o rio de S. Sebastião; o qual, por não se lhe determinar a latitude e nem conservar o nome, é hoje desco-

nhecido. Em 1510 naufragou um navio portuguez na entrada da Bahia de *Todos os Santos*, escapando toda a gente ou a maior parte della, porque vinte cinco annos depois ainda alli vivião nove dos naufragos com os indigenas. Não se sabe com que designioprehendêra a viagem.

No anno de 1515 navegou o Castelhana João Dias de Solis do Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, que tomou delle o nome por algum tempo, havendo entrado tambem na bahia do Rio de Janeiro. Depois da sua morte, que foi ás mãos dos indigenas, com outros da sua tripolação, na margem do Paraguay, os dous navios que elle commandava forão carregar páo-brasil a Pernambuco, e voltárão para a Hespanha. Em 1519 avistárão o Cabo de Santo Agostinho, e seguindo a costa entrárão na bahia do Rio de Janeiro, Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro, Portuguezes ao serviço de Carlos I, destinados a fazerem o primeiro gyro do globo; e como entrassem nesta bahia no dia 13 de Dezembro, onde se demorárão até 27 do mesmo mez, derão-lhe por isso o nome de *Bahia de Santa Luzia*.

Consta de varios escriptores que Diogo Garcia, piloto portuguez no serviço de Castella, aportára no anno de 1527 um pouco afastado da embocadura do Rio Uruguay: achando all os navios com que Sebastião Caboto sahira de Cadiz para passar as Molucas pelo estreito de Todos os Santos, hoje de Magalhães, e tendo noticia de que o capitão tinha subido pelo Paraguay, então rio de Solis, navegára com suas lanchas até muito acima da confluencia do Paraná, onde o encontrára acabando de construir o forte de Santa Anna, e onde ambos derão ao rio de Solis o nome de Rio da Prata, por verem alguns pedaços deste metal nas mãos dos indigenas.

Antonio Herrera accrescenta que Diogo Garcia havia estado no fim do anno precedente sobre o baixo dos Abrolhos, e aportado na bahia de S. Vicente, onde um *bacharel portuguez* o provêra de refrescos, e lhe dera um genro seu para lhe servir de lingua no Rio de Solis ou Paraguay; que Garcia fundeára na ilha dos Patos, hoje de Santa Catharina, onde os indigenas o provêrão de algum mantimento, e se lhe queixárão de haver-lhes Caboto furtado seus filhos em recompensa do bom agasalho que lhe prestarão. É provavel que este bacharel fôsse João Ramalho, ou Antonio Rodrigues, que Martim Affonso de Souza alli encontrou quatro annos depois.

III

Martim Affonso de Souza navega por toda a costa desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, e volta a fundar a colonia de S. Vicente. Duarte Coelho Pereira expulsa os Francezes de Itamaracá.

Com a noticia, que o navio de Diogo Garcia trouxe a Portugal em 1528 ou 1529, de estarem os Castelhanos estabelecidos no Rio da Prata, e receiando-se de que se estendessem para Léste do rio Uruguay, por onde então se cuidava que corria a linha divisoria, expedio el-rei D. João III uma armada a este paiz, em Dezembro de 1530, debaixo do commando de Martim Affonso de Souza, com ordem para fazer fortificações e distribuir terrenos aos que no paiz quizessem estabelecer-se.

A armada, depois de ter reconhecido o Cabo de Santo Agostinho, e navegado ao longo da costa, fez presa de dous navios francezes que alli encontrou; do que Martim Affonso deu logo noticia ao soberano por João de Souza, capitão de

um dos navios da mesma armada. Seguiu depois até a bahia de Todos os Santos, onde refrescou, continuando a sua derrota para o sul com prospero successo, até que no dia 30 de Abril de 1531 foi surgir na bahia do *Rio de Janeiro*, na qual se demorou tres mezes para reparar as avarias, e tomar mantimento para um anno. Daqui partio no dia 1º de Agosto, e foi ancorar entre a terra firme e a ilha da *Cananéa*, d'onde enviou o piloto Pedro Annes para haver falla dos Indios; o qual voltou trazendo em sua companhia a Francisco de Chaves, que vivia nesta terra com cinco ou seis Castelhanos.

Como Francisco de Chaves, sendo grande pratico de todo aquelle sertão, informasse a Martin Affonso que existia muito ouro em certas minas que elle conhecia, mandou o capitão-mór que Pedro Lobo com oitenta homens a fôsse explorar; cuja expedição foi mallograda pelos Indios Carijós, que a final matarão a todos estes Portuguezes, sem que um só escapasse. No entanto proseguio Martin Affonso a sua derrota para o Rio da Prata, onde se achava quando o sol chegou ao tropico do Capricornio, segundo a duvida que propôz ao Dr. Pedro Nunes, depois que voltou para Portugal. Não encontrando estabelecimento algum castelhano em toda a costa, tornou para a bahia de Santos, em cuja barra meridional fundou a colonia de S. Vicente, como adiante se verá.

A força de interpretações tinha chegado o rei de Portugal a fazer comprehender o Brasil no hemispherio que Alexandre VI lhe havia concedido. Carlos V, que então occupava o throno da Hespanha, queria viver em paz com Portugal para voltar toda a sua ambição contra o resto da Europa. Comtudo, o consumo proventoso das cargas do pão-brasil deu logo a idéa a alguns especula-

dores de emprender este commercio, e de empregar nelle navios mercantes. Um navio de Marselha, que tinha ido carregar páo-brasil a Pernambuco, occupou a feitoria de Itamaracá, fundada por Christovão Jacques, e deixou nella setenta Francezes para guarda-la como sua. Logo que isto se soube em Lisboa, expedio el-rei a Duarte Coelho Pereira para arrojá-los d'alli; o que logrou completamente expulsando os intrusos, e destruindo tudo o que elles tinham feito; e foi estabelecer a feitoria sobre o rio Iguaraçú, poucas milhas arredada do primeiro assento.

Vendo el-rei D. João III que os Castelhanos se achavão estabelecidos sobre o rio Paraguay, e que os Francezes pretendião estabelecer-se em Pernambuco, e na Bahia de Todos os Santos, resolveu povoar o continente; e para facilitar a colonisação, determinou reparti-lo em porções de cincoenta leguas de costa com regalias lisongeiras e titulos de *Capitanias*, que deu de juro e herdade a vassallos benemeritos pelos serviços que tinham feito á corôa; os quaes devião ir ou mandar povoa-las com gente e navios á sua custa, dentro de certo tempo, antes que as outras nações alli se fossem assentar. Cumpre, porém, que digamos qual era o estado do Brasil na época de seu descobrimento, antes de tratarmos das Capitanias hereditarias.

IV

Descripção geral desta vasta região.

O nome *Brasil*, que em seu principio só foi dado a uma parte da cost) maritima, estendeu-se logo a todas as possessões portuguezas da America Meri-

dional, que hoje formão o grande imperio daquelle nome, occupando a parte mais oriental desta região. Jaz entre os 5 grãos de latitude septentrional, na serra da Paracaina, cabeceiras do rio Branco, e a ponta de Castilhos-grandes, aos 34 grãos e 15 minutos de latitude austral, tendo setecentas e oitenta e cinco leguas de vinte ao grão do Norte a Sul. De Leste a Oeste fica entre 9 grãos e 30 minutos de longitude oriental do meridiano do Rio de Janeiro, e 26 de longitude occidental, tendo setecentas e dez leguas desde a ponta de Olinda até o presidio de Tabatinga no Amazonas, pouco acima da confluencia do Javary, o que faz a sua maior largura Leste-Oeste. A sua extensão encerra mais de dous quintos da America Meridional; as praias e as enseadas lhe dão mais de mil e duzentas leguas de costa.

Quando se descobre do mar este continente parece montanhoso, agreste e desigual; mas de perto nenhuma vista no mundo é mais pittoresca nem mais admiravel; os seus montes são coroados de magnificos bosques, e seus valles revestidos de perpetua verdura. O interior do Brasil, é por assim dizer uma immensa floresta; poucas regiões do mundo são mais regadas e vivificadas com tanta profusão. O *Amazonas*, com mil e duzentas leguas de curso, é o maior rio do mundo, e atravessa quinhentas leguas de territorio brasileiro pela provincia do Pará; ao Amazonas segue-se o *Paraguay*, que passa por mais de duzentas. Os rios Madeira, S. Francisco, Tocantins e Paraná, formão a segunda ordem; Tapajoz, Xingú, Uruguay, Araguaya, a terceira; Itapicurú do Maranhão, Parahyba, Negro, Jacuy, Japura e S. Lourenço, a quarta; Parahyba do Sul, Mearim, Jaguaribe, Parahyba do Norte, Paraguassú, Conlas, Belmonte Doce, Tieté, Paranapanema,

Branco, Iça, Caritiba, Pardo, e Cuyabá. a quinta; Capibaribe, Piranhas, Tajahy, S. Matheus, Patipe e Itapicurú da Bahia, a sexta; além de muitos outros, que por pouco conhecidos, ou menos extensos, não mencionamos.

As lagôas mais consideraveis são: as dos Patos e Mirim na provincia do Rio Grande do Sul: os chamados lagos Xarões e Parima são inundações peri-ri as, este do rio Branco, e aquelle do Paraguay. Além das ilhas de Fernando de Noronha, sessenta leguas a Léste do Cabo de S. Roque, e da Trindade, a duzentas do mesmo rumo do Cabo de S. Thomé, ambas pequenas e a ultima deserta, as outras estão juntas á costa. São estas: a de Marajó ou Joannes no Pará; S. Luiz e S. João no Maranhão; Itamaracá em Pernambuco; Itaparica na Bahia; Ilha Grande no Rio de Janeiro; S. Sebastião, Santos e Cananéa em S. Paulo; S. Francisco e Santa Catharina na provincia deste nome.

Os portos mais notaveis e importantes, além do Rio de Janeiro e Bahia, são: Pará, Maranhão, Tutoya, Ceará, Aracaty, Natal, Parahyba, Petimbú, Recife, Tamandaré, Barra Grande, Maceió, Coruripe, Cotindiba, Rio Real, Rio de Contas, Ilhéos, Belmonte, Porto Seguro, Caravellas, S. Matheus, Espirito Santo, Benevente, Campos, Macahé, Cabo Frio, Ilha Grande, Paraty, S. Sebastião, Bertioga, Santos, Cananéa, Paranaguá, S. Francisco, Santa Catharina, Laguna, e Rio Grande.

Os cabos principaes são: do Norte na provincia do Pará, S. Roque no Rio Grande do Norte, S. Agostinho em Pernambuco, S. Thomé e Cabo Frio no Rio de Janeiro, e Santa Martha em Santa Catharina. As costas septentrionaes, desde o Pará até o rio de S. Francisco, são sementeas de arre-

cifes e ilhéos, nos quaes se quebrão as vagas do Oceano, offerecendo repetidas vezes a imagem de um molhe natural contra as ondas, que se estendem em paralelo á costa. Aos 17 grãos de latitude ao Sul começa, pouco mais ou menos na distancia de doze leguas de Porto Seguro, os famosos cachopos denominados *Abrolhos*, que se estendem por mais de sessenta leguas, e são o terror dos pilotos. Tem-se aqui descoberto muitos canaes estreitos, por onde os navios podem abrir passagem, porém sempre com grandes perigos.

As serras mais notaveis são: as que ao Norte servem de limites ao Brasil; a de Ibiapaba, que divide as provincias do Ceará e Piahy; a da Borburena, que atravessa parte da provincia de Pernambuco, a da Parahyba e a do Rio Grande do Norte até o Cabo de S. Roque; a das Mangabeiras, que divide as provincias do Maranhão e Piahy da de Goyaz, tomando depois os nomes de Duro, Tabatinga, Araras, Crystaes, Marcella, etc., e continuão separando a provincia de Goyaz da de Minas Geraes. A serra do espinhaço, com os nomes de Mantiqueira, Grão-Mogol, Branca, Almas e Chapadas, começa nos limites da provincia de S. Paulo com a de Minas, onde tem origem o rio Pardo, e confluentes que vão desaguar no Paraná; segue pelo interior da provincia da Bahia, dividindo sempre as aguas que se dirigem ao rio de S. Francisco, das que vem ter ao Oceano, tendo nella origem muitos e consideraveis rios.

ZOOLOGIA: contão-se para mais de sessenta especies de animaes quadrupedes, indigenas, dos dezoito generos seguintes: Mono, Moccó, Coelho, Quaty, Lontra, Onça, Cão Silvestre, Gambá, Porco espim, Capivara, Caxinguelê, Rato, Tamanduá, Tatú, Preguiça, Anta, Porco e Veado. Das aves ha um grande numero. das quaes são as mais

notaveis : entre as rapaces, Urubús, Gaviões, Corujas e Caborés ; entre os passaros : Araponga, Carajuá, Cardeal, Sabiás, Encontros, Gallo da Serra, Andorinhas, Cangiús ou Bacorãos, Beija-flôr, Passaro-mosca, Sahis e Bentivís ; entre as trepadoras : Annuns, Surucuás ou Capitães do matto, Tucanos, Papagaios e Pica-páos ; entre as gallinaceas : Pombas, Mutuns, Jacús, Macucos, Nhambús e Emas ; entre as paludaeas : Inhuma ou Unicorné, Garças, Socós, Jacamís, Jaborús, Colhereira, Frangos d'agua, Piassocas e Guarás ; entre as nadadoras : Gaivotas, Pato arminho, Patos Caperorócas, Marrecas e Mergulhões.

Dos reptis, descreve o Dr. Spix dezoito especies entre Tartarugas, Cágados e Jabotís ; quatro de Crocodilos ou Jacarés ; trinta e tantas de Lagartos e Bipedes ; quarenta e tantas de Cobras, e mais de cincoenta de Rãas, Sapos e Rubêtas. Dos peixes, os mais estimados ou abundantes são : do mar, Badejo, Méro, Garoupas, Cherne, Bijupirá, Linguado, Sardinha, Anchova, Bagres, e Miranguaya ; d'agua doce, Piraricú, Bagre, Sorobim, Roballo, Mandis e Camurupins. Ha um sem numero de insectos, entre os quaes se contão como mais prejudiciaes : Cupim, Formigas, Carrapatos, Cafanhotos, Moscas, Mosquitos, Bichos do pé, além de outros destruidores das plantações. Tambem ha muitas especies de Abelhas, assim como de Bichos de Seda, e Cochculha, de que poderiamos tirar grande proveito.

PHYTOLOGIA : Talvez não haja paiz que possa competir com o Brasil na multiplicidade de vegetaes, ao menos no prestimo. Entre as preciosas madeiras indigenas de construcção e marenaria contão-se : Araribás, Acupú, Brasileto, Caixetu, Canella, Cedros, Gonçalo-Alves, Graúnas, Gurubus, Igrapiapunha, Ipé, Jacarandá, Jiquitibá,

Jetahy, Mirapinima, Oleos, Pão de arco, Pão ferro, Pequibá, Peroba. Sicupira, Tapinhoã, Vinhatico. Das plantas alimentarias são notaveis: Alho, Abacate, Ambú, Ananaz, Araçás, Assaby, Atas, ou Pinhas, e Frutas de Conde, Aypim, Batatas, Baunilha, Cacáo, Cajá, Cajú, Cambucá, Cannas de assucar, Carás, Cocos, Goyabas, Grumixamas, Jaboticabas, Jambos, Mamões, Mandibas ou Mandiocas, Mangabas, Maracujás, Matte Congonha ou Herva do Paraguay, Pimenta, Piqui e Pitangas. Como muito uteis á medicina e ás artes se distinguem: Abutua, Andauassú, Andiroba, Anil, Brasil, Copayba, Fumo, Guaraná, Ipecacuanha, Mamono ou Carrapato, Opuncia ou Figueira da terra, Quinas, Salsaparrilha, Sipós, Gomma elastica ou Caucho, Tatagiba, Tucum e Urucú.

MINERALOGIA: A riqueza mineral, que foi por muito tempo objecto das mais arriscadas pesquisas, é immensa; entre os metaes possuímos o Antimonio, Bismutho, Chumbo, Cobalto, Cobre, Estanho, Ferro, Mercurio, Ouro, Paladio, Platina, Prata. Das pedras preciosas contão-se: Agathas, Aguas marinhas, Amethistas, Crystaes, Crisolitas, Diamantes, Esmeraldas, Pingos d'agua, Rubins, Safiras, Topazios. Das pedras de construcções: Basaltos, Granitos, Jaspes, Lousas, Marmores e Porphiro. Ha tambem grande quantidade de Carvão de pedra, Enxofre, Galena, Grafito ou Lapis, Magnete, Mica, Pederneiras, Pedra de amolar, Pedra hume, Pedra sabão, Pedra de cal, Sal gemm a e Salitre.

Minas Ceraes, Goyaz, e Matto-Grosso, são as provincias em que a mineração do ouro e de pedras preciosas é mais importante. Na de Santa Catharina existe com toda a certeza grande quantidade de carvão de pedra, em uma extensão de cem leguas, que abrange igualmente as duas pro-

vincias de S. Paulo e do Rio Grande do Sul. Em S. Paulo é onde, por ora, se extrahê o ferro em maior escala, ainda que o tenhamos por todo o Brasil, e da melhor qualidade. Possuimos tambem muitas fontes d'aguas thermaes nas provincias do Rio de Janeiro, Bahia, S. Paulo, Santa Catharina e Goyaz, sendo o uso destas ultimas muito acreditado para a cura de toda a especie de syphilis, e até da elephantiasis. Por toda a parte se encontram poços e fontes d'agua ferrea, assim como argillas de varias côres.

V

Caracter, usos e costumes dos habitantes naturaes do Brasil.

O Brasil, no tempo do seu descobrimento, era dividido entre muitas nações ou povoações diferentes, umas escondidas nos bosques, outras estabelecidas nas planicies sobre as margens dos rios, ou nas costas maritimas; algumas pacificas, quasi todas errantes; estas achando na caça e na pesca a sua principal subsistencia; aquellas vivendo principalmente das produções da terra, mais ou menos cultivada; a maior parte sem communicações entre si, ou divididas por odios hereditarios e sempre armados.

A' chegada dos descobridores europêos, mais de cem nações brasileiras occupavão ou disputavão a immensa extensão comprehendida entre os dous rios da Prata e o Amazonas; porém algumas d'entre ellas não forão jámais bem conhecidas; as suas transmigrações successivas tem lançado alguma confusão no testemunho dos historiadores e viajantes; fallaremos apenas daquellas cujas tradições forão melhor conservadas.

A grande casta dos Tapuyas, a mais antiga do Brasil, tinha possuido, segundo alguns, toda a costa, desde o Amazonas até o Prata; ou sómente, segundo outros, uma linha do sertão em paralelo á costa, desde o Rio de S. Francisco até o Cabo Frio. Esta casta foi lançada fóra pela dos Tupis, ainda mais formidavel, em época pouco remota, porque á chegada dos Europêos se lembravão os selvagens deste acontecimento. Assim os Tupis erão os senhores absolutos destas costas quando Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil. Da voz *Tupá*, que quer dizer trovão e pai universal, tinhão elles formado por barbara vaidade o nome da sua propria nação. Esta palavra encerra toda a sua theologia, porque não dirigião supplicas ao Creador; para elles não era objecto de odio, de esperança, nem de temor.

Esta grande casta comprehendia dezeseis tribus distinctas, que não sendo unidas por laço algum, e tendo nomes particulares e signaes distinctos, formavão outras tantas nações separadas. Entre os Tupis, com quem os conquistadores portuguezes estiverão, as mais das vezes em harmonia ou em guerra se notavão os Carijós, collocados ao Sul de S. Vicente, e senhores por este tempo da ilha de Santa Catharina. Os Tamoyos, que habitavão os contornos do Rio de Janeiro, estendendo-se do meio-dia para S. Vicente, não reconhecião por alliados senão os Tupinambás, seus vizinhos, aos quaes se assemelhavão em muitos dos seus usos. Os Tupiniquins estavam de posse do paiz de Porto Seguro e da Costa dos Ilhéos, desde o rio Camamú até o rio Circare, extensão quasi de cinco grãos; de todos os selvagens da casta tupica erão estes os mais trataveis, os mais fieis e os mais bravos; os Tupinaes, seus vizinhos, conformavão-se com elles.

A bahia e todas as suas enseadas acabavão de ser conquistadas pelos Tupinambás, a maior e a mais valente nação da casta dos Tupis. Os Cahetés, tribu feroz, tinhão em seu poder toda a costa de Pernambuco, da qual os Tabayares, da mesma casta que os Cahetés porém menos ferozes, occupavão tambem uma parte. Enfim os Pitagores, os mais cruéis da casta tupica, pössuião a região do Parahyba do Norte, entre este e o Rio Grande; taes erão as principaes tribus da casta senhora do Brasil. A anthropophagia dominava entre todos estes selvagens; comião em ceremonial, com medonha alegria, os prisioneiros de guerra; mas nem todos os Brasileiros erão anthropophagos; parece que a casta dos Tupis fôra a que trouxera do sertão este uso horrendo, que os Portuguezes acharão introduzido em todas as partes da costa.

A linguagem dos Tupis era a mais espalhada, ainda que se fallasse até cento e cincoenta linguas barbaras no Brasil. A lingua tupica era, segundo dizem, um dialecto de Guarany, tido como lingua mãi; o que faz acreditar que a casta dos Tupis proveio dos povos bellicosos do Paraguay, onde uma poyoação inteira ainda conserva o nome primitivo, que se modificou depois segundo as tribus. Antes de descrever a posição geographica, e de dar a resenha das outras tribus brasileiras as mais famosas, vamos a esboçar em um pequeno quadro os caracteres principaes que podem fazer conhecer os usos e os costumes guerreiros da casta selvagem que dominava o Brasil na época do seu descobrimento pelos Portuguezes.

No estado de pura natureza, os Tupis não conhecião divindade alguma; ao menos não annunciavão este conhecimento consolador quasi

universalmente inspirado á especie humana. Os signaes de admiração e de respeito que davão ao sol, á lua, ao trovão, não tinham character algum de culto; erão produzidos pela admiração ou pelo susto, não se elevavão acima dos objectos creados; porque nenhuma palavra na sua lingua exprimia a idéa de um Ente Creador e Senhor do Universo. Os sonhos, as sombras, o pesadelo, e o delirio, gerárão superstições, que os adivinhadores, ou *Pagés*, fizerão acreditar entre os Tupis. Chocarreiros e sacerdotes juntamente, os Pagés affirmavão a existencia de um espirito malfazejo, de que se gloriavão moderar a perigosa influencia; por isso erão consultados nas doenças, nas occasiões perigosas, principalmente na guerra e na paz.

Cada Pagé vive só, e retirado em lugar ermo, onde lhe levão tudo quanto pede; e tem tal imperio nos animos, que se elle prognosticou a morte áquelle que o offendeu, o desgraçado objecto deste fatal vaticinio deita-se immediatamente na cama, e espera a sua sorte com tanta resignação, que não bebe nem come, e assim se realisa o anathema. Os Pagés antes de receberem as distincções do poder sacerdotal passavão pelas mais terriveis provas; durante muitos annos se lhes impunha tão rigorosa abstinencia, que muitas vezes a morte os privava de gozarem do fim dos seus trabalhos; a historia nos conserva parte dos usos exteriores destas iniciações. Não tinham os Pagés immediata influencia no governo civil, o qual era extremamente simples, e se acha identico em todas as tribus. Cada aldêa tinha um chefe, cuja autoridade se limitava á de aconselhar; este foi em todos os tempos o direito da velhice, por isso esses chefes erão de idade avançada, representando um pai de familia no meio de seus filhos.

Todos estes povos andão nús, pintão o corpo de diversas côres, excepto a cara; alguns furão o labio inferior, e trazem nelle um pedaço de páo, ou uma especie de jaspe verde, que os torna disformes. As mulheres não furão os labios, porém nos grandes buracos que tem em cada orelha, trazem pendentés, á maneira de rosarios, grossas enfiadas de pequenos ossos brancos e de pedras de côr que cahem sobre as espadoas. Nas suas guerras ou festas pegão com resina pennas verdes, encarnadas e amarellas na testa, faces, e nos braços, e com ellas enfeitão tambem as suas armas. Os chefes distinguem-se commumente por um grande collar de conchas. Os Brasileiros não são geralmente polygamos, ainda que alguns chefes possuão ter diversas mulheres. As raparigas, antes de casarem, entregão-se sem pejo aos homens livres; seus proprios pais as offercem aos hospedes; porém logo que se ligão ao estado de casadas, são fieis a seus maridos, e o adulterio é odioso entre os Brasileiros. As mulheres tornão-se escravas, seguem os maridos na guerra, e carregão com as suas provisões.

As habitações desses selvagens, mais ou menos juntas, varião na fórma e no tamanho; constão ordinariamente de casas ou cabanas distribuidas em aldêas. As povoações mais adiantadas na policia constróem e levantão muros feitos de barrotes, cujos intervallos são cheios de terra, como uma especie de fortificação, defendida por fojos. Sem embargo desta defesa, nem sempre escapavão ao furor dos inimigos, que incendiavão as habitações, lançando sobre ellas flechas guarnecidas de algodão inflammado. A principal occupação das mulheres consiste em fiar algodão para fazer redes e cordas. Ellas fazem tambem

vasos de barro, que servem para diferentes usos. A raiz da mandioca é o sustento diario destes selvagens; ajuntão-lhe outras raizes, que pisão e reduzem a farinha para compõem bebidas ou alimentos com mais ou menos consistencia. A caça e a pesca supprem o resto das suas precisões.

Menos sujeitos ás molestias, que as nações cultas adquirem pelo mimo e pelo luxo, prescrevem a seus doentes dieta absoluta, e alguns simples tirados dos seus bosques. Celebrão os seus funeraes com choros e tristes lamentações, que contêm ordinariamente o elogio do morto. Se é pai de familia, enterrão com elle as suas armas, suas pennas, e seus collares; e é este o unico signal pelo qual se poderia suspeitar que a idéa da outra vida lhes não é absolutamente estranho. O homicidio é o unico crime que castigão; os pais do matador o entregão aos do morto, estes a ogão o culpado e o enterrão. A reconciliação prompta e sincera entre as duas familias segue ordinariamente esta sorte de satisfação ou de represalia; bem diferentes nisto das nações civilizadas da Europa, entre as quaes os odios das familias são algumas vezes hereditarios.

Sem outras leis mais que os seus usos, seguindo quasi sempre o instincto da natureza, os Brasileiros possuem algumas virtudes sociaes e domesticas. Exercitão e respeitão a hospitalidade, e vivem tranquillamente entre si; não se desamparam nas molestias, como fazem outras povoações da America, e são fieis a seus alliados. Mostrão em geral inclinação á indolencia, e á ociosidade que caracteriza todos os selvagens meridionaes; mas passando de um extremo a outro, amão com paixão a dança, e todos os exercicios violentos. É sobretudo nos combates que se manifesta a sua activa e horrivel ferocidade

então a crueldade no seu maior auge se transforma em virtude guerreira. E' mui raro haver entre elles outros motivos para a guerra senão os da vingança; por isso não seria facil determinar a causa das primeiras aggressões.

A arma principal dos Brasileiros é uma clava de seis pés de comprimento, feita de páo durissimo e mui pesado, com dous gumes; tem arcos feitos igualmente de páo consistente, com as cordas de algodão, e flechas de canna silvestre armadas de fortes puas de madeira ou espinhas de peixe. Servem-se dellas com singular destreza; nunca errão um passaró voando. Apenas o signal é dado pelos anciões, todos os guerreiros se poem em marcha, excitando-se por expressões as mais energicas de vingança e de odio. Chegados ao paiz que querem devastar, buscão surprender as povoações, incendiando-as, e commettem toda a casta de crueldades. Se são obrigados a combater em campo raso, juntão-se, marchão depressa e com firmeza, e acommettem-se dando gritos espantosos. Servem-se no principio das flechas, e depois das maças, cujos terriveis golpes são quasi sempre mortaes.

Decidida a sorte do combate, os vencedores amarrão os prisioneiros, ameaçando-os com a sorte que os espera; e assim levão-os para suas aldéas, onde entrão em triumpho. Tratão-os ao principio com uma bondade apparente, dão-lhes até mulheres, e poem o maior cuidado em engorda-los bem. Marcado o dia da vingança, as mulheres preparão os licôres para a festa, e todos os selvagens da aldêa reunidos passão dous dias inteiros a dausar e a beber com o captivo, que apenas parece fazer o papel de convidado, pois affecta distinguir-se pela alegria. A victima é depois amarrada ao som de um hymno de morte,

e neste estado levão-a a passear em triumpho; esta não dá o menor signal de abatimento ou de susto; pelo contrario, olha com altivez para todos os que se approximão na sua passagem, fallhes e lembra-lhes todas as suas expedições contra elles, dizendo a um que matára seu pai, a outro que comêra seu filho.

Quando a hora é chegada, apparece o executor ornado com todos os seus enfeites, e recebe das mãos do chefe da tribu a clava com que ha de matar o prisioneiro; porém antes de o fazer ha um dialogo entre ambos, executor e captivo, no fim do qual levanta aquelle a clava, e esmaga de um só golpe a cabeça da victima. As mulheres se lanção logo sobre o cadaver, que despedação com pedras afiadas, e cujos membros ainda palpitantes são immediatamente assados e comidos. Durante este abominavel banquete os velhos exhortão os mancebos a procurar occasiões semelhantes por suas façanhas guerreiras. Não se sabe em toda este tremenda cerimonia qual se deve admirar mais, se a engenhosa barbaridade dos algozes, ou o valor exaltado das victimas. Estes selvagens, apezar do horroroso attractivo que os arrasta para comerem carne humana, não comem os mortos no campo da batalha.

O uso commum é amontoar nas aldêas os crâneos dos prisioneiros que devorârão, e mostrar aos estrangeiros com orgulho estes monumentos de suas proezas e de suas vinganças. Em geral estes selvagens medem a sua gloria pelo numero dos prisioneiros que fizerão, e tem summo cuidado de perpetuar a memoria de seus feitos por incisões que fazem nos braços, nas côxas, no peito e mais partes do corpo. Taes são os caracteres mais geraes que distinguem a casta dos Tupis; e comquanto se assemelhem em muitas

cousas ás outras nações selvagens do Brasil, todavia existem algumas differenças bem notaveis.

Os *Guayanazes* e *Guayzacares* possuem as planicies de Piratininga e os contornos de S. Vicente; não são anthropophagos, e nisto differião essencialmente das tribus tupicas. Os *Maraques* no interior da Bahia são agricultores, e pescavão á linha, uso ignorado pelos Tupis. Nas regiões do sertão e sobre as margens do Syputaba, que desagua no Paraguay, existem os *Barbados*, assim chamados pela grande barba, que os distingue particularmente das outras raças indias. Nas costas de Porto Seguro existião os *Papanaz*, antes de serem arrojados pelos Tupiniquins; a linguagem daquelles apenas era entendida por seus inimigos. Retirados os *Tapuyas* para o Norte do Brasil, de que forão dominadores, ainda ali se distinguão das outras castas por suas bellas formas e força extraordinaria. De todos os selvagens erão estes os menos crueis, porque não matavão os seus prisioneiros; mas em lugar de comerem os seus inimigos, como os Tupis, comião os seus proprios mortos, como a ultima prova de affecto. A' chegada dos Portuguezes os *Tapuyas*, assim como os *Tabajaras*, tinhão formado os seus principaes estabelecimentos na serra de Ibiapaba. Entre esta casta brasileira contão-se perto de setenta e seis povoações guerreiras, distinctas por differentes nomes, e quasi todas espalhadas pelo Parahyba do Norte, Ceará, e Rio Grande.

Deste numero, os *Guayos* envenenão as suas flechas; os *Jaborós-Apuyares*, sempre errantes, não tem outras armas senão páos tostados nas duas pontas; os *Paliés* vestem-se com uma tunica de canhamo sem mangas, e fallão um idioma particular; os *Cuxaras* habitão as grandes campinas interiores; os *Mandavés* e os *Naporás* exercitão

a agricultura. No meio de todos estes anthropophagos, os *Campehos* são quasi os unicos que não comem carne humana, mas cortão as cabeças aos seus inimigos, e trazem-as penduradas no cinto. Entre a nação dos Tapuyas ainda se distinguem os *Aquigiros*, que, por excepção notavel, são verdadeiros pygmêos; forão os Europêos que lhes derão este nome; todavia não são menos corajosos nem menos robustos.

Tambem se distinguão particularmente por outros notaveis caracteres os *Mariquitos*, que habitavão uma parte das costas entre a Bahia e Pernambuco; os *Margajas*, situados entre o Espirito Santo e o Rio de Janeiro; os *Aymorês*, senhores do interior das terras entre a Bahia e o Rio Doce, os mais selvagens e ferozes de todos os indigenas. Levão estes ao longe o terror, assim como os seus alliados *Ighigracuphos*, pela bulha estranha que fazem batendo os bastões de madeira sonora uns nos outros. Taes são as principaes variedades da grande nação dos Tapuyas.

Os *Ovaitagnasses* habitavão os contornos de Cabo Frio, entre o Rio de Janeiro e o Parahyba do Sul. Os maiores inimigos desta raça erão os *Ouetazazes* ou *Goaylacazes* seus vizinhos, que se estendem desde as planicies a que derão o seu nome, ao longo da margem septentrional do Parahyba do Sul, até a meridional do rio Xipoto, nos contornos de Ouro Preto. Não comião os prisioneiros; e, mais bravos que as outras castas, combatião o inimigo em campo raso. Seguem-se depois os *Onayanarês*, e os *Poriês*, de caracter pacifico; e os *Molopaques*, que tem costumes brandos, ainda que na guerra não tenham renunciado os abominaveis banquetes de carne humana. Os *Molopaques* deixão crescer a barba, cobrem com decencia o corpo, e não

usão de polygamia, posto que suas mulheres sejam bellas.

Os *Guêgues*, *Timbiras*, *Jeicos* e *Aucapuras* habitavão o vasto paiz do Piauhy para a parte do Maranhão. Os *Guanares*, *Arahis* e *Caicazes* avizinhão-se ao Amazonas. Na outra extremidade meridional do Brasil, perto de Matto-Grosso, habitão os *Guaycurús* (ou Indios cavalleiros, porque quando os Portuguezes chegarão áquella provincia já acharão estes selvagens com criações de gado cavallar, e combatendo a cavallo), que provavelmente são da mesma casta que os *Guaycurús* do Paraguay. Finalmente, entre o Rio Grande do Sul e S. Vicente, está situado o paiz dos *Carijós*, os mais humanos de todos os selvagens do continente occidental, e aquelles a quem a policia européa achou mais accessiveis.

Acaba aqui finalmente o que ácerca das diferentes povoações do Brasil é possível dizer-se em um abreviado resumo. No longo espaço de tres seculos, depois de tantas transmigrações e guerras continuas, estas povoações indigenas, a maior parte errantes, devião passar frequentemente de um a outro territorio; dest'arte as suas mudanças, o seu mesmo enfraquecimento ou a sua inteira destruição, não permitem mais hoje torna-las a achar na sua posição geographica primitiva. As relações frequentes destas diferentes povoações com os Portuguezes, ou com as outras nações que aportarão ao Brasil, apparecerão no decurso deste compendio, seguindo a ordem dos factos, o progresso dos estabelecimentos e o das conquistas; o que completará o quadro dos costumes e dos usos das principaes tribus do Brasil.

CAPITULO SEGUNDO

1532—1580.

I

Capitanias hereditarias estabelecidas no Brasil no reinado d'el-rei D. João III.

Instruido emfim D. João III da importancia do Brasil, dividio esta vasta região em Capitanias hereditarias, ás quaes concedeu o titulo de senhores a alguns vassallos de qualidade do seu reino, que se offerecêrão para vir aqui formar estabelecimentos. Os senhores donatarios devião gozar de jurisdicção civil e criminal; devião gozar tambem de todos os direitos de regalia, á excepção do direito de impôr pena de morte, cunhar moeda, e a dizima territorial, cuja prerogativa reservou para a corôa.

Os senhores portuguezes, que ambicionavão estes meios de grandeza e fortuna, não virão ao principio em seus vastos domínios senão terras, de que uma cultura pouco dispendiosa provava fertilidade, e nações estupidas, que poderião subjugar sem perigo e sujeitar sem esforços.

Elles se enganavão no que respeita a este ultimo ponto; a resistencia contumaz da maior parte das tribus selvagens, os combates sanguinolentos que foi preciso sustentar contra ellas, seu odio impla-

cavel, sua vingança feroz, destruirão por muitas vezes as mais bellas esperanças. Porém cousa nenhuma podia desanimar a homens, cujas empresas erão fundadas sobre os motivos irresistiveis de dominio e séde das riquezas. S. Vicente, Santo Amaro, Parahyba do Sul, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, Bahía de Todos os Santos, Pernambuco e Maranhão, forão as primeiras Capitánias que o rei de Portugal concedeu ao longo das costas maritimas do Brasil (*).

Martim Affonso de Souza, cujo nome é citado com honra na historia das Indias Portuguezas, foi o primeiro possuidor de uma Capitania no Brasil. Partindo de Lisboa com cinco velas em 1530, como dissemos no capitulo antecedente, depois de ter examinado attentamente a costa, desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, voltou aos 24 grãos e meio de lat. Sul, e formou o seu primeiro estabelecimento (em Janeiro de 1532) n'uma ilha semelhante a Gôa, ou á antiga Tyro, pois é separada do continente por um braço de mar. Os naturaes a denominavão *Guaiba*, de uma arvore assim chamada, que alli cresce com abundancia.

Os selvagens da costa, vendo gente desconhe-

*) O historiador João de Barros, que foi um dos donatarios, attesta que o paiz fôra repartido em doze Capitánias; mas não menciona os proprietarios, porque reservou-se, segundo elle mesmo declara, a dar informações sobre este assumpto na parte que escreveu intitulada—*Santa Cruz*,—manuscripto que se julga perdido. Depois d'elle nenhum outro escriptor faz menção senão das nove Capitánias que referimos. O padre Ayres de Casal, na sua *Corographia Brasílica*, suppõe que talvez se contassem por outras tantas Capitánias os cinco pedaços de que constavão as duas dos dous irmãos Souza.

cida estabelecer-se tão perto delles, reunirão-se para expulsa-la, e pedirão auxilio a *Tebyreçá*, o mais poderoso chefe da tribu dos Guayanazes, que possuem as planicies de Piratininga. Estes Indios differencavão-se essencialmente das outras tribus, porque não erão anthropophagos. Contudo, *Tebyreçá* se dispunha a soccorrer seus aliados contra os estrangeiros, quando foi disto dissuadido por João Ramalho, de quem já fallámos, que vivia debaixo da sua protecção, e a quem, satisfeito do seu zelo e admirado da sua intelligencia, tinha dado uma filha em casamento. Ramalho, julgando que aquelles recém-chegados podião ser compatriotas seus destinados para a India, que, impellidos por ventos contrarios sobre a costa do Brasil, tinhão buscado abrigo nesta ilha, persuadio ao seu bemfeitor a favorecê-los antes que a maltrata-los; e vindo procurar a Martim Alfonso de Souza concluiu entre este capitão e os Guayanazes alliança perpetua.

Como o terreno que os Portuguezes escolhêrão logo não era tão vantajoso, os colonos se transportarão para a ilha vizinha de S. Vicente, nome que ficou a toda a Capitania. Os seus progressos forão rapidos; Souza presidia a tudo com intelligencia e sabedoria. Fez plantar as primeiras cannas de assucar, que forão levadas da Madeira, criou o primeiro gado, e foi desta Capitania que depois as outras se abastecêrão. Com dadas e affagos soube ganhar a affeição dos naturaes, cujas relações e frequentes communicações forão mui vantajosas á colonia.

Seu irmão *Pero Lopes de Souza* foi menos feliz nas suas empresas; de oitenta leguas de costa que lhe couberão em patrimonio, dividio-as em dous senhorios, mui distantes um do outro, querendo fundar dous estabelecimentos distinctos e separa-

dos. Pôz o primeiro em uma ilha perto de S. Vicente, proxima á costa, e lhe deu o nome de Santo Amaro (1534). Foi na ilha de Itamaracá, mais perto da equinoccial alguns grãos, que Pero Vaz fundou o seu segundo estabelecimento colonial, onde teve que sustentar frequentes ataques da parte dos *Pitagourês*, que vierão sitia-lo na sua mesma ilha. Conseguindo repelli-los, logrou depois expulsa-los tambem da costa vizinha; porém voltando ao seu estabelecimento do Sul, veio naufragar e morreu na embocadura do Rio da Prata em uma segunda exploração.

Pedro de Góes pediu e obteve uma Capitania, limitada a trinta leguas de costa entre as de S. Vicente e do Espirito Santo. Góes, auxiliado por Martin Ferreira, deu á vela para o rio Parahyba do Sul, onde desembarcou e se fortificou (1534); esteve dous annos em paz com os Goaytacazes; porém a final não pôde evitar a guerra com estes selvagens, a qual durou cinco annos, e foi desgraçada para a colonia nascente. Os colonos desanimados pedirão em altas vozes deixar tão incommoda habitação; e o donatario teve que ceder aos clamores de seus compatriotas, evacuando a colonia em navios que pôde obter do vizinho estabelecimento.

Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo portuguez que tinha enriquecido na India, obteve a Capitania do Espirito Santo, e veio com uma grande expedição (1534) crear o seu estabelecimento em uma pequena bahia ao Norte do Rio de Janeiro, onde os colonos que elle trouxe fundarão uma villa, a que chamarão Nossa Senhora da *Victoria*; cujo nome ficou logo justificado pelos frequentes triumphos que obtiverão dos Goaytacazes, seus primeiros inimigos. Os vencedores, uma vez senhores da costa, começarão a construir casas,

e outros edificios, a lavrar as terras, a plantar cannas de assucar, e a levantar engenhos.

A *Pedro de Campos Tourinho* havia sido dada a Capitania de Porto Seguro; e fazendo-se á vela com sua mulher e filhos, e grande numero de colonos, abordou felizmente em 1534 na mesma enseada em que Cabral havia tomado posse do Brasil. Um dos dous degradados, que este almirante ali tinha deixado, vivia ainda e servio de interprete a Tourinho em suas primeiras relações com os naturaes. Os Tupiniquins, senhores do paiz, oppuzerão-se logo ás empresas dos colonos; porém Tourinho soube attrahi-los, dispondo-os em povoações, nas quaes introduzio a policia e costumes dos Europêos. E' isto uma prova da sabedoria com que obrou, não devendo por consequencia caber-lhe a nota de tyrannia, imputada aos primeiros colonos portuguezes.

Jorge de Figueiredo Corrêa, historiographo d'el-rei D. João III, foi o primeiro donatario da Capitania dos Ilhéos, quasi no meio do continente brasilico. Como não pudesse sahir de Lisboa, por causa do seu emprego, mandou (1534) um cavalleiro castelhano, chamado Francisco Romera, para tomar posse. Com effeito a colonia foi estabelecida, e logo cresceu sem perturbação. O filho de Figueiredo, tendo herdado esta Capitania, a vendeu a Lucas Giraldes, que a beneficiou com grandes obras, e a fez tão florescente, que dentro de pouco tempo se levantárão nella oito ou nove engenhos de assucar.

Duarte Coelho Pereira, havendo expulsado os Francezes de Itamaracá, como já tivemos occasião de dizer, pedio e obteve a Capitania de Pernambuco, cujo primeiro estabelecimento foi no lugar onde hoje existe a cidade de Olinda. Quasi toda a costa de Pernambuco estava então em poder

Cahetés, tribu barbara, notavel entre todas as outras pelas grandes canôas de que fazia uso. Coelho, diz o historiador Rocha Pitta, foi obrigado a conquistar desta tribu temivel palmo a palmo o que lhe tinha sido dado por leguas. Os Cahetés, conduzidos por Francezes que vinhão traficar na costa, atacarão e sitiarão a nascente colonia, que teria succumbido se Duarte Coelho tivesse menos experiencia da guerra. Tendo este feito alliança com a tribu dos Tabayares, repellio e venceu os Cahetés.

Os Tabayares, dirigidos por um dos seus chefes, por nome *Tabyra* ou *Tapeyra*, que era o terror dos selvagens inimigos, forão os auxiliares mais efficazes de Coelho; com tão intrepidos alliados pôde afugentar os Cahetés, e lançar os fundamentos da Capitania de Pernambuco, hoje uma das mais ricas provincias do Imperio do Brasil. Um accidente, infeliz para Portugal, se tornou favoravel para as colonias da America. Os Judéos, perseguidos pela inquisição, vierão procurar um asylo deste lado do Atlantico: o Brasil se povoou rapidamente, e a população européa se foi augmentando em proporção das vantagens que ia offerecendo a nova colonia pela sábia administração de Duarte Coelho.

João de Barros, historiador e homem de estado, obteve a Capitania do Maranhão. Porém Barros não era opulento nem moço para se aventurar em pessoa, e por si só, a uma expedição arriscada, e cedeu os seus direitos a Luiz de Mello da Silva, que acabava de chegar a Portugal, tendo feito o reconhecimento de toda a costa desde Pernambuco até o Amazonas. Silva fez-se á véla acompanhado de dous filhos de Barros, levando ás suas ordens cinco navios; mas esta esquadra se perdeu, salvando-se tão sómente uma caravela com o com-

mandante e os dous filhos de João de Barros ; o qual tornou a entrar em seus direitos , dividindo a propriedade da sua Capitania com Fernando Alvarés de Andrade e Ayres da Cunha.

Formando todos tres um plano de colonia, fizeram uma nova expedição , da qual Cunha tomou o commando, levando comsigo os referidos filhos do donatario, que escapárão do primeiro naufragio. Esta segunda esquadra , chegando ao Brasil , perdeu-se tambem sobre os mesmos baixos em que se havia perdido a primeira. Os infelizes naufragos ganhárão uma ilha , onde lutarão por muito tempo com a morte ; os dous filhos de João de Barros acabárão por fim ás mãos dos selvagens Pitagoares, e o resto dos seus infelizes companheiros só pôde escapar á mercê de um navio, que para este fim veio expressamente de Portugal. Estas tentativas mallogradas desanimarão o governo e os armadores portuguezes.

Francisco Pereira Coutinho, a quem el-rei tinha concedido o territorio entre a Ponta do Padrão e o Rio de S. Francisco, com a condição de fundar uma cidade, apparelhou logo uma pequena armada em Lisboa, e com grande numero de soldados e aventureiros veio emprehender a povoação da Bahia. Vinte e cinco annos antes, um acaso singular tinha já posto estes sitios em poder de um portuguez, por nome Diogo Alves Corrêa, que indo para a India naufragou sobre os baixos ao norte da barra da Bahia. Uma parte da tripulação pereceu ; os que escapárão ás ondas foram devorados pelos Tupinambás á vista de Alves Corrêa, que tinha ficado perto do navio naufragado para tirar alguns objectos, entre os quaes salvou um mosquete e alguma polvora. Exposto a todas as necessidades, seguiu a costa á discrição dos selvagens, que correspondendo aos signaes de

afeição e de paz que lhes fez Alves, aproximáram-se para receber os seus presentes, e o trataram como amigo.

Conduzido á aldêa mais proxima, foi apresentado ao chefe, do qual recebeu, assim como de toda a povoação, respeitos e atenções, porque tiveram logo occasião de admirar a sua intelligencia e habilidade. Um dia matando com a sua espingarda um passaro diante destes selvagens, as mulheres e as crianças gritarão : *Caramurú, Caramurú!* (*) e manifestarão medo de morrerem assim ás suas mãos. Diogo Alves fez entender aos homens que iria com elles á guerra, e mataria os seus inimigos. Marcharão com effeito contra os Tapuyas, que fugirão logo pela fama da terrivel arma do *Homem de fogo*. Alves, que se persuadia ser devorado, como seus companheiros, vio-se poucos dias depois mais poderoso que os chefes destes selvagens, os quaes não só lhe obedecião como a um senhor absoluto, senão que disputavão entre si a honra de dar-lhe suas filhas por esposas.

Caramurú fixou sua residencia no lugar onde foi depois fundada *Villa-velha*; fez logo levantar algumas cabanas, e reunio uma povoação, á qual deu uma fórma de administração e policia, como chefe e regulador do novo estabelecimento. Assim permanecia cercado de suas mulheres e amigos, quando um navio normando fundeou á sua vista, e abrio communicações com elle. A chegada do navio trouxe-lhe a idéa de voltar á Europa, e

(*) Homem de fogo, filho do trovão, ou dragão do mar, que tudo isto significa *Caramurú* na lingua brasilica; este nome que os barbaros lhe puzerão, espantados pela vista da espingarda, e pelo som do seu tiro, é o mesmo com que ainda hoje é conhecido na Europa e na America Diogo Alves Corrêa, depois de mais de tres seculos.

obteve facilmente passagem para si e para a famosa *Paraguacú*, sua mulher estimada, da qual não quiz separar-se. Caramurú appareceu na cõrte de França, onde foi acolhido por Henrique II com grande demonstração de benevolencia; sua mulher foi baptisada, e recebeu o nome de Catharina, em honra da rainha, mãe de Henrique II, porém lhe não foi permittido ir a Portugal como desejava. Todavia fez passar a D. João III as informações que não podia levar, e voltou para a Bahia conduzindo uma expedição mercantil.

Os Tupinambás tornárão a ver com transportes de alegria aquelle que elles consideravão como seu pai e chefe supremo. Paraguacú, soberba com o nome de Catharina, e com os conhecimentos que tinha adquirido na Europa, fez todos os esforços para converter e civilisar suas compatriotas. Dest'arte progredia a nova povoação, quando Francisco Pereira Coutinho appareceu para tomar posse da provincia inteira; e fixando a sua residencia no mesmo local occupado por Caramurú, recorreu a este para o successo de sua empresa. Mas bem depressa Coutinho não viu em Caramurú senão um rival encoberto do seu poder. Seus soldados, ou antes aventureiros, assignalá-o a sua chegada por toda a qualidade de violencias e rapinas. Os altivos Tupinambás, resentidos por tantas offensas, não respiravão mais do que vingança. Em vão Caramurú fez todos os esforços para evitar a luta; tornando-se importuno e suspeito a Coutinho, foi preso por sua ordem, e levado para bordo de um navio.

Os selvagens reunidos em grande numero, e inflamados pelos clamores de Paraguacú, fizeram encarnizada guerra de destruição e morte aos Portuguezes, obrigando, depois de alguns annos de sanguinolenta luta, o donatario Coutinho a

refugiar-se com os seus na vizinha Capitania dos Ilhéos, levando preso a Caramurú. Porém os Tupinambás, que já estavam acostumados ao uso das mercadorias européas, começarão a sentir a sua falta, e cedêrão por fim ás proposições de Coutinho, convindo em um tratado de paz, que alhanava todas as suas desavenças. Com effeito, embarca-se o donatario, e se dirige para a Bahia; antes porém de chegar, uma furiosa tempestade o arrojou sobre a ilha de Itaparica, onde naufragou (1548). Os Tupinambás, reconhecendo o seu oppressor, lançárão-se sobre elle e sobre a tripulação, que já havia ganhado a praia; e, apezar da opposição dos chefes, que tinham feito o tratado, travou-se horrivel combate, em que Coutinho, atacado, cercado por uma multidão de inimigos ferozes, vio assassinar quasi toda a sua equipagem, até que traspasado de muitas flechas cabio morto de um golpe de maça. Sua cabeça, separada do corpo e ornada de plumas, foi levada em triumpho pelos vencedores, manifestando com isso toda a sua barbara alegria.

Caramurú foi respeitado durante o tremendo conflicto, e por sua causa tambem alguns companheiros de naufragio; e entrando na sua antiga habitação, tornou a levantar sua colonia com o socorro e ajuda dos Tupinambás, sobre os quaes continuou a exercer o mesmo poderio que d'antes. A mulher e os filhos de Coutinho não acabárão com elle neste lance cruel, porque parece que ficarão nos Ilhéos; mas perdêrão o dominio da colonia, e passarão depois uma existencia miseravel, não tendo outro allivio senão a caridade publica.

II

Estado das outras Capitánias. Chegada ao Brasil de Thomé de Souza, primeiro Governador Geral.

Acabamos de vêr como se mallogrou a fundação da Capitania da Bahia; a do Maranhão nunca chegou a verificar-se pelos successivos naufragios das duas expedições de Luiz de Mello e Ayres da Cunha; a do Parahyba do Sul também foi frustrada pela falta de meios do seu donatario Pedro de Góes; vejamos agora como progredião as outras, de que temos fallado, começando pela de S. Vicente, a mais antiga entre todas as Capitánias do Brasil.

Florescia a pequena colonia de S. Vicente, emtanto que alguns de seus habitantes se internavão para reconhecer o paiz, ou talvez com intenção de descobrir as riquezas, que tanto se apregoavão; porém mallogradas todas as expedições pela morte dos aventureiros que as emprehendêrão, só servirão para excitar o ciúme e as discordias entre os Hespanhóes, que já occupavão o Paraguay, e os colonos da nascente Capitania. Felizmente as côrtes de Lisboa e de Madrid, longe de participarem do furor de seus colonos respectivos, atalhãrão o mal com medidas salutares, que produzirão os desejados fins, suspendendo as hostilidades. Voltando Martim Affonso para Portugal deixou a Capitania em estado florescente a seu filho, ao qual confiou a administração.

A colonia de Santo Amaro, situada a pequena distancia da de S. Vicente, não teria podido progredir se os dous chefes, estreitamente unidos

pelos vinculos do sangue, não tivessem mutuamente concorrido para viverem em boa harmonia. Em todo o tempo que este estado de cousas durou, a vizinhança das duas colonias foi proveitosa a ambas; mas quando pelo decurso do tempo tiveram outros possuidores, que não eram unidos por laços tão estreitos, o cume e o interesse desunirão os colonos até a época em que os dous estabelecimentos, reunidos em um só, entrarão emfim como os outros, depois de muitas alternativas, nos dominios da corôa.

As Capitánias do Espirito-Santo, Porto Seguro e Ilhéos, se não crescião em prosperidade, mantinhão-se pelo menos á custa de grandes esforços dos seus donatarios para conservarem a sua posse; se bem que vivessem quasi constantemente em estado de guerra com os indigenas. O compartamento oppressivo dos colonos de Pernambuco para com os Cahetés excitou de novo o odio destes selvagens, que se armãrão e puzerão cerco ao estabelecimento ou feitoria de Iguarassú. Compunhão a sua guarnição noventa Portuguezes e trinta escravos negros; os sitiantes erã doze mil. O sitio durou mais de um mez; porém os selvagens perdendo a esperanza de se apoderarem do estabelecimento pela fome, fizerão a paz e retirãrão-se. Depois destas hostilidades a Capitania de Pernambuco, e principalmente a cidade de Olinda, continuou a prosperar até a morte de Coelho.

D. João III não podia desconhecer as vantagens que promettia ao Brasil a rica cultura do assucar, e quanto era necessario evitar que os Francezes chegassem a estabelecer-se nesta região, conforme o projecto que havião concebido, attrahindo a seu partido os naturaes da costa. Todas as participações que lhe ião do Brasil fazião conhecer

cada vez mais a necessidade de crear aqui um poder protector, á roda do qual os colonos Portuguezes pudessem reunir seus esforços, ou para combater com prospero successo as nações selvagens que se oppunhão ao seu dominio, ou para mallograr as emprezas hostis que meditavão os Francezes. Considerações tão ponderosas não escaparão a um monarcha instruido, cujas colonias e relações commerciaes augmentavão cada dia a prosperidade da sua nação.

Como soberano e pai deste povo, que tinha vindo habitar outro hemispherio, foi que el-rei D. João III quiz organisar a nascente colonia. O inconveniente que podia haver para a corôa nos privilegios que tinha concedido com mui pouca parcimonia aos primeiros donatarios, não devia escapar ao monarcha a quem a experiencia era util lição; em consequencia resolveu revogar os poderes dos capitães privilegiados, e nomear um governador geral, com plena autoridade civil e criminal. *Thomé de Souza* foi investido deste importante cargo, para estabelecer no Brasil uma nova administração, e fundar na bahia de Todos os Santos uma cidade capaz, não sómente de conter os ataques dos selvagens e as aggressões dos Europêos, mas ainda de ser a sêde do governo e a metropole da America Portugueza.

O governador geral partio de Lisboa no mez de Fevereiro de 1549, e chegou á Bahia a 28 de Março. A expedição, composta de seis vélas, e mil pessoas entre gente de serviço, colonos e degradados, estava calculada para preencher os fins a que se destinava, porque era acompanhada de varios officiaes de artilharia e de engenheiros, sem esquecer os interesses da religião. Seis Missionarios Jesuitas, os primeiros desta sociedade que vierão ao novo mundo, compunhão uma

missão cujo chefe era o padre Manoel da Nobrega, um dos mais instruidos da sua ordem. Assim que desembarcou o governador, veio o velho *Caramurú* prestar-lhe obediência, e segurar-lhe o espirito dos selvagens, os quaes, á vista do novo chefe e da sua comitiva, deitárão por terra os seus arcos em demonstração de paz e de amizade.

Thomé de Souza lançou os fundamentos da cidade nova, distante meia legua do antigo estabelecimento, em uma altura escarpada, abundante de aguas vivas, a pouca distancia da praia. Deu o nome de S. Salvador a esta metropole do Brasil, situada aos 13 grãos de latitude austral, perto de um porto commodo e vasto, que se abre na bahia de Todos os Santos. Os Tupinambás, levados pelos conselhos de Caramurú, pelo character circumspecto do governador, e por outros motivos de interesse, ajudárão os colonos na edificação da cidade, cujos primeiros edificios, projectados e começados, forão a cathedral, a alfandega, e o palacio do governador. Em quatro mezes se construirão cem casas com cerrados e plantações. Os Jesuitas obtiverão a posse de um terreno, onde edificárão logo uma Igreja, e um Collegio magnifico, para o qual a corôa assignou depois rendimentos.

Reinava a maior actividade nas construcções da nova Capital; o governador presidia em pessoa aos trabalhos, e cuidava ao mesmo tempo em regular a administração, attrahir os Brasileiros, e civilisá-los; infelizmente um dos colonos foi morto por um Tupinambá a oito leguas distante da cidade; o governador para prevenir o máo exemplo, exigio que o homicida lhe fosse entregue, e mandando-o atar á boca de uma peça, foi feito em pedaços. Não havia execução menos dolorosa para o culpado, nem mais horrorosa

para os espectadores; o terror se espalhou entre os Tupinambás; e os colonos, que receberão também uma lição terrível, se abstiverão de ir imprudentemente metter-se em meio dos selvagens.

Thomé de Souza dirigio igualmente a sua attenção para as diferentes capitánias que lhe estavam sujeitas; visitou as fortificações, regulou a administração da justiça, e tomou outras providencias para que os privilegios dos donatarios não obstruissem a acção do governo geral. No anno seguinte a côrte de Lisboa mandou toda a qualidade de soccorros, e no terceiro anno chegarão muitas orphãs de familias distinctas, que devião casar ali com officiaes ou empregados do governo; assim como rapazes orphãos, para serem educados pelos Missionarios Jesuitas. Taes medidas fizeram prosperar rapidamente a capital do Brasil; mas isto não era, por dizê-lo assim, senão uma prosperidade material, porque a moral e a religião são os unicos fundamentos reaes das sociedades.

Debaixo deste ponto de vista tudo era ainda imperfeito no Brasil; todas as desordens, os excessos de todo o genero, estavam no seu auge entre os colonos. Para suspender o curso desta inundação, nada menos era preciso do que restabelecer o imperio dos costumes. Este triumpho estava reservado á religião e aos Missionarios Jesuitas. Vê-los-hemos espalhar por toda a parte as luzes da policia, e como verdadeiros Apostolos, redobrar seus esforços para reprimir a avida ferocidade dos invasores portuguezes, e a vingança, talvez justa, das povoações selvagens.

III

Influencia da religião no Brasil. Estado do clero da colonia. Segundo e terceiro Governadores Geraes.

Desde a sua chegada empregarão os Missionarios todo o desvelo na conversão e civilização dos selvagens; porém os obstaculos erão grandes e numerosos; porque era mister triumphar da deshumanidade e avareza dos colonos portuguezes. A cõrte de Lisboa em vão promulgou edictos cheios de humanidade e de sabedoria em favor dos povos do Brasil; a tudo se oppunha a cubiça insaciavel dos aventureiros, a ponto de fazer com que os indigenas esquecessem suas contendas intestinas para resistirem de commum accordo a seus oppressores; mas sabendo que os Missionarios, dedicados ao trabalho do Apostolado, estavam dispostos a protegê-los, mandarão trazer suas armas ao governador, solicitando-lhe os recebesse de novo na sua alliança. Com effeito, Nobrega e seus dignos companheiros começarão a pregar com tão feliz successo entre os selvagens da Bahia, que chegarão a pôr freio a muitas de suas viciosas inclinações.

Todavia, a voracidade destas tribus pareceu ao principio invencivel; muito mais porque os mesmos colonos portuguezes animavão por politica estes barbaros festins, que excitando odios ateavão guerras implacaveis. Um incidente deploravel veio ainda mais complicar a situação embaraçosa dos Missionarios. Ouvindo um dia na povoação vizinha espantosos alaridos destes regozijos homicidas, correrão ao lugar do sacrificio

e tirarão a victima, que acabava de receber o golpe mortal, das mãos das velhas selvagens que a ião despedaçar. Immediatamente os barbaros se armarão, e corrêrão a procurar os Missionarios para arrancar-lhes de novo a sua presa. Avisado a tempo o governador geral, fez recolher á cidade os Jesuitas, e preparou-se para receber os selvagens, que á vista das armas de fogo, ou por persuasões amigaveis, retirárão-se em paz com o simulado projecto de vingarem-se em occasião opportuna.

Passado este perigo, os colonos se levantárão contra o que elles chamavão zelo indiscreto dos Jesuitas; porém pouco tempo depois os Tupinambás, recordando-se da doçura e bondade dos Missionarios, pedirão ao governador geral que se interessasse com os padres, afin de perdoar-lhes, prometendo de não comer mais os prisioneiros. Não era sem grandes difficuldades, a todos os instantes renascentes, que os Missionarios conseguirão converter algumas tribus. A vida edificante destes padres, e sobretudo seu incansavel zelo pela propagação do Evangelho, produzirão grande effeito entre os selvagens, que attrahidos pelo exemplo sahião dos bosques para sujeitar-se á direcção dos Jesuitas. Estes infatigaveis Apóstolos acharão da parte de seus compatriotas maiores obstaculos a vencer.

Durante cincoenta annos a povoação do Brasil foi abandonada ao acaso, e os colonos tinham ficado quasi sem religião e sem leis, e por isso estavam entregues a todo genero de vicios e de crimes, que não é facil conceber em uma sociedade civilisada. O clero secular, que existia na colonia, participava tambem de todas as paixões dos colonos, e por isso mesmo fazia grande opposição aos Jesuitas desinteressados, que não

punhão sua mira senão na nobre e penosa carreira do Apostolado. Entretanto chegou (1552) D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, que, de accordo com o governador geral, pôz algum termo a estas deploraveis desordens. Só depois de haver assegurado a paz, pediu Thomé de Souza ser rendido, vindo succeder-lhe como governador geral Duarte da Costa em 1553. Acompanharão o novo governador dezeseis Jesuitas, entre os quaes se distinguia José de Anchieta, destinado a fazer-se celebre como o *Apostolo do Novo Mundo*.

Ainda que Duarte da Costa se não mostrasse, como seu predecessor, muito afeiçoado aos Missionarios, não se oppôz todavia ás suas fadigas religiosas. Como os padres da sociedade erão já em grande numero, e de todas as partes lhes chegavão discipulos e catechumenos, resolveu o padre Nobrega, primeiro provincial do Brasil, estabelecer um collegio nas planicies de Piratininga, debaixo da direcção do Missionario Anchieta. Sua primeira missa foi celebrada no dia da festa da conversão de S. Paulo (25 de Janeiro), circumstancia que fez dar ao seu collegio este nome, que se estendeu ao depois á cidade ali construida, e que chegou a ser tão famosa nos annaes da America Portugueza. Porém, se por um lado lográão os Missionarios os sazonados fructos dos seus desvelos, por outro virão-se perseguidos por uma raça perversa (*), que nas-

(*) Dava-se a esta raça hybrida, isto é, mestiços descendentes de Portuguezes e Brasileiros, a denominação de *Mamelucos*: estes homens erão comparados com os dominadores do Egypto por causa das extorsões e das crueldades que exercião para com os indigenas, e aborrecião os Jesuitas porque se oppunhão, dizião elles, aos usos da colonia, e lhes tiravão a liberdade de fazer escravos.

cendo no seio do Brasil, nelle espalhou mais de uma vez o terror e a desolação.

Os Mamelucos, excitando algumas das tribus vizinhas, vierão atacar o collegio de Piratininga; mas Anchieta fez tomar as armas aos novos convertidos, e repellio os aggressores. O bispo da Bahia, indignado de tanta ousadia, procedeu logo contra aquelles malfeitores; porém longe de achar apoio na autoridade civil, foi isto causa de sérias desavenças entre o prelado e o governador geral. Nesta conjunctura embarcou o bispo para Lisboa, com designio de ir pessoalmente submeter á decisão d'el-rei as discordias do clero com o governador; porém, naufragando entre o rio de S. Francisco e Cururipe, cahio em poder dos Cahetés com toda a tripolação, que se tinha salvado na costa. Homens, mulheres, crianças e velhos, forão todos, em numero de cem, devorados por estes selvagens, sem exceptuar o proprio bispo, a primeira e a mais deploravel victima.

Ainda assim, a immensa colonia do Brasil, apesar dessas lutas inevitaveis, crescia e prosperava todos os dias, quando o fallecimento d'el-rei D. João III collocou sobre o throno a seu neto D. Sebastião, tendo então de idade tres annos tão sómente. Este novo reinado, começando em 1557, concorreu a preparar a revolução que devia reduzir Portugal a provincia da Hespanha. O reinado precedente tinha-se feito celebre pela attenção com que o monarcha se empenhou em estabelecer no Brasil um governo regular; a rainha regente não perdeu de vista as maximas de seu esposo, e executava os mesmos planos para a prosperidade da colonia.

No anno seguinte (1558) Mendo de Sá, terceiro governador geral, veio succeder a Duarte da Costa. A sua patente dizia que elle seria governa-

dor, não tres annos conforme o costume, mas todo o tempo que el-rei julgasse conveniente. Assim sua administração foi das mais dilatadas e das mais celebres que offerece a historia do Brasil. Se foi severo com os indigenas, obrigando-os a todos os actos da vida civilisada, não o foi menos com os colonos, aos quaes submetteu de grado ou por força ao regimen legal, de que de certo modo se tinham subtrahido durante os governos precedentes. Era assim que por um comportamento justo, e ao mesmo tempo firme, Mendo de Sá executava os planos do avô d'el-rei D. Sebastião a favor dos seus vassallos da America

Occupava-se este novo governador com os pormenores de sua administração, quando se vio obrigado a voltar a attenção e as armas contra inimigos de fóra, mais formidaveis que os bandos selvagens: erão os Francezes. Já no fim do governo de Thomé de Souza tinham apparecido corsarios desta nação nas alturas do Brasil meridional, derramando o susto e o desalento entre os colonos portuguezes; e guiados por um chefe atrevido, emprehenderão formar aqui um estabelecimento permanente. Vejamos pois as consequencias desta tentativa singular, cujas circumstancias nos serão conservadas por testemunhas oculares de uma e outra nação.

IV

Tentativa dos Francezes para se estabelecerem no Brasil. Expedição de Nicoláo Durand de Villegaignon. Expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro. Fundação da cidade de S. Sebastião.

A importancia que o governo portuguez dava já ao Brasil, as producções naturaes de um paiz do

qual se exaggeravão as riquezas, tudo parecia advertir aos povos navegantes da Europa que suas bandeiras podião também fluctuar pelo Oceano que banha as costas orientaes da America do Sul. Já alguns armadores francezes tinham feito celebres em seu paiz a bahia de Todos os Santos e o porto de Cabo Frio, cuja occupação não devia ser exclusiva dos Portuguezes. O projecto pois de formar um estabelecimento duravel neste paiz deslumbrou principalmente a Nicoláo Durand de Villegaignon, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, que concebeu desde logo o designio de crear aqui uma especie de soberania independente, que pudesse servir de asylo aos sectarios de Calvino, de quem havia adoptado os dogmas; suas relações com o almirante Coligny favorecerão além disto seus intentos.

Com o pretexto de formar, a exemplo da Hespanha e de Portugal, estabelecimentos em o Novo Mundo, occultou Villegaignon á corôa de França o principal objecto da sua ambição, e para excitar Coligny a apoia-lo com todo o seu poder, deu-lhe a certeza de fundar no Brasil uma colonia de sectarios de Calvino; dest'arte conseguiu que lhe confiassem dous navios bem armados, e com elles veio demandar a bahia de Nictheroy em Novembro de 1555. As tribus selvagens que occupavão esta parte do Brasil erão da casta dos Tupinambás, e tinham traficado por muito tempo com os corsarios de Dieppe, e por isso recebêrão com alegria os Francezes, suppondo que vinhão livra-los da oppressão de que erão ameaçadas as povoações vizinhas. Em uma ilha deserta, cingida de rochedos á flôr d'agua, desembarcou o almirante, fazendo construir toscamente um forte, a que deu o nome de Coligny, e que hoje tem o do seu fundador.

Depois das primeiras relações com os naturaes, cuidou Villegaignon de fazer constar á corôa de França a sua bella aquisição, reclamando não só reforços, mas por outras vias secretas ao almirante Coligny tinha pedido doutores da seita de Calvino. Com effeito, uma nova expedição foi preparada á custa de Henrique II, a qual tinha por chefe *Bois le Comte*, sobrinho do mesmo Villegaignon, com uma colonia de protestantes francezes e dous ministros calvinistas; esta expedição chegou em Março de 1557 ao forte Coligny, onde foi acolhida por Villegaignon com toda a benevolencia. Porém não sendo já o apoio e a propagação do calvinismo o fim principal a que elle se propunha, começou a dar preferencia aos interesses temporaes. A mudança total no procedimento e nas opiniões de Villegaignon provou logo aos colonos protestantes que este chefe tinha illudido as esperanças de Coligny.

O zelo que havia manifestado pela religião reformada era fingido; desde que achou interesse em mudar de partido, deixou cahir a mascara, atraçoando e perseguindo os colonos protestantes. Atribuio-se esta mudança repentina ás cartas do cardeal de Lorena, que o arguia de ter abjurado a fé catholica. Depois da conjuração dos interpretes normandos contra a sua vida, tornou-se ainda mais sombrio e mais cruel, a ponto de empregar contra os protestantes toda a severidade, expulsando-os do forte e do continente. Villegaignon não ficou por muito tempo de posse da autoridade, de que fazia odioso abuso. Reilludido a fracos meios de defesa, resolveu embarcar-se para a metropole, afim de reclamar novos soccorros, e fazer prevalecer os seus projectos. Deixou a ilha e o forte guarnecidos por cem francezes de sua confiança, e partio fazendo

lançar ao mar o ministro protestante, que tinha ficado com elle.

As perturbações, porém, que se seguirão á morte de Henrique II contrariarão todos os seus vastos designios. Finalmente, logo que a sua colônia nascente cahio no poder dos Portuguezes— elle renunciou totalmente ao Brasil, assim com, ás bellas esperanças com que tanto tempo havia lisongeadó a sua ambição; e retirando-se para a sua Commenda de Beauvais, morreu no fim da alguns annos sem deixar grata memoria. A ambição de uma parte, da outra o zelo religioso— dividirão a época mais notavel da sua vida. Cada, um destes sentimentos lhe servio alternativamente de mascara; e quando acabou de representar este duplicado papel, declarando-se contra o calvinismo, recebeu dos protestantes francezes o appellido de *Cain da America*.

E' impossivel comprehender como a côrte de Lisboa, ciosa pelas vantagens do seu commercio, deixasse correr quatro annos sem parecer inquietar-se da empresa de Villegaignon. Forão os Jesuitas que fizeram despertar do somno lethargico o gabinete de Lisboa por suas informações, e a final trouxe Mendo de Sá ordem de atacar e de expulsar os Francezes do forte de Coligny; mas querendo executar esta parte de suas instrucções. achou grande repugnancia no conselho dos seus subordinados, cujas apprehensões forão dissipadas pelo padre Nobrega, que acompanhou o governador nesta expedição, dando as melhores provas de rectidão do seu juizo na habilidade com que se houve, indo a S. Vicente pedir soccorros, que decidirão do bom exito da empresa.

Finalmente foi o forte de Coligny tomado de assalto em 1560, refugiando-se os Francezes que escapárão, uns para bordo dos seus navios, outros

para o continente, onde, reunidos com os Tamoyos, se fortificarão de novo. Mendo de Sá, não tendo forças sufficientes para guardar a ilha, tirou a artilharia, fez demolir as obras, e embarcou para Santos com o fim de visitar a primeira e mais antiga Capitania do Brasil. Durante a sua residencia alli mandou transferir para Piratininga o estabelecimento de Santo André, que se achava exposto aos ataques imprevisos das tribus inimigas. Neste novo sitio a colonia tomou o nome de S. Paulo, e veio a ser logo a cidade mais consideravel e mais florescente desta parte do Brasil. Como o caminho de Santos para S. Paulo era difficil, e demais infestado pelos Tamoyos, foi aberto outro mais seguro, segundo a traça e direcção dos Missionarios Jesuitas.

Voltando o governador a S. Salvador, vio-se logo a braços com os Aymorés, que assolavão as Capitánias dos Ilhéos e de Porto Seguro, e teve de marchar contra elles, batendo-os em varios ataques até exterminá-los ou arroja-los mais de sessenta leguas pelo interior. Todavia, enquanto Mendo de Sá obtinha este triumpho, por outro lado se formava uma das mais terriveis confederações de selvagens que jámais ameaçara o poder portuguez no Brasil. Os Tamoyos, senhores então de todo o paiz situado entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, ajuntárão-se para atacar os Portuguezes. Vencedores no primeiro encontro, estendêrão suas vistas sobre S. Paulo, que terião aniquilado se um catechumeno não descobrisse o projecto. Assim mesmo a villa foi atacada; porém defendida pelos Indios christãos, commandados por Martim Affonso (nome de baptismo do celebre Tebyreçá), pôde resistir com grande damno dos selvagens.

Mas se o valor deste chefe e o zelo dos Jesuitas

se assignalãrão com bom successo na defesa de S. Paulo, por outro lado os inimigos erão victoriosos em S. Vicente, e na Capitania do Espirito-Santo, onde morreu combatendo Fernão de Sá, filho do governador geral. A guerra continuava com incrível tenacidade da parte dos Tamoyos; todas as tribus se reunião para um ataque geral, e o perigo parecia imminente, quando os dous Apostolos do Brasil (Nobrega e Anchieta), cheios de zelo e de fé, resolvêrão entregar-se aos selvagens na esperança de obter delles a paz. Com effeito, depois de cinco mezes de padecimentos, de angustias, e de sacrificios de todo o genero, coroou Deos a obra destes seus ministros permitindo concluir uma pacificação tão difficil. A milagrosa embaixada dos dous Missionarios foi reputada como a salvação das colonias portuguezas.

Não bastava a guerra, era ainda mister que outra calamidade pesasse tambem sobre estas nascentes colonias. A enfermidade das bexigas se introduzio na ilha de Itaparica, depois em S. Salvador, e estendeu os seus estragos ao norte da costa; quasi trinta mil Indios, que os Jesuitas tinhão convertido, forão rapidamente levados pelo contagio. Este flagello destruidor foi seguido do flagello mais lento da fome; como se a atmosfera se tivesse corrompido, as plantas murchavão, e todas as producções da natureza parecião atacadas de languidez e da morte como os homens.

A fome occas onou a segunda mortandade; de onze estabelecimentos formados pelos Jesuitas, seis forão destruidos, ou pela morte dos habitantes, ou pela deserção de grande numero, que fugião para o interior das terras buscando refugio a tantos males.

Quando a côrte de Lisboa recebeu a noticia de que Nobrega e Anchieta acabavão de concluir a

paz com os Tamoyos, resolveu logo não perder a occasião de fundar uma colonia no Rio de Janeiro, e excluir inteiramente della os Francezes, que de alguma sorte havião ficado senhores do posto apezar da primeira derrota. Em virtude desta resolução a rainha regente fez partir a Estacio de Sá, sobrinho do governador, com dous galeões para a Bahia (1564), onde veio trazer a seu tio ordem de ajuda-lo com todas as forcas da colonia, afim de expulsar os Francezes do continente. Mendo de Sá reuniu immediatamente todas as forças de que podia dispôr, e pô-las á disposição de seu sobrinho, que seguiu para o Rio de Janeiro, e d'ali a S. Vicente, d'onde trouxe outros soccorros de gente e de pequenas embarcações que erão de summa necessidade.

Como os preparativos em S. Vicente consumissem o resto do anno de 1564, Estacio de Sá se pôde voltar ao Rio de Janeiro no principio do seguinte, e veio desembarcar junto ao Pão d'Asucar, onde tomou posições para atacar os Francezes; porém estando estes prevenidos, repellirão todos os seus ataques, e sustentarão a luta por mais de um anno, apezar dos esforços, conselhos, e denodo do incansavel Missionario Nobrega. Esgotados já todos os recursos do sul, foi preciso recorrer ao governador geral, implorando o seu auxilio; em consequencia do que Mendo de Sá armou uma frota, cujo mando contiou a Christovão de Barros, e acompanhando em pessoa o reforço, chegou ao acampamento de seu sobrinho em 18 de Janeiro de 1567. O ataque geral foi differido para o dia de S. Sebastião, em que os Francezes perdêrão a praça forte *Uruçumiri* (*)

(*) Pizarro escreve *Uruçumiri*.

não escapando um só dos Tamoyos que defendião os entrincheiramentos. Os vencedores marcharão contra outra fortaleza dos Francezes, que tambem levárão de assalto ; mas no primeiro ataque Estacio de Sá recebeu uma setta na cara, que lhe causou a morte um mez depois. Seu primo Salvador Corrêa de Sá, nomeado general para o succeder, tomou logo o commando.

Poucos Francezes morrerão nestas duas acções decisivas, das quaes os Tamoyos alliados havião sustentado todo o esforço. Quando estes ultimos succumbirão , os Francezes se embarcárão em quatro navios, que tinham no porto, e fizerão-se a véla para Pernambuco, d'onde forão rechaçados pelo governador da Capitania, obrigando-os a reembarcar; sem que lhes ficasse outro partido senão voltar para a Europa. D'estarte acabou no Brasil para sempre esse poder ephemero, que chegou a ameaçar o porvir das colonias portuguezas, certamente, se Mendo de Sá houvesse sido menos leal, se Nobrega e Anchieta fossem menos habéis, o Rio de Janeiro, agora capital do Brasil, seria talvez uma colonia franceza. Immediatamente depois da victoria, o governador geral, em consequencia de suas instrucções, traçou sobre a praia occidental desta bahia o plano de uma nova cidade, que depois de dous seculos de existencia foi erigida em metropole da America portugueza.

Apenas a nova cidade de S. Sebastião teve aspecto regular, deu-se-lhe logo por governador a Salvador Corrêa de Sá, o mesmo que já se havia distinguido durante a conquista. Creado primeiro alcaide-mór, foi tambem empossado do seu cargo com todas as formalidades usadas em Portugal. O chefe dos indigenas convertidos, Martim Alfonso

de Souza, aliás Ararigboia (*), que tanto se havia assignalado nas ultimas expedições, foi collocado com a sua gente do outro lado da bahia no lugar chamado hoje S. Lourenço. Entretanto chegão a Cabo Frio quatro navios francezes (1568), talvez os mesmos que tinhão sido expellidos successivamente do Rio de Janeiro e de Pernambuco; Mendo de Sá havia regressado para S. Salvador, e poucas forças tinhão ficado a cargo do governador; sem embargo, Salvador Corrêa de Sá, ajudado pelo celebre Ararigboia conseguiu arroja-los de novo, to-

(*) Dous Indios celebres se apresentão com o nome de *Martim Affonso*, e alguns escriptores os confundem com grave prejuizo da verdade historica; portanto convém extrima-los com toda a clareza para não commettermos un anachronismo. O primeiro destes indigenas, que tomou depois da sua conversão o nome de Martim Affonso, foi o celebre *Tebyreçá*, chefe da tribu dos Guayanazes, que habitavão nas planicies de Piratininga, hoje S. Paulo; porén este Indio só adoptou o nome e o cognome do primeiro do natario, e sempre foi chamado e conhecido entre os Portuguezes por *Martim Affonso Tebyreçá*. O segundo foi o celebre *Ararigboia*, que deixando o seu appellido patronimico adoptou o nome inteiro de Martim Affonso de Souza, e é d'elle que aqui tratamos. Quando Estacio de Sá, desenganado de que com os pequenos recursos de S. Vicente não poderia expellir os Francezes do Rio de Janeiro, recorreu a seu tio o governador geral Mendo de Sá, como fica dito neste capitulo e paragrapho, este, apromptando uma expedição na Bahia, acompanhou-a pessoalmente, e passando pelo Espirito Santo trouxe d'alli duzentos flecheiros indigenas de uma tribu, de que era chefe *Ararigboia* (vide Rocha Fita Simão de Vasconcellos, etc.) Este chefe, depois de haver obrado prodigios de valor e de astucia na guerra, principalmente no ataque e tomada da praça forte de Uraçumiri, convertendo-se com todos os seus, tomou então o nome inteiro de Martim Affonso de Souza, e foi o primeiro fundador da aldêa de S. Lourenço, do outro lado desta bahia. Finalmente morreu afogado perto da ilha chamada hoje do Fundão. Tebyreçá tinha já fallecido em S. Paulo.

mando-lhes um navio com grossa artilharia, que servio para guarnecer a barra. Quando o joven rei D. Sebastião soube do nobre comportamento do chefe brasileiro Martim Affonso de Souza, fez-lhe mercê do habito de Christo, e mandou-lhe presentes de grande valor, entre os quaes havia o escudo de suas armas, signal honroso de valor e de estima.

Os Jesuitas, sempre empregados na propagação da fé, tinham já feito grandes serviços á corôa de Portugal, tanto na India como na America, e por isso resolveu el-rei mandar ao Brasil um reforço destes Missionarios com D. Luiz de Vasconcellos, que escolheu para succeder a Mendo de Sá no governo da colonia. Sessenta e nove padres se reunirão em Lisboa, e embarcárão na frota que devia trazer o novo governador. Portugal ainda não tinha mandado para o occidente expedição alguma tão consideravel; porém contrastada pelos ventos e pelas correntes, dividio-se e foi inteiramente destroçada e aniquilada pelos dons famosos corsarios, Jacques de Soria e João Capdeville, huguenotes sahidos da Rochella com o intento de exterminar todos os catholicos que cahissem em seu poder. O desgraçado governador morreu combatendo; e dos sessenta e nove Missionarios apenas um chegou ao seu destino para confirmar a noticia de tanta desgraça, e do martyrio dos seus companheiros.

Nobrega não viveu bastante para saber da sorte destes novos martyres da sua Ordem; morreu quasi na mesma época, aos cincoenta e tres annos de idade, vergado com o peso de longos trabalhos e contínuas fadigas. Nobrega por seus incessantes desvelos e beneficios merece figurar com honra nos annaes do Brasil, onde levantou a moral sobre os fundamentos da religião e da sã politica, sus-

entou a colonia vacillante, e foi o verdadeiro legislador dos Indios. Nenhum homem empregou a sua vida com mais actividade, nem mais utilmente para a sua patria e para os seus semelhantes.

V

Divisão do Brasil em dous governos distinctos. Transmigração dos Tupinambás. O Brasil reunido de novo debaixo de um só governo. Acontecimentos que fazem passar o reino de Portugal e suas colonias para o dominio da Hespanha.

Quando se soube em Lisboa da morte de Vasconcellos, el-rei D. Sebastião nomeou Luiz de Brito de Almeida para render a Mendo de Sá, que ainda teve a fortuna de entregar o governo ao seu successor (1572); porém, pouco tempo depois, a morte o levou na cidade de S. Salvador, onde deixou a lembrança de uma administração sábia e prospera por espaço de quatorze annos. Luiz de Brito não succedeu em toda a autoridade do seu antecessor: o augmento da colonia foi tão rapido no tempo da administração de Mendo de Sá, que a côrte de Lisboa julgou conveniente dividir o Brasil em dous governos distinctos. A Bahia continuou a ser a residencia do antigo governador, cuja autoridade devia estender-se sobre as capitánias do norte, e S. Sebastião veio a ser a séde do novo governo do Rio de Janeiro, cuja jurisdicção começava na Capitania de Porto Seguro, e comprehendia todos os estabelecimentos ao sul; este foi dado ao Dr. Antonio Salema, que passou de Pernambuco para o Rio de Janeiro.

A nascente cidade de S. Sebastião estava sem-

pre ameaçada, não só pelos Tupinambás e Tamoyos, mas também pelos corsarios francezes, que continuavão seu commercio com aquelles indigenas. Antonio Salema, homem firme e intelligente, resolveu livrar o seu governo destes inimigos irreconciliaveis: ajuntou um corpo de quatrocentos Portuguezes e setecentos Indios auxiliares, debaixo da direcção de Christovão de Barros, e fez atacar ao mesmo tempo os Tupinambás, os Tamoyos, e seus alliados europêos. Os portuguezes vencedores fizerão nos selvagens horrivel mortandade, os Tamoyos forão quasi todos aniquilados, e o resto da tribu dos Tupinambás, abandonando a costa, fugio para o interior, depois de haver queimado todas as suas habitações. Esta perseguição foi constante em toda a direcção da nova colonia, tanto que os Tupinambás, para se não entregarem á discricção dos vencedores, resolvêrão fugir para sempre de uma terra que elles também havião conquistado. Mas o infortunio os tinha de tal modo abatido, que parecia impossivel reduzi-los a um sentimento unanime.

A final *Japy-Assú*, um dos chefes a quem a experiencia e a longa idade davão maior influencia e credito, lhes fallou em termos tão energicos, que os persuadio a emprehenderem esta grande emigração. Fascinados pelo discurso de Japy-Assú, os Tupinambás tomárão a resolução de effectuar a retirada, e partirão em chusmas dirigindo-se para o norte. Detidos enfim pelo grande rio Amazonas, estabelecerão-se sobre muitos pontos da sua margem meridional, desde a confluencia com o Madeira até a sua embocadura. Este acontecimento extraordinario tinha deixado toda a costa em poder dos colonos portuguezes, sem que tivessem mais a temer a influencia dos corsarios europêos sobre as povoações indigenas.

Tranquillo para o futuro sobre a sorte da nova cidade de S. Sebastião, o governador Salema não se occupou d'ahi em diante senão da prosperidade e do augmento da colonia.

O governador da Bahia, aproveitando este intervallo de paz, deu toda a attenção aos descobrimentos interiores. Sebastião Fernandes Tourinho foi destinado pelo governador Luiz de Brito para fazer as primeiras explorações; e subindo pelo Rio Doce (1573) reconheceu parte do territorio, noje de Minas Geraes, atravessou o Jequitinhonha, e voltou por elle á beira-mar, com as provas da existencia de ricas e copiosas minas naquellas paragens. Desejoso o governador de fazer continuar estas indagações, encarregou o capitão Antonio Dias Adorno de emprehender segunda expedição deste genero. Com effeito, Adorno confirmou as relações de Tourinho, acrescentando a existencia de diamantes e de outras pedras preciosas. Novas expedições se tentárão com o mesmo objecto, dando em resultado a certeza da existencia de abundantes minas, que só muito depois forão lavradas com proveito.

Passados quatro annos, vio-se que a divisão do Brasil em dous governos separados era nociva aos interesses da colonia, e a cõrte de Lisboa sujeitou de novo o governo do Rio de Janeiro ao da Bahia; assim nos fins da sua administração Luiz de Brito governou a colonia inteira. Depois de cinco para seis annos, que tanto durou a sua autoridade, Brito entregou em mãos do governador geral Diogo Lourenço da Veiga. Este novo governador tomou as redeas da administração na cidade de S. Salvador em 1578, anno calamitoso para Portugal, por morrer em Africa el-rei D. Sebastião com a flôr da sua nobreza. A dôr publica derramou por todo o reino luto geral. e o sceptro

passou ás mãos do cardeal D. Henrique, cuja idade avançada promettia proximo fim.

Com effeito, a morte do cardeal rei seguiu de perto a de D. Sebastião, que entregou Portugal á astuciosa cubiça de Felippe II. Entre todos os pretendentes á corôa portugueza distinguio-se por seus direitos, mais ou menos contestados, D. Antonio, Prior do Crato, a duqueza de Bragança, e Felippe rei de Hespanha. Comquanto o povo de Lisboa se decidisse pelo primeiro, fez inclinar o ultimo a balança a seu favor, enviando um exercito de vinte e cinco mil homens com o duque de Alva, que mui prestes fez reconhecer os direitos de seu augusto amo pelas côrtes de Thomar. Felippe assenhoreou-se da monarchia portugueza confirmando as leis e privilegios da nação, e promettendo não augmentar os impostos, nem confiar os cargos e os lugares de governo senão a Portuguezes, tanto na Europa como nas duas Indias.

Taes forão as causas que fizerão passar sem opposição todas as colonias portuguezas ao dominio de Felippe II, cuja autoridade foi logo reconhecida nos dous hemispherios. Em vão uma expedição franceza tentou restabelecer D. Antonio em Portugal e no Brasil; a victoria declarou-se pela frota hespanhola perto dos Açores; a esquadra franceza, completamente batida, retirou-se em desordem, e D. Antonio foi muito feliz por escapar fugindo. Tres navios francezes, expedidos ao Brasil para o fazer reconhecer, enviárão um commissario ao Rio de Janeiro afim de prevenir a Salvador Corrêa de Sá, governador da cidade, que o commandante da frota trazia despacho de D. Antonio, Prior do Crato, a quem os Francezes davão o titulo de rei. Porém Felippe II reinava já no Brasil, e o governador do Rio de Janeiro não quiz receber as cartas do rei titular, nem

permitter aos navios francezes entrar no porto. Assim acabou a tentativa de D. Antonio sobre o Brasil: ajuda que baldada, foi menos infeliz que qualquer outra de suas emprezas.

A administração de Diogo Lourenço da Veiga foi notada sómente por esta mudança de dominio. Pouco tempo depois este governador, velho e doente, vendo-se no fim da sua carreira, renunciou a sua autoridade em mãos do senado da camara e do ouvidor geral Cosme Rangel de Macedo. Felippe II confirmou esta nova fórma de governo collectivo, que durou quasi dous annos, até a chegada de Manoel Telles Barreto, a quem este monarcha tinha conferido o importante cargo de governador geral da America Portugueza.



CAPITULO TERCEIRO

1580—1640

I

Estado do Brasil na época em que passou para o dominio da Hespanha. Diversas incursões dos piratas inglezes. Novas indagações sobre as minas de prata do Brasil. O fabuloso paiz—EL DORADO.

Oitenta annos havião passado desde o descobrimento do Brasil, quando as circumstancias que acabamos de expôr reduzirão a colonia nteira ao dominio da Hespanha. Seus progressos, entos umas vezes, outras vezes rapidos, tinhão sido quasi sempre contrariados, ou pelas aggressões dos indigenas, ou pela indifferença da metropole. De repente as esperanças de melhoramento vierão desvanecer-se pela mudança, que, durante quasi um seculo, trouxe consigo todos os furores da guerra. Antes porém de fallar dos acontecimentos que tornarão muito celebre este periodo calamitoso, faremos um esboço do estado do paiz na época em que recebeu o jugo de Felipe II.

A capital da Bahia de Todos os Santos continha então oito mil habitantes, e o *Reconcavo*, ou o contorno da cidade, contava para mais de dous mil, sem que os negros e os Indios entrassem

neste arrolamento. O luxo e a riqueza excedião tudo quanto se podia esperar desta nascente população. Os engenhos do Reconcavo montavão a trinta e seis, além de outros estabelecimentos agrarios, e de ricas caudelarias, que davão grande interesse aos colonos. Em poucos annos todas as produções necessarias ao homem civilisado se naturalisárão na Bahia: finalmente era mais rica e mais povoada das capitánias do Brasil.

Pernambuco florescia quasi do mesmo modo: Duarte de Albuquerque Coelho, filho do primeiro donatario, tendo afugentado os Cabetés para o interior, animou de tal sorte a cultura da canna de assucar, que em pouco tempo chegou a exportação a milhares de arrobas. A cidade de Olinda, situada em uma eminencia arida, dependia do porto do Recife em distancia de uma legua: circumstancia que tornava incommoda sua habitação para o commercio exterior. Entre os productos exportados com grande vantagem dos colonos, era o páo brasil um dos mais preciosos por seu valor e qualidade. A necessidade que já se experimentava de manter relações por terra entre a Bahia e Pernambuco, fez fundar o primeiro estabelecimento de Sergipe, afim de tornar mais faceis as communicações entre as duas capitaes.

A capitania de S. Vicente continuava tambem a florescer; a cidade de Santos era o estabelecimento maritimo mais consideravel desta colonia; e comquanto fosse diminuta a sua população, todavia o character empreehendedor de seus habitantes a tornava muito interessante. A cidade de S. Paulo começava a prosperar, porque já se tinham descoberto as preciosas minas que depois assombrárão o mundo por sua riqueza e variedade. A capitania do Espírito Santo apenas se achava restabelecida depois da derrota e morte de

Fernão de Sá. A de Porto Seguro começava também a sahir de suas ruinas debaixo da influencia do duque de Aveiro, que havia comprado a uma neta do primeiro donatario.

A Capitania dos Ilhéos, situada entre a de Porto Seguro e a da Bahia, estava quasi reduzida á ruina pelos diferentes ataques dos Aymorés. Então a provincia do Rio de Janeiro não tinha em seu seio senão um estabelecimento começado; porém a sua fertilidade era tal, e tão admiravel a magnificencia da sua bahia, que se polia presagiar sua grandeza futura. A' excepção das Capitánias da Bahia, de Pernambuco e de S. Vicente, e de alguns estabelecimentos creados pelo zelo dos Missionarios, as outras colonias do Brasil, quando chegou a mudança de dominio, apenas nascião, ou já tinhão sido assoladas e quasi destruidas. Todos os esforços para augmentar a povoação na embocadura do Amazonas e sobre as costas vizinhas forão mallogrados; duzentas leguas de costa ao norte de Pernambuco estavão ainda occupadas pela formidavel e numerosa casta dos Tapuyas.

A' excepção dos Guayanazes e dos Aymorés, todas as povoações selvagens estabelecidas ao longo da costa, desde Pernambuco até S. Vicente, tinhão sido repellidas, vencidas, e sujeitas. A barbara tribu dos Cahetés tinha desaparecido de Pernambuco, e os Tupinambás havião emigrado. A conversão inteira de muitas tribus punhão a salvo estas colonias dos ataques das que existião nos sertões. Entretanto formava-se no Brasil uma nova raça de mestiços, que por sua perseverança nos trabalhos, por seu valor activo, e mais que tudo por sua independencia quasi selvagem, tinha de assegurar para si, e para a dynastia de Bragança, a possessão das mais ricas

minas, e da mais bella porção do mundo habitavel.

A sujeição de Portugal á Hespanha não podia deixar de envolver o Brasil na guerra calamitosa que foi consequencia do odio que mutuamente se consagravão Felippe II e Isabel de Inglaterra. Os armadores inglezes não desprezárão esta oppor-tunidade. A expedição de Eduardo Fanton, destinada para as Indias Orientaes, foi a primeira que appareceu na America Portugueza; aproximando-se de S. Vicente quiz enganar os colonos, porém não tirou outro proveito senão metter a pique um navio hollandez, seguindo immediatamente para o seu destino. Tres annos depois (1588) outra expedição, debaixo do commando de Roberto Withrington, veio á Bahia de Todos os Santos, e depois de assolar o Reconcavo, tentou o ataque da cidade, donde foi repellida com grande perda; em consequencia do que fez-se ao largo e apartou-se do Brasil.

Tendo morrido o governador geral Manoel Telles Barreto, succedeu no governo interino D. Fr. Antonio Barreto, terceiro bispo da Bahia, com Christovão de Barros, provedor-mór da fazenda. Francisco Giraldes, nomeado então governador, embarcando-se por duas vezes em Lisboa para o seu destino, e vendo-se outras tantas constrangido a arribar, deu a sua demissão. D. Francisco de Souza foi então escolhido para lhe succeder. O novo governador e capitão general chegou a S. Salvador em 1591, trazendo as mais brilhantes esperanças que jámais concebêrão os seus antecessores. *Roberio Dias*, descendente de Caramurú, e rico colono da Bahia, tinha ido a Madrid offerecer a Felippe II o descobrimento de certas minas de prata, assegurando serem mais abundantes deste metal do que em ferro as de Biscaya.

exigindo porém em recompensa o titulo de Marquez das *Minas*.

Como parecesse ao rei excessiva a exigencia, offerceu ao novo governador o titulo que ao colono recusára, sempre que por suas diligencias conseguisse descobrir a fonte de tanta riqueza. Roberio Dias, descorçoado pela negativa, voltou á Bahia com o designio de apagar todos os vestigios que pudessem denunciar aquelle descobrimento; e com effeito logrou o seu intento, porque, morrendo pouco tempo depois, levou para a sepultura o seu segredo (*). Enquanto os Portuguezes na America buscavão em vão o rasto daquellas minas de prata, sahio do Tamisa o famoso *Thomaz Cavendish* com o fim de pilhar e assolar o Brasil, se bem que esta expedição não produzisse outro resultado senão uma serie de desastres e de infortunios, que causarão a morte deste celebre corsario.

Cavendish sahio ao mar (1591) com tres navios de alto bordo e duas galeras, tudo bem tripulado: chegando á altura da Capitania de S. Vicente destacou dous navios para se apoderarem da cidade de Santos e fazerem provimento. Os piratas sorprendem os habitantes na igreja durante a missa, cercão-os e propoem-lhes o comprarem a liberdade; porém o vice-almirante *Cooke*, em lugar de assegurar-se do resgate immediatamente, perde um tempo preciso; entregando-se com os seus á intemperança. Os colonos, aproveitando as trévas e o somno dos piratas, fogem para

(*) Não sendo possível ao governador D. Francisco de Souza descobrir as minas de prata que Roberio Dias tinha ido offercer a Felippe II, não se verificou nelle o titulo de Marquez das Minas, que veio a lograr seu neto do mesmo nome, terceiro conde do Prado, em 1670, por mercê d'el-rei D. Affonso VI.

interior com todas as suas riquezas, de sorte que chegando Cavendish, oito dias depois da occupação da cidade, não encontrou provisão para a sua frota. Frustrado o objecto deste imprevisito ataque, mandou queimar a povoação de S. Vicente, e deu á véla para o cabo de Hornos.

Um violento temporal dispersou a frota de Cavendish: o seu navio, apartado dos outros pela força dos ventos, foi lançado outra vez sobre as costas do Brasil; de novo, perto de Santos, desembarcou vinte e cinco homens para tomar algum mantimento; porém destes só dous escaparão á morte, e forão conduzidos com as cabeças de seus companheiros em triumpho até a cidade. Desanimado o commandante inglez com a corajosa resistencia dos Paulistas, seguiu para o Espirito-Santo, cujo governador se achava prevenido; e quando *Roberto Morgan* abordou com duas chalupas bem armadas e tripoladas, foi recebido com um fogo tão activo e bem dirigido, que poucos voltarão aos seus navios, ficando as praias juncadas de mortos, além de muitos prisioneiros. Depois deste ultimo revez decidio Cavendish voltar á Europa, e morreu na viagem.

Tão desastroso resultado não foi porém bastante para impedir que os Inglezes tentassem novas hostilidades contra o Brasil. Uma companhia de Londres armou segunda expedição, e o cavalheiro *Jayme Lancaster*, sem embargo de muito devedor á hospitalidade portugueza, tomou o commando da frota, composta de tres navios, e se dirigio sobre Pernambuco. Passando pela ilha de Maio, reuniu as suas forças ás de *João Venner*, e veio surgir defronte de Olinda (1593). O governador da Capitania fortificou-se no Recife; porém *Lancaster* em pessoa atacou as fortificações, levou-as de assalto, e apoderou-se de toda a povoação.

com todos os seus armazens providos de grandes riquezas. Conseguido o primeiro triumpho, tratou o pirata de embarcar os ricos despojos de que estava de posse, e nisso levou muitos dias, sempre acosado pelos Portuguezes.

Finalmente a frota ia a sahir, quando Lancaster descobriu os inimigos em grande numero, protegidos por uma bateria bem collocada, que podia impedir, ou pelo menos demorar a sua sahida; trezentos houens, Inglezes e Francezes, tiveram ordem de rechazar as tropas de Pernambuco, e destruir aquella obra; porém estas, abandonando a bateria, attrahirão e envolverão os piratas de tal modo que poucos escaparão ao seu furor. *João Barker*, segundo de Lancaster, e dous capitães francezes ficarão mortos. Lancaster levantou ancora nessa mesma noite, e foi levar á Inglaterra o fructo do seu temerario e feliz arrojô. O bom successo desta ardua empreza teria feito nascer outras no mesmo genero, se *Raleigh* não tivesse offerecido á preoccupada imaginação dos aventureiros inglezes a fabula do paiz *El Dorado*, afastando-os assim das costas do Brasil.

Enquanto os Inglezes buscavão na Guyana o paiz *El Dorado*, um colono brasileiro, chamado *Gabriel Soares de Souza*, fazia no Brasil, e n'outra direcção, uma tentativa para a mesma descoberta. Chegando á origem do rio S. Francisco, ali tentou-se até ás fronteiras do Perú; porém os males que soffreu, e a perda da maior parte dos seus companheiros, obrigaram-o a voltar para o Brasil sem nenhum proveito desta sua empreza. Pedro Coelho de Souza, colono da Parahyba, fez igualmente outra tentativa para o mesmo fim; e depois de gastar nesta insensata empreza uma grande parte da sua fortuna, voltou ao seu lar, sem que o máo

sucesso o dissuadisse de uma segunda expedição. Foi esta menos chimerica, e deu lugar a outras descobertas e novos estabelecimentos no norte do Brasil, porém debaixo de outro reinado, porque Felippe II já não existia.

II

Administração de Diogo Botelho. Alliança dos Aymorés. D. Diogo de Menezes. Fundação do Ceará. Estabelecimento dos Francezes no Maranhão. Gaspar de Souza.

O primeiro capitão general mandado ao Brasil por Felippe III foi Diogo Botelho, que veio render em 1603 a D. Francisco de Souza. Botelho proseguio com ardor os projectos de Coelho, um dos exploradores do *El Dorado*, dando-lhe commissão especial para novas conquistas e descobrimentos. Este aventureiro partio com oitenta homens para a serra de *Ibiapaba*; porém os Tapuyas, dirigidos por um Francez chamado Adolpho Montbille, se oppuzerão aos seus designios. Sem embargo, os Portuguezes conseguirão cercar os Tapuyas, e submittê-los á escravidão. Coelho teria logrado o objecto da sua empreza, se não tivesse perpetrado uma injustiça revoltante: não sómente vendeu como escravos os Tapuyas prisioneiros, mas tambem exerceu a mesma tyrannia com os Indios que fielmente o tinham servido como alliados na sua expedição. Abandonado por todos, teve que voltar a pé para a Parahyba, quasi como fugitivo, para subtrahir-se á vingança dos selvagens.

Este e outros factos semelhantes forão parte para que a côrte de Hes anha revogasse todas as

leis tendentes á escravidão dos Indios, e promulgasse outras a favor da sua futura liberdade. Os Jesuitas de Pernambuco, que tinham visto com pesar a empresa de Coelho, meditarão outra mais pacifica, com o designio de civilisar os Tapuyas; porém chegando dous Missionarios á mesma serra de Ibiapaba, era tal a irritação dos selvagens, que um foi morto, e o outro pereceria igualmente, se não se refugiasse com alguns Indios do seu sequito nos bosques do Ceará, donde voltou para Pernambuco.

Outra perfidia, semelhante á de Coelho, foi tambem exercida para com os Pitagoares convertidos, que tinham sido mandados de Pernambuco a defender a Capitania da Bahia, ameaçada pelos Aymorés. Depois deste importante serviço, tiveram por premio de sua fidelidade a escravidão, a que só se sujeitáram pelo poder absoluto dos Missionarios, que lhes embargarão toda a resistencia. Os Aymorés assolavão de novo as Capitancias do sul; Porto Seguro e Ilhéos estavam quasi destruidas. A força prodigiosa dos Aymorés não era menos estupenda do que a sua ferocidade; sem embargo, o colono Alvares e o Jesuita Domingos Rodrigues não só conseguem amainar o odio destes selvagens, como chama-los á religião reduzindo-os á vida civilisada. Dahi em diante nada alterou a alliança dos Aymorés, que se deve considerar como um dos acontecimentos mais favoraveis ao repouso e prosperidade do Brasil, debaixo da administração de Diogo Botelho.

A este governador succedeu em 1608 D. Diogo de Menezes, autorizado para mandar explorar as bocas do Amazonas, e repellir pela força qualquer invasão estrangeira, visto que os Francezes pretendião estabelecer-se no norte do Brasil. Porém nada pôde fazer, porque lhe faltavão tropas, e

sobretudo dinheiro para as pagar ; pelo que contentou-se com enviar ao Ceará um official portuguez, chamado Martim Soares Moreno, que tinha acompanhado a Coelho, e se havia conduzido bem com os Tapuyas, afim de attrahi-los á sua alliança, e por este meio fundar um estabelecimento que servisse de avancada para ulteriores projectos. Quasi sem sequito, partio Moreno em 1610, mas foi bem recebido dos Tapuyas, tanto que chegou a construir um forte, e lançar os fundamentos de uma colonia, que, abandonada a seus fracos recursos, pôde assim mesmo conservar-se apezar do deleixo do governo geral, e das perfidas insinuações de um selvagem, que tentou alienar-lhe os animos de seus compatriotas.

Menezes nada mais tinha adiantado no norte do Brasil, quando os Francezes alli apparecêrão inesperadamente para formar uma nova colonia. Já em 1594 um armador de Dieppe, chamado Jacques Riffault, tinha começado um pequeno estabelecimento no Maranhão ; voltando para a Europa deixou outro Francez, Carlos de Veaux, encarregado de administra lo na sua ausencia: este, ganhando-se a affeição dos Tupinambás, logrou a possessão de toda a ilha situada na bahia do Maranhão ; e com esta vantagem partio para França, afim de obter de Henrique IV o apoio e protecção para fundar alli um estabelecimento permanente. Depois de muitos esforços, organisou-se uma companhia entre Augusto de la Ravardière, Emilio Rassilly e Carlos de Hailey, os quaes armârão e equipârão á sua custa uma pequena esquadra.

A expedição partio de Cancale, e veio lançar ancora no Maranhão em 23 de Junho de 1612. Desembarcados os chefes e quatro Missionarios, que os tinhão acompanhado, cuidârão aquelles de

erigir um forte, a que derão o nome de S. Luiz, em honra de Luiz XIII; e começarão os fundamentos de uma colônia, que crescia e prosperava rapidamente pelo concurso dos selvagens, e porque os chefes obravam perfeitamente de accordo. Neste estado, porém, a côrte de Madrid nomeou em 1613 para capitão general e governador do Brasil a Gaspar de Souza, com ordem de colonisar e conquistar as margens do rio Amazonas; para o que devia fixar a sua residencia em Oliuda, afim de estar mais ao alcance de vigiar os armamentos, e de acelerar a partida das expedições que deverião dar ao Brasil aũmento de população, territorio e poder.

III

Expedição de Jeronymo de Albuquerque e de Alexandre de Moura. Expulsão dos Francezes da ilha e costa do Maranhão. Conquista do Grão-Pará e fundação da cidade de Belém. Creação do novo Estado do Maranhão.

O commando da expedição destinada a conquistar o norte do Brasil foi confiado em 1616 a Jeronymo de Albuquerque, que levou em sua companhia Martin Soares Moreno, fundador da Capitania do Ceará. Não consistia no principio o armamento portuguez de mais de cem homens, e de tres ou quatro navios ligeiros; eis-aqui como por mais de um seculo tinhão sido invadidos os mais bellos paizes da America por um punhado de aventureiros. Albuquerque, desembarcando perto do Maranhão, construiu uma fortaleza, e mandou Moreno com uma vela reconhecer a ilha que occupavão os Francezes; e como este tardasse

voltou a Pernambuco a solicitar novos auxílios. Com effeito, conseguiu Jeronymo de Albuquerque reunir novas forças, e com ellas tornou a apparecer no forte, onde tinha deixado a primeira expedição.

O commandante portuguez, mandando novamente reconhecer o posto que os Francezes occupavão, porque Moreno tinha arribado ás costas da Hespanha, e por isso não havia mais apparecido entre os seus, veio no conhecimento de que na costa fronteira á ilha podia fortificar-se com mais vantagem, e esperar ali novos recursos, ou pelo menos pôr-se ao abrigo do inimigo; e com effeito partio para o lugar denominado *Guaxenduba*, e ali desembarcando, cuidou logo de entrincheirar-se. Não passou muito tempo que os Francezes não viessem atacar a expedição de Albuquerque, tomando-lhe dous navios e reduzindo a sua tropa ao pequeno acampamento que á pressa tinha formado; porém os Portuguezes, longe de se acobardarem á vista de forças quatro vezes maiores, sahirão das suas trincheiras, e derrotarão completamente os Francezes e seus alliados Tupinambás.

La Ravardière pôde apenas retirar-se do campo de Guaxenduba com menos de metade das suas forças, abandonando os feridos á mercê dos vencedores, e fazendo depois um tratado de suspensão de armas, enquanto os chefes recorrião ás respectivas côrtes de França e de Hespanha sobre a posse da ilha, que no entanto ficava em poder dos Francezes até a decisão formal. Todavia os artigos da convenção não forão por muito tempo guardados com fidelidade. A côrte de Madrid ordenou um novo armamento, cuja direcção e mando fôra confiado a Alexandre de Moura, com o objecto de expellir immediatamente os Fran-

cezes do Maranhão. A expedição chegou finalmente ao lugar em que se achava Jeronymo de Albuquerque, o qual, submettendo-se ao novo chef com toda a lealdade, investio em pessoa o forte de S. Luiz, onde os Francezes se tinham refugia do. Rendido o forte á discrição, embarcou o general francez com mais de quatrocentos de seus compatriotas, abandonando para sempre a colonia que promettia a mais lisongeira prosperidade.

Em virtude dos plenos poderes que lhe tinham sido delegados, nomeou Alexandre de Moura a Jeronymo de Albuquerque capitão-mór do Maranhão, e a Francisco Caldeira de Castello Branco commandante de uma pequena expedição sobre o Amazonas. Caldeira deu principio á empresa com duzentos homens e tres navios; e desembarcando, apezar da opposição dos naturaes, na margem oriental do Tocantins sobre a bahia de Guajará, pôz os primeiros fundamentos da cidade de Belém, construindo um forte de madeira (1616), donde muitas vezes foi obrigado a repellir os *Tupinambaranás* e *Maués*, que por largo tempo fizeram uma guerra crua e desastrada aos Portuguezes, e a quem só podião resistir a constancia e o valor de Caldeira. Como os Hollandezes tivessem fundado ao norte do Amazonas algumas feitorias, onde fazião proveitoso commercio com os naturaes, mandou Caldeira o alferes Pedro Teixeira para as destruir; o que logrou completamente, tomando e incendiando ao mesmo tempo um navio da mesma nação, cuja artilharia salvou e trouxe depois para Belém.

No entanto Alexandre de Moura, deixando o governo da colonia a Jeronymo de Albuquerque, voltou para Pernambuco, e este começou a edificar uma cidade em torno do forte de S. Luiz. Em 1619 grandes dissencões vierão perturbar a mar-

cha do novo estabelecimento do Grão-Pará; o fundador Caldeira foi preso por seus próprios subditos, e a cidade correu o risco de perder-se por este acto de indisciplina. Em consequencia disto foi nomeado governador do Pará Jeronymo Fragoso de Albuquerque pelo governo geral, ao mesmo tempo que Bento Maciel Parente teve o mando de uma expedição contra os selvagens, que infestavão todo o territorio desde a margem opposta da ilha do Maranhão até a cidade de Belém. Nada pôde igualar em todo o curso desta guerra a crueldade de Bento Maciel, homem cheio de energia e talentos, porém de um caracter feroz.

A colonia do Maranhão prosperou constantemente: em 1621 duzentos colonos dos Açores, aos quaes seguirão mais quarenta, vierão reparar os damnos causados pelas hexigas. No anno seguinte chegou Diogo de Mendonça Furtado como governador e capitão general do Brasil. Havendo conseguido Bento Maciel que o nomeassem capitão-mór do Pará, fez continuar as correrias contra os Indios, e por sua ordem se praticou horrivel matança nestes infelizes; assim como mandou investigar e conquistar o rio Curupá, e todos os canaes por onde o Amazonas desagua no Oceano, expellindo os estrangeiros que se encontrãrão nas margens daquelle rio. Desde este tempo tomou Maciel com ostentação o titulo de primeiro investigador e conquistador dos rios Curupá e Amazonas.

Estas novas conquistas forão justamente consideradas na côrte de Madrid como importantissimas, e derão lugar a outra divisão politica do Brasil. Em 1624 Felippe IV separou as possessões do Maranhão e do Pará do governo geral do Brasil, fazendo segunda repartição debaixo do titulo

do Estado do Maranhão. Francisco Coelho de Carvalho foi o primeiro governador destas porções reunidas. Porém ainda as desgraças do Brasil não tinham tocado o seu termo; os Portuguezes, em lugar de augmentarem ou de estenderem os seus estabelecimentos, estavam nas vesperras de uma guerra desastrosa, que por muito tempo lhes arrancaria as mais ricas provincias da America, ameaçando os de perderem tudo quanto havia mais de um seculo possuíão.

IV

Os Holandezes invadem o Brasil. Occupação da cidade de S. Salvador. Expulsão dos Holandezes. Desastre das esquadras hespanhola, portugueza e hollandeza. Incursões parciaes. Crueldade commettida contra os Indios.

Até aqui não tem tido os Portuguezes que superar na America senão difficuldades locais; não combaterão senão com piratas ou aventureiros destemidos, que, não sendo ajudados pelos seus governos, fazião inuteis esforços para se estabelecerem no Brasil. Adversarios mais temíveis vão offerecer o espectáculo de uma luta mais reuhida. É pelos fracos auxilios do governo hespanhol que a America Portugueza vai ser presa de um povo illustrado pela sua firmeza e pela sua constancia nas desgraças.

A Hollanda, herdeira da gloria portugueza no Oriente, estendia os seus dominios pela costa da Asia, quando intentou estabelecer-se no novo mundo; e ainda que o projecto de conquista, proposto ao conselho geral, encontrasse fortes

oppositores, a quem parecia imprudente vir arriscar em novas e longinquoas terras os homens e o cabedal que a republica podia empregar nas suas colonias; todavia a tregua concedida á Hespanha ia expirar, e a fraqueza deste Estado promettendo a facilidade da execução offerencia vasto campo para esta nova empresa. Formou-se portanto a companhia das Indias Occidentaes, á qual se concedeu o privilegio exclusivo de fazer o commercio da America e da costa opposta da Africa durante vinte e quatro annos. Forão os mesmos privilegios obtidos pela companhia das Indias Orientaes, etc.

A companhia cuidou logo de armar uma frota de sessenta velas em duas divisões, uma das quaes teve por commandante em chefe a *Jacob Willekens*, general de consummada experiencia, e por almirante o celebre *Pieter Haynes*: a segunda divisão estava ás ordens de *Hans Vandort*, destinado a commandar as tropas de desembarque, e tinha por almirante o famoso *Adrião Patrio*. Havendo uma tempestade separado as duas divisões, bastou que a de Willekens apparecesse na Bahia de Todos os Santos para que tudo se lhe rendesse (1624). O general hollandez sabia que os Portuguezes do Brasil estavam tão abandonados como a mesma cõrte de Madrid; igualmente sabia que a administração do conde duque de Olivares, pesada a Portugal, não tinha favorecido o Brasil, e que os cofres do Estado, abertos para toda a classe de prodigalidade, estavam fechados para as necessidades da colonia.

Tal era o apuro a que a cõrte de Hespanha tinha levado esta interessante parte da America, que o governador geral Diogo de Mendonça não tinha mais de oitenta homens de tropa regular para a defeza da capital. Os milicianos que elle

ajuntou precipitadamente em numero de uous mil homens, o abandonarão logo que o inimigo abor-
dou. A resistencia se tornou então inutil; o go-
vernador, porém, homem corajoso e firme,
entrincheirando se no seu palacio, não consentio
em depôr as armas senão debaixo da condição de
que se lhe conservaria a liberdade, bem que
depois, contra o direito e todas as leis da honra,
fosse conduzido como prisioneiro para bordo da
náo Almirante. *Vandort* chegou a S. Salvador
quando estava já em poder dos seus compatriotas,
e tomando posse do governo que lhe havia sido
destinado, resolveu fortificar a cidade com toda
a diligencia.

Willekens fez-se á vela para a Hollanda com
parte da esquadra, deixando o resto ao almirante
Patrid, que poucos dias depois partio para Angola,
afim de assenhorear-se daquella importante colo-
nia; mas Loanda foi a tempo soccorrida, e a vigi-
lancia do capitão general Fernando de Souza fez
mallograr a empresa. O almirante hollandez não
foi melhor succedido, quando, tornando para o
Brasil, atacou a Capitania do Espirito Santo. A
guarnição da cidade da Victoria era muito pe-
quena, porém a resistencia que oppuzerão seus
habitantes, dirigidos por Francisco de Aguiar
Coutinho, bastou para inutilisar todos os esforços
de *Patrid*, que embarcou precipitadamente diri-
gindo-se para a Bahia. Mas já os Hollandezes não
erão senhores da capital do Brasil, que acabava
de entrar de novo no poder das armas catholicas;
e por isso fez-se o almirante no rumo da Hollanda,
em cujo trajecto tomou os galeões que do Mexico
levavão annualmente para a metropole o pro-
ducto de suas minas: presa a mais rica que se
tinha feito sobre os mares.

Os habitantes da Bahia, obrigados no primeiro

impulso (*) a refugiarem-se no interior do paiz, resolvem immediatamente expulsar os invasores, escolhendo para seu chefe o bispo D. Marcos Teixeira; este os anima com discursos cheios de patriotismo, e de eloquencia, e cabe denodadamente sobre o inimigo. O general *Vandort* perde a vida em um reconhecimento ás mãos do capitão *Padilha*; seu successor tem a mesma sorte poucos dias depois, e estes revezes começam a aterrar os *Hollandezes*, diminuindo a reputação das suas armas. Os *Portuguezes* redobram de brios, e estreitam o cerco da cidade; entanto que *Mathias de Albuquerque* manda de *Pernambuco* a *Francisco Nunes Marinho* tomar o commando do exercito da *Bahia*. O bispo *Teixeira* troca outra vez a espada pelo baculo, e quando devia prestar serviços de outra monta, desce ao tumulto exausto de suas forças, mas com a gloria de haver restaurado a honra das armas portuguezas.

Francisco Nunes Marinho, tomando o commando provisório das forças portuguezas, seguiu o mesmo systema de guerra que fôra por assim dizer creado pelo seu predecessor, e consistia em cansar o inimigo, enfraquecendo-o por continuas perdas. Foi a lente a corte de *Madrid* asordou do seu lethargo, e uma expedição, a maior que tinha passado a linha, composta de voluntarios portuguezes, e de uma columna de tropas hespanholas e italianas, veio surgir defronte de *S.*

(*) Os *Bahianos* no primeiro assalto defenderão-se com valor, tanto que rechaçarão os inimigos; mas o panico terror pela difficuldade de socorros, que n'ô podia esperar, foi occasião de desampararem a cidade para salvarem as vidas. Todavia, o que deixarão de obrar na defesa desempenhãrão depois no ataque, injetando todo o progresso das armas dos *Hollandezes*, como diz *Rocha Pitta* fazendo a descripção daquella campanha.

Salvador. D. Fradique de Toledo, almirante hespanhol de grande nomeada era o commandante em chefe desta expedição. Os Hollandezes ainda se defenderão com esforço e habilidade, mas no fim de trinta dias forão constrangidos a capitular: depois do juramento prévio de não tomarem armas contra a Hespanha e Portugal, evacuarão a cidade, embarcando em navios para isso destinados pelo almirante Toledo.

Debalde o almirante batavo *Balduino Henrick* vem com grande reforço socorrer seus compatriotas; o chefe hespanhol o obriga a regressar navegando para o norte. *Henrick*, corrido de vergonha, tenta restaurar a sua perdida reputação, fazendo um desembarque na Parahyba; porém foi rechaçado com grande perda, e teve que amarar-se buscando novas aventuras. Repellido de Porto Rico, e ultimamente de S. Jorge da Mina em Africa, declarou-se a bordo da sua esquadra uma molestia contagiosa tão violenta, que quasi toda a guarnição morreu, sendo o mesmo almirante uma das primeiras victimas do contagio. Cansados, os que sobreviverão, da occupação de piratas, obrigão seus officiaes a fazer força de vela para a Hollanda.

Depois de haver regulado o estado politico do Brasil, D. Fradique de Toledo entregou as redeas da administração a D. Francisco Rolim de Moura, novo governador geral, e se dispôz para regressar á Europa com as esquadras hespanhola e portugueza. Na viagem recebe aviso que uma armada ingleza de cem navios navegava para interceptar os galeões do Mexico e as frotas do Brasil, e para evitar o seu encontro, se dirige para a costa da Africa. Toda a esquadra nestas paragens foi assaltada por furiosas tempestades: muitos navios forão submergidos, outros tomados pelos Hol-

landezes; apenas tres puderão alcançar as costas da Hespanha. Taes forão as desgraças que assignalárão na Africa, na America e na Europa os principios da guerra do Brasil, que tanto opprimio os vencidos como os vencedores.

A restauração de S. Salvador fez descorçoar os Hollandezes, que bem vião a vantagem que offercia a guerra maritima, sem necessidade de sacrificar tropas e dinheiro em estabelecimentos permanentes; e dest'arte começãrão a infestar as costas do Brasil com pequenas frotas, arruinando o commercio hespanhol e portuguez. A inercia da côrte de Madrid alentava ainda mais estes corsarios pela lentidão de suas medidas. Felipe IV imaginou sem duvida que bastava enviar ao Brasil um novo governador, recommendavel como homem de estado e como general, e por isso escolheu Diogo Luiz de Oliveira para substituir a Francisco Rolim de Moura. Apenas aquelle toma posse, apparece de novo o almirante Patrid e arrebatã do porto doze navios carregados, levando o terror por todo o *Reconcavo*, que assolou por esta incursão inesperada.

No Maranhão e no Pará as dissensões internas favoreciaõ as vistas do inimigo. Os Missionarios tinhão obtido um decreto, que despojava os colonos de seus privilegios sobre os Indios alliaados, que em realidade não erão outra cousa senão escravos. Os colonos do Maranhão, depois de muita resistencia, assentirão pelo temor do poder ecclesiastico; porém os do Pará zombãrão do decreto, e até recusãrão aos Jesuitas a licença de fundar um collegio na sua cidade. Neste intervallo o Grão-Pará estava mais exposto ás crueldades de Maciel do que aos designios hostis dos Hollandezes. Este chefe indomito e feroz não se cansava de fazer aos Indios guerra de exterminio:

perseguiu com igual barbaridade os alliados como os inimigos, os Indios pacificos como os revoltosos.

Debaixo do pretexto de novo projecto de sublevação, prendeu vinte e quatro chefes dos Tupinambás, e no mesmo dia e hora mandou-os cortar em pedaços pelos Tapuyas, seus implacaveis adversarios, servindo-se assim do odio que entre si nutrião os Brasileiros para os subjugar e destruir. Por muito insensíveis que os colonos de Belém se mostrassem ás desventuras dos indigenas, esta acção atroz de Maciel os horrorisou; e sem a chegada de Manoel de Souza d'Eça, que o veio render no governo da colonia, talvez não tivesse escapado aos justos effeitos da indignação geral.

V.

Segunda expedição hollandeza contra o Brasil. Occupação de Olinda e do Recife. Campo Real do Bom Jesus. Surpreza do general Loncq. Ataque de Olinda pelos Portuguezes.

Entretanto os Hollandezes, senhores do mar e ricos com os despojos da America hespanhola, meditavão novas conquistas no Brasil. A provincia de Pernambuco, pela sua vantajosa posição e riqueza, attrahio mutuamente as attenções da companhia occidental, que já calculava com os milhões de lucros que de Olinda tiraria. Enquanto se preparava esta segunda expedição, soube-o côrte de Madrid, que apenas deliberou enviar Mathias de Albuquerque com uma caravela, algumas munições de guerra, e um pequeno numero de soldados, mas honrado com o especioso

titulo de commandante em chefe, independente do governador geral. Albuquerque, saltando no Recife, achou as fortalezas desmanteladas, sem armamento nem guarnição; longe porém de cuidar em reparar estas faltas com diligencia, entreteve-se em frivolas occupações, promovendo festas pelo nascimento de um príncipe herdeiro da corôa de Hespanha.

Com effeito, no dia 16 de Fevereiro de 1630 appareceu á vista de Olinda a armada hollandeza debaixo das ordens do commandante em chefe Henrique Loncq. A frota tinha a seu bordo sete mil soldados, commandados por Theodoro Vandenburg. Emquanto os navios entretinhão as baterias da costa com sua artilharia, o general Vandenburg com quatro mil homens foi saltar em Páo Amarello, e marchou a surprender a cidade de Olinda. Illudido pelo fogo que continuava a frota hollandeza, Mathias de Albuquerque tinha ficado no Recife, e não correu em soccorro do ponto ameaçado senão para testemunhar a fuga vergonhosa das suas tropas. Occupada a cidade de Olinda pelos Hollandezes, no meio da confusão geral vio-se Albuquerque quasi só; e perdendo então as esperanças de conservar o Recife, mais pela cobardia dos seus do que pelo valor e intrepidez do inimigo, pôz fogo aos armazens e aos navios ancorados no porto, e retirou-se para a outra margem do Capibaribe.

Ainda assim não podião os Hollandezes tomar o Recife sem ganhar o forte de S. Jorge, que lhes embargava o passo. Tres peças de ferro, montadas grosseiramente sobre algumas traves desde a conquista, compunhão todo o seu armamento; abandonado o capitão Antonio de Lima, que o commandava, pela sua pequena guarnição, enviou um soldado a Mathias de Albuquerque

para pedir-lhe reforço. A chegada do enviado estava com o general um mancebo de dezeseite annos, chamado *João Fernandes Vieira*, o qual logo se offereceu para defender aquelle ponto com vinte voluntarios, que o acompanhárão. Com este punhado de homens intrepidos ousa Antonio de Lima desafiar o poder dos Hollandezes, que sahindo de Olinda com quatro mil e quinhentos homens, vem durante a noite assaltar o forte. Um combate terrivel se prolonga por cinco dias, até que, reduzido a ruinas, capitula a guarnição com as honras da guerra. Admirado Vandenburg de uma tal coragem, manda livre a guarnição portugueza, fazendo assim justiça á sua heroica defesa. Ficando livre a barra, a frota hollandeza entrou no porto em triumpho. Nove dias depois entrou outra esquadra com reforços, e os Batavos ficárão senhores absolutos da segunda cidade do Brasil.

Os habitantes de Pernambuco, assim como tinhão feito os da Bahia, ainda bem não tinhão abandonado ao inimigo a sua capital, mutuamente se lançavão em rosto os seus soffrimentos e miserias, como se não fossem todos culpados de negligencia e cobardia. Quando cada um tinha dado á dôr seu livre curso, fez-se ouvir a voz dos bravos, e os seus conselhos prevalecêrão. Mathias de Albuquerque lhes fallou então com todo o zelo de sua honra e de seu patriotismo, conseguindo acender em todos o santo fogo do amor da patria, de suas leis e de sua religião. Entre o Recife e Olinda estende-se uma vasta planicie circular, no meio da qual plantou Albuquerque o seu arráyal, a que deu o nome de Campo Real do Bom Jesus, fortificando-se como pôde para arrostar os ataques do inimigo. Os Hollandezes, apenas percebêrão que os Portuguezes se refazião de

seu primeiro espanto e surpresa, atacarão o Campo Real com dous mil homens; porém forão repellidos com perda de cem mortos.

Este successo feliz foi seguido de outro, em que o chefe brasileiro Felippe Camarão, com trezentos homens da sua tribu, logrou surprender o general Loncq no seu transitio do Recife para Olinda, matando, dispersando e fazendo prisioneira quasi toda sua escolta, composta de seiscentos Hollandezes; Loncq conseguiu escapar pela ligeireza do seu cavallo. Foi então que Albuquerque creou as famosas guerrilhas com o nome de *Companhias de emboscada*, que tanto mal causa vão aos invasores. Enquanto os Hollandezes no Recife gozavão de todas as commodidades que lhes offerecia a rica companhia occidental, soffrião os Portuguezes no seu campo as maiores miserias, já mortos de fome e de cansaço, já nus e faltos de todo o soccorro em suas molestias e feridas. Não se podia conceber como estes homens, antes abastados e pacificos, soffressem tantas privações, a não ser pelo sentimento da honra levado ao maior grão de exaltação.

Os Hollandezes renovarão por vezes os seus ataques, mas vendo que nada conseguirão, tratarão de fortificar-se, dando mais desenvolvimento ao seu plano de defesa. Todas as partidas que enviavão além de Santo Antonio erão batidas, e por isso construirão dous fortes, contra os quaes os Portuguezes lutarão debalde, sempre rechaçados com grande perda (*). Mathias de Albuquerque entretanto não cessava de reclamar soc-

(*) Estes dous fortes erão: o de Santo Antonio, que hoje não existe, e o de Frederico Henrique, a que derão depois o nome de *Cinco Pontas*, porque era construido em figura do pentagono com cinco bastiões.

corros da metropole; a côrte de Madrid parecia insensível á perda de uma tão rica colonia, de tal sorte que, no espaço de mais de um anno, só receberão os denodados Pernambucanos o auxilio de quatrocentos homens por differentes vezes. A negligencia da Hespanha ia dando ganho de causa aos Hollandezes; tudo annunciava o intento de permanecerem em Pernambuco. Albuquerque, julgando então que não poderia impedir os seus progressos, resolveu reunir todas as suas forças, e tentar a fortuna com golpe estrondoso.

O projecto do general portuguez foi unanimemente applaudido; marchando em tres columnas, investe a cidade de Olinda, leva de rojo os postos avançados, e destróe as fortificações exteriores; mas ainda restavão ao inimigo quatro mil homens no recinto da praça. Para não expôr-se a uma derrota, manda Albuquerque tocar a retirada e recolhe-se ao seu campo. Tal foi o resultado deste ataque inconsiderado, que custou quatrocentos homens á Hollanda, porém maior numero aos assaltantes.

Emquanto os Hollandezes esperavão novos soccorros das Provincias Unidas, resolvêrão aproveitar-se do imperio do mar para estender a conquista sobre as costas do Brasil. Com este intuito fizerão construir um forte em Itamaracá, afim de terem um posto avançado naquella ilha. Se os Portuguezes perdião as esperanças de expulsar os Hollandezes, estes não as tinham mais lisongeiras de penetrar no paiz, tão exactamente guardavão aquelles todas as avenidas do campo inimigo; mas esta vantagem não podia ser de longa duração, uma vez que a capitania de Pernambuco ficasse abandonada ás suas proprias forças em presença de um inimigo audaz e emprehen-

dedor, e que dispunha, além disso, de grande força marítima.

VI

A guerra muda de aspecto. Combate naval. Incendio de Olinda. Calabar abandona os Portuguezes. Consequencias funestas da sua traição. Morte do general Reimbach. Rasgo patriótico de Jaguary. Os Palmars. Conquista da Parahyba pelos Hollandezes. Occupação do Pontal de Nazareth.

Talvez fosse Pernambuco então abandonado inteiramente, se a côrte de Madrid não recebesse informação de que a Hollanda mandava uma armada consideravel contra o Brasil, e que o almirante *Adrião Patrid* tinha ordem de ir depois em cata dos galeões do Mexico. O temor de vêr segunda vez passar ás mãos do inimigo tão grandes riquezas obrigou o conde duque de Olivares a mandar D. *Antonio Oquendo* com uma esquadra, e algumas tropas disciplinadas, para proteger as duas mais importantes capitancias do Brasil (1634). Com effeito a frota hollandeza, havendo desembarcado no Recife os reforços de gente e munições que trazia, dirigio-se para o sul em busca da frota hespanhola, que devia tocar primeiramente em S. Salvador. As duas esquadras se encontrârão por acaso nos mares da Bahia, onde a victoria disputada com igual valor pertenceu finalmente aos Hespanhóes.

Esta sanguinolenta acção custou a vida do bravo Patrid, que, vendo o seu navio incendiado, lançou-se ao mar envolto no seu pavilhão, dizendo aos officiaes que o querião deter: « O oceano é o unico

tumulo digno de um almirante batavo. * As duas frotas ficarão tão arruinadas, que nenhum dos seus navios podia resistir ao mar. Os Hollandezes fizeram-se ao largo e vierão ancorar no Recife, e Oquendo, desembarcando em uma enseada a expedição composta de setecentos homens (entre Portuguezes, Hespanhóes e Italianos) commandados pelo conde Bagnuolo, e destinada para Pernambuco, tratou de reparar os seus navios, e com elles partio para comboiar os galeões do Mexico, segundo as suas instrucções. Bagnuolo depois de uma marcha penosa, ajustou-se com Mathias de Albuquerque. Os Hollandezes, julgando o reforço muito mais consideravel, incendiarão a cidade de Olinda e concentrarão-se no Recife; advertidos porém do seu engano, quizerão reparar esta falta com um ataque repentino sobre a Paralyba, d'onde forão rechaçados valorosamente por João de Mattos Cardoso, commandante do forte do Cabedello.

Vandenburg resolveu então ir em pessoa atacar o estabelecimento do Rio-Grande do Norte; mas á vista das fortificações temeu arriscar um lance duvidoso, e voltou para o Recife. Entretanto, para não perder todo o fructo desta expedição, dirigio-se ao Cabo de Santo Agostinho para tomar o porto chamado *Pontal de Nazareth*; d'onde tambem foi repellido com perda de setenta homens, e teve de regressar cheio de confusão e de despeito. Até este tempo pouco motivo tinham os Hollandezes de se ensoberbecerem com o successo das suas armas, porque todas as suas empresas, fóra do recinto do Recife, tinham sahido frustradas, e as milicias brasileiras adquirião cada vez mais o habito da vida militar. Todavia, um mulato nascido em Pernambuco, chamado Domingos Fernandes Calabar, fez mudar a face das

cousas, tornando aos Hollandezes o seu primeiro ascendente. Este homem habil, emprehendedor e temerario, conhecia perfeitamente toda a costa e o interior da provincia, e por isso os Hollandezes o acolherão com todas as demonstrações de benevolencia.

O desertor Calabar induzio logo os Flamengos a tentarem novas expedições, e é elle quem sorprende e saqueia o estabelecimento de Iguarassú. Antes que se dissipasse o terror, conduz os invasores a Rio Formoso, onde vinte homens, com mandados por Pedro de Albuquerque, defendem o forte, e morrem todos gloriosamente (1632); seu digno chefe, coberto de feridas, torna á vida em poder do inimigo, que, pasmado de tanta bravura, lhe concede a liberdade. No seguinte anno chegão a Pernambuco mais tres mil Hollandezes com dous commissarios da companhia Occidental. A grande autoridade de que vinhão revestidos os commissarios, desgosta o general Vandenburg, que entregou o commando ao general Lourenço Reimbach, e voltou para a Hollanda. Soprando a fortuna favoravel as armas dos Hollandezes, resolverão os commissarios proseguir o curso das suas vantagens.

O general Reimbach, por conselho de Calabar, atacou o campo do Bom Jesus com tres mil homens; porém Mathias de Albuquerque com trezentos e cincoenta sómente lhes fez tal resistencia, que Reimbach cahio morto no campo com seiscentos dos seus soldados; e teria sido completa a derrota, se Bagnuolo, opprimido pela gotta, não tivesse moderado o ardor dos Portuguezes. Calabar, para recuperar o seu credito, prometeu a *Sigismundo Van Scop*, que succedera no mando a Reimbach, de lhe entregar toda a ilha de Itamaracá; o que conseguiu por capitulação, em que

os nossos sahirão livres com todas as honras da guerra. Sigismundo tenta por segunda vez atacar o campo entrincheirado dos Portuguezes, e é repellido novamente; querendo então formar um cerco regular, dirige para alli onze peças de artilharia, que tambem forão presa dos sitiados. Enganados ainda desta vez, decidirão os Hollandezes levar suas armas a pontos mais afastados.

Todas estas victorias dos Portuguezes os tinham enfraquecido de tal fórma, que Mathias de Albuquerque apenas podia contar com mil e duzentos homens de tropas regulares; de um pequeno reforço de seiscentos homens, que vinha de Portugal em uma frota de sete vélas, commandada por Francisco de Vasconcellos da Cunha, chegarão pouco mais de cem, porque a frota foi destruida pelos Hollandezes no Rio Potangi. Favorecidos pela fortuna, os Hollandezes, depois de haverem tomado Porto Calvo nas Alagoas, se dirigirão para o Rio-Grande, sempre guiados por Calabar, e por uma infame traição se apoderarão do forte, onde acharão preso e derão liberdade ao famoso Indio *Jaguarary*, que depois fez tantos serviços ao Brasil debaixo do nome de Simão Soares(*).

(*) Este Indio era tio de Antonio Felippe Camarão. Tendo-se passado na Bahia aos Hollandezes para ver se recuperava sua mulher e um filho, que tinham ficado prisioneiros na occupação daquella cidade, quando voltou aos Portuguezes, por mais que se justificasse, estes o lançarão em uma masmorra por oito annos. Achava-se ainda preso no forte de Rio-Grande, quando foi solto pelos Hollandezes; mas longe de unir-se com os seus libertadores, correu á sua aldêa, excitou o entusiasmo de seus compatriotas, e appareceu depois com elles no campo dos Portuguezes para participar da gloria do seu já muito celebre sobrinho. Esta acção generosa do Indio *Jaguarary*, lhe valeu a fama do seu nome, que ficou eternizado pela honrosa menção que delle fazem todos os historiadores daquella época.

Os Hollandezes concluirão então allianças entre os indigenas, e servirão-se da tribu dos *Janduis* para perpetrarem horribéis crueldades. O assassinio, o roubo e o estupro não satisfazião estes tremendos selvagens; querião além disso saciar-se com a carne de suas victimas.

Inimigos, quasi tão formidaveis como os selvagens *Janduis*, se tinham estabelecido desde 1630 no interior da provincia de Pernambuco. Erão negros escravos desta provincia, e de outras vizinhas, que, aproveitando o ensejo favoravel da guerra com os Hollandezes, resolvêrão recobrar a sua liberdade e independencia no meio dos bosques. Quarenta forão os primeiros, que se refugiárão armados em um grande bosque de palmeiras, donde lhe veio o nome *Palmares*, ou *Republica dos Palmares*. A estes primeiros de sertores reunirão-se outros muitos; de sorte que em poucos annos o seu numero chegou a trinta mil. Em suas excursões causavão estes negros grandes estragos, levando a devastação e a morte a todos os esbecimentos dos colonos a que podião alcançar. Taes forão a origem e progressos desta horda negra, que, tornando-se poderosa, pôde resistir aos Hollandezes victoriosos, e aos Portuguezes por mais de meio seculo, até que, livre inteiramente o Brasil, os puderão atacar com forças respeitaveis.

Tendo-se feito á véla o general hollandez Sigismundo com quatro mil homens para atacar a Parahyba, os Portuguezes tentão retomar o Recife, d'onde forão rechaçados com grande perda. Sigismundo apenas ameaça o forte do Cabedello, e volta sobre o Pontal de Nazareth com toda a sua força. Ainda seria inutil esta segunda tentativa a não ser Calabar, que por um admiravel estratagema fez servir a marinha hol-

landeza á tomada do porto, desmastreando os navios, e fazendo-os passar por um canal tão estreito e baixo, que até então as mais ligeiras barcas não tinham ousado nelle aventurar-se. Mathias de Albuquerque chega com oitocentos homens de auxilio, e tenta em vão repellir os Hollandezes do Pontal; apoderando-se um terror panico de suas tropas, a artilharia dos navios acabou de as dispersar. Os Hollandezes com este triumpho voltão suas vistas sobre a Parahyba.

O general Sigismundo com trinta e dous navios e dous mil e quinhentos homens de desembarque rende os fortes de Santo Antonio do Cabedello. Nesta conjunctura os habitantes queimão a cidade, e retirão-se para o interior; porém vexados e irritados pela conducta relaxada dos soldados hespanhóes e italianos, que tinham vindo em soccorro da praça, ainda que tarde, preferirão voltar para os seus abrasados domicilios, e entregarem-se á mercê dos Hollandezes, antes que soffrer dos proprios seus o que não poderião soffrer mais dos inimigos. Sigismundo, coberto de gloria, recolheu-se ao Recife com o titulo de conquistador da Parahyba. O pavilhão hollandez estava pois arvorado no litoral do Rio-Grande, da Parahyba e de Pernambuco. Desde então devia-se ter por infallivel que os vencedores não tardarião em consummar a conquista do interior destas provincias, com cuja permanencia pacifica podião aspirar ao dominio de todo o Brasil.

VII

Ultimos esforços dos Portuguezes em Pernambuco. Emigração e abandono da provincia. Occupação de Porto Calvo. Supplicio de Calabar. Albuquerque é chamado à Europa. Rebello, Camarão e Henrique Dias. Segunda emigração de Pernambuco. Mauricio de Nassau. Derrota dos Portuguezes em Porto Calvo. Fuga de Bagnuolo. Segunda invasão da Bahia. Retirada de Nassau. Outras conquistas dos Hollandezes.

Restavão tão sómente aos Portuguezes dous pontos fortificados na provincia de Pernambuco, nos quaes pretendia Mathias de Albuquerque conservar-se, esperando sempre auxilios da Hespanha.

Os Hollandezes porém conhecião que toda a inacção lhes era prejudicial, e resolvêrão atacar o campo do Bom Jesus e o forte de Nazareth. Custa a crer os prodigios de valor que obrárão as duas pequenas guarnições até que, reduzidas á ultima extremidade, capitulárão em ambas as praças. Albuquerque informou então por uma proclamação aos habitantes de Pernambuco a resolução que tomava de evacuar a provincia, offercendo-se para escoltar a todos quantos quizessem emigrar e segui-lo. O maior numero, irritado com o desprezo da côrte de Madrid, quiz antes render obediencia aos vencedores; porém quasi oito mil familias, abandonando suas propriedades e seus commodos, preferirão dedicar-se sem reserva ao serviço da mãe patria, e puzêrão-se em marcha com o pequeno exercito portuguez.

Chegando a emigração perto de Porto Calvo, *Sebastião do Souto*, um dos principaes habitantes

daquella villa, fez cahir os Hollandezes em uma cilada. Offerecendo-se ao governador hollandez Alexandre Picard para reconhecer os fugitivos, voltou assegurando que Mathias de Albuquerque apenas tinha consigo duzentos homens, e que todos ião carregados de avultadas riquezas, faceis de tomar com pequena força. O governador Picard fez immediatamente saber trezentos homens com ordem de seguirem os passos de *Souto*; mas este, chegando em frente dos Portuguezes, passa-se para elles e se arremessa de subito sobre os Hollandezes, que, sorprendidos por este acto inesperado, fogem precipitadamente. Mathias de Albuquerque os segue então com igual velocidade, indo entrar de envolta com o inimigo dentro da praça, cuja guarnição cede a este ataque repentino e abandona a villa. *Calabar* ficou prisioneiro, e pagou com a vida, neste mesmo lugar onde nascêra, a sua infame traição (1635).

Este successo momentaneo não deslumbrou Albuquerque, nem lhe fez esquecer a sua situação embaraçosa. Vendo que não podia demorar-se, arrasou as fortificações de Porto Calvo, e retirou-se para as Alagôas, d'onde os emigrados tomárão nova direcção, uns para a Bahia, e outros para o Rio de Janeiro; ficando ali o mesmo Albuquerque com as reliquias de suas tropas, que consistião em oitocentos soldados, e duzentos Indios auxiliares do terço de *Camarão*. No fim deste mesmo anno (1635) desembarcou na barra das Alagôas um pequeno reforço, que a Hespanha mandava para Pernambuco, ás ordens de D. Luiz de Roxas y Borja: este general devia render a Mathias de Albuquerque, o qual teve ordem de voltar para a Europa, onde os seus serviços ficãrão sem a menor recompensa. Porém quando Portugal reivindicou seus direitos e assumio a sua

soberania, Albuquerque vingou-se da Hespanha fazendo-a reconhecer o seu transcendente merito na guerra arriscada que firmou a independecia do seu paiz, e lhe valeu o titulo de Grande de Portugal.

D. Luiz de Roxas quiz seguir um systema de guerra em tudo opposto ao do seu antecessor; assim que tomou o commando do pequeno exercito portuguez, deixando nas Alagôas o conde Bagnuolo com seiscentos a setecentos homens, marchou com o resto ao encontro do inimigo, e mandou occupar Porto Calvo, que Sigismundo acabava de evacuar, pelo seu tenente-general Manoel Dias de Andrade com quinhentos homens; deste modo desfalcado de forcas, foi batido pelo general hollandez Arquichosse, e morto no conflicto em que todo o exercito teria igualmente succumbido, se Felipe Camarão (*) e Francisco Rebelles não tivessem, por meio de acertadas manobras sabido proteger uma perigosa retirada (1636).

Havendo os dispersos buscado asylo em Porto Calvo, onde se couservou Manoel Dias de Andrade, Bagnuolo, em quem recahira o mando militar depois da morte de Roxas, veio das Alagôas juntar-se neste ponto com as reliquias do exercito, chegando a reunir dous mil soldados e algumas centenas de Indios auxiliares; mandou buscar a sua artilharia das Alagôas, e tratou de fortificar-se o melhor que pôde. Desde então começaram os dous partidos uma guerra de extermínio e de assolação, que não tem exemplo entre

(*) D. Luiz de Roxas tinha trazido para Antonio Felipe Camarão o habito da Ordem de Christo e o titulo de *dom*, cujas mercês elle já tinha merecido; e d'ahi por diante não deixou jámais de se mostrar digno de semelhantes recompensas.

os povos civilisados. O successor de Roxas adoptou o unico systema de hostilidade que convinha á situação desgraçada e violenta dos Brasileiros. O capitão Rebello, Camarão e o negro Henrique Dias, já nesta época commandante de um terço de homens da sua cõr, fizerão correrias até a provincia da Parahyba, levando o terror e a morte não só aos Hollandezes, como aos colonos que se tinham submettido á sua autoridade.

Desolados por esta guerra de rapina, e querendo esquivar-se á crueldade de ambos os partidos. quasi todos os habitantes de Pernambuco que não tinham seguido Albuquerque, resolverão emigrar debaixo da escolta de Camarão. Este chefe habil conduzio os emigrados através de setenta leguas de paiz inimigo. Bagnuolo, logo que soube da sua approximação, mandou um corpo de tropas com provisões de toda a especie para socorrer a estes infelizes, porém mais de quatrocentas pessoas já tinham perecido de miseria por estes caminhos desertos. Tal foi a segunda emigração de Pernambuco, exemplo raro do mais nobre aferro á patria. Talvez que a obstinação dos vencidos gannhasse vantagem sobre um inimigo poderoso, se a chegada de um principe guerreiro e politico, e o augmento de forças, não fizessem inclinar a balança para o lado dos invasores.

Nestas circumstancias, chega a Pernambuco em Janeiro de 1637 o principe João Mauricio de Nassau, primo do Stathouder, que vinha na quantidade de commandante general das forças de mar e terra, com um poderoso reforço, alim de assegurar a conquista em nome das provincias unidas da Hollanda. O novo chefe batavo cuidou antes de tudo estabelecer a ordem no paiz conquistado, e reunindo todas as forças de que podia dispôr, marchou contra Porto Calvo. Era pois este o unico

ponto que os Portuguezes occupavão na provincia de Pernambuco, quando forão investidos por dez mil homens debaixo do commando de Mauricio de Nassau. Travou-se furiosa batalha entre ambos os exercitos, e apezar da vantagem do numero, a victoria não seria tão facil aos Hollandezes, ou talvez não a tivessem conseguido, a não ser a infame deserção do general Bagnuolo, que abandonou cobardemente Porto Calvo pela noite, fugindo para as Alagôas (1637).

Parecem quasi incriveis os actos de bravura, denodo e bizarrria que commettêrão nesta acção por parte de Henrique Dias (*), de Felipe

(*) Henrique Dias, de origem africana e natural de Pernambuco, patenteou durante esta acção uma intrepidez digna de ser posta em paralelo com o que a historia refere de mais assombroso. Uma bala lhe atravessa o punho; manda sem demora que lhe fação a amputação da mão para se desembaraçar do apparelho que impediria os seus movimentos, e voando de novo ao combate: « Basta-me « uma mão, disse elle, para servir a meu Deos e a meu « Rei: cada um dos dedos desta que me fica, me fornece « cerá os meios de me vingar. » Ainda que negro por nascimento, não deixou de obter pela fama eterna memoria, porque esta não attende ao accidente de côr, senão ás qualidades do coração. Este esclarecido valor com que mandou cortar a mão, era só por si bastante para o immortalisar, ainda a não ter obrado outras acções. « Já a antiguidade (diz « Fr. Raphael de Jesus no seu *Castrôto*) se acha vencida « nos encarecimentos com que celebra o dar o seu Romano « uma mão ao fogo pela patria; porque o excedeu na causa « com que este capitão a deu ao ferro pela opinião. » Os terços de homens pretos, que depois passárão a regimentos, tiverão desde então a denominação de *Henrique Dias*, em honra deste heróe. Destruí-los, como fizemos, foi lançar por terra o unico monumento que restava de nossas glorias passadas: esquecidos talvez de que esta classe de homens tinha em todas as épocas prestado grandes serviços á monarchia, e ultimamente á nossa independencia. Um brasão resta pelo menos aos nobres filhos de Henrique Dias, e é

Camarão, e de sua mulher D. Clara (*). Pela fuga do conde de Bagnuolo o exercito portuguez se pôz logo em retirada, marchando pelos vestigios do seu general; em consequencia do que occuparão os Hollandezes a cidadella de Porto Calvo por capitulação; porém não foi senão depois de alguns dias de um cerco regular, em que a pequena guarnição, que ali tinha ficado abandonada, salvou de algum modo a honra das nossas armas. A capitulação, concedida por Nassau ao commandante da cidadella, é o testemunho mais honroso e solemne da estima que merece, ainda aos proprios inimigos, o valor infortunado.

Logo que pôz em segurança Porto Calvo, partio Mauricio em seguimento de Bagnuolo, a quem alcançou a final na villa de S. Francisco, hoje do Penedo, junto á margem do rio do mesmo nome, porém Bagnuolo passou o rio retirando-se para Sergipe. Nassau cessou então de o perseguir, julgando mais proveitoso assegurar-se do fructo de suas victorias do que continuar a apertar o seu adversario. Depois de haver mandado construir um forte na villa do Penedo, no qual deixou mil e seiscentos homens de guarnição, voltou

a sua nunca desmentida lealdade, que muito honraria aos homens de outras côres.— Fazemos votos pelo restabelecimento desta milicia, que recorda uma época de tanta lealdade e bravura.

(*) A mulher de D. Felipe Camarão, conhecida pelo nome de D. Clara, combateu com um denodo que o seu sexo fazia incrível: affrontando todos os perigos, carregou por muitas vezes o inimigo, e penetrou nos mais cerrados batalhões. Ao passo que combatia, exhortava os soldados a fazer os seus deveres, promettendo-lhes a victoria, e dando assize o exemplo a outras muitas mulheres que procuravão imita-la. Faz desta matrona illustre, honrada memoria o Theatro heroico, tom. 1.º, pag. 232.

para o Recife, onde a sua presença e autoridade são necessarias. Com effeito, Mauricio mostrou-se grande administrador e politico: conteve a intolerancia religiosa, mandou reedificar Olinda, chamou a todos os emigrados com promessas lisongeiras, e finalmente pôz cobro á pillagem dos soldados com fortes castigos, ao mesmo tempo que cuidava em melhorar as rendas, estabelecendo um systema de impostos mais analogo ás producções do paiz e ao seu consumo.

Emquanto Nassau consolidava as suas conquistas, parou o exercito fugitivo de Pernambuco em Sergipe d'El-Rei; mas não podendo Bagnuolo sustentar-se contra um novo ataque, toma a deliberação de retirar-se para a Bahia. As particularidades desta jornada formão um dos mais dolorosos quadros que possam offerecer os annaes do mundo conhecido. Os infelizes emigrados tiverão que soffrer todos os horrores da fadiga, da fome, da perseguição dos Pitagoaras e dos batedores hollandezes. Um grande numero pereceu pelo cansaço, pela miseria e pelas ciladas dos selvagens. Chegando á torre de Garcia d'Avila recebeu Bagnuolo a ordem de fazer alto. O governador geral *Pedro da Silva* admittio com muita repugnancia as tropas commandadas por Bagnuolo, e só depois de algumas formalidades foi que se approximárão de S. Salvador; cedo porém conheceu que este soccorro inesperado o subtrahia de igual sorte.

O principe Mauricio, sempre animado pela victoria, embarca sete mil e oitocentos soldados em quarenta navios, vai atacar a cidade de S. Salvador, emquanto outra divisão commandada por Sigismundo assalta a povoação de Sergipe, e a incendia depois de horroroso saque. Logo que a armada inimiga appareceu na Bahia, o governa-

dor geral, apesar de viva opposição, deu o commando em chefe ao conde Bagnuolo, o qual, desenvolvendo então pela primeira vez todo o valor e actividade de que muitos duvidavão, salvou a capital de uma invasão que parecia inevitavel, pondo *Mauricio* na necessidade de regressar a Pernambuco com perda consideravel do seu exercito (1638). Tiverão grande parte nesse feito heroico Henrique Dias e Camarão, além de outros Portuguezes de que fazem menção honrosa Brito Freire e varios escriptores. Nassau entrou finalmente no Recife, onde o resfriamento do seu humor guerreiro lhe permittio por algum tempo entregar-se á administração das provincias sujeitas.

Os habitantes de S. Salvador não forão ingratos com as tropas de Pernambuco, fazendo-lhes um donativo de dezeseis mil cruzados. Bagnuolo recebeu um titulo honorifico, e Pedro da Silva foi feito conde de S. Lourenço. Sem embargo, os Hollandezes ião augmentando a conquista por outro lado. A capitania do Ceará quasi espontaneamente submetteu-se ao seu dominio. A ilha de Fernando tinha-se entregado ao almirante *Jol. João Korn*, membro do Supremo Conselho do Recife, fez-se á vela com nove navios e apoderou-se de S. Jorge da Mina na costa de Guiné; cujo feito vingou os Hollandezes da derrota que ali tinhão soffrido em 1625. Nassau tornando-se senhor do estabelecimento mais importante da costa occidental da Africa, ferio os Portuguezes com o golpe mais funesto que, depois da perda de Ormuz, tinhão recebido,

VIII

Estado politico das provincias do Maranhão. Viagem de Teixeira pelo Amazonas até Quito. Sua volta a Belém. O conde da Torre. O marquez de Montalvão, primeiro vice-rei nomeado para o Brasil. Revolução de Portugal.

Emquanto a capital do Brasil repellia as armas hollandezas, a provincia do Maranhão e os ricos paizes que rega o rio Amazonas se tornavão o theatro de acontecimentos de outra natureza. Por duas vezes tentárão os Inglezes formar estabelecimentos na provincia do Pará, e outros tantos forão repellidos pelo governador do Estado. Morto este, usurpa a autoridade o official Jacome Raymundo de Noronha, e se conserva no governo do Maranhão, ganhando-se a afeição de todos os habitantes por sua conducta generosa, antes que por seus actos de vigor e energia. O rio Amazonas, que desde a famosa jornada de Orelhana tinha excitado mais curiosidade de o conhecer, offerecia a vantagem de uma communicação segura com o Perú, evitando que as riquezas de todo aquelle vasto imperio se expuzessem ao risco imminente do longo trajecto pelo cabo de Hornos.

Tendo uma missão de padres Franciscanos vindo de Quito para converter os Indios chamados Cabelludos, na confluencia da ribeira Abuarico com o rio Napo, virão-se os Missionarios na necessidade de voltarem para Quito, á excepção de dous leigos, Domingos de Brieiba e André de Toledo, que preferirão confiar-se ao curso do

rio em uma fragil barca. Com effeito, passão o Napo, entrão no Amazonas, e chegão salvos a Belem no anno seguinte. Com que surpresa e cordialidade forão estes homens recebidos, depois de haverem atravessado por espaço de mil leguas provincias immensas, povoações antropophagas, e tantas maravilhas da natureza ! Elles não podião dar senão informações vagas ; comtudo certificarão que em todo o curso daquelle immenso mar de agua doce nenhum obstaculo se oppunha á sua navegação.

Exultando o governador Noronha com a narração dos Missionarios, e desejoso de dar principio á empresa que gisava desde longo tempo, como meio de fazer esquecer a maneira illegal com que tinha tomado conta do governo, propôz a Pedro Teixeira, official de rara probidade, conhecido por valente e instruido no idioma e costume dos indios, o commando da arriscada expedição, que elle aceitou, levando em sua companhia a Bento Rodrigues de Oliveira, Brasileiro de nascimento, acostumado desde a mais tenra infancia a esta especie de navegação; e com uma esquadilha composta de quarenta e cinco canoas, guarnecidas por setenta soldados e mil e duzentos Indios auxiliares, partio immediatamente, tendo por guias os dous religiosos castelhanos (1637).

Logo que os navegantes entrãrão na embocadura do Amazonas, tiverão de lutar com as impetuosas correntes que os lançavão, ora ao sul, ora ao norte, com tal violencia, que muitos remadores desanimãrão, e amotinando-se alguns indigenas, ao cabo de dez dias de viagem, regressãrão para Belem em quatro canoas. Teixeira dividio então a sua esquadilha em duas secções, e confiou a da vanguarda ao habil Bento Rodrigues, com ordem de aportar onde conveniente

fosse. Assim navegou a expedição por longo tempo, até que, chegando ao lugar onde o rio Paganino se lança no Amazonas, fez alto a vanguarda junto ás ruínas de um pequeno forte, ali construido pelos Hespanhóes para conservar em respeito a tribu dos *Quixos*. Rodrigues deu disto parte ao commandante, que o seguiu de perto; e como o rio deixasse mais adiante de ser navegavel, abandonou as canoas e partio por terra para Quito.

Teixeira não se demorou em acompanhá-lo, fazendo a pé o resto do caminho por um paiz aspero e montanhoso, passando por Baeza, praça hespanhola, mas abandonada e quasi deserta. Rodrigues, que o precedeu de alguns dias, chegou a Quito, onde as suas relações passarão por fabulosas, até que a chegada do general portuguez veio confirma-las. O clero, a municipalidade e os habitantes vierão em procissão ao seu encontro; renderão-se graças ao Todo Poderoso por tão grande mercê de sua divina misericordia, e todos os religiosos se offerecerão com ardor para levar ás margens do Amazonas os thesouros de luz evangelica. O vice-rei do Perú, a quem se deu parte deste notavel acontecimento, o apreciou como devia, fazendo-o objecto de deliberação do conselho de Lima; o qual determinou a volta de Teixeira para o Pará, baixando pelo mesmo rio afim de obter cabal conhecimento de sua navegação.

Foi tal o entusiasmo que causou esta expedição, que o corregedor D. João Velasques da Cunha se offereceu com sua pessoa e bens para acompanhar a Teixeira; e como este offerecimento não foi aceito, porque elle faria falta em Quito, foi escolhido seu irmão Christovão da Cunha, reitor do collegio de Cuenca, com outro

padre, afim de se encarregarem do roteiro ou diario da navegação, com ordem de examinarem o curso do grande rio e seus afluentes, e os povos que habitavão as suas margens. Pela actividade e zelo do vice-rei do Perú e das autoridades de Quito, em pouco tempo achou-se a grande frota prompta para partir de retorno. Com o fim de evitar a marcha por terra, que tinha sido tão incommoda, Teixeira começou a sua viagem entrando por uma das origens do Napo, e veio por este rio sahir ao Amazonas.

Como a sua volta devia ser destinada ás explorações do grande rio e de seus confluentes, Teixeira, depois de tomar posse dos vastos campos dos Açores (povoados pelos Indios Cabelludos) em nome da corôa de Portugal, seguiu rio abaixo, examinando os seus mais consideraveis tributarios, e as hordas que habitavão suas margens. Com effeito, mais de cento e cincoenta nações, conforme a relação que seguimos, povoavão as terras regadas pelo Amazonas; todas se exprimião em idiomas differentes e tinhão feições distinctas. Era tal a população selvagem, tão numerosa e junta, que pelo espaço de mil duzentas e setenta e seis leguas do curso deste rio, desde a confluencia do Napo até a sua embocadura, segundo refere o padre Cunha, as tribus do Amazonas se prendião umas ás outras sem grandes intervallos, de sorte que em muitos lugares o estrondo dos golpes do machado em uma povoação era ouvido em outra de diversa tribu. Foi na ilha dos Tupinambás, vinte e oito leguas abaixo do Madeira, que o padre Cunha e todos os Portuguezes ouvirão, como antes delles Orelhana, a celebre historia das Amazonas, que um seculo depois La Condamine não ousou desmentir.

Finalmente. depois de haver costeadado immensas

ilhas de muitas leguas de circumferencia, e de ter percorrido muitos lagos e esteiros, que communicão com o Amazonas e seus confluente, a flotilha chegou á cidade de Belem com onze mezes de navegação, e vinte e seis depois da sua primeira partida. Teixeira foi recebido com todo o enthusiasmo que excitava a sua pasmosa expedição. É facil imaginar o jubilo que causou ao governador Noronha o bom resultado da empresa, pelo qual foi perdoado do crime de haver usurpado o governo. Porém a revolução de Portugal fez bem depressa desvanecer e dissipar os projectos concebidos pela Hespanha, afim de tirar partido da união das duas corôas, conservando esta communicação entre o Brasil e o Perú. A negligencia, mais do que a politica, tem feito com que as fertes margens do Amazonas se conservão ainda desertas; e tanto mais quanto as mesmas nações barbaras que as povoavão têm desapparecido sem que saibamos seus destinos.

Emquanto a expedição portugueza corria a immensa extensão que separa o Perú do mar Atlantico, os Hollandezes, senhores de muitas provincias do Brasil, procuravão ardentemente consolidar o seu poder. A expedição contra a Bahia, apezar de desgraçada, pagou a sua despeza com o grande saque do Reconcavo, onde os invasores tomãrão quatrocentos negros, além de outros ricos despojos. Comtudo, o monopolio da companhia era um grande estorvo para o augmento da nova colonia, e o parecer de Nassau, de que se tornasse livre o commercio, preponderou, franqueando-se os mares do Brasil, com reserva tão sómente do trafico dos escravos e da madeira de tinturaria. Apezar das restricções que os Hollandezes impunhão á agricultura, as colonias ião prosperando pelo restabelecimento

de muitos engenhos de assucar, que tinham sido destruidos pela guerra, e por outras providencias economicas do conselho do Recife. Sem embargo, Mauricio não cessava de pedir novos auxilios á Companhia Occidental para tentar outro ataque contra a Bahia e manter as possessões adquiridas.

Finalmente as perdas passadas, que tanto tinham lastimado os corações portuguezes, fizeram despertar a apathia do conde duque de Olivares, o qual mandou sahir de Lisboa uma esquadra ás ordens de D. Francisco Mascarenhas, conde da Torre, nomeado governador e capitão general do Brasil; o destino porém desta expedição estrondosa não correspondeu á confiança que inspirava a experiencia do chefe que a dirigia. Havendo-se demorado em Cabo Verde, contrahio as molestias daquelle clima, de sorte que, chegando á Bahia, conservou-se por muito tempo como em um lazareto, enquanto os Hollandezes reunião todas as suas forças de mar e terra, e se preparavão para resistir-lhe. O conde da Torre depois de tomar posse do governo em S. Salvador, deixou em seu lugar o conde de Obidos, e fez-se á vela com a esquadra para Pernambuco, afim de effectuar um desembarque; mas, contrariado pelos ventos e pelos Hollandezes, com os quaes travou quatro combates navaes, teve que desviar-se do Brasil, errando nos mares occidentaes, até que alcançou com custo o porto de Lisboa, onde, logo que chegou, foi mettido em uma estreita prisão.

Todos os chefes brasileiros, que tinham marchado da Bahia por terra, seguindo os movimentos da esquadra portugueza para proteger o desembarque, tomárão o bom accordo, em consequencia do que acabava de acontecer, de voltar para a Bahia. causando entretanto todo o mal

aos Hollandezes. Esta espantosa marcha de mais de quatrocentas leguas de ida e volta, é um dos mais gloriosos successos daquella guerra. Com effeito, a não terem assim praticado, talvez a Bahia fosse presa do almirante Jol, que levou a ferro e a fogo todos os lugares vizinhos da cidade; porém André Vidal de Negreiros, Luiz Barbalho, Felippe Camarão e Henrique Dias, apparecêrão dentro em pouco tempo sobre os muros de S. Salvador, e os temores dos Portuguezes se dissiparão. Nassau com este systema de destruição esperava diminuir os rendimentos da capital do Brasil, e fatiga-la de tal modo que lhe fosse mais facil submittê-la.

Neste estado de desolação, chegou de Lisboa D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, que vinha nomeado primeiro vice-rei do Brasil; e tomando posse do governo (1640), tratou logo de prevenir novos ataques, multiplicando as fortificações e todos os meios defensivos. Para distrahir os Hollandezes, mandou a Henrique Dias e a Paulo da Cunha que fossem devastar as suas possessões. Nada iguala o horror dos excessos perpetrados por estes guerrilheiros. Divididos em pequenos destacamentos, cahirão de improviso sobre as habitações dos Hollandezes: a ruina e o incendio marcavão seus passos. Tal era a situação do Brasil, quando no 1º de Dezembro de 1640 rebentou em Lisboa a revolução que collocava no throno de Portugal a Casa de Bragança. Sessenta annos de oppressão tinhão abatido, mas não podido aviltar o nobre animo dos Portuguezes, que, lembrados da sua antiga independencia, sacudirão o ignominioso jugo dos Felippes.

CAPITULO QUARTO

1641—1654

I

O Brasil entra de novo no dominio portuguez. Mauricio de Nassau deixa o governo da colonia, e volta para a Hollanda. Decadencia do Brasil hollandez. O Maranhão e o Ceará libertao-se dos Hollandezes. Conspiração de Pernambuco descoberta. João Fernandes Vieira reúne os seus amigos e toma as armas.

Tendo Portugal dado provas de uma dedicação sem exemplo ao novo soberano (o duque de Bragança, acclamado rei de Portugal debaixo do nome de D. João IV), não tardou muito que as possessões mais longinquoas da Africa, da America e da Asia, se apressassem em imita-lo. O Brasil se distinguio sobretudo pela adhesão mais animosa e sincera. Todas as provincias sobre as quaes não pesava o jugo dos Hollandezes, se declararão espontaneamente; e o novo rei conhecia de quanta importancia era a obediencia de seus vassallos da America, pois que de seu proprio punho escreveu ao marquez de Montalvão para o decidir a reconhecer a sua autoridade. Este, longe de oppôr o menor obstaculo, foi o primeiro que o acclamou em S. Salvador; porém, levados por um falso zelo, o mestre de campo Luiz Bar

balho e o bispo D. Pedro da Silva prendêrão o vice-rei e o enviãrão para Lisboa carregado de ferros.

Não tardãrão em seguir o exemplo da Bahia, tanto o Maranhão como o Rio de Janeiro, onde governava Salvador Corrêa de Sá, particularmente inclinado á casa de Bragança. O voto unanime dos Portuguezes manifestava uma verdadeira revolução moral, que tendia á unidade e integridade da sua monarchia. D. João IV estava já reconhecido pela maior parte dos governos da Europa, quando assignou uma tregoa com os Hollandezes por dez annos; estipulação illusoria, porque os Hollandezes proseguirão no Brasil em seus planos de conquista. Com effeito, Mauricio, aproveitando-se da impericia das autoridades portuguezas, invade S. Christovão de Sergipe e a ilha de Maranhão a despeito da tregoa. Depois disto, voltou tambem suas vistas para as possessões portuguezas da Africa, e as suas esquadras, equipadas no Brasil, fizerão no reino de Angola e ilha de S. Thomé conquistas importantes.

Inteirado D. João IV da insufficiencia dos governadores provisorios da Bahia, nomeou para lhes succeder no governo geral do Brasil Antonio Telles da Silva, que partio immediatamente para o seu destino (1642). Este governador consegue que Mauricio aceite as consequencias da tregoa, mas sem devolver as ultimas praças conquistadas. Sendo a paz o melhor apoio do commercio, dirigio o chefe batavo toda a sua attenção para os melhoramentos interiores: fez edificar um palacio magnifico para si, delineou uma vasta cidade, animou a agricultura, e promulgou regulamentos uteis, que tendião ao augmento das rendas publicas. Estas medidas, tão sabias como prudentes, longe de agradarem aos Estados Geraes,

fizerão-os desconfiar das miras ambiciosas da casa de Orange; pelo que forão coarctando a autoridade de Nassau, até que o demittirão do governo chamando-o á Hollanda. Mauricio entregou o governo da colonia ao supremo conselho do Recife (1643), e fez-se á véla para Amsterdam com uma frota de treze navios.

Desde este momento começou a decadencia do Brasil hollandez. Tomando o leme da administração, os novos membros do governo não sonhavam senão no augmento das rendas, sem ponderarem que tudo com elles mudava, que era inevitavel uma crise politica, e que a restauração a favor da casa de Bragança e a partida de Mauricio tinham feito nascer na alma dos vencidos a esperança de reconquistar emfim sua independencia. A religião catholica, cujo culto não fôra prohibido por Mauricio, chegando até a conceder-lhe templos, tornou-se o objecto das perseguições mais encarniçadas; os templos forão entregues á pilhagem, e seus ministros perseguidos. Os devedores portuguezes forão acoitados por violentos processos, e no cabo de tudo veio ainda o flagello das hexigas augmentar as desgraças dos colonos pela mortandade dos escravos. Inflammados por tantos motivos de revolta, resolvêrão os habitantes de Pernambuco reunir todos os seus esforços para derribar o governo hollandez.

Vai apparecer agora sobre a scena politica um homem cujas qualidades brilhantes e façanhas memoraveis o recommendão á posteridade. João Fernandes Vieira, que vimos figurar pela primeira vez na entrada dos Hollandezes, foi um dos poucos colonos portuguezes que ficárão entre os invasores, e vivia no Recife entre as riquezas que elle accumulára por um assiduo trabalho e felizes especulações. Ali, cedendo ao imperio

da necessidade, tinha-se submettido, ao menos na apparencia, ao dominio hollandez; mas a sua alma activa e livre não supportava, havia muito tempo, senão com impaciencia, o jugo estrangeiro. Rendeiro dos direitos da companhia, gozava de grande credito, e podia julgar por si mesmo da situação e força dos vencedores. Confiando os seus projectos ao vice-rei Antonio Telles da Silva, mandou este ao tenente-coronel André Vidal de Negreiros para conferenciar com Vieira, e sondar entretanto o espirito do paiz; cuja commissão desempenhou com um tino e sagacidade admiraveis (*).

Preparava em segredo João Fernandes Vieira todos os meios de levar ao cabo a sua empresa, quando repentinamente, sem impulso algum estranho, os habitantes de Maranhão levantão primeiro o estandarte da revolta. Sujeitos em desprezo de uma tregoa, concebêrão o projecto de libertarem-se; o que conseguirão venturosamente com pouca gente á força de seu braço no

(*) André Vidal de Negreiros era filho da Parahyba, onde tinha seu pai ainda vivo no tempo da revolta. Official sagaz, habil e experimentado, desempenhou a commissão de que o incumbira o vice-rei, com uma prudencia extraordinaria. Chegando a Pernambuco favorecido pela tregoa, não só animou o espirito de revolta, como passou á Parahyba, e ali traçou o plano que Vieira tinha de executar, reunindo os principaes habitantes da provincia e fazendo-lhes saber a nomeação de Vieira para o commando em chefe da insurreição. Na sua volta á Bahia deu conta de sua commissão, conforme em tudo com os sentimentos de João Fernandes Vieira; de cuja relação verificada, resultou que o vice-rei, sem esperar instrucções de Lisboa, approvasse o plano da revolta, sem comprometter comtudo as relações politicas entre as duas potencias na Europa. Pelo decurso desta historia veremos que André Vidal de Negreiros foi um dos mais valentes e mais esforçados cabos de guerra, durante a luta da independencia até a total expulsão dos Hollandezes.

anno de 1643. As vastas planicies do Ceará, que antes se tinham voluntariamente submettido aos Hollandezes, imitárão o exemplo do Maranhão. Comtudo, se as sublevações do Maranhão e do Ceará excitárão o ardor dos conjurados do Recife, ellas acordárão tambem do seu lethargo o Supremo Conselho, que começou a vigiar os passos de Vieira, contra quem havião graves suspeitas, mas não de maneira alguma formal. A insurreição estava preparada para o dia 24 de Junho de 1645; nada mais faltava do que a chegada de Camarão e de Henrique Dias, que se achavão em marcha com os seus respectivos corpos; e assim tudo parecia favorecer os projectos dos conspiradores.

Neste estado, quando as ultimas disposições tocavão o seu termo, dous conjurados (Sebastião de Carvalho e Fernão do Valle) denunciárão por uma carta ao Supremo Conselho todo o plano da revolta. Já não foi então possível duvidarem da realidade de todas as anteriores suspeitas, e os membros do governo só cuidárão de apoderar-se de João Fernandes Vieira; porém este, avisado a tempo, fugio para os bosques vizinhos, onde já de antemão tinha preparado seguro asylo; e despachando immediatamente os seus correios, teve o gosto de ver em poucas horas todos os Portuguezes, em estado de pegarem armas, correrem para junto d'elle com suas mulheres, filhos e escravos, formando um corpo de mil e duzentos homens, que logo armou e municiou. Tal foi o primeiro signal da revolta, ou, para melhor dizer, o rompimento da guerra memoravel, que libertou o Brasil do dominio hollandez.

II

Vieira é reconhecido chefe dos Independentes de Pernambuco. Combate de Tabocas. Junção de Vidal, Moreno, Henrique Dias e Camarão, com João Fernandes Vieira. Combate naval de Tamandaré. Ataque e tomada da Casa Forte por Vieira e Vidal. O general Huss prisioneiro.

Todos estes generosos defensores do Brasil logo prestarão a Vieira o juramento de fidelidade e obediência, e elle se occupou então de dar-lhes uma organização militar. O fogo da insurreição se ateou com igual vigor por quasi toda a provincia; por toda a parte ambos os partidos corrião ás armas. O governo hollandez, desprevenido, apenas pôde tomar algumas medidas reforçando as guarnições dos pontos fortificados; e vendo que se lhe tinha escapado a presa na pessoa de João Fernandes Vieira, tratou de uma cobarde seducção, mandando-lhe offerecer duzentos mil ducados (dous milhões), se quizesse abandonar o partido que elle de motu proprio abraçara e retirar-se para qualquer parte do mundo que julgasse a proposito escolher. E' facil conceber com que desprezo não seria olhada semelhante offerta por um homem que fazia consistir toda a sua felicidade na gloria de libertar a sua patria. Sem embargo, até então não tinha recebido da Bahia senão exhortações vagas e promessas estereis.

A côrte de Lisboa, occupada com a Hespanha, temia comprometter-se desafiando novo rival na

republica da Hollanda, e por isso contentou-se com deixar á prudencia do vice-rei Telles da Silva o negocio do Brasil, dando-lhe faculdade para favorecer a insurreição, mas sem comprometter a sua autoridade. Outro qualquer que não fosse Vieira ficaria desanimado com um systema tão tortuoso; todavia elle não se acobardou com este desamparo, e tomando sobre si a responsabilidade, declarou a guerra á Hollanda em seu proprio nome. Assombrado o Supremo Conselho, publicou um decreto pondo em almoeda a cabeça de Vieira, e tomando outras medidas de terror contra os insurgentes; porém, longe de produzirem o desejado effeito, vierão excitar ainda mais o direito de represalia, com que Vieira tambem avaliou as cabeças dos membros do Supremo Conselho, offerecendo por cada uma doze mil florins.

O impaciente Vieira não tardou a pôr-se em campo. Sabendo que dous regimentos hollandezes se tinham reunido em Moribeca debaixo do commando do coronel *Huss*, marcha contra elles e toma posições no monte de *Tabocas*. Em 3 de Agosto de 1645, descobrindo Vieira as tropas hollandezas, formou os seus soldados sobre a collina, e lhes fallou em tom resolutivo, prometendo-lhes a victoria. Durou o conflicto mais do que parecia comportar as poucas munições tom que os Portuguezes pelevavam, pois não tinham mais do que duzentas armas de fogo; porém, combatendo-se com igual porfia de parte a parte, por espaço de cinco horas, ficarão victoriosos os Portuguezes, e o campo alastrado de mortos; e forão tão sangrados os inimigos do nosso ferro, que fugirão em completa debandada, não podendo o seu general salvar-lhes as vidas, a não serem amparados da noite que

sobreveio. Depois do combate, retirou-se o coronel *Huss* para o Recife com os restos da sua columna, deixando a Vieira toda a vantagem desta victoria.

O Supremo Conselho tinha dirigido antes uma reclamação formal ao vice-rei contra o que elle chamava infracção da tregua, queixando-se sobretudo de João Fernandes Vieira, a quem denominava chefe dos rebeldes, e denunciando a marcha de Camarão e de Henrique Dias, que já se approximavão de Pernambuco; porém Telles da Silva respondeu que elle era estranho a todos estes movimentos; nem os podia prevenir por meio da sua autoridade, visto que aquella gente não tinham lei nem patria, e que mais parecião réos de policia que tropa disciplinada. Sem embargo, que mandaria agentes seus ao campo dos rebeldes, afim de os persuadir a que deixassem as armas e voltassem ás suas occupações pacificas. Debaixo deste pretexto sahio da Bahia uma frota com dous regimentos, commandados por André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, os quaes desembarcãrão em Tamandaré com o simulado designio de forçar os rebeldes á obediencia.

A' vista do pavilhão portuguez todos os districtos vizinhos se revoltãrão. Informado Vieira da chegada dos dous mestres de campo Vidal e Moreno, encaminhou-se a espera-los, acompanhado de Camarão e Henrique Dias, que no dia antecedente se lhe tinham reunido; e no porto de Tamandaré se avistãrão todos, praticando-se de parte a parte o que a cada um convinha. Vidal, nas ordens que intimou da parte do governo, soube ostentar a inteireza com taes mostras de dissimulação, que bem se entendeu que no exterior vinha medianeiro de pazes, mas no secreto

vinha proseguir a guerra com mais calor. As razões com que Vieira apoiava a sua firme resolução de libertar a provincia acháráo echo no coração dos que tinham vindo para dissuadi-lo, e todos de commum accordo se abraçáráo, dando em altas vozes *vivas á Liberdade e á Fé*. Neste interim appareceu sobre o Recife a frota do Rio de Janeiro, commandada por Salvador Corrêa de Sá, e não podendo attrahir a dos Hollandezes, como desejava, tomou o largo na volta de Portugal.

Assim que Salvador Corrêa se fez ao largo, sahio o almirante batavo Lichtart com a sua esquadra e foi a Tamandaré, onde encontrou e destruiu completamente a frota portugueza commandada por Jeronymo Serrão de Paiva, que ficou prisioneiro coberto de feridas, depois de comprar a honra dellas á custa de muito sangue dos Hollandezes. Tanto que se soube este revez, ouvirão-se nqs campos de Vieira os brados da indignação e da vingança; por outro lado, as tropas batavas, animadas pelo successo de Tamandaré, ardiao em desejos de sahirem do Recife, esperando vingar a affronta do combate de Tabocas. O general *Huss* com as suas melhores tropas sahe para o campo, assola e devasta as habitações, e arrebatá muitas damas cujos maridos servião no exercito de Vieira. Este chefe indignado marcha sobre o engenho de Wuth (conhecido hoje pelo nome de Casa Forte por este mesmo successo), onde o general hollandez estabelecêra o seu quartel-general.

O inimigo entrincheirado repellio os primeiros ataques; porém investido de novo com inaudito vigor, manda expôr nas janellas as mulheres captivas. Os gritos destas infelizes não detêm a Vieira, que manda pôr fogo em todos os edificios,

continuando com a sua mosquetaria. O incendio propaga-se, e a matança começa. Os Hollandezes assombrados arvorão a bandeira branca, e o proprio *Huss* se apresenta ás janellas com a cabeça descoberta em signal de submissão. Vidal então obtem que se atalhe o incendio, e que se recebam os vencidos, exceptuando os Brasileiros, que serão todos passados á espada. Este revez, um dos maiores que os Hollandezes tinham experimentado, custou as suas melhores tropas, e arrojou o Supremo Conselho e os habitantes do Recife na mais pungente consternação; julgavão a cada momento vêr os Portuguezes ás suas portas, e todos os seus pensamentos e esforços se voltarão para a defesa do Recife e da cidade de Mauricio.

III

Compra da Fortaleza de Nazareth. Ataque de Itamaracá. Traição dos transfugas. Vieira queima as suas proprias plantações. Conspiração contra Vieira. Sua magnanimidade. O general Sigismundo chega com uma frota hollandeza ao Recife.

A fortaleza mais importante da costa era a de Nazareth, porque era o ponto principal do Cabo de Santo Agostinho. O major *Hoogstrate* tinha o commando della; porém não sómente a vendeu aos Portuguezes, como lhes entregou tambem toda a guarnição hollandeza. No emtanto a posse desta importante fortaleza offerecia a Vieira a vantagem de poder receber soccorros da Bahia, e desde então não duvidou de poder consummar a sua obra. Vião dest'arte os Hollandezes propagar-se o movimento de insurreição.

sem podê-lo obstar. A provincia da Parahyba alça o grito, apesar da vigilancia de Paulo de Linge, que apenas pôde conservar o forte do Cabedello. Porto Calvo tinha cedido aos esforços de Christovão Cavalcanti, e Valentim Rocio acabava de apossar-se da cidade e dos fortes do Rio de S. Francisco. Por toda parte era Vieira reconhecido como chefe supremo; a sua reputação e forças crescião igualmente, até com muitos transfugas hollandezes, que vinhão augmentar as suas fileiras.

Ensoberbecido com estes felizes successos, veio sítiar o Recife. O forte dos Afogados tambem lhe foi entregue pelo commandante hollandez, que, amigo de Hoogstrate, quiz imita-lo na traição; mas, querendo apoderar-se do forte das Cinco-Pontas, desviou-o deste intento o projecto de atacar a ilha de Mamaracá, que era o celeiro do Recife. Com effeito dirige suas tropas e atravessa o canal que separa a ilha do continente, investe a villa junto da qual se elevava o forte principal, e depois de um ataque tão porfiado como inutil, retira-se Vieira sentindo a perda que acabava de experimentar. Neste lance alguns transfugas, seduzidos pelas promessas dos governadores do Recife, tentárão uma traição, voltando as armas contra os Portuguezes no momento do combate. Felizmente o golpe foi obstado; porém servio para fazer acreditar que não devião contar com aventureiros dessa especie; e Vieira desarmou e despedio todos os que restavão, enviando-os para S. Salvador.

O fogo da insurreição lavrava por todas as provincias. O chefe Camarão tinha marchado contra o Rio Grande, e tinha obrado acções de tanto lustre, que cada vez mais augmentavão a sua reputação. Lisongeava se João Fernandes

Vieira que assim tocaria finalmente o coração do rei de Portugal, de quem não cessava de solicitar soccorros; enganava-se porém, ao menos na esperança de obter um apoio real. D. João IV, movido pela politica da Europa, não só escusava dar protecção e auxilio, como até fazer transmittir a ordem formal de desistir da empreza. Reprovada a sua conducta pelo rei, Vieira firmou todas as suas esperanças no governador da Bahia. Telles da Silva, imaginando que tudo quanto podia enfraquecer o inimigo, augmentava os meios de ataque, ordenou a Vieira que fizesse cortar e queimar todas as cannas de assucar de Pernambuco, afim de arruinar este ramo de commercio de que os Hollandezes estavam de posse, deslembrado de que tambem os Portuguezes tiravam deste recurso productos consideraveis para acudir aos gastos da guerra.

Vieira não quiz autorisar senão parcialmente a execução das ordens do vice-rei; e para dar uma prova espantosa de que elle não era guiado por nenhum interesse pessoal, fez queimar as suas proprias plantações: rago de desinteresse que lhe mereceu os elogios do mesmo vice-rei e do exercito inteiro, o qual desde então admirou com complacencia a infatigavel solicitude e a verdadeira grandezza d'alma deste heroe. Como a expulsão dos Hollandezes era o seu principal objecto, dirigio então todas as suas attencões para o Roqueio do Recife. As suas tropas interceptavam as communicacões e guardavam as passagens, e por toda a parte estabelecêrão uma cadeia de postos, que apertavam a praça cada vez mais. Já a penuria nella se sentia, quando, para priva-la de todo o auxilio, dous moços portuguezes tentárão incendiar os navios hollandezes surtos no porto. Logrado o primeiro intento,

terião consummado a sua obra, a não ser a vigilancia do almirante Lichtart, que conseguiu apagar o fogo ateado em dous navios.

Entretanto erão sem numero os feitos de bravura com que rivalisavão entre si os homens de todas as côres. Os negros de Henrique Dias atacão vivamente todos os reductos, que os sitiados tinhão levantado entre o forte dos Afogados e o das Cinco-Pontas para impedir o progresso do cerco; sorprendem em alta noite os trabalhos já adiantados, degollão as guardas, penetrão nas obras com a rapidez do raio, e levão de rojo tudo quanto se lhes oppõe. Não impede a artilharia dos fortes vizinhos que estes bravos destruão todos os trabalhos, e entrem em triumpho nas suas linhas. Vieira, collocado em uma boa posição com as tropas de reserva, foi testemunha desta façanha, que elle muito elogiou, galardoando e recompensando aquelles que a fizerão. Emquanto isto se passava, o almirante Lichtart com muitas tropas de desembarque se dirigio a Tijuco-papo, com o intento de saquear S. Lourenço; porém foi tão vigorosamente rechaçado, que voltou para o Recife sem ter colhido fructo algum desta excursão.

Nesta época a influencia e ascendente de Vieira sobre o exercito não tinhão limites; e querendo aproveitar estas boas disposições das suas tropas, tenta de novo apoderar-se da ilha de Itamaracá, que era o ponto de apoio do Recife. Tomadas as suas disposições com melhor accordo, aconselhado pela experiencia do primeiro ataque, dirigio com tanto acerto as suas columnas, que conseguiu tomar a villa, e successivamente o forte, com o auxilio de tres embarcações, que tinhão vindo de Nazareth com este objecto. Todavia, a sua grande ventura não podia

deixar de produzir odios e inveja. Os inimigos de Vieira, ciosos de sua fama, tramão uma conspiração contra os seus dias. Os assassinos, emboscados perto do campo, fazem fogo: quando elle passava a cavallo, ferem-no e fogem. Facil era conhecer os traidores, e elle mesmo sabia donde lhe vinha o golpe; mas antes quiz dissimular que castigar, como se fosse só contra elle a traição, que tambem se dirigia contra a patria.

Curado de suas feridas e consolado pelos testemunhos de affecto e estima que lhe prodigalisava o seu exercito, aperta Vieira de tal modo o sitio do Recife, que dentro em pouco se vio a cidade reduzida ao estado mais deploravel. No meio de horrorosos soffrimentos, entre a fome e a peste, resolvêrão os chefes militares, o Supremo Conselho e os magistrados, tentar uma medida desesperada, fazendo uma sortida contra os sitiantes. Já toda a guarnição ia sahir, quando as vigias annunciárão varios navios com bandeira hollandeza. Esta feliz appareição fez sem demora desaparecer todos os horrores e calamidades do cerco. Era com effeito a esquadra que conduzia o general *Sigismundo Van-Scop*, que se tiuha assignalado nas primeiras guerras do Brasil, e a quem a inveja reconduzira á Europa durante o governo de Mauricio de Nassau.

Além das tropas de desembarque, trazia a esquadra muitos viveres, munições e cinco novos membros do Supremo Conselho, destinados para substituir os antigos. Não sómente esta expedição preservou o Recife do flagello da fome, como tambem os Hollandezes tirárão a vantagem inapreciavel de poderem retomar a ilha de Itamaracá. Os independentes a abandonárão, prevendo, com razão, que não tardaria muito que a retirada lhes não fosse cortada pelos navios da frota. Deste

modo as desgraças que opprimião o Brasil hol-
landez achavão-se minoradas; a desesperação
tinha cedido o lugar á esperança, um dos princi-
paes elementos da vida.

IV

**Proposição de amnistia. Resposta de Vieira Sigismundo
é batido e ferido. Tomada de Itaparica. Morte de
Rebello. O conde de Villapouca vem render a Telles
da Silva. Francisco Barreto de Menezes toma o mando
do exercito de Pernambuco. Batalha dos Guararapes.
Triumpho dos Pernambucanos.**

Tendo os novos governadores do Recife toma-
do posse dos seus cargos, cuidarão logo de passar
revista á guarnição; ordenarão nova leva de ho-
mens, e propuzerão novas condições de amnistia
aos generaes portuguezes. Vidal ainda quiz con-
temporizar, porém Vieira respondeu logo nos
termos mais desabridos; o que fez desenganar os
Hollandezes de que a luta não se acabaria senão
por meio das armas: opinião esta do general
Sigismundo, o qual julgava que bastaria o terror
do seu nome para dissipar os insurgentes. Possuido
desta confiança, sahe do Recife com mil e duzentos
homens escolhidos para se apoderar de Olinda;
porém Braz de Barros, que defendia aquelle ponto,
fez tão vigorosa resistencia, que deu tempo a João
de Albuquerque a reunir-se-lhe, e ambos estes offi-
ciaes carregarão por tal fôrma os Hollandezes, que
os puzerão em vergonhosa fuga. Sigismundo, ferido
na acção e não menos sorprendido que humilhado,

retirou-se para o Recife com o resto das suas tropas.

Apenas restabelecido das suas feridas, tenta Sigismundo um novo ataque contra as obras dos sitiados, das quaes foi repellido com grande perda. Auxiliado pela sua frota, sahe com quatro mil homens, toma o forte da Barreta, e surge no Rio de S. Francisco; porém a corajosa resistencia do commandante do forte fez mallograr a expedição. Sigismundo levava mais longe os seus projectos, pois meditava o ataque da Bahia, e reunindo toda a sua esquadra, foi fundear á vista de S. Salvador. Parecendo-lhe impossivel o ataque da cidade, desembarcou na ilha da Itaparica, e allí construiu um forte flanqueado por quatro bastiões. Irritado o vice-rei por vêr o inimigo tão perto da capital, ordenou ao mestre de campo Francisco Rebello que, com mil e duzentos homens, que pôz á sua disposição, o fosse desalojar.

Não escutando Rebello senão as vozes da subordinação, marcha com tão fracos recursos, e morre no assalto atravessado por uma bala; mais de seiscentas victimas desta desgraçada empreza acabárão pela metralha do forte e das embarcações; o resto voltou em desordem para S. Salvador. Sigismundo não tirou fructo algum desta vantagem tão assignalada: chamado com instancia para o Recife, fez arrasar as fortificações e abandonou a ilha. No entanto a côrte de Lisboa, temendo pela segurança da Bahia, fez apromptar uma esquadra de doze galeões, commandada por Antonio Telles de Menezes, Conde de Villapouca, com o fim de proteger a capital do Brasil. A esquadra chegou depois da partida de Sigismundo, e Menezes tomou posse do governo da Bahia a 22 de Dezembro de 1647,

substituindo a Telles da Silva, que o rei julgou conveniente chamar para dar satisfação aos Estados Geraes.

Vieira, animado com a vinda de Menezes, julgou que era chegado o tempo de receber promptos soccorros; mas illudio-se, porque o novo vice-rei só trazia ordem de assegurar a Bahia. Não confiando mais senão em seus proprios recursos, manda tomar o forte do Rio Grande, cuja commissão desempenhou Henrique Dias como tinha de costume. Tantas perdas e o estado de penuria do Brasil hollandez obrigárão os Estados Geraes a tomarem um partido decisivo para conservar ao menos esta parte de suas conquistas. E na verdade, nunca a Hollanda tinha feito tão grande esforço. Quarenta e quatro navios e no e mil homens de desembarque partirão para o Brasil. Informado D. João IV da sahida desta formidavel expedição, mandou sem aberta declaração a Francisco Barreto de Menezes com alguma gente a tomar o mando do exercito de Pernambuco.

Barreto, tendo sahido de Lisboa em uma caravela, foi tomado na altura da Parahyba e conduzido ao Recife, sem que os Hollandezes suspeitassem da sua commissão. Durante nove mezes que esteve prisioneiro, pôde ganhar-se um moço hollandez por nome *Francisco de Brat*, que o pôz em liberdade, atravessando mattos, pantanos e rio com grandissima difficuldade, até que chegou ao campo de Vieira. Devia-se todavia receiar que a sua chegada excitasse o ciume deste chefe. Era acaso de suppôr que lhe entregaria de boa vontade a direcção de uma empresa, sustentada até então por elle com tanta gloria? Vio-se porém um homem nascido na escravidão, e elevado pelo seu merito, offerecer todos os exemplos de

moderação e de grandeza d'alma; cedeu sem murmurar o commando ao novo chefe, e foi o primeiro que lhe jurou obediencia. Barreto soube apreciar as raras qualidades de seu antecessor, ouvindo os seus conselhos e dirigindo-se por elles; harmonia a que se devem attribuir as victorias successivas alcançadas pelos Portuguezes.

Os reforços chegados da Hollanda davão a Sigismundo a vantagem do numero, e não hesitou pôr-se em campo com oito mil homens para tentar a sorte de uma batalha decisiva. Os officiaes portuguezes convocados pelo novo general, forão de parecer que devião evitar um combate tão desigual; porém Vieira sustentou a opinião contraria, dizendo que uma retirada naquella circumstancia lançaria o desalento entre todos os patriotas, desgostosos já por tantas fadigas e privações. Forão igualmente deste mesmo parecer Vidal, Dias e Camarão, rendendo-se Barreto sem custo a um sentimento conforme ao seu character emprehendedor e decisivo. Pôz-se portanto em marcha com as suas tropas, e foi acampar nas montanhas dos Guararapes. Já Sigismundo se tinha approximado, e dava por acabada a guerra de Pernambuco; mas o successo 'he deu o desengano: medio as nossas forças pelo numero, devendo medi-las pelo valor.

Raiou o memoravel dia 19 de Abril de 1648. Deu-se dentro em pouco o signal; o toque das trombetas e dos tambores e os gritos dos Brasileiros auxiliares se confundem com o écho dos canhões; a acção torna-se geral em todos os pontos pelos atiradores portuguezes. Para que façamos idéa dos esforços praticados pelos independentes, basta considerar que todo o exercito de Barreto não alcançava a mais de dous mil e quinhentos homens. norém cheios de valor e de

entusiasmo, e animados desse amor da patria que não tinha o inimigo. Sem embargo, pelejou-se com tal encarniçamento de parte a parte, que assombra só de ouvi-lo; duas vezes vierão os Hollandezes á carga e outras tantas forão repellidos, até que, mesclados ambos os exercitos, o valor individual, mais do que a pericia da guerra, decidio a victoria em favor dos Pernambucanos. Immensa bagagem, artilharia, o estandarte das Provincias Unidas, e outras vinte e nove bandeiras cairão em poder dos vencedores. A batalha foi tão mortifera, que o exercito de Sigismundo contou quinhentos feridos e mil mortos, entre os quaes se apontavão dous coroneis, dezoito capitães, e um grande numero de officiaes subalternos. O mesmo Sigismundo foi ferido em uma perna, e o coronel Rener ficou prisioneiro com duzentos soldados das Provincias Unidas.

O general em chefe Barreto expressou o testemunho mais honroso aos seus subalternos, especialmente a Vieira, que pelos seus conselhos e evoluções contribuiu muito para o ganho da batalha, assim como Vidal e outros que não é facil mencionar. A batalha dos Guararapes exaltou a reputação dos independentes ao mais alto grão de gloria e mudou a face da guerra. Os vencidos, refugiados nas suas fortificações, não cuidarão em mais do que na defesa do Recife, que não podia resistir sem novos socorros da Europa. Por cumulo de males, esta derrota lançou entre o Supremo Conselho e o Conselho de Guerra do Recife germens de dissensões, porque ambos se recriminavão como causa do desastre. Tal é a consequencia dos revezes, quando não esperados: elles dividem e indispoem os homens entre si, como se a fortuna lhes estivesse sujeita e pudessem dispôr della a seu talante.

V

Apoderão-se os Holandezes de Olinda Sortida do general Brinck Sigismundo devasta de novo as costas da Bahia. Morte de Camarão. Segunda batalha dos Guararapes. Derrota e morte do general Brinck. O conde de Castello-Melhor vice-rei do Brasil. Continuação do cerco do Recife.

Enquanto os independentes colhião tranquilamente o fructo da sua victoria, Sigismundo, depois de haver entrado no Recife com as reliquias do seu exercito, procurava reparar as desgraças da guerra dando novo realce ás suas armas; e sabendo que Olinda tinha uma fraca guarnição, destacou seiscentos homens, que a tomãrão quasi sem resistencia. Informado Barreto deste successo, ordena a Henrique Dias que com seu corpo fosse retomar a cidade. A rapidez dos negros confundio as medidas do chefe hollandez, que, acozoso por elles, abandona Olinda e retira-se para o Recife. No entanto chega da Hollanda com algumas tropas de reforço o coronel Brinck, que, apenas desembarcado, censura abertamente as operações de Sigismundo. O Supremo Conselho, para evitar algum desaguisado entre os dons chefes, achou conveniente que este partisse com uma esquadra a tentar um desembarque nas costas da Bahia.

Sigismundo, para bem desempenhar a sua nova commissão, embarca e vai surgir no Reconcavo, cujos proprietarios estavam bem longe de esperar uma invasão tao repentina, entrega tudo á pilhagem, destróe as propriedades e volta ao Recife

carregado de despojos. Estimulado por este acto de pirataria o vice-rei conheceu então que era preciso tomar medidas para terminar a guerra, e mandou para Pernambuco um corpo de quinhentos homens ás ordens de Francisco de Figueirôa, official de grande reputação. A' chegada deste reforço, espalhou-se a alegria no campo dos Portuguezes; porém não foi de longa duração, porque tiverão de sentir a morte do intrepido Camarão, que havia succumbido a uma grave molestia. Este velho chefe brasileiro tinha-se achado em muitas batalhas, e nunca tinha sido ferido. Julgárão honrar a sua memoria dando o regimento que elle commandára a Diogo Pí-nheiro Camarão, seu sobrinho e successor, official já conhecido pela sua prudencia e energia, e que caminhava pelas pisadas do seu parente.

Por este tempo Salvador Corrêa de Sá, partindo do Rio de Janeiro com uma esquadra, tinha libertado todo o reino de Angola, expulsando os Hollandezes de muitos pontos importantes. Menos circumspecto do que antes, ordenou D. João IV a criação de uma companhia de commercio, á imitação da de Hollanda, para com seus capitaes e credito sustentar os estabelecimentos do Brasil. Talvez as vistas do monarcha fossem mui diversas das consequencias que ellas produzirão; por emquanto logrou-se o principal objecto, que foi proteger por navios armados o commercio entre o Brasil e Portugal. Porém isto não era tudo, porque o sitio do Recife continuava sem meios de o estreitar por agua, unico modo de tomar a praça. Sem embargo, os generaes hollandezes, fatigados do longo cerco, resolvêrão tentar outra vez a sorte de uma batalha. Brinck foi encarregado do commando: sahio do Recife com cinco mil homens escolhidos, a flôr das suas milicias,

e foi acampar-se sobre aquelles mesmos Guararapes, tão fataes ás armas da republica.

Bem longe de se atemorisarem por estas disposições, decidirão os chefes portuguezes de commum accordo ir ao encontro do inimigo para o provocar ao combate. Deixando no campo um pequeno numero de tropas, marcharão até a fralda da montanha, e allí tomãrão posição durante a noite, até que pela manhã do dia seguinte (19 de Fevereiro de 1649) travou-se a peleja com igual encarniçamento de ambos os lados. Finalmente, depois de infinitos prodigios de valor, de audacia e de constancia, a victoria decide-se pelos Portuguezes. João Fernandes Vieira, perseguindo as tropas de Brinck, é assaltado por um troço de inimigos, que lhe matão o cavallo e o deixão cahido julgando-o morto; a nova da sua morte espalha-se entre os Hollandezes; porém o nosso heróe ganhando outro cavallo, monta nelle e corre outra vez a derramar o terror entre os vencidos.

O general Brinck, querendo ainda sustentar o seu posto, foi feito em pedaços por uma bala de canhão, atirada das suas mesmas baterias já rendidas: o exercito assombrado toma a fuga e abandona o campo de batalha, onde deixou seis peças de artilharia, dez bandeiras, e toda a sua bagagem, immensidade de mortos e muitos feridos, que não pudérão escapar. Barreto ainda o perseguio por longo espaço; porém, cansado de tanta mortandade, fez alto para cuidar tambem dos seus feridos, que forão em grande numero, entre elles Henrique Dias e outros officiaes distinctos. Escusado é dizer que muito se assignalãrão Vieira, Vidal, Figueirôa e Diogo Pinheiro Camarão. Barreto tinha-se distinguido nesse dia como soldado e como capitão. Vieira a si mesmo

te excedeu, dando por sua propria mão a morte muitos officiaes e soldados inimigos que lhe tinham feito frente.

Recolhidos no Recife os fracos restos do exercito hollandez, fez Sigismundo pedir a Barreto suspensão de armas por alguns dias para enterrar os mortos; o que foi concedido, enviando aquelle chefe um capitão com uma escolta de batedores para este fim. Ainda os Hollandezes acreditavão na morte de Vieira, e foi para o capitão de grande assombro, quando este lhes appareceu e lhes disse com uma dignidade severa: « Dizei « a Sigismundo, vosso general, que se os Hollan- « dez es enquanto vivo me olhãrão como o seu « flagello, não cessarei de o ser depois da minha « resurreição. » A segunda batalha dos Guararapes foi ainda mais funesta para os vencidos do que a primeira, pois que nunca mais ousãrão medir-se em campo raso com os vencedores. Todavia o Recife ainda encerrava poderosos meios de defenza; o mar podia ainda dar entrada a immensos soccorros.

Nesta conjunctura, uma esquadra portugueza, equipada pela nova companhia commercial, appareceu na altura de Pernambuco, debaixo do commando do conde de Castello-Melhor, que vinha como vice-rei succeder ao conde de Villa-Pouca. Os independentes ainda acreditarão desta vez que D. João IV, pondo termo às suas indecisões, os quizesse ajudar com todo o seu poder; porém Castello-Melhor não tinha outro encargo senão o de ir á Bahia para tomar o leme do governo, e de enviar depois o almirante Jacques de Magalhães com a sua esquadra para Portugal. Foi esta commissão cumprida á risca, e a esperança dos patriotas foi outra vez illudida. Esta frota foi a primeira que aos mares do

Brasil mandou a nova companhia geral do commercio.

Se por uma parte D. João IV persistia em não proteger os independentes de Pernambuco, por outra os Estados Geraes, cansados de tantos e tão inúteis esforços, resolvêrão imitar a circumspecção de Portugal, não enviando mais soccorros ao Brasil. Desde então ficou o Recife abandonado ás suas proprias forças, e a guerra só se sustentava pela tenacidade dos dous partidos. O menor esforço directo da cõrte de Lisboa podia apressar o fim da guerra; entretanto a luta se ia dilatando sem esperança de proximo termo. Mui fracos para atacar, contentavão-se os sitiantes com manter a mais exacta disciplina, preservando-se de toda a surpresa; enquanto os sitiados vião deste modo diminuir-se cada dia seus fracos recursos, a ponto de chegar a sua penuria ao maior gráo. Desesperados de todo o auxilio, tentárão os Hollandezes surprender por uma sortida as linhas dos sitiantes, e vierão atacar o seu quartel-general.

Sigismundo pensava que acharia os Portuguezes descuidados, mas enganou-se; e no primeiro encontro vio que, quando o não esperassem, pelo menos não os atemorizou a sua visita. A intrepidez com que forão recebidos os Hollandezes os desconcertou por tal modo, que, apesar de todos os esforços de seus officiaes, tomárão a fuga em debandada completa. Sigismundo, querendo lavar a nodoa desta vergonhosa deserção, reune os fugitivos e volta á carga; mas recebido com tanto ou mais vigor que d'antes, foi rechaçado de novo, deixando muitos mortos e feridos sobre o campo. Neste transe mandou tocar a retirada para sepultar nos fortes do Recife a sua vergonha. Alguns navios chegados da

Europa trouxerão algum allivio á praça, soccorrendo-a com viveres, ao mesmo tempo que promettião á guarnição promptos auxilios para prolongar a sua resistencia.

VI

A esquadra de Magalhães surge em Nazareth. Conselho de guerra. Bloqueio do Recife. Ataque das obras exteriores por Vieira. Ataque das Cinco-Pontas. Motim do povo e da guarnição do Recife. Capitulação dos Hollandezes. Todo o Brasil entra no dominio da Corôa de Portugal.

Corria o anno de 1653, quando de Lisboa sahio a frota commandada por Pedro Jacques de Magalhães, e veio fundear em Nazareth, onde se reunirão todos os generaes portuguezes para deliberarem sobre o modo de concluir aquella guerra. Magalhães e seus principaes officiaes se ajuntarão em conselho de guerra na presença de Barreto, Vieira, Vidal e Figueirôa. Barreto, depois de expôr com muita franqueza o estado do paiz, appellou para a honra e patriotismo do almirante invocando o seu auxilio nesta luta, visto que sem o apoio da marinha o sitio seria sempre inefficaz. Neste sentido fallarão tambem Vieira e os outros chefes; e quando todos acabáram de expressar os mesmos sentimentos, não hesitou o almirante nem mais um momento. Desembarcando logo a tropa que tinha a bordo, dispôz a sua esquadra de modo que todo soccorro por mar ficou interdito á praça do Recife; muitos navios hollandezes forão presa da esquadra, e Sigismundo tomou suas disposições para a mais vigorosa defenza.

O general Barreto concebeu logo que devia atacar todas as obras exteriores dos Hollandezes, e quiz que esta gloria pertencesse a Vieira. Com effeito, no dia 15 de Janeiro de 1654 começou este o ataque pelo forte das Salinas, que se rendeu depois de porfiada luta; assim como o de Altanar, a uma milha distante do primeiro. Não podendo Sigismundo guarnecer todos os fortes destacados, fez abaadonar o da Barreta, e successivamente o de S. Jorge, concentrando as suas forças no Recife. Além disso, as deserções enfraquecião estes destacamentos sem proveito para a defesa da cidade, pelo que fez tambem dismantelar os fortes Parrexil e dos Afogados, afim de reduzir mais o recinto das fortificações. O forte das Cinco-Pontas foi o unico importante que ficou aos Hollandezes, e a sua vantajosa posição fazia delle o baluarte mais precioso do Recife.

Para atacar pois o forte das Cinco-Pontas era mister apoderar-se antes de um ponto fortificado que o dominava; esta commissão foi confiada a Vidal, que a desempenhou com a sua costumada bravura. Sabendo Sigismundo o perigo que o ameaçava, vem retomar o posto occupado por Vidal; mas era tarde, porque as tropas portuguezas estavam já entrincheiradas; Sigismundo voltou para o Recife, onde levou a consternação. Nada pois se oppunha ao ataque do forte principal, e Barreto mandou bater os parapeitos com a sua artilharia. Atacado o Recife desta vez debaixo de todas as regras da arte militar, estava já entregue á anarchia e á desordem; mais de quinhentos Judêos que não conhecião outro interesse senão o do commercio, cedendo ao medo do saque, de que vião ameaçadas as suas riquezas, corrião pelas ruas enchendo o ar de seus gritos e gemidos.

Estes homens tinham em vista amotinar o povo contra os governadores, afim de exigir delles que se capitulasse para salvar a cidade dos riscos do assalto e dos horrores do saque. Em vão Sigismundo, preenchendo os deveres de leal e bravo capitão, oppõe-se a esta vergonhosa deliberação, porque o povo, já entregue á licença, não obedece aos magistrados. Os mesmos soldados tomão parte no motim, e começam a desesperar da salvação publica, manifestando abertamente o intento de capitularem. O Supremo Conselho e os generaes, temendo a guerra civil, conhecem que esta luta de trinta annos (*) tocava um termo, de que elles não recolherião fructo algum; e querendo adoçar o derradeiro dos seus sacrificios, enviãõ ao general Barreto como *parlamentario* o capitão *Vonter Vantoo*, encarregado de reclamar a nomeação de commissarios para regular os artigos da capitulação. Nomeados os commissarios, entrãõ em conferencia no dia 24 de Janeiro, e dous dias depois foi assignada a capitulação, que pôz em poder dos Portuguezes os fortes e tudo o que os Hollandezes occupavão ainda no Brasil.

Foi ao general Francisco Barreto de Menezes, representante de D. João IV, rei de Portugal, que o Supremo Conselho entregou, em nome das Provincias Unidas, o porto do Recife e a cidade Mauricéa com todos os fortes de mar e terra. Convierão tambem na maneira pela qual a guarnição hollandeza sahiria da cidade, estipulando-se ao mesmo tempo a entrega das provincias do Rio Grande, Parahyba, Ceará, Itamaracá, e da ilha de Fernando. Uma inteira amnistia foi concedida a

(*) Os leitores se lembrarãõ de que a primeira invasão dos Hollandezes na Bahia fôra em 1624.

todos os Brasileiros compromettidos no partido hollandez, ficando deste modo livre para sempre o Brasil do jugo estrangeiro. Vieira, que era o chefe da vanguarda, tomou posse da cidade em nome do rei de Portugal no dia 27 de Janeiro de 1654, e os Portuguezes applaudirão o acaso, que parecia ter destinado esta honra áquelle que todos della julgavão mais digno.

Barreto entrou igualmente como triumphante na cidade, onde Sigismundo o esperava a pé e sem sequito. Barreto apeou-se. e indo ao seu encontro o encheu de carinhos. Foi depois á casa da camara, onde Vieira lhe entregou pessoalmente as chaves da cidade e dos fortes entre as aclamações geraes de regozijos do povo e do exercito. Mais de trezentas peças e grande quantidade de munições de guerra, forão os trophéos desta importante conquista. Figueirôa foi encarregado pelo general em chefe de ir tomar posse de todas as outras praças. Em todas ellas se mettêrão guarnições portuguezas, e dentro em pouco não houve no Brasil um só palmo de terra que deixasse de estar sujeito ás leis de Portugal.

Se a invasão dos Hollandezes prejudicou a Portugal e ao Brasil pelas devastações que se seguirão em consequencia de uma guerra quasi de extermínio, é igualmente incontestavel que elles, transportando ás possessões de ultramar a ordem e actividade que os distinguia na Europa, muito concorrêrão para o augmento e civilisação deste paiz. Muitos vestigios da sua industria attestão ainda hoje no Brasil a verdade desta asserção, e por muito tempo as observações de *Pison* e de *Marcgraff* forão as unicas que podião servir de guias na Historia Natural destas regiões.

CAPITULO QUINTO.

1654—1807.

I

Tratado de paz de 1660 entre Portugal e a Hollanda. O principe D. Pedro, regente de Portugal. Tratado de paz de 1668 entre Portugal e a Hespanha. Estado do Brasil Os Paulistas ou Mamelucos do Brasil durante o seculo xii.

A perda do Brasil hollandez causou uma sensação penosa em todas as cidades maritimas da Hollanda, e sobre tudo em Amsterdam. Os membros do Supremo Conselho forão accusados até de alta traição, mas elles se defendêrão victoriosamente com as ordens do governo e com as da companhia Occidental, que pela demissão de Nassau e outras falsas medidas tinhão apressado a perda desta colonia maritima e commercial. Emquanto o commercio das Provincias Unidas deplorava este desastre, todo o reino de Portugal experimentava um contrario sentimento, porque era o da satisfação e alegria. D. João IV não dissimulou o prazer que lhe fazia experimentar este successo, dando provas do seu contentamento nos elogios que prodigalisou a Magalhães, Brito, Barreto, Vidal e aos officiaes que os tinhão ajudado nesta empreza gloriosa; mas cousa alguma igualou aos que fez a João

Fernandes Vieira, nem á magnificencia com que os acompanhou.

Foi a elle que o monarcha declarou dever particularmente todas as vantagens da guerra do Brasil e o seu glorioso resultado. Um breve do Papa Innocencio X dava a Vieira o titulo de *Restaurador da Igreja na America*. O rei o nomeou conselheiro de guerra, capitão general e governador de Angola. Entretanto as Provincias Unidas pagavão-se com usura desta perda nas Indias Orientaes, onde os Portuguezes degenerados vião declinar o seu poder. A situação relativa entre Portugal e a Hollanda ficou a mesma na Europa ; era unicamente além dos mares que as duas potencias se debatião. Morto D. João IV e na regencia a rainha viuva, a paz tornava-se um beneficio para todas as classes do reino, porque a monarchia estava esgotada, posto que triumphante.

Depois de longas e penosas negociações, concluiu-se finalmente a paz com a Hollanda no anno de 1660 ; a qual firmou a casa de Bragança na inteira posse do Brasil pela somma de doze milhões, que a côrte de Lisboa pagaria á Hollanda em dinheiro, em mercadorias, ou por diminuição de direitos dos navios da republica nas alfandegas de Portugal. Deste modo se espalhãrão os beneficios de uma longa paz sobre todas as provincias da America portugueza. Chegava no entanto D. Afonso VI á sua maioridade e a rainha lhe entregou o governo (1663) ; porém este principe, corbarde e perverso, teve que ceder o throno a seu irmão o principe D. Pedro, que o occupou como regente emquanto elle viveu a 6 de Novembro de 1656 até 1683, e depois como rei de Portugal debaixo do nome de D. Pedro II.

O regente tratou logo de terminar a guerra com a Hespanha, o que conseguiu pela mediação

da Inglaterra, celebrando-se em 13 de Fevereiro de 1668 o tratado que gloriosamente assegurou o exito da revolução a favor da casa de Bragança, livrou para sempre Portugal do jugo estrangeiro, e pôz termo á luta que durante vinte e oito annos tinha conservado os dous povos em armas. Desta época por diante começa a datar-se uma nova éra para Portugal e para o Brasil. A sábia administração de D. Pedro e as doçuras da paz fizeram renascer a tranquillidade e a abundancia. O regente pôz todos os seus cuidados em reformar os abusos e em restabelecer o commercio; toda a sua attenção se fixou sobre a America portugueza.

As scenas que nos offerece a historia, depois da expulsão dos Hollandezes, mudão de character. O Brasil não sendo disputado, ganhará importancia e riqueza. Vão aqui começar as primeiras descobertas no interior; porque, á excepção do curso do Amazonas, só se conhecião as costas e as cidades maritimas. Do reinado de D. Pedro começa o Brasil a engrandecer-se pela descoberta e povoação de varias provincias, mais vastas do que as que formavão este Estado em vida de seu pai. Os governadores e todas as autoridades, curando as cicatrizes que tinha deixado abertas uma guerra assoladora, correspondião ás intenções e aos votos do príncipe regente. Pernambuco sahia de suas ruinas; Bahia e Maranhão estavam em um estado de defesa respeitavel; o Rio de Janeiro não só tinha augmentado consideravelmente, como até se conservou florescente durante a guerra dos Hollandezes, da qual tinha sido preservado como por milagre.

Com effeito, na magnifica bahia do Rio de Janeiro se reunião todos os annos as frotas mercantes, que partião do Brasil para Lisboa, e que de volta

vinhão carregadas com a abundancia dos productos da industria européa. As capitánias de segunda ordem estavão igualmente pacíficas, e se esforçavão no seio da paz para chegar a um prompto melhoramento. Um unico districto do Brasil respirava constantemente a guerra e as emprezas atrevidas: era ó de S. Paulo de Piratininga, o mais vizinho das possessões hespanholas do Paraguay. Vamos pois traçar rapidamente a sua historia, que em pedaços perderia todo o seu interesse e importancia.

Vio-se a colonia de S. Paulo offerecer em sua origem uma população inquieta e turbulenta, nascida da mescla da raça brasileira com a de diferentes povos da Europa. Esta população, conhecida pela denominação de *Mamelucos*, era sobretudo bellicosa. Foi no principio com o commercio de escravos que se enriquecêrão os Paulistas, e por isso oppuzerão-se sempre ao systema de civilisação christãa dos Jesuitas, e forão os maiores inimigos dos Christãos do Paraguay reduzidos á fé pelos Hespanhões. Estes corajosos Missionarios tinhão arrancado da barbaridade milhares de Indios, tinhão conquistado pela persuasão todo o paiz regado pelo Paraguay, Uruguay e pelo Paraná, e lhe tinhão dado uma fórma de civilisação superior á de todos os povos recentemente convertidos; mas nada podia sopear a cubiça dos Paulistas, que consideravão a conversão dos Indios como a abolição do commercio de escravos.

Desprezando o dominio da Hespanha, quando todo o Brasil lhe obedecia, atécârão as povoações do Paraguay e reduzirão á escravidão todos os neophytos dos Jesuitas hespanhões. Embora o Papa Urbano VIII fulminasse contra os traficantes de escravos os raios do Vaticano, a publi-

cação do Breve no Rio de Janeiro provocou um motim contra os Jesuitas, em que teve de medir a autoridade publica, dando o citado Breve por nullo e sem nenhum effeito. Na Bahia aconteceu outro tanto, mas foi em S. Paulo onde as grandes desordens se manifestarão; expulsão os Jesuitas, crêo uma seita, nomêo um chefe da nova Igreja, a quem derão o nome de Papa, instituem Sacerdotes, fundão Collegios, e prégão uma doutrina favoravel a seus sordidos interesses, resultando d'ahi uma mescla impura do Christianismo com as superstições brasilicas.

Organisarão tambem uma nova fôrma de governo, creárão tribunaes, e se constituirão inteiramente independentes e livres de todo o dominio estranho. Assim foi que estes homens intrepidos, erigindo se em exploradores exclusivos do Brasil, fizerão correrias no interior, affrontarão o governo hespanhol, arruinarão todas as povoações indias formadas no Guayra pelos Padres da Companhia, arrebatarão e reduzirão á escravidão mais de quarenta mil neophytos, invadirão a provincia do Uruguay, e ensoberbecidos com estes felizes successos, continuarão e levarão suas depredações até o Paraguay. Era impossivel que essas povoações mal armadas pudessem resistir a tropas aguerridas, commandadas por officiaes experimentados; portanto não havia outro recurso senão a emigração, fugindo dos lugares infestados por essa horda de aventureiros, tão crueis como os Mamelucos do Egypto, porém esta resolução já não pôde salvar senão doze mil Indios de cem mil que os Jesuitas tinhão reunido e civilizado no Guayra.

Estes piratas da terra, não achando mais em que cevar a sua cubiça, voltarão suas aggressões para Ciudad Real e Villa Rica do Paraguay,

destruindo e arruinando completamente estas duas importantes cidades hespanholas. S. Paulo não cessava de desafiar o poder da Hespanha, e ainda mais o affrontou quando a revolução de Portugal veio legitimar todas as hostilidades dos Paulistas (*). Finalmente a côrte de Hespanha,

(*) Já dissemos como S. Paulo se tinha tornado uma especie de republica militar e independente em tempo do governo hespanhol. Pela Revolução de Portugal legitimavão-se todas as hostilidades contra aquelle governo, porém era mister reconhecer o de Portugal, o que contrariava em muito o habito de independencia daquelles aventureiros; e isto foi sem duvida o que deu margem ao seguinte episodio de sua historia. Alguns homens a quem fazia conta este estado de independencia, e que muito tinham concorrido para que Salvador Corrêa de Sá não pudesse passar de Santos a S. Paulo, interceptando toda a communicação com a costa, confiando de mais na ignorancia do povo daquella capitania, tratão de aproveitar o abandono em que ella se achava para constituir-se de uma vez em Estado soberano. Com estas vistas, e não com as que se suppõe da parte dos Hespanhões, que erão então mal vistos e tidos como inimigos, se lembrão de eleger um Rei, e com este intento brão á casa de *Amador Bueno de Ribeira*, homem nobre e de grande credito, e o proclamão gritando *Viva Amador Bueno, nosso Rei*. Este porém, dando assombroso exemplo de fidelidade, recusou a criminosa corôa com razões para convencer, aos que lh'a offertavão, da sua nescia temeridade; mas como insistissem os revoltosos no seu projecto, sahio elle com a espada na mão pelas ruas gritando: *Viva El-Rei D. João IV, nosso Senhor*. Sem embargo, crescia o tumulto, e Bueno teve de refugiar-se no Convento dos Benedictinos. Nesta conjunctura, algumas pessoas mais notaveis se reunirão no mesmo Convento, e tomando parte na leal repugnancia de Bueno, se dirigirão ao povo, mostrando-lhe toda a enormidade e desatino da sua conducta e aconselhando-o que mudasse de parecer. Com tal vehemencia e razões animão os seus discursos, que todos os rebeldes ali mesmo acclamão por seu Rei a D. João IV (1642), e fazendo reunir logo o Senado da Camara, nomeão dous Commissarios (Luiz da Costa Cabral e Balthazar de Borba Gato) para irem á côrte prestar juramento de fidelidade á nova casa reinante em nome dos Paulistas.

cedendo ás solicitações dos Missionarios, permittio o uso de armas de fogo nas colonias christãs, e com este expediente mudou bem depressa a sorte dos estabelecimentos do Paraguay. Foi então que o genio emprehendedor destes homens endurecidos se voltou para outro genero de emprezas, ainda que não glorioso, ao menos mais lucrativo; tinham conquistado escravos, e por isso idearão fazer o mesmo ao ouro.

Era cousa sabida, havia muito tempo, que o Brasil encerrava prodigiosa quantidade deste metal precioso. Nos rios e nas montanhas tinham-se achado alguns pedaços. O cuidado de procurar o ouro nos leitos dos rios e nas cavidades das montanhas estava confiado aos escravos; mas este trabalho, além de incerto, era pouco lucrativo. Apenas os Paulistas se virão independentes, começarão a buscar indicios de uma mina de que os Jesuitas tinham recolhido algumas tradições; atravessarão o Tieté, e abandonando as bellas terras virgens que pelo seu magnifico prospecto merecião o nome de Eden do Brasil, forão descobrir, a vinte milhas de S. Paulo, a mais antiga mina de ouro das colonias portuguezas na montanha de Jaraguá. Tal é o districto famoso deste nome, contemplado durante quasi dous seculos como o Perú do Brasil. Thesouros ainda mais preciosos ião ficar expostos á cubiça e á industria dos Paulistas.

II

A ilha de Santa Catharina. Povoação das Alagoas. Fundação da colonia do Sacramento. Sabará e Villa Rica. Guerra civil. Antonio de Albuquerque, governador do districto das Minas. Destruição completa dos Palmares.

A importante ilha de Santa Catharina, chamada antigamente ilha dos Patos, foi por muito tempo o ponto de escala para todos os que navegavam os mares do Sul. Chegando á Côrte de Lisboa a nova de que os Castelhanos tentavão estabelecer-se nella, concedeu D. João IV a Francisco Dias Velho a posse da mesma ilha e do territorio opposto no continente; o qual, tendo chegado com pouca gente, dava principio ao seu estabelecimento quando Roberto Lewis, corsario inglez, abordando alli o assassinou e dispersou a colonia (1655). Por tempos depois se conservou deserta aquella ilha, até que em 1692, João Felix Antunes veio com duzentos e sessenta Açorianos dar começo á povoação; para o que achou grande auxilio nos habitantes da Laguna, que, cento e trinta e cinco annos antes, o Vicentista Domingos de Brito Peixoto havia começado a povoar.

As capitancias do Norte tinhão recebido consideravel augmento, sempre protegidas pelas frotas que de Portugal vinhão annualmente comboiar os navios do commercio. Foi em um destes combois que o distincto almirante João Coriêa da Silva pereceu com mais de quatrocentos Portu-

guezes, naufragando perto da entrada da Bahia (1669). Todavia os selvagens, que se tinham retirado para o interior, não estavam de todo sujeitos, e uma vez por outra appareião nos lugares do centro, onde exercião a sua natural fereza. Em um destes lugares, na povoação de Cayrú, forão os habitantes sorprendidos por oitocentos selvagens na occasião da missa; porém o capitão Manoel Barbosa de Mesquita, com sete soldados, cahio denodadamente sobre os barbaros, e os afugentou; succumbindo finalmente por effeito de cinco feridas que recebêra, mas depois de haver salvado as vidas dos habitantes, cuja segurança lhe estava confiada (1672).

Entre as sábias providencias que o Brasil deveu ao regente D. Pedro, é mister contar a expressa ordem ao vice-rei D. Affonso Furtado de Mendonca (1674), para mandar povoar o territorio das Alagoas e fortificar o porto de Maceyó, afim de prevenir o continuo contrabando do pão-brasil, e preservar os poucos habitantes da costa do insulto dos traficantes estrangeiros (*). Por morte deste vice-rei (1675) um triumvirato governou o Brasil até a chegada de Roque de Castro Barreto (1678), nomeado para succeder-lhe. Entretanto as vistas de D. Pedro se estendião tambem para a parte meridional do Brasil. A cõrte de Lisboa tinha para si que o Rio da Prata deveria servir de limite ás possessões hespanholas, e para contê-las ali imaginou fundar uma poderosa colonia na margem septentrional do mesmo rio.

(*) A comarca das Alagoas se conservou subordinada á capitania geral de Pernambuco, e fazendo parte della, até o anno de 1817, em que, por Decreto de 16 de Setembro do mesmo anno, foi desmembrada para formar governo separado, tendo por primeiro governador a Sebastião Francisco de Mello Povoas.

Confiou portanto a execução deste importante projecto ao mestre de campo D. Manoel Lobo, a quem nomeou governador do Rio de Janeiro. A noticia da expedição assustou o governador de Buenos-Ayres, que logo pediu explicações; porém Lobo, tendo lançado ancora em uma enseada defronte das ilhas de S. Gabriel, respondeu que estava no seu direito, porque pisava o territorio do rei seu augusto amo; e começou a edificar uma fortaleza (1680), origem da famosa colonia do Sacramento, que foi o pomo da discordia que desunió entre si por muito tempo as côtes de Lisboa e de Madrid. O governador Lobo, deixando o forte do Sacramento em estado de defesa, voltou para o Rio de Janeiro. Não era passado um anno, quando o governador do Paraguay com os Indios das Missões veio atacar a fortaleza, tomando-a de assalto, e arrasando-a logo até os fundamentos (1681). Por convenção das duas corôas foi depois a colonia restituída a Portugal e reedificada por Duarte Teixeira Chaves (1683.) Voltemos agora aos Paulistas, cuja historia interrompêmos para não preterir a ordem chronologica que temos observado até aqui.

A cidade de S. Paulo era rica e populosa, os seus habitantes já possuíam uma mina de ouro que parecia inextinguivel; sem embargo, o seu genio inquieto e ambicioso não os deixava em repouso. Os mais emprehendedores se reunirão em caravanas, e se dirigirão ao Norte por um territorio agreste e montanhoso, que hoje fórma o districto de Sabará, onde descobrirão novas minas, das quaes tomárão posse em 1690. Alli fundarão a cidade do mesmo nome, capital do districto, e enviarão para S. Paulo o producto de suas explorações. O ardor pela descoberta das minas tornou-se então geral e irresistivel entre os

Paulistas. Formão novas caravanas, e proseguem na empresa começada, caminhando para o Oeste do Rio de Janeiro através da cadeia de montanhas que separa da costa os terrenos auríferos. Combatem a cada passo com a tribu feroz dos *Botocudos*, e por fim lanção os fundamentos da povoação do *Ouro Preto* (1697), que foi mudada em 1711 para outro local com o titulo de *Villa Rica*.

A noticia correu bem de pressa em S. Paulo, e outros aventureiros se puzerão a caminho para irem partilhar a fortuna dos primeiros; mas estes não estavam dispostos a repartir o fructo de seus grandes trabalhos, comquanto fosse o ouro tão abundante, que a todos fartaria, se consentissem em minera-lo de commum accordo. Discussões continuas degenerarão em guerra aberta; os dous partidos vierão ás mãos, e depois de um combate violento, forão os segundos derrotados. Os mortos forão enterrados nas margens do rio, que d'ahi tomou e ainda hoje conserva o nome de *Rio das Mortes*. Informado el-rei destas desordens, e de outras que se preparavão, tomou a deliberação de enviar Antonio de Albuquerque, official de reconhecida capacidade, para que puzesse cobro áquellas desavenças.

Antes de passarmos adiante, cumpre aqui darmos conta da celebre reunião dos *Palmares*, de cuja existencia fallámos no Capitulo III, § 6. Dissemos então que havendo-se reunido grande numero de escravos fugidos naquelle lugar, se tinham tornado formidaveis a ambos os partidos, assim aos Portuguezes como aos Hollandezes, levando o terror e a devastação por todos os lugares vizinhos, até que se constituirão em Estado independente e soberano. Com effeito, fraca foi a sua origem, porque constava tão sómente de

quarenta negros armados, que alli se refugiárã; mas afluindo em pouco tempo muitos outros, ganhou a reunião um rapido e assombroso crescimento. Como os fugitivos não possuião sufficiente numero de companheiras, sahirão a procura-las a maneira dos Romanos, cahindo brutalmente sobre as habitações vizinhas, e apoderando-se de todas as mulheres de côr: Rocha Pita diz que o roubo das Sabinas não fôra nem mais completo nem mais geral.

Os salteadores dos Palmares imitarão ainda os antigos dominadores do mundo, saqueando as povoações, e commettendo mil outras barbaridades. Os agricultores de Porto Calvo, obrigados a comprar a alliança dos negros, lhes fornecião armas munições e outras mercadorias, e a colonia africana tomou um aspecto florescente e terrivel. A agricultura, a que os Palmarienses se entregárão com uma ordem e previdencia que fazem pasmar, adoçou seus costumes. Um chefe electivo e vitalicio, escolhido d'entre os mais bravos, denominado *Zumbé*, estava encarregado de vigiar sobre a segurança e augmento da povoação, executando por meio de ministros de sua nomeação uma especie de codigo, hoje infelizmente ignorado. A religião adoptada era provavelmente o Christianismo, alterado por muitas superstições gentilicas.

Mais de meio seculo tinha decorrido desde o começo do estabelecimento, quando o governo de Pernambuco amedrontado resolveu aniquilá-lo. Caetano de Mello, que governava esta capitania, de accordo com João de Lencastro, então vice-rei do Brasil, fez marchar sete mil homens de infantaria; porém os negros os repellirão vigorosamente. Comtudo como os atacantes conservassem em sitio a povoação, enquanto lhes

chegava a artilharia que haviam requisitado, e os habitantes circunvizinhos se tivessem concentrado neste ponto, veio a fome completar a ruina dos sitiados, fazendo-os succumbir aos primeiros tiros de canhão. Então vio-se um daquelles rasgos que atteslão ser o verdadeiro valor o mesmo em todas as especies do genero humano. Tendo que optar entre o horror do captiveiro e a morte, *Zumbé* e seus companheiros preferirão o ultimo partido, despenhando-se do pico de um rochedo alcantilado (1697). Os velhos, meninos e mulheres forão vendidos; extinguirão-se as mesmas ruinas da cidade, e só resta hoje dos *Palmares* a memoria de seus celebres habitantes.

III

Bispados do Brasil. Expedição mallograda de Duclero. Duguay-Trouin toma a cidade do Rio de Janeiro, que foi depois resgatada pelos seus habitantes.

O bispado da Bahia, creado em 1555, havia sido elevado á preeminencia de arcebispado em 1676. Um synodo diocessano, celebrado em 1707, organisou a Constituição deste arcebispado primaz; a qual, tendo sido approvada pelo governo portuguez, ainda hoje rege os bispados do Brasil. No mesmo anno de 1676, em que a Bahia tivera a primazia de arcebispado, forão as igrejas do Rio de Janeiro e Pernambuco, e em 1677 a do Maranhão, elevadas tambem á categoria de episcopaes. O Pará só teve esta preeminencia em 1720. Minas-Geraes e S. Paulo em 1746. Eis ahi pois os bispados que existião no Brasil, e que ainda existem,

com o accrescimo das duas prelazias de Goyaz e de Matto-Grosso, creadas igualmente em 1746, e que forão tambem elevadas a bispados por bulla do summo pontifice Leão XII, approvada pelo decreto da assembléa geral legislativa de 3 de Novembro de 1827.

Cessando, por morte de Carlos II, o ramo da dynastia austriaca que reinava na Hespanha, quiz Luiz XIV enthronisar nella seu neto o duque d'Anjou. D. Pedro II de Portugal fez ao principio uma alliança com a França; mas, cedendo á influencia do gabinete de S. James, rompeu esta alliança para se lançar nos braços da Inglaterra. Ateada a guerra de successão na Hespanha, não só abrasou toda a Europa, como tambem levou suas faiscas á America. D. Pedro figurava como auxiliar dos Inglezes, e tomou uma parte activa na contenda. Morto elle a 9 de Dezembro de 1706, subio ao throno seu filho e successor D. João V, que seguiu a mesma politica, e persistio na alliança que seu pai firmára contra Luiz XIV. A conducta de Portugal tinha excitado indignação geral em França. Armadores intrepidos fazião ricas presas sobre o commercio portuguez das duas Indias, quando um official da marinha franceza concebeu o atrevido projecto de vir apoderar-se do Rio de Janeiro.

O capitão Carlos Duclerc, preparando uma expedição de seis navios armados, com mil homens de desembarque, fez-se á véla do porto de Brest, e veio surgir no Rio de Janeiro em Agosto de 1710. O governador Francisco de Moraes e Castro, avisado pelos habitantes de Cabo Frio da aproximação do inimigo, preparou-se para a defensiva; mas sabendo que Duclerc desembarcára no porto da Guaratiba e marchava sobre elle, em vez de disputar-lhe o passo em terreno proprio, conser-

vou-se em inacção, e deixou que o invasor penetrasse na cidade, sem que das suas fileiras se disparasse um só tiro. Duclerc, animado com tão cobarde recepção, se dirigio sobre o palacio do governo; e o teria occupado, se Gregorio de Moraes e Castro, com quem a natureza fôra tão prodiga em coragem como avara para o governador seu irmão, não defendesse o posto durante tres horas, até cahir mortalmente ferido.

Esta heroica resistencia acendeu os brios de Francisco de Moraes, que se approximou então com suas tropas, quando já o inimigo tinha perdido quatrocentos homens. Duclerc, retirando-se, foi loucamente encerrar-se no trapiche da cidade. Então o governador, depois de infructuosa intimação, manda lançar fogo ao edificio que continha boa porção de polvora. Aqui cabe mencionar o nome de Francisco de Macedo Brito, que, possuindo naquelle lugar, além de importantes propriedades, sua esposa, mãe e filhos, se offereceu para executar este atrevido projecto, embora voasse elle com tudo que lhe era mais caro. Os Francezes, vendo-se em tão dura alternativa, depuzerão as armas, e rendêrão-se prisioneiros com seu chefe. Poucos dias depois, foi Duclerc aleivosamente assassinado na sua prisão, embaciando este acto de infame cobardia todo o lustre da brilhante defesa do palacio.

Chegarão á França estas novas desastrosas com pormenores ainda mais tristes; estremecêrão os Francezes de horror sabendo do abuso que se tinha feito da victoria; uma geral indignação occupou todos os animos, e o celebre Duguay-Trouin, um dos maiores homens de mar que a França possuia, jurou vingar os seus compatriotas. Apoiado pelo commercio de S. Maló, e auxiliado por Luiz XIV, obteve Duguay-Trouin armar

dezeseis navios de alto bordo, com quatro mil e quinhentos homens de desembarque, e com esta brilhante expedição appareceu na barra do Rio de Janeiro em 12 de Setembro de 1711. Entretanto o governo portuguez, atemorizado pela tentativa de Duclerc, tinha enviado para este porto quatro náos e tres fragatas, destinadas a transportar tropas e munições. debaixo do commando de Gaspar da Costa Atayde. Um navio entrado de Lisboa prevenio a capital; mas dias depois o governador, por fraco, vendido ou imprevidente, dando tal noticia por falsa, mandou desguarnecer as fortificações e as trincheiras que se havião construido.

Duguay-Trouin, a favor do vento, maré, espesso nevoeiro, e da pouca resistencia das fortificações, ganha a bahia, e vai occupar a desguarnecida fortaleza da Ilha das Cobras, que tinha sido abandonada imprudentemente: e d'alli começa a bater a cidade e o morro de S. Bento. Sem embargo, esta praça achava-se guarnecida com mais de oito mil homens, e a resistencia podia ser fatal ao inimigo, se este não tratasse logo de vencer quaesquer obstaculos, desembarcando todas as suas forças, e occupando todos os pontos mais proeminentes que dominavão as nossas fortificações. Com effeito, favorecido pelo fogo dos seus navios, que varrião as praias, e das suas lanchas armadas, foi desembarcar na praia do Vallongo em tres columnas: a da vanguarda dirigida pelo cavalheiro de Goyon, a da retaguarda por Adolpho Courserac, e a do centro pelo proprio Duguay-Trouin. A imprevidencia do governador tinha deixado esta paragem sem defesa; assim foi que a poucos passos estava o inimigo senhor do morro de S. Diogo e de outras posições importantes.

Estabelecidas as baterias para fulminar a cidade, antes de romper o fogo, escreveu Duguay-Trouin a Francisco de Moraes, exigindo os assassinos do capitão Duclerc, a liberdade de todos os prisioneiros, e uma quantia sufficiente que o indemniasse das despezas da expedição. O governador, procedendo nesta occasião por maneira que mal se compadezia com a sua conducta anterior, responde que não satisfará a nenhuma das condições exigidas, e conclue protestando que saberá morrer no seu posto. Com esta resposta negativa deu Trouin o signal convençionado para que todas as baterias rompessem o fogo sobre a cidade. Os navios francezes tinham ordem de atirarem juntos ao signal de terra, protegidos por uma noite tormentosa em que o céu se desfazia em raios, e as nuvens em agua.

Esta detonação simultanea, o ruido dos trovões, cem vezes repetido pelos échos das montanhas, e o clarão interpolado das bocas de fogo e dos relampagos, aterrarão por tal modo toda a população, e mais que muito ao governador, que, a despeito dos votos da maior parte dos chefes e officiaes, foi o primeiro a abandonar a praça, ganhando o interior do paiz. Todas as guarnições receberão ordem de deixarem as trincheiras e os pontos que guardavão; ficando deste modo deserta a cidade e á mercê do inimigo. Foi tão grande a desordem nesta retirada, que as mesmas tropas, umas forão ter com o governador ao rio Iguassú, outras com o mestre de campo João de Paiva a Irajá, e algumas se dirigirão para Maxambomba com Francisco Xavier. Duguay-Trouin informado deste abandono pela manhã, deu-se pressa de entrar na cidade para aproveitar o espanto dos Portuguezes com uma capitulação vantajosa.

Grande foi o trabalho que teve o general francez para conter o saque da cidade, a que se havia entregado a sua tropa, e sobretudo os prisioneiros do capitão Duclerc, que se tinham evadido das prisões. No meio desta desordem geral pôde apenas manter a disciplina com fortes castigos, salvando dest'arte muitos effeitos que forão depois resgatados por seus proprios donos. Entretanto Duguay-Trouin via bem que não era possivel conservar uma praça cercada por inimigos numerosos, e que todos os dias podião augmentar com os reforços do interior; tratou portanto de tirar partido do primeiro assombro, propondo o resgate da cidade, e ameaçando com a incendiar e arrasar no caso de não ser aceita a sua proposta. Depois de algum debate pela differença no preço, assignou o governador a affrontosa condição de pagar a Duguay-Trouin seiscentos e dez mil cruzados em moeda e quinhentas caixas de assucar, como contribuição de guerra, o que foi realisado dentro do prazo de quinze dias.

Tal foi o resultado da famosa empresa deste celebre aventureiro: em onze dias triumphou de todos os obstaculos, vic-se senhor da cidade mais importante do Brasil, e de todos os fortes que a defendião. Duguay-Trouin regressou á França a 13 de Outubro, levando, não obstante o naufragio de uma de suas melhores náos, noventa e dous por cento sobre o custo da expedição. Avalia-se em mais de seis mil contos a perda dos particulares, além de toda a esquadra encalhada, e parte incendiada pelo commandante Atayde. Se os Portuguezes se sustentão mais vinte e quatro horas terião recebido o possante soccorro de tres mil homens que descêrão de Minas Geraes, commandados por Antonio de Albuquerque Coelho, dous mil dos quaes erão de boa cavallaria e infantaria.

Assim outro que não fosse o inerte e cobarde Francisco de Moraes e Castro caro teria feito pagar ao invasor seu temerario arrojo (*).

IV

Tratado de Utrecht. A cidade de Marianna. Villa do Cuyabá. Villa Boa de Goyaz. Primeiro diamante achado no Brasil. Tratado de 1750. O Marquez de Pombal. Extinção dos Jesuitas.

A paz de Utrecht, trazendo de novo a tranquillidade á Europa, reconciliou tambem Portugal com a França. Um tratado particular entre as duas potencias assegurou os limites do Brasil pelo norte (11 de Abril de 1713). Pelo artigo oitavo desistia a França de todas as suas pretensões sobre as terras chamadas do Cabo do Norte, situadas entre o rio das Amazonas e o do Oyapock. A Inglaterra affiançava a inteira execução do tratado, e o Brasil já não tinha que temer da Europa. Depois da volta de Duguay-Trouin, o Rio de Janeiro cuidou de reparar as suas perdas, e Antonio de Albuquerque regressou para Villa Rica, deposito natural do producto das minas. Abriu-se de novo o commercio com o Rio de Janeiro, interrompido pela invasão dos Francezes; porém a tranquillidade que se gozava em Villa

(*) A cõrte de Lisboa que, por mal informada, havia remunerado o governador Francisco de Moraes e Castro, pelos serviços prestados na invasão de Duclerc, attribuindo a elle o que fõra devido ao denodo de seu irmão e ao temerario arrojo de Macedo Brito; mais bem inteirada agora, não só lhe retirou todos os seus favores, como o condemnou a degredo por toda a vida para os Estados da India.

Rica foi perturbada no Sabará, onde os Mineiros, resistindo ao imposto do *quinto*, pegarão em armas e se batêrão contra as tropas reaes. Submettidos pela força, sujeitárão-se a todas as condições do oneroso tributo, pagando a quinta parte do ouro das suas lavras.

No entanto crescia Villa Rica em população e riqueza; os seus habitantes, estendendo-se por todos os lados, fundárão a cidade a que derão o nome de Marianna, em honra da rainha, que assim se chamava. Os Paulistas, apesar de suas immensas riquezas, não perdião a mania das explorações. Foi um Paulista o primeiro que, penetrando pelos sertões até as cabeceiras dos rios Piahy e Gurguéa, fundou fazendas de criar no territorio do Maranhão, que depois se separou para formar a provincia do Piahy. Em outras direcções avançárão igualmente os Paulistas a largos passos pelo interior do paiz. Pascoal Moreira Cabral, subindo o rio Cuchipomirim, edificou nas suas margens algumas cabanas (1719). No seguinte anno mudou-se o arraial para o lugar da Forquilha, em cujas vizinhanças o ouro se offerencia em tanta abundancia, que no espaço de um mez se extrahirão quatrocentas arrobas deste metal. Em 1723, a povoação foi transferida para o sitio de Cuyabá, sujeita a S. Paulo, e recebeu o titulo de villa em 1729.

Uma tradição conservada em S. Paulo designa as minas dos Martyrios, ao presente desconhecidas, como descobrimento de Bartholomeu Bueno, explorador de minas, e que se fez tão celebre no principio do seculo XVIII. Este homem activo, depois de haver descoberto este novo manancial, voltou a S. Paulo para angariar trabalhadores, e levar instrumentos proprios de mineração: tornando pelo mesmo caminho, pa-

rece que se desviou das minas dos Martyrios, das quaes perdeu os vestigios em desertos immensos, por onde andou errante muitos mezes. Porém não forão totalmente mallogrados seus intentos, porque achou por fim as minas de Goyaz, que seu pai antes delle descobrira; Bueno tomou posse dellas, e se estabeleceu no lugar onde hoje está o arraial dos Ferreiros (1726). Foi destas minas que um filho do mesmo Bueno extrahio o ouro de que formou uma collecção de fructos brasileiros em tamanho natural, e os foi pessoalmente offer-tar a El-Rei D. João V. Em pouco tempo achou-se a povoação com mais de quatro mil almas, e foi então transferida para as margens do Rio Vermelho (1728), onde tomou o titulo de Villa Boa em 1730.

Este periodo da historia do Brasil se torna ainda mais notavel pelo descobrimento de novas e ficticias riquezas, que, arruinando o Estado, não pejar os cofres estrangeiros. Antonio da Fonseca Lobo, tendo penetrado no Serro do Frio, em cata de terras auríferas, achou o primeiro diamante (1729) em uma mina que enriqueceu os futuros exploradores. Muitos sertanejos se dirigirão logo para aquella paragem, que a natureza, como querendo occulta-la aos olhos humanos, cercou de altas e escarpadas montanhas. A' intrepida ambição paulistana se deve pois o descobrimento dos thesouros brasileiros; esta época porém, da qual pareceria datar a prosperidade destas colonias, é aquella em que mais se abandonarão as artes, e particularmente a agricultura, unicas bases solidas da felicidade das nações; por isso nenhum monumento existe de sua ephemera grandeza. A industria européa empresta hoje com avultados lucros aos Estados da America Meridional o mesmo ouro em que ha um seculo nadavão os ociosos colonos.

A nação portugueza, que tinha successivamente tomado novos caracteres analogos ás circumstancias, e sobretudo ao genio dos seus differentes soberanos, tinha cahido em uma especie de aviltamento, desde que não mostrava essa energia que a tornára assombro do Universo. A Inglaterra aproveitou-se desta degeneração dos Portuguezes para se apossar do commercio. Parecendo ao principio contentar-se com o seu ouro, aspirou por fim apoderar-se de todas as suas riquezas. O governo de D. João V, tolhendo a actividade e industria portugueza, foi produzir iguaes effeitos em todas as colonias. Mais de quarenta annos que este Principe occupou o throno offerecem uma longa e brilhante retrogradação, e fazem do seu reinado uma época de luto nos annaes de Portugal. Durante este periodo, é verdade que o Brasil tinha-se augmentado com muitos novos districtos de minas; porém estas riquezas, longe de produzirem nenhum beneficio ao paiz, só servirão para dar um falso brilho á côrte do monarcha, e sustentar todo o fausto do seu fanatismo religioso.

A côrte de Madrid, aproveitando-se da fraqueza de D. João V, a quem uma proxima morte ameaçava, fez adoptar á côrte de Lisboa o projecto da troca de algumas povoações do Paraguay pela colonia do Sacramento. Mas os Portuguezes do Brasil bem prompto conhecêrão que não poderiam jámais governar seus novos subditos, oppondo os Indios uma obstinação invencivel, decididos a não obedecerem senão aos seus soberanos espirituaes. De outro lado, a colonia do Sacramento recusava tambem reconhecer o rei de Hespanha, e foi necessario empregar, senão a força, ao menos o apparatus das armas para se conseguir a obediencia ás ordens da côrte. Gover-

nava então D. José I, Príncipe fraco, cujo reinado foi só memorável por terríveis catastrophes e pela administração do marquez de Pombal, ministro absoluto, tenaz e imperioso, a quem o Brasil sem embargo deve muito.

Apezar do quanto se imputa a Pombal, não era elle menos susceptível de conceber grandes idéas, de dispôr com madureza vastos planos, e de apressar a conclusão delles. Restabeleceu o commercio, e a este respeito lhe deveu Portugal vantagens reaes. Este ministro, homem de estado, não hesitou em atacar ás claras os vergonhosos tratados concluidos com a Inglaterra: formou duas companhias de commercio, rivaes do monopolio inglez, promulgou Ordenações salutaes, e conseguiu subtrahir Portugal á influencia britannica, debaixo da qual tornou depois a cahir. O Brasil não podia ser desprezado por um ministro occupado em tão grandes interesses nacionaes: confiando a repartição do Sul a Gomes Freire de Andrada, mandou para a do Norte a seu proprio irmão. Pelas relações que ambos estes governadores enviáráo á côrte, penetrou-se o marquez de Pombal da necessidade de extinguir o dominio dos Jesuitas.

V

Influencia da administração de Pombal sobre o Brasil. Guerra do Sul. Santa Catharina e a colonia do Sacramento cabem em poder dos Hespanhóes. Dona Maria I. Quêda do Marquez de Pombal. Tratados de 1777 e 1778. O Arraial do Tejuco. Grande diamante da Corôa de Portugal.

Era por sabios regulamentos, e vivificando o commercio, que Pombal fazia florescer o Brasil.

Prohibio que os colonos ricos, como era costume, enviassem suas filhas para os conventos de Portugal, da Hespanha e da Italia; animou o commercio das provincias do Norte por meio de uma companhia; autorisou aos navios mercantes para que pudessem sahir de Portugal ou regressar do Brasil, quando bem lhes parecesse, abolindo assim o nocivo costume de não navegarem senão em comboi, no que perdião tempo immenso, esperando uns pelos outros, com damno dos seus carregamentos; favoreceu todas as classes, especialmente os Indios, os escravos e homens de côr, por sabias pragmaticas; estimulou o genio dos Brasileiros, chamando-os aos mais elevados empregos; espalhou com mão prodiga a instrucção por todas as capitancias; protegeu as artes e as sciencias; animou a agricultura e o commercio; e tudo isto sem desattender á segurança do paiz, tanto interior como exteriormente. Não esqueçamos todavia um dos maiores beneficios da sua administração, e foi o pôr limites ao poder da inquisição, peando deste modo a tyrannia que este tremendo tribunal exercia sobre todas as consciencias.

No entanto as provincias do Rio de Janeiro e de Minas tiverão de soffrer differentes incursões dos selvagens Goytacazes e Botocudos em 1757 e 1758; porém o zelo e actividade do padre Angelo Peçanha puderão atalhar esta guerra barbara por meio de uma alliança concluida entre os Goytacazes e os Portuguezes de Minas; pacificação que nunca mais foi interrompida por parte destes selvagens; de tal sorte que, quando em 1767 a provincia de Minas foi atacada por todos os lados pelos Botocudos, governando Luiz Diogo Lobo da Silva, forão os Goytacazes chamados pelo padre Peçanha em auxilio dos Mineiros, e não só corrê-

rão em defesa de seus alliados, como cahirão sobre os Botocudos, fizerão nelles grande carnagem, e os forçarão a retirar-se para além do Rio Doce. Causará sem duvida assombro que esta nação brasileira, posto que em paz comosco, conserve ainda hoje a sua inteira independencia.

Hostilidades mais sérias ameaçavão o extremo meridional. Chegando á America a nova do rompimento da paz entre Portugal e a Hespanha (1762), D. Pedro Cevallos atacou de improviso a colonia do Sacramento, e continuando a sua marcha, foi occupar os fortes de S. Miguel, Santa Theresa e S. Pedro (1763). Neste mesmo anno mandou El Rei D. José transferir a capital do Estado do Brasil da Bahia para o Rio de Janeiro, onde se fixou o Vice-Rei, afim de mais facilmente acudir á guerra do Sul. Os Brasileiros por sua parte oppuzerão invasão a invasão; penetrarão pelo interior de Matto-Grosso até os estabelecimentos do Perú: fundarão a fortaleza da Nova Coimbra sobre o Paraguay; rechacarão do Rio Pardo um corpo de mil e seiscentos homens, derrotando-os completamente; e organisarão uma cavallaria errante, á maneira da dos Arabes Beduinos, tão terrivel que os Hespanhóes, acommettidos de um terror panico, fugião sómente ao seu aspecto.

Todavia as côrtes de Madrid e de Lisboa não se hostilisavão na Europa; fallava-se mesmo de ajustes de paz, comquanto Portugal recusasse dar uma satisfação reclamada pela Hespanha. Para vingar offensas que dizia ter recebido, pôz no mar a côrte de Madrid cento e vinte velas guarnecidas com dez mil homens de tropa de desembarque, dous mil soldados de marinha, armamento e munições em abundancia, e viveres para seis mezes. Esta grande armada partio no

primeiros dias de Novembro de 1776 debaixo do commando de D. Pedro Cevallos, que o Rei Catholico nomeára vice-rei e capitão-general de toda a provincia de Buenos-Ayres, com ordem de reprimir os excessos dos Portuguezes. A armada conseguiu mais na America do que as negociações na Europa. Os Hespanhóes tiveram a vantagem, e retomarão dos Portuguezes quasi todas as praças que estes lhes tinham arrebatado; apoderarão-se sobretudo da ilha de Santa Catharina, chave do Brasil meridional.

O marquez de Pombal quiz em vão oppôr algumas forças navaes á grande armada da Hespanha. O máo estado de saude de El-Rei D. José, e o embaraço de todas as partes da administração, tinham feito contra os interesses do Brasil uma poderosa diversão. A colonia do Sacramento, reconquistada e restabelecida pelos Portuguezes, experimentou a mesma sorte. El-Rei D. José não chegou a ver o fim desta guerra pouco honrosa: morreu em 1777, deixando o throno á sua filha D. Maria, casada com D. Pedro, seu tio. A desgraça de Pombal assignalou os primeiros momentos deste novo reinado. Os Portuguezes não perdoarão a este grande politico o uso arbitrario que fizera do poder; mas a historia imparcial deve reconhecer que as suas medidas e projectos tinham por alvo tirar seus compatriotas do abatimento em que se achavão, fazer reviver o commercio, e animar a industria nacional. A sua constante sollicitude pelo Brasil foi marcada por melhoramentos que o tinham levado a um ponto de prosperidade até então desconhecido.

O novo reinado poz termo ás contrariedades que dividião as duas nações na America por causa dos limites das respectivas colonias. O tratado de S. Ildefonso, concluido no mesmo

anno de 1777, determinou as fronteiras do Brasil pelo Sul e pelo Norte; e o do Pardo, assignado pelos mesmos plenipotenciarios em 11 de Março de 1778, estipulou as condições de amizade, garantia e commercio, que devião existir entre as duas corôas. O tratado de S. Ildefonso, limitando a immensa extensão da America Portuguesa, abandonava irrevogavelmente á Hespanha a colonia do Sacramento, e deixava livre a esta potencia a possessão da margem septentrional do Rio da Prata. Desde então viverão em paz as duas nações até 1801, em que novas causas vierão provocar em ambos os hemispherios uma guerra sem resultados.

Já dissemos como em 1729 foi achado o primeiro diamante no Brasil; mas foi só no reinado da rainha D. Maria I, e no fim do seculo XVIII, que os exploradores começãrão a procurar os diamantes no leito dos rios e nos barrancos. O Serro do Frio, que encerra a maior quantidade destas pedras preciosas, consiste em uma cadêa de montanhas que tem uma direcção Norte-Sul na provincia de Minas-Geraes. Formou-se alli o famoso estabelecimento do Tejuco, que designão debaixo do nome de Districto Diamantino, e cuja extensão é de dezeseis leguas Norte-Sul, e de quasi oito Leste-Oeste. O seu terreno, esteril para a agricultura, é regado pelo Jequitinhonha, o rio mais rico do mundo, pois que corre por um paiz semeado de diamantes. Para prevenir que a abundancia destas pedras não diminuisse o seu valor, creou-se uma administração real como monopolio da corôa, com prohibição de que ninguem mais explorasse aquelles terrenos.

Outras partes do Brasil, taes como o districto de Cuyabá e as montanhas de Guarapuara na provincia de S. Paulo, possuem tambem diamantes.

tes. Outros lugares ha em que igualmente se tem descoberto de mui bella agua. O maior diamante que possui a corôa de Portugal foi achado em 1800 perto de um regato, chamado Abayté, por tres malfeitoses condemnados a exilio: um ecclesiastico o apresentou ao governador de Minas. O volume prodigioso da pedra, pesando sete oitavas de onça, fez duvidar de que fosse diamante, até que reiteradas experiencias fizerão convencer da sua identidade. Esta maravilha foi enviada a Lisboa, e os degradados obtiverão o perdão. Uma companhia, que depois foi explorar as margens do Abayté, colheu apenas com que equilibrar as suas despezas.

VI

Projecto de revolução em Minas. O principe D. João regente de Portugal. Estado do Brasil no fim do seculo xviii. Guerra de 1801. Transmigração da familia real de Bragança para o Brasil.

Desde a paz de 1777 se conservava o Brasil em completa tranquillidade, quando um facto tão notavel por ser o primeiro que revelou assomos de independencia, como pela singular incuria com que se houverão os principaes que uelle figurárão, veio occupar todos os espiritos. Sendo Luiz da Cunha e Menezes governador de Minas-Geraes (1786), teve aviso de que uma conspiração com o fito de declarar independente aquella provincia, sob um governo republicano á imitação do da America Inglesa, estava a ponto de

rebentar. Tão chimerico intento não mereceu a attenção do governador; e os revolucionarios, ganhando maior vigor, tiveram tempo de ganharem novos socios nas differentes povoações de Minas.

Com a chegada de outro capitão general, o Visconde de Barbacena, por occasião de se effectuar a cobrança do imposto do ouro (1788), que tinha ficado em consideravel atraso, quizerão os insurgentes romper na revolta; mas, considerando então que a sua posição topographica, no interior do paiz, era menos propria para tal projecto, enviãrão ao Rio de Janeiro Joaquim José da Silva Xavier, denominado o *Tiradentes*, com o fim de alliciar partido nesta cidade. José Alves Maciel, natural de Minas, que acabava de regressar da Europa (*), asseverou ao emissario que as potencias que tinhão protegido a emancipação da Colonia Inglesa não deixarião de favorecer igualmente a causa de Minas-Geraes, e que poderião contar com um exercito francez e uma armada hespanhola ou hollandeza em seu favor ao primeiro grito de liberdade que soasse no Brasil.

Nada mais necessitou o inexperto *Tiradentes* para voltar a Villa Rica, contente da sua missão; e, o que mais espanta, isto bastou para que a maior parte dos conjurados contasse com feliz successo. Em ultimo accordo, depois de adoptarem novas leis e nova bandeira, resolvêrão pôr-se em

(*) E' provavel que este Maciel fosse o mesmo individuo de quem falla Thomaz Jefferson na sua carta de 4 de Maio de 1787, dirigida a John Jay desde Marselha, e cujo extracto vem á pag. 209 do tomo III da Revista trimestral do Instituto Historico, etc. Recommendamos a leitura deste extracto, que nos parece de grande importancia para a historia patria.

campo no momento em que o governo mandasse realizar a cobrança expressamente retardada; então soltando vivas á republica, esperavão que a tropa de linha, commandada pelo conjurado Francisco de Paula Freire de Andrade, se lhes unisse. Uma proclamação fazia conhecer ao povo que ficava desonerado de todos os impostos; o governador seria preso, ou assassinado em caso de resistencia, e em ultimo apuro, se prometteria liberdade aos escravos.

Nesta conjunctura, um dos conspiradores, por nome *Joaquim Silverio dos Reis*, denunciou todos os seus complices ao Visconde de Barbacena, que instruiu de tudo o vice-rei do Rio de Janeiro; em consequencia do que, forão immediatamente presos os denunciados sem a menor resistencia (1789), Joaquim José da Silva Xavier, julgado chefe da conspiração, foi o unico que expiou na forca o delirio de todos os rebeldes. Claudio Manoel da Costa e Joaquim da Silva Pinto do Rego Fortes morrerão na prisão; outros dez, igualmente condemnados ao ultimo supplicio, esperavão a hora final (encarcerados no mesmo edificio onde, por um estranho acaso, alguns delles vierão depois figurar como membros da Assembléa Constituinte), quando lhes foi intimada uma carta régia (1792), dirigida ao vice-rei Conde de Rezende, commutando-lhes a pena em degredo para diversos presidios d'Africa. Assim se mallogrou o insensato projecto de uma sociedade que mantinha no proprio seio o germen de sua destruição.

D. Pedro III, rei apenas titular, tio e marido da rainha reinante, morreu em 1786. Deste consorcio dous principes existião de contrarios caracteres, o mais velho, D. José, dava as mais bellas esperanças, enquanto o mais moço apar-

tado dos negocios, seguia as suas inclinações pacificas e religiosas. A morte arrebatou (em 11 de Setembro de 1788) o herdeiro do throno, D. João de Bragança veio a ser principe do Brasil. Chamado pela sorte para occupar o throno, vio-se dentro em pouco obrigado a lançar mão das rédeas do Estado pela molestia e impossibilidade da rainha sua mãe. Governou ao principio sem mais titulo algum particular que o de herdeiro presumptivo da corôa; porém como as circumstancias se tornassem mais difficéis para Portugal, tomou a 16 de Julho de 1799 o titulo de regente do reino (*).

Vejamos agora o estado do Brasil no fim do seculo que acabamos de passar em resenha. A America Portugueza achava-se dividida em dezeseite governos debaixo de differentes denominações, e constava do vice-reinado do Rio de Janeiro; de oito capitancias geraes, a saber: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso; e de oito governos subalternos, que erão os seguintes: Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Sergipe, Espirito-Santo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Ainda hoje subsiste a mesma divisão com o accrescimo tão somente da provincia das Alagoas, que foi desmembrada da de Pernambuco em 1817, como já tivemos occasião de dizer. Assim, pois, o Imperio acha-se hoje dividido em dezoito provincias da mesma fórma que existia antes da independencia, com a unica differença de que hoje

(*) Tendo governado em nome da rainha sua mãe desde 10 de Fevereiro de 1792 tomou o titulo de Principe Regente em virtude das leis fundamentaes da monarchia portugueza por decreto datado no palacio de Queluz aos 16 de Julho de 1799.

têm todas ellas a mesma categoria, ainda que distinctas representações segundo a população de cada uma.

As provincias do Norte, dadas inteiramente á agricultura e á criação, tinham augmentado com incrível rapidez a sua industria e riqueza, quando uma secca tremenda veio devastar os sertões, desde Pernambuco até Piauí, no ultimo periodo do seculo passado. Todavia, Maranhão exportava em abundancia arroz e algodão, Pernambuco algodão e assucar, e a Bahia assucar e tabaco, além do pão-brasil, que, por ser monopolio da corôa, pouco ou nada influia para a riqueza do paiz. Se pudessemos hoje avaliar a população daquellas provincias na éra de que tratamos, se pudessemos comparar o seu bem-estar daquelle tempo, suas commodidades, seus usos e costumes, sua afamada hospitalidade, sua vida patriarchal no seio da religião e da fé, quem sabe se teriamos a deplorar o nosso estado de progressiva civilisação em troco de algumas virtudes de que se gloriavão nossos antepassados! O certo é que as provincias do Norte, á excepção da Bahia e de Pernambuco, não têm tido o augmento proporcionado das provincias do Sul.

O acontecimento de Minas (1789) em nada tinha alterado a tranquillidade da repartição do Sul, de sorte que o augmento progressivo da população e do commercio foi espantoso nos ultimos annos do seculo XVIII. Ainda quando as minas não fossem já tão productivas, como em suas primeiras lavras, contudo a agricultura tinha supprido a falta dos seus productos, com a vantagem do accrescimo de industria e da mudança de costumes barbaros para outros mais suaves, consequencia da estabilidade dos povos agricolas, entre os quaes a familia é a primeira

necessidade. O café, que hoje forma a grande riqueza da maior parte do districto do Sul, foi um thesouro ainda na infancia que nos legou o seculo passado. Santa Catharina, e o Rio Grande de S. Pedro, sobretudo, prosperavão visivelmente, quando a guerra de 1801 veio alterar a marcha do seu engrandecimento.

Chegando ao Rio Grande a noticia da declaração da guerra pela Hespanha, cuidou logo o tenente general Sebastião Xavier da Veiga Cabral, que commandava naquella provincia, de providenciar ácerca da defesa de todos os seus pontos, afim de evitar uma surpresa dos Castelhanos pela extensissima linha das fronteiras. Estas medidas assustarão o inimigo, de sorte que abandonou immediatamente todas as vertentes da Lagôa Merim, ficando os nossos estabelecimentos cobertos pelo rio Jaguarão. O general Veiga Cabral, aproveitando habilmente este desanimo do inimigo, fez atacar o forte do Serro Largo, pelo coronel Manoel Marques de Souza, que o rendeu por capitulação depois de um pequeno fogo. Os Hespanhões abandonarão tambem as guardas de Batovy, Taquarembó, e o forte de Santa Tecla, que os nossos arrasarão. Desde então as partidas portuguezas talavão francamente os vastos campos áquem do Rio da Prata; dictou porém a prudencia que voltassem ao alcance dos soccorros e da defesa.

Todavia, não é tanto para admirar o valor dos nossos chefes e tropas do Rio Grande, como o arrojo inaudito de vinte aventureiros, que, commandados por Manoel dos Santos Pedroso, conquistarão os sete povos das Missões com a presteza do raio, engrossando suas fileiras com outros aventureiros, que depois dos primeiros successos se lhes forão reunir. Os Hespanhões forão por

toda a parte batidos, expulsos e perseguidos até além do Uruguay. Assim, por um golpe de audacia, um punhado de homens, sem armas nem munições, que foi preciso arranca-las valorosamente dos proprios inimigos, annexou esta porção de territorio aos dómínios portuguezes. A morte porém do general Veiga Cabral veio pôr em confusão toda a provincia pela orphandade do governo, e muito mais pela desavença entre os chefes, que aspiravão ao mando superior. O Serro Largo foi de novo occupado pelos Hespanhóes, e novos conflictos ião apparecer, quando se houve noticia da paz celebrada em virtude do tratado de Badajoz.

Tal era nesta época o estado do Brasil, que iguala em extensão aos maiores Imperios do mundo, e que não era então senão uma colonia de uma das mais pequenas monarchias. Vejamos como esta possessão colonial se tornou o assento do governo e a metropole da monarchia portugueza.

Em vão se esforçava Portugal por ficar neutral na grande luta que acabava de se empenhar entre a Inglaterra e a França. Velhos tratados e relações intimas fazião inclinar a côrte de Lisboa em favor da causa de sua antiga alliada. Finalmente exigio a França que o regente de Portugal se explicasse com franqueza, e requereu que annuisse sem demora ao systema continental. O principe regente tudo prometteu, mas retardou a execução debaixo de diversos pretextos, até que, urgido e ameaçado por uma invasão repentina, declarou a guerra á Inglaterra, oito dias depois que o embaixador francez deixara Portugal.

Neste mesmo tempo a esquadra do almirante Sidney Smith estabeleceu o bloqueio mais rigoroso

na embocadura do Tejo. Lord Strangford, embaixador inglez, não deixou ao regente senão a alternativa de entregar a sua armada á Inglaterra, ou de a empregar immediatamente para transportar a familia real de Bragança ao Brasil, afim de a subtrahir á influencia do governo francez. O momento era decisivo : o exercito de Napoleão penetrava nas montanhas da Beira ; um partido vigoroso podia sómente salvar a monarchia , e cumpria escolher entre Portugal invadido e o Brasil intacto. Não ficava portanto ao regente outro recurso senão trocar uma situação precaria na Europa por um imperio vasto na America (*). De repente tira-se o principe de suas indecisões, e promulga um decreto real, em que annunciava a sua intenção de se retirar para o Rio de Janeiro até a conclusão de uma paz geral.

Nomeou depois uma regencia para a administração do reino durante a sua ausencia ; fez embarcar os archivos, o thesouro e os effeitos mais preciosos da corôa ; e estando tudo disposto para

(*) O Padre Antonio Vieira já tinha lembrado este arbitrio a D. João IV ; e antes delle o Jesuita Camara a D. Sebastião. Diz-se tambem que o Marquez de Fombal o suggerira a D. José I ; outros porém asseverão que fôra D. Luiz da Cunha. Na grande luta em que a Europa se achou empenhada no fim do seculo passado , o celebre Pitt concebeu a idéa da trasladação da Casa de Bragança para o novo hemispherio, como se collige de um opusculo daquelle ministro, que se acha traduzido na nossa lingua. Esta resolução, que parecia momentanea, era pois o resultado de um plano, ha muito concebido pelos Inglezes, que em politica são os melhores mestres, como tinhão sido os Jesuitas, que primeiro o aconselhãõ. O que teria sido o Brasil se D. Sebastião, seguindo o conselho do Padre Camara, em vez da expedição da Africa, em que elle e o seu reino se perdêrão, tivesse vindo fundar uma monarchia deste lado do Atlantico ? Quaes terião sido os destinos da nossa patria ?

a sua partida, dirige-se ao porto, acompanhado por sua familia e por uma multidão de vassallos fieis, que o seguirão até a bordo da sua frota. Na manhã do dia 29 de Novembro de 1807 passou a armada real através da esquadra ingleza, que a salvou com vinte e um tiros. Esta salva foi correspondida, e as duas esquadras se reunirão, offerecendo deste modo um espectáculo nunca visto. A armada portugueza ganhou dentro em pouco o alto mar, escoltada pela britannica, transportando para o Brasil as esperanças e a fortuna da monarchia portugueza.



CAPITULO VI.

1808 — 1821.

I

A familia real chega ao Brasil. Entusiasmo geral. Os portos do Brasil abrem-se a todas as nações amigas. Novos e importantes estabelecimentos. Tomada e occupação de Cayena. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Os aventureiros que acompanharão a familia real. O Brasil elevado á categoria de reino.

Durante a viagem foi dispersa a esquadra por uma tempestade, arribando alguns navios a varios portos do Brasil, e vindo ter outros directamente ao Rio de Janeiro. Entre os que arribarão á Bahia, achou-se a capitanea, em que vinha o principe regente, a qual entrou e fundeou no porto no dia 19 de Janeiro de 1808. É impossivel descrever o entusiasmo com que Portuguezes e Brasileiros recebêrão e festejarão o chefe da casa de Bragança; basta dizer que durante a sua estada naquella cidade, testemunhárão os habitantes da Bahia a sua affeição e lealdade por toda a classe de demonstrações de regozijo, de grandeza e de magnificencia, que os seus meios e fortunas podião proporcionar-lhes. Querendo dar ao principe uma prova mais solida da sua dedicacão e do seu grande respeito, votárão unanimemente uma somma enorme afim de

edificar um palacio para a familia real, se o principe se dignasse residir entre elles; mas as razões de Estado não lhe permitirão que accedesse aos desejos e supplicas dos habitantes da Bahia.

Os do Rio de Janeiro, mais felizes, receberão no meio do enthusiasmo geral o seu soberano (7 de Março), que estabeleceu nesta moderna capital do Brasil o assento da monarchia portugueza. Nenhum porto do mundo está mais bem situado para o commercio; tem uma entrada segura e uma facil sahida, e parece destinado a ser o centro da cadêa que prende as relações entre as cinco partes do globo. A presença de um governo activo e sabio era tudo quanto faltava a tantas vantagens reunidas. Nove dias depois da sua chegada á Bahia (28 de Janeiro) fez o regente publicar uma carta régia, franqueando os portos do Brasil á Inglaterra e ás potencias em paz com a corôa de Portugal, com a imposição sómente de vinte e quatro por cento de direito de importação; medida de grande consequencia para o engrandecimento do paiz, e devida aos conselhos e instancias do conde da Ponte, então governador e capitão general da provincia da Bahia.

Em 21 de Outubro do mesino anno se organisou um banco nacional no Rio de Janeiro. Creárão-se logo os principaes tribunaes para a administração da fazenda e da justiça; promulgou-se um decreto permittindo o livre exercicio de toda a especie de industria; estabelecerão-se varias repartições de segunda ordem para regular o commercio, fabricas e outros objectos, e finalmente montou-se a imprensa régia. A todas estas vantagens, devidas á solitudine de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois conde de Linhares, accrescêrão outras de não menos importancia; fundárão-se academias para a mari-

nha e para o exercito, e outra medico-cirurgica ; abrirão-se ao publico as portas da bibliotheca real ; creárão-se varios outros estabelecimentos , como o archivo militar , o arsenal de guerra e a fabrica da polvora. Finalmente recommen- dou-se aos capitães generaes e governadores das provincias que abrissem caminhos, facilitassem as communicações , e animassem por todos os meios possiveis a agricultura, as fabricas e a navegação.

Entretanto a invasão repentina dos Francezes em Portugal, sem prévia declaração de guerra, tinha collocado o principe regente na necessidade de declara-la á França ; e isto foi o que elle fez logo depois que chegou ao Rio de Janeiro (1º de Maio). Declarada a guerra, não era possível permittir que a colonia franceza de Cayeya se conservasse ás portas do Brasil ; deu-se portanto ordem para preparar uma expedição, que devia organizar-se no Pará, onde era governador José Narciso de Magalhães e Menezes. Um corpo de Pernambuco embarcou para o Amazonas, e d'alli com outras tropas em numero de novecentos homens ao mando do tenente-coronel Manoel Marques, com duas embarcações de guerra, foi desembarcar no continente ; apoderando-se logo de tres pontos principaes, obrigou o governador da colonia , Victor Hugues, a pedir capitulação. Os Brasileiros entrâo triumphantes na praça, na qual se arvorou a bandeira nacional, sahindo a guarnição franceza de seiscentas praças com todas as honras da guerra (1809), debaixo da condição de ser transportada para França em navios portuguezes.

Esta pequena correria, pois não merece outro nome, não distrahiu as vistas do sabio ministro conde de Linhares, sempre dirigidas ao melho-

ramento desta importante parte da monarchia. A agricultura sobretudo lhe mereceu constante protecção, assim por meio de novos colonos mandados vir expressamente das Ilhas dos Açores, e que se espalhárão pelas provincias da Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, como por uma colonia chinesa contractada para occupar-se no plantio e preparação do chá, cuja cultura forma hoje um dos ramos da nossa industria agraria. Fundárão-se quatro jardins botanicos em diversas capitánias, concedendo-se generosos premios, pecuniarios ou honorificos, aos que introduzissen no Brasil quaesquer plantas exoticas; mandou-se vir expressamente de Cayena um naturalista (Monsieur Germain) para dar começo a estes estabelecimentos; e muito mais teria feito aquelle ministro, se a morte o não arrebatára tão cedo (1812), com geral sentimento de todos os Brasileiros.

De mistura com estas vantagens alguns males sobrevierão: um enxame de aventureiros, necessitados e sem principios, acompanhou a familia real; foi necessario portanto admitti-los nos differentes ramos da administração. Existindo desde muito tempo a rivalidade entre Portuguezes e Brasileiros, este procedimento da parte do governo veio ainda mais augmenta-la; além de que os novos hospedes pouco se interessavão pela prosperidade do paiz; considerando temporaria a sua ausencia de Portugal, tratavão mais de enriquecer-se á custa do Estado do que de administrar justiça ou beneficiar o publico. Era igualmente notavel a extravagancia e prodigalidade da côrte; ao mesmo tempo que a *Ucharia* por si só consumia seis milhões de cruzados, e as suas despesas erão pontualmente pagas, os empregados publicos estavam atrasados nove e doze mezes na

percepção de seus honorarios; vião-se por isso necessariamente obrigados a recorrer á prevaricação para poderem subsistir.

Apezar de todos os beneficios que o conde de Linhares tinha proporcionado ao paiz, de muitos mais necessitava ainda, e só um genio como o seu poderia proseguir, depois da sua morte, na importante tarefa que elle tinha começado; mas infelizmente para o Brasil nenhum dos seus successores merece igual honrosa menção, com excepção talvez do conde da Barca, pelo estabelecimento da Academia de Bellas-Artes. O governo jazeu tres annos em quasi perfeita apathia, até que o principe regente, tendo creado, além de muitos tribunaes necessarios á moderna côrte de tão extensos dominios, dez novas comarcas, e vinte nove villas, elevou o Brasil á categoria de reino, unido aos de Portugal e Algarves (1815). Antes, porém, de progredirmos no nosso empenho, convem não esquecer uma serie de factos anteriores, que se prendem a outra época mais remota, e bem funesta para o Brasil: queremos fallar da influencia que teve sobre nós a revolução do Rio da Prata.

II

Revolução e independencia de Buenos-Ayres. Exercito de observação nas fronteiras do Rio-Grande. Campanha de 1811 e 1812. Armisticio. A divisão portugueza de voluntarios d'El-Rei. Campanha de 1816 e 1817. Occupação de Montevidéo e da colonia do Sacramento.

Havendo-se pelos annos de 1808 e 1809 ateado em Buenos-Ayres o fogo da insurreição, começou

ali a lavar a horrorosa guerra civil, que tão longa e sanguinosa tinha de ser. O vice-rei D. Balthazar Hidalgo de Cisneros havia sido deposto em 25 de Maio de 1810, e substituído por uma junta de nove membros, que em fins do mesmo anno mandou fuzilar o general Liniers, vencedor dos Ingleses em Agosto de 1806. O Paraguay e Montevidéo ardião no mesmo fogo, e a guerra de partidos devorava aquellas provincias. Não podia o Brasil ser indifferente ao proximo perigo; organisou-se portanto um exercito de observação na fronteira meridional da provincia de S. Pedro, dividido em duas columnas: a primeira commandada pelo marechal de campo Manoel Marques de Souza, e a segunda pelo de igual patente Joaquim Xavier Curado.

Commandava em chefe o capitão-general da provincia D. Diogo de Souza, depois Conde do Rio Pardo, e passou revista ás duas divisões successivamente nos mezes de Fevereiro e Março de 1811. Restava-lhe prover na defesa da fronteira de Missões: em Abril marchou para ali com uma columna das tres armas o coronel João de Deus Mena Barreto. Em Maio o coronel Rondeau com as tropas de Buenos-Ayres cercou Montevidéo; Elio, que ali mandava por parte da Hespanha, vendo-se sem recursos, pediu auxilio ao general portuguez. Concentrado o exercito em Bagé, não foi possivel marchar d'ali no rigor do inverno para atravessar uma distancia de mais de cem leguas com os fracos meios que possuia; indispensavel foi descer á Lagôa Merim, e seguir em 17 de Julho na direcção do Jaguarão. O general Marques adiantou-se, e occupou o Serro Largo.

Os insurgentes abandonarão tambem o forte de Santa Thereza, depois de o haverem minado; porém reparadas as pequenas brechas, o general

deixou nelle sufficiente guarnição, e continuou a sua marcha victoriosa por toda a campanha até Maldonado. Aqui alcançou um expresso do governador Elio, participando o armisticio arranjado com Rondeau, e requisitando vivamente a retirada das tropas portuguezas; parecia receiar mais da nossa fé do que da de seus verdadeiros inimigos, e por isso precipitou essa ephemera convenção. Previendo o nosso general as consequencias, não annuo ás instancias daquelle a quem vinha socorrer. Rondeau, que tinha ordem de evitar todo e qualquer encontro com o exercito pacificador, levantou o cerco, e repassou o Prata, enquanto Artigas atravessava o Rio Negro, levando por diante os habitantes da campanha, desde o Rio de Santa Luzia até o Guaraim.

Novos motivos vierão animar as operações: o exercito pacificador deixou em 16 de Março de 1812 os quartéis de Maldonado, e a 2 de Maio chegou ás immedições de Paisandú, tendo feito noventa e sete leguas de uma marcha laboriosa; nesta segunda campanha os combates forão mais frequentes e gloriosos. Artigas havia voltado áquem do Uruguay com tres mil homens, porém o coronel Costa, acoessando-o com a sua columna, o levou de rojo até o outro lado. Nas costas do Rio Negro, no Salto, nas immedições de Serro Largo, e em outras diversas paragens forão os patriotas completamente batidos. Em meio destas victorias, annunciou-se um *Parlamentario* no quartel-general portuguez (10 de Junho), que vinha de parte da junta de Buenos-Ayres, e do enviado portuguez João Rademaker, trazendo a convenção de um armisticio por tempo indefinido, e o aviso para que o exercito se retirasse para as nossas fronteiras. O general deu immediatamente a ordem de marcha, e no dia 12 de

Setembro as columnas se dirigirão aos quartéis que lhes forão destinados em Bagé e na guarda da Conceição.

Releva notar que o gabinete portuguez, longe de ratificar este vergonhoso armistício, o mandou immediatamente reclamar por ser contrario ás instrucções que tinha levado o agente que o negociou; porque, ainda no caso de uma suspensão de armas, nunca devia ser indefinida, e só durante o tempo necessario para se levar a effeito o arranjo que Sua Magestade Britannica se propunha conseguir como mediadora. Não se comprehende como fosse depois approvada; é mais uma razão para acreditar que a chave mestra para a explicação das negociações, e da conducta politica do gabinete do Rio de Janeiro neste e no seguinte periodo, jaz e talvez por longo tempo jazera em segredo. Todavia a munificencia real não deixou sem premio o exercito que havia feito prodigios de valor; deu-lhe uma medalha de distincção, promoveu os officiaes aos postos immediatos, e condecorou o general com a Grã-Cruz da Ordem de Christo, e mais tarde com o titulo de Conde do Rio Pardo.

Entretanto Montevidéo succumbio aos esforços da junta de Buenos-Ayres em 1814. Este triumpho não bastou ainda assim para saciar a sede de sangue de que se nutrião as novas republicas, ameaçando com seus furores intestinos a paz de seus vizinhos. Por outro lado, desassombrada a Hespanha do dominio francez, tratava de recobrar suas antigas colonias. Bem fosse a necessidade de prover á segurança dos limites meridionaes do Brasil, ou alguma convenção com a Hespanha, o certo é que D. João VI mandou vir de Portugal uma luzida divisão, composta de voluntarios (1816), a que se unirão outras tropas

brasileiras, e com ellas mandou occupar a banda oriental do Rio da Prata. As campanhas de 1811 e 1812 forão movimentos de transição, a de 1816 porém effectuou progressivamente uma revolução, que principiou logo pela occupação do paiz, e acabou por incorpora-lo ao Brasil, persistindo ainda depois da independencia com o titulo de *Provincia Cisplatina*. Mas não anticipemos os factos.

Emquanto o general Carlos Frederico Lecor, depois Visconde da Laguna, com a divisão dos voluntarios d'El-Rei marchava sobre Montevideo, o general Curado com as tropas brasileiras defendia as Missões contra o chefe Artigas, que emprehendia subleva-las. Destacando o coronel José de Abreu, depois Barão do Serro Largo, com uma columna de seiscentos e trinta homens, logrou este chefe derrotar Artigas em S. Borja, depois de ter varrido as margens do Uruguay das partidas que as infestavão. Pouco depois o general João de Deos Menna Barreto conseguiu outro triumpho entre o Guaraim e o Ubaraguay. Achando-se as tropas brasileiras acampadas em Catalan, veio sorprendê-las o cabecilha D. José Verdun, cahindo de improviso sobre elles; e teria logrado a sua completa derrota, se o general Joaquim de Oliveira Alvares com a legião de S. Paulo não tivesse sustentado a acção até a chegada do coronel Abreu, que logo fez inclinar a victoria para a nossa parte (1817).

A perda do inimigo em Catalan foi immensa, e muito mais pelo que aconteceu depois. Uma partida ás ordens de Bento Manoel Ribeiro surpreendeu completamente outra de Verdun, em que este se achava, fê-lo prisioneiro, e o enviou a Porto Alegre com muitos outros Hespanhóes. Finalmente as nossas fronteiras estavam desassombradas

e livres do contágio revolucionario. Por outra parte, o general Lecor avançando pela campanha, destacou o general Sebastião Pinto de Araujo Corrêa com alguma tropa para occupar o forte de Santa Thereza, de que se apossou quasi sem resistencia. Depois seguiu para *India Morta*, e ali derrotou a Fructuoso Rivera, enquanto o general Lecor occupava Maldonado, d'onde marchou sobre Montevidéo, tendo previamente combinado os seus movimentos com os da pequena esquadra commandada pelo Conde de Vianna.

Uma deputação da municipalidade o veio receber, entregando-lhe as chaves da praça, na qual entrou triumphante (20 de Janeiro de 1817), havendo-a antes abandonado o chefe D. Manoel Barreros, que a commandava em nome de Artigas. Depois mandou o general Lecor a Manoel Jorge Rodrigues com dous batalhões occupar a colonia do Sacramento, que já se tinha pronunciado em favor dos Portuguezes, e uma brigada assenhorear-se do Serro Largo. Taes forão os principaes feitos do exercito na abertura da campanha do Sul. A tomada e occupação de Montevidéo, Colonia e Maldonado, além de ser um brilhante começo de operações, muito concorreu a principio para a diminuição dos numerosos piratas que, com bandeira de Artigas, infestavão as nossas costas, por ficarem assim privados dos principaes portos onde se armavão e recolhião.

III

Morte da Rainha. Revolução de Pernambuco. Causas principaes deste acontecimento. Conselho de guerra. Morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro. O governador capitula no forte do Brum, e parte para o Rio de Janeiro. Governo provisório.

Emquanto estes acontecimentos se passavão no Sul, succedião outros de não menos gravidade no Norte. Entretanto a rainha de Portugal, D. Maria I, que havia já muito tempo vivia em estado de demencia, tinha n.orrído no dia 20 de Março de 1816. A sua morte não trouxe alteração alguma na administração, porque o Príncipe Regente, que devia succeder-lhe, era de facto rei, e governava como tal desde 1799. Cabe agora relatar um acontecimento desgraçado, cujo sanguinolento desfecho derramou o luto sobre uma provincia inteira, paralyzando por muitos annos sua crescente prosperidade, e arruinando muitas familias, que ainda hoje soffrem a consequencia da barbara legislação daquelles tempos. Fallamos da mallograda revolução de Pernambuco, que acaeceu no dia 6 de Março de 1817.

Duas forão as causas principaes daquelle successo: uma, e a que apressou o golpe, foi sem duvida a crescente rivalidade entre Portuguezes e Brasileiros, como dissemos no § 1º deste capitulo; e outra, toda politica, estava relacionada com a situação violenta em que se achava Portugal, quasi sujeito ao dominio absoluto do marechal Beresford. Com effeito, a cõrte do Rio de Janeiro, em vez de desarraigal com justiça

imparcial a nascente discordia entre subditos de ambos os hemispherios, fomentava-a, crendo que só a desunião dos animos poderia perpetuar o seu dominio. O descontentamento e as queixas erão iguaes em todas as provincias; cevando-se esse odio com a persistencia da causa que o originava, cedo ou tarde deverião apparecer violentos effeitos; o mal não podia curar-se sem remedio energico, e deste genero nenhum outro apresentava-se, á excepção da independencia do corpo que soffria.

Já os Estados-Unidos a havião obtido, e as colonias hespanholas a disputavão com esperanças de bom successo. O Brasil, estimulado por exemplos de tanta magnitude, e com a consciencia da propria força, era impossivel que permanecesse em inacção. Por outro lado, Portugal não podia soffrer com resignação que a metropole da monarchia estivesse por mais tempo no Brasil. O Principe Regente tinha promettido voltar depois de concluida a paz geral, e esse termo tinha-se alcançado em 1815.

Portugal, reduzido a uma colonia da Inglaterra, attribuia a indecisão d'El-Rei em voltar para a sua antiga côrte, ás intrigas e manejos do gabinete inglez. O marechal Beresford, com um grande numero de officiaes da sua nação, continha Portugal debaixo da sua dependencia por tal fórmula, que mais parecia o lugar-tenente do reino do que chefe do exercito. A sua autoridade, como membro do governo, excedia em muito a que tinham seus collegas.

Dest'arte cumpria forçar El-Rei a regressar para Portugal, e o meio mais obvio parecia ser o da exclusão de todos os Inglezes do exercito e dos mandos mais importantes, e mui principalmente do general Beresford de toda a participa-

ção da autoridade civil. Com este fim preparou-se uma revolução em Portugal, na qual entravão as pessoas mais gradas de todo o reino. Todavia este passo não produziria só por si o effeito desejado, se El-Rei de algum modo não fosse impellido a deixar o Rio de Janeiro por algum outro acto independente daquella revolução; e para isso imaginou-se que outro movimento preparado no Brasil podia coadjuvar a consecução do plano premeditado. Os Portuguezes com a volta do monarcha não querião comtudo a separação do Brasil; mas os Brasileiros, que almejavão a independencia, e que tinhão por grande obstaculo a presença de El-Rei no Rio de Janeiro, abraçárão cordialmente o plano de Portugal, antevendo a realização de todos os seus projectos.

Este plano assim traçado foi, tanto em Portugal como no Brasil, desenvolvido por meio da *Maçonaria*, a cujo sigillo estava adstricto. De todas as provincias era Pernambuco a que já em 1816 contava maior numero de *Loges*: a tolerancia do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro concorria para essê extraordinario progresso. Os Mações, como se a lei de sangue que os proscrevia tivesse sido abrogada, congregavão-se quasi em publico, banquetevão-se frequentemente, e em seus brindes manifestavão seus generosos designios. Isto bastou para irritar ainda mais os Portuguezes, sempre desconfiados e ciosos, porque vião em tudo aquillo uma ameaça contra o seu predominio. Sem embargo Caetano Pinto conservava-se sempre indifferente, até que uma circumstancia bem trivial veio excitar todas as desconfianças: um Portuguez, que soltou algumas palavras injuriosas contra os Brasileiros, foi espancado por um official do regimento de Henrique Dias.

Este facto, apenas individual, tomou um caracter de partido, e assustou o governador; desde então a desconfiança o subjogou, e a fidelidade dos officiaes brasileiros pareceu-lhe duvidosa. Neste estado de effervescencia, um Ilhéu obscuro veio ainda augmenta-la, dando a denuncia de uma conspiração tramada pelos Brasileiros contra o legitimo soberano; em consequencia do que o governador convocou a conselho os officiaes generaes portuguezes, que estavam no Recife, com exclusão do brigadeiro José Peres Campello, porque era nascido em Pernambuco. Esta excepção basta para ajuizar do espirito de animosidade que então dominava. A denuncia foi considerada verdadeira por todo o conselho, e ordenada portanto a prisão dos paisanos denunciados, a de tres capitães de artilharia, Domingos Theotonio Jorge Pessoa, José de Barros Liwa e Pedro da Silva Pedroso, a do tenente secretario do mesmo corpo, e a do ajudante de infantaria Manoel de Souza Teixeira.

Designados os individuos que devião ser presos, forão encarregados: o marechal José Roberto de mandar prender os paisanos, o brigadeiro Salazar, que commandava o regimento de infantaria, de o fazer ao seu ajudante, e o brigadeiro de artilharia Manoel Joaquim Barbosa de Castro aos officiaes do seu commando. Tudo se teria levado a effeito, se o brigadeiro Manoel Joaquim, Portuguez altivo, orgulhoso e severo, não se persuadisse que nenhum dos seus subditos ousaria desobedecer-lhe em face. Com esta presumpção manda avisar aos officiaes do seu regimento, e á hora indicada apresenta-se no quartel. Assim reunidos, começou o chefe a fallar em tom insolente da agitação da provincia, e depois de um pequeno altercado com o capitão Domingos Theo-

tonio, deu-lhe a ordem de prisão, e o mandou para a fortaleza das Cinco-Pontas. Dirige-se então para José de Barros Lima com a mesma insolencia; porém não havia concluído a phrase, quando este capitão, desembainhando a espada, lhe atirou uma estocada.

Em vão procurou o brigadeiro defender-se: assaltado ao mesmo tempo pelo secretario, que lhe ficava á esquerda, succumbio aos repetidos golpes. Entre todos os officiaes que estavam presentes, nenhum ousou oppôr-se áquelle ataque, que mais parecia desforço do que aggressão, tanta tinha sido a imprudencia do desgraçado chefe. Um official portuguez, que alli se achava, corre a dar parte ao governador desta scena, enquanto outros officiaes, cobrando alento depois do facto consummado, corrêrão aos quarteis e puzerão a tropa em armas. Caetano Pinto, pensando ainda poder obstar á revolta, expede o seu ajudante de ordens, o tenente-coronel Alexandre Thomaz, para que fosse reunir a tropa, e prender os officiaes amotinados; porém o capitão Pedroso, que já tinha municiado alguns soldados, apenas o reconhece, manda fazer-lhe fogo, e o misero cahe por terra, banhado em seu proprio sangue.

O governador ouviu os tiros, e sabendo da morte do seu ajudante, abandonou o palacio, e foi encerrar-se na fortaleza do Brum. A confusão crescia, continuava o rebato, os soldados recolhião-se ao quartel, e os milicianos corrião incertos, uns a reunir-se á tropa de linha, outros para o campo do Erario, onde casualmente encontrárão o marechal José Roberto, que os detinha e armava para repellir qualquer ataque. Os presos politicos forão logo soltos, e não sabemos porque fatalidade tambem o forão os da

justiça, que, espalhados pela cidade, commettê-
rão alguns attentados; porém o caracter da revo-
lução não permittia a pestilente coadjuvação
daquelles malvados, e dias depois forão todos de
novo recolhidos á mesma prisão, d'onde não de-
verião ter sahido. Nesse momento de surpresa
alguns Portuguezes tentárão cortar a ponte do
Recife para conservarem o bairro de S. Pedro
Gonçalves; mas o tenente Antonio José Henri-
ques chegou a tempo de os dispersar, e occupou
aquella parte da cidade, da qual Caetano Pinto,
por uma resolução inconcebivel, tinha mandado
retirar todas as guardas. É para louvar, e talvez
coisa nunca vista em nenhuma outra revolução,
a boa ordem que guardárão os officiaes e soldados
de linha, respeitando a propriedade e o asylo de
todos os cidadãos: nenhuma casa foi violada, nem
um roubo se perpetrou.

As quatro horas da tarde dirigirão-se algumas
tropas ao campo do Erario, onde ainda se con-
servava o marechal José Roberto com os milician-
nos, que se lhes tinham ido juntar; depois de
algumas explicações, seguiu o marechal para a
fortaleza do Brum, acompanhado por um official,
e os milicianos se incorporárão á tropa de linha
com grande jubilo de todos. Finalmente, toda a
cidade e seus contornos se tinham pronunciado
pela revolução; faltava tão sómente a fortaleza
do Brum, onde persistia o governador com
alguns officiaes generaes e uma pequena guar-
nição. O seu caracter pacifico era bem conhecido,
e por isso, longe de empregar-se a força, occur-
reu-se ás vias de uma capitulação honrosa para
elle, debaixo da condição de abandonar a pro-
vincia, o que se conseguiu no dia seguinte pela
manhã. Foi portanto enviado para o Rio de Ja-
neiro, em uma embarcação expressamente pre-

parada com este fim, onde logo que chegou foi recolhido á prisão da Ilha das Cobras, sem que se lhe permittisse fallar a nenhum dos ministros de estado, como requeria. Jámais povo ou tropa em iguaes circumstancias mostrou tanta moderação na victoria : ao odio succedeu a compaixão, e a desgraça foi respeitada.

As congratulações fervião de todos os lados ; mas no meio do excessivo jubilo não se sabia em quem residia a autoridade. Para pôr termo a este estado de incerteza, reunirão-se em uma das salas do Erario as pessoas mais notaveis e compromettidas na revolução, e ali de commum accordo nomeárão um governo provisorio. Fizerão-se depois proclamações para excitar o enthusiasmo popular ; mudárão de laço e de bandeira, adoptárão o tratamento de *Vós*, organisárão as repartições do governo, nomeárão conselheiros, derão varios regulamentos, e começárão sua marcha com toda a inexperiencia de homens novos no exercicio de uma administração turbulenta. Sem embargo, o movimento da capital communica-se a todas as villas da provincia : a de Itamaracá distingue-se com a prisão do juiz de fóra de Goyana ; o ouvidor da comarca do Sertão, José da Cruz Ferreira, foi igualmente preso na sua fugida para o Ceará ; por toda a parte recebia o governo provas de adhesão e de lealdade ; a revolução parecia consummada.

IV

▲ Parahyba e o Rio Grande do Norte. Comissões ao Ceará e á Bahia. Funestos resultados. Bloqueio de Pernambuco. O marechal Cogominho e as tropas da Bahia. Reacção nas Alagoas, no Rio Grande e na Parahyba. Combate de Ipojuca. Dissolve-se o Governo Republicano. Os patriotas são remettidos para a Bahia. Novas execuções. Luiz do Rego chega a Pernambuco. Outros supplicios. A Alçada.

A revolução estende-se á Parahyba e ao Rio Grande do Norte, onde se estabelecerão governos provisórios á imitação do de Pernambuco; porém o Ceará tardava em responder ao brado, que já tinha echoado naquellas duas provincias; e para accelerar o golpe foi enviado um agente secreto, o padre José Martiniano de Alencar, hoje senador do imperio, que, por ser filho da mesma provincia, tinha nella importantes relações de familia. Com effeito partio Alencar, e chegando á villa do Crato, lugar do seu nascimento, deu o primeiro grito, que logo foi suffocado, sendo preso immediatamente com todas as pessoas que lhe erão mais caras. Algumas outras prisões houverão, e com estas medidas cessou o pronunciamento do Ceará. No entanto pela parte do Sul a revolução não tinha dado um passo, e era d'onde justamente tudo havia que receiar. Um homem houve que, conhecendo a importancia de dar mais impulso áquelle movimento, se offereceu para ir ás Alagoas, e d'alli á Bahia, correndo elle só todo o risco da sua temeraria empreza.

Este cidadão era o doutor José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, um dos mais habéis advogados

de Pernambuco, vulgarmente conhecido depois da sua infausta morte pela denominação de *Padre Roma*. Suas relações na parte meridional da provincia lhe inspiravão grande confiança, e na verdade a sua marcha até as Alagôas foi um constante triumpho; por toda a parte consegue fazer com que os povos e as autoridades se decidão pela revolução; e, quando julga opportuno, volta a Maceyó, freta uma balsa, e se dirige para a Bahia. Abreu e Lima, sem embargo de seus variados conhecimentos, era homem, como todos os seus correligionarios, inexperiente dos manejos occultos das revoltas; sem nenhum disfarce apresentou-se sempre, desde que sabio do Recife, como se fosse o emissario de um governo autorizado. Ainda antes da sua marcha, sabia-se geralmente qual era a sua missão, e della tinha sido informado o Conde dos Arcos na Bahia com muita anticipação; assim foi que ao saltar em terra no lugar da barra, foi logo preso e conduzido á cadeia da cidade.

Por uma especie de presentimento teve elle o bom accordo de lançar á agua todos os papeis que levava consigo, não só proclamações como varias cartas para individuos relacionados com os liberaes de Pernambuco; mas isto só servio para alentar na cobardia aquelles mesmos que o deixárão sacrificar sem nenhuma mostra de gratidão. O Conde dos Arcos tinha já em seu poder o corpo de delicto, que era a acta da eleição do governo provisório de Pernambuco, na qual seu nome apparecia em segundo lugar. Verificada a identidade da pessoa, foi julgado por uma commissão militar, condemnado á morte, e fuzilado no dia 29 de Março no Campo da Polvora. O seu porte em presença do conselho, no oratorio, e durante o trajecto para o lugar do supplicio, foi

sempre o de um philosopho christão, corajoso, senhor de si, mas tranquillo e resignado. Suas faces não se desbotarão senão quando o sangue que as tingia correu de suas feridas, regando o solo onde, seis annos depois, se firmou para sempre a independencia da sua patria.

Entretanto o governo provisorio continuou em suas medidas de politica e de administração interna: mandando em commissão aos Estados-Unidos Antonio Gonçalves da Cruz com o objecto de solicitar a protecção e amizade dos Norte-Americanos, comprar armamento, e engajar alguns officiaes experimentados; dando regulamentos sobre os nascidos em Portugal; extirpando abusos na arrecadação das rendas; creando um corpo de cavallaria; pondo em estado de defesa as fortificações do litoral, e mandando armar algumas embarcações, que servissem de guarda-costas.

O Conde dos Arcos, assim que soube da revolução, preparou alguns navios, e os mandou bloquear o Recife, fazendo ao mesmo tempo marchar por terra uma columna, ás ordens do marechal Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda, em direcção ás Alagôas, que nesse tempo ainda fazia parte da provincia de Pernambuco. Informados da marcha dos soldados da Bahia, começarão os habitantes da margem meridional do Rio de S. Francisco a hostilizar os da banda opposta; e a contra-revolução se foi effectuando desde o Penedo até as Alagôas, onde a guarnição de linha, que ali se achava, foi a primeira a pronunciar-se. Um reforço de Pernambuco, que devia a marchas forçadas chegar a tempo de conter algumas villas, foi desgraçadamente derrotado em Porto de Pedras por seu proprio medo. Emquanto isto se passava, chega Rodrigo Lobo com a esquadra do Rio de Janeiro para reforçar o bloqueio, que logo esten-

deu desde o Rio de S. Francisco até o Rio Grande do Norte por meio das suas embarcações mais ligeiras.

A revolução repentina de Pernambuco tinha acobardado os Portuguezes, porém a marcha lenta do governo provisório os reanimou; além de que não era facil com bellas theorias e boas palavras desarraigiar preconceitos populares, e abalar os fundamentos de uma monarchia cimentada sobre uss, costumes e religião. No momento em que o bloqueio se estendeu por toda a costa, e poderão chegar á terra as proclamações de Rodrigo Lobo, começou a reacção com tanta violencia como barbaridade. Com effeito, o Rio Grande do Norte seguiu o exemplo das Alagôas, e a Parahyba não esperou muito tempo para pronunciar-se no mesmo sentido. Os gritos de *Viva El-Rei* soavão por toda a parte, em cada canto surgia um defensor da realza; o brilhante horizonte da Republica se tinha annuviado, e a tempestade ameaçava inundar Pernambuco. A tropa da Bahia tocava já os limites da provincia, e por todos os povos era recebida com geral enthusiasmo.

O governo provisório experimentava as ancias da morte: todo o Sul da provincia estava decididamente declarado, e os povos começavão a hostilisar os republicanos com um encarniçamento que não era de esperar dos proprios que tão cordialmente tinhão antes abraçado a mesma causa. O governo, em vez de fazer marchar as tropas que tinha amontoado no Recife, contentava-se com mandar pequenas partidas, temeroso da sua propria sombra. No entanto avançava sempre o marechal Cogominho, augmentando no transitio as suas fileiras com todas as milicias da provincia. As villas de S. Antão, Pão do Alho e Tracunhem declarárão-se em favor da monar-

chia. O systema de pequenos destacamentos, empregado contra ellas, só servio para descredito das armas republicanas. O capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti, que tinha logrado dispersar um ajuntamento de realistas em Utinga, conservou-se depois em completa inacção; o desalento era geral, e a causa da realza vingava em todos os pontos.

Confiando em sua popularidade, parte do Recife Domingos José Martins com uma guerrilha, e vai reunir-se ao capitão-mór Paula. A sua presença só servio para enfraquecer ainda mais a autoridade do improvisado general, que não podia competir com um membro do governo. Não podendo obrar juntos, foi mister que se separassem, e esta divisão de forças perdeu a ambos. Martins, sorprendido por uma companhia dos pardos do Penedo e dos Indios de Atalaia, foi ferido, e preso algumas horas depois com alguns de seus companheiros. Paula, atacado no engenho Trapiche de Ipojuca pelo marechal Cogoinho, debandou completamente depois de algumas horas de fogo. Chegando á capital a noticia de todos estes desastres, o governo provisorio tratou logo de capitular com o commandante do bloqueio; mas Rodrigo Lobo repellio a idéa de uma convenção, propondo a entrega da praça sem condições.

Tinha-se entabolado nova negociação, quando Domingos Theotônio, creado Dictador, sem esperar pelo resultado, retira-se do Recife com toda a guarnição (19 de Maio), levando conjunctamente os cofres publicos. No dia 20 ao amanhecer apparecêrão nos bairros da cidade grupos de homens, intitulados realistas, dando vivas a El-Rei, quando ainda todas as fortalezas estavam guarnecidas pelos republicanos: porém a cobarde

deserção do governo, abandonando a capital, tinha annullado quaesquer meios de resistencia. Soltárão-se logo todos os presos politicos, e a bandeira real foi arvorada com salvas de artilharia. Rodrigo Lobo desembarcou com a maruja, e veio occupar a residencia dos governadores. Entretanto as tropas, que se tinham retirado, fizerão alto no Engenho Paulista, onde receberam a noticia deste desfecho; a consternação foi geral e ninguem cuidou mais senão de salvar-se como pudesse.

Dos dous dous unicos membros do governo que seguirão com as tropas, o Padre João Ribeiro suicidou-se, e Domingos Theotonio fugio disfarçado, procurando arredar-se de todos os companheiros, temeroso de ser entregue por elles aos realistas. A tropa, assim que soube da deserção escandalosa do seu chefe, prorompeu em furioso motim e debandou-se; porém, para honra dos Pernambucanos, o capitão Manoel de Azevedo pôde conter alguns soldados, e com elles trouxe para o Recife os cofres publicos, que entregou intactos á autoridade competente. Daqui começa a crise lacrimosa dos actos de barbaridade praticados contra os infelizes patriotas. Todos queirião para si a palma do triumpho, e cada um procurava assignalar-se por um meio ruidoso, ainda que torpe, comtanto que seu nome fosse inscripto na lista dos benemeritos da monarchia; d'ahi as pesquisas mais violentas, as delações mais infames, o perjurio, a traição, e toda a serie de torpezas que acompanhão sempre as reacções politicas.

As prisões estavam entulhadas de infelizes patriotas, e apenas começava a colheita; a necessidade de local para outros, que ainda se esperavão, fez com que Rodrigo Lobo mandasse os

prisioneiros para a Bahia. Horrorisa o recordar ainda hoje a maneira por que forão tratados a bordo os desgraçados Pernambucanos, assim como o recebimento que tiverão na Bahia. Muito breve houve necessidade de outra remessa com todas as circumstancias aggravantes da primeira. Antes do desembarque forão todos acorrentados, á excepção de cinco, que algemados caminhavão separados, indicando de autemão a sorte que lhes estava destinada. Ao outro dia forão os cinco presos, que estavam separados, ao palacio do Conde dos Arcos, onde se achava reunida a commissão militar, e alli por ella sentenciados com infamia: tres forão executados no dia seguinte, ficando suspensa a execução de dous por motivos allegados em suas defesas.

A noticia da revolução de Pernambuco havia aterrado a côrte do Rio de Janeiro. El-Rei D. João VI tinha como acordado de um somno lethargico, e parecia querer sahir da sua costumada apathia, tomando por si mesmo todas as providencias necessarias, afim de atalhar o mal em sua origem. Nunca tanta actividade se tinha desenvolvido na capital; os arsenaes trabalhavão dia e noite: um recrutamento forçado abrangia todas as classes, era a imagem da guerra imminente sobre a séde do governo. Expedida a pequena esquadra para o bloqueio, preparava-se a expedição que devia combater em terra os revoltosos; e logo que se achou prompta deu-se-lhe por commandante o marechal Luiz do Rego Barreto, que se tinha tornado celebre na guerra peninsular. Tocando a expedição na Bahia, já alli achou Luiz do Rego em segura prisão os chefes da revolta; todavia seguiu o seu destino, porque estava nomeado igualmente governador e capitão-general de Pernambuco.

Em 29 de Junho do mesmo anno de 1817 desembarcou Luiz do Rego no Recife. Foi recebido com jubilo e recompensou com escarneo. Por sua ordem forão logo sequestrados todos os bens dos presos, ficando suas innocentes esposas e filhos igualmente expostos a todos os horrores da mendicidade. A commissão militar pôz-se em permanencia. Descoberto o asylo de varios patriotas, atraídoados em seus escondrijos, forão logo arrastados perante aquelle tribunal, cuja sentença não se fez aguardar muitas horas: quatro daquelles infelizes forão successivamente condemnados á morte com infamia, e enforcados. A provincia da Parahyba tinha sido a primeira que seguiu o impulso de Pernambuco; sobre ella não podia deixar o agente do poder de descarregar promptamente sua mão de ferro. Por seu mandado forão conduzidos ao Recife os mais illustres patriotas, que alli já estavam encarcerados. Em poucos dias cessarão de viver o coronel Amaro Gomes Coutinho, o cavalheiro Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o padre Antonio Pereira, e os tenentes-coroneis Silveira e José Peregrino de Carvalho.

Por ordem da cõrte foi suspendida a carnificina para ser manejada por juizes togados, com o fim de que, procrastinando os tormentos, dessem ás victimas toda a apparencia de justiça. O ministerio nomeou uma alçada, composta de quatro membros, dous desembargadores do paço, e dous da casa da supplicação, todos quatro Portuguezes; o mais velho, e o mais surdo ás vozes da natureza, um certo Bernardo Teixeira, era o presidente. Não agradou ao arbitro das vidas dos Pernambucanos aquella suspensão, mas foi mister obedecer; e, como por distracção, dedicou-se inteiramente a fazer da provincia um campo militar. Luiz do

Rego, pensando comprimir o espirito patriotico, muito mais o dilatava; no momento todos soffrião, mas era um soffrimento que presagiava gloria.

Não entraremos na historia da tremenda alçada, nem nos pormenores de seus escandalosos manejos; bastará saber-se que aquella commissão especial teve a devassa aberta em Pernambuco por espaço de dous annos, e que finalmente foi obrigada a partir para a Bahia com a multidão de presos que ha muito tempo detinha nos carceres. A rivalidade entre o governador e Bernardo Teixeira tinha trazido esta apparencia de bem: erão quatro algozes menos em Pernambuco, mas levãõ consigo muitas victimas innocentes, arrancadas de seu paiz natal para serem julgadas fóra do seu domicilio. Os presos, até alli horriavelmente maltratados, melhorãõ de condição, ou fosse por o longo tempo decorrido em que as paixões se arrefecem, ou pela protecção que algumas pessoas já ousãõ dispensar. Por fortuna especial foi o Conde da Palma render o Conde dos Arcos, e desde então alguma esperanza vislumbrou nos animos daquelles infelizes. A alçada não alterava sua lenta marcha, parecendo querer eternisar o seu officio; porém um perdão alcançado, quando ninguem contava com a clemencia d'El-Rei, veio mostrar o fio deste intrincado labyrintho.

Não cessaria ainda o exercicio da alçada, se um inesperado acontecimento politico não viesse mudar a face de toda a monarchia Portugueza. A revolução do Porto, em 1820, que com prodigiosa celeridade tinha alcançado a todo o reino, acabava de vingar a morte do infeliz general Gomes Freire de Andrade, sacrificado em 1817 aos interesses e poderio dos Inglezes. Creada uma

regencia nova, tratou immediatamente de convocar as côrtes com o objecto de formar a constituição, cujas bases a mesma regencia apresentou antes da convocação, e sem exame solemnemente juradas. Nesta occasião lembrárão-se os liberaes portuguezes das condições por que nos tínhamos sacrificado em 1817, e nos prodigalisárão pela primeira vez exaggerados elogios, dando-nos denominação de irmãos. Era chegada pois a occasião em que devíamos tirar a desforra, prestando-nos a seus interesses, enquanto não podíamos fazer valer os nossos.

Proseguem as hostilidades no Sul. Varios combates. Convenção de 1819. Artigas retido no Paraguay. Definitiva incorporação de Montevidéo ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

A funesta lição que o governo tinha recebido do movimento revolucionario de Pernambuco não foi aproveitada na capital. El-Rei D. João VI, que melhor conhecia o damno do que era capaz de applicar-lhe o remedio, contentou se com mandar vir de Portugal uma porção de tropas regulares, que se repartirão pelo Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, deixando a interna administração na sua quasi absoluta decadencia: tudo permanecia nesta inacção, que costuma presagiar os grandes transtornos politicos. O commandante militar portuguez Vicente Antonio de Oliveira, em uma representação a El Rei, requisitou formalmente que aos Brasileiros não se concedesse mais alto posto que o de capitão. Esta exigencia foi desattendida; todavia as altas

patentes do exercito, dahi em diante, só forão conferidas aos Portuguezes. Dest'arte o germen do descontentamento cobrou viço por aquellas mesmas medidas de que se havia lançado mão para o destruir.

Cumpre entretanto não preterir factos essenciaes, que se ligão a grandes acontecimentos ulteriores, e para isto temos de voltar á campanha do Sul, que deixámos suspensa, emquanto descreviamos a revolução de Pernambuco com todas as suas consequencias. A occupação accidental da praça de Montevidéo pelo general Lecor não pôde suffocar o espirito de revolta daquelles povos. Continuavão a vagar ousadas nos campos intermedios e margens do Uruguay, as guerrilhas de D. José Artigas, mais confiadas na ligeireza dos seus cavalloos do que na disciplina militar, comquanto fossem sempre repellidas pelos nossos. Por todo o anno de 1817 tinhamos constantemente combatido e vencido, e sem embargo os Gaúchos como que se reproduzião de suas proprias cinzas. Em 1818 se renovarão os mesmos combates, quer nas Missões, quer fóra dellas. Caetano Alberto de Souza Canavarro logrou derrotar completamente, no sitio de Figueiredo, uma forte columna inimiga, ao passo que o general Francisco das Chagas conseguia em S. Carlos outra brilhante victoria.

O cabecilha Aranda foi atacar o general Menna Barreto junto ao arroyo de Guabejú com mil e trinta homens; a refrega foi tremenda, porém o resultado fatal para o inimigo, que deixou no campo cento e trinta e tres mortos, e duzentos e setenta prisioneiros, todo o armamento e seiscentos cavalloos, com a pasmosa circumstancia de só ter custado a vida a um unico soldado nosso. Escandalisado o inimigo pelas muitas perdas que

nestes combates parciaes tinha experimentado, resolveu reunir nas margens do Uruguay todas as torças, e tentar um golpe decisivo. Instruido deste plano, o general Curado mandou Bento Manoel Ribeiro contra as partidas de Aguiar, Aedo, e Ramires, antes que se reunissem a Artigas: esta ordem fielmente executada desmanchou o projecto dos Gaúchos, cahindo em poder de Bento Manoel os dous primeiros chefes (Aguiar e Aedo) com trezentos e trinta dos seus; ao mesmo tempo que Antero José Ferreira de Brito, commandante da guarda de Castillos, sorprendia as partidas da La Torre e Panxo, fazendo-os prisioneiros.

Em 1819 ainda continuava a luta com o mesmo encarniçamento. O general Jorge de Avilez, destacado da divisão portugueza, logrou alcançar o inimigo no passo de Arenas, enquanto Bento Manoel, com seiscentos homens, batia no Arroio Grande a Fructuoso Rivera, resultando destes combates outros tantos triumphos como as mais vezes; porém nossas victorias, quasi sempre decisivas, nem nos davão esperanças de tranquillidade, nem nos aliançavão a paz. Convem agora mencionar um facto, que para bem comprehendê-lo, é mister que expliquemos a situação politica de Montevideo durante a occupação da praça pelas armas portuguezas; queremos fallar da convenção de 1819, que traçou novos limites entre o Rio Grande e aquella provincia.

A occupação da praça nunca foi considerada como conquista, tanto assim que o *Cabildo* (municipalidade) exercia certos actos de soberania, e obrava como poder politico: era por assim dizer o representante da provincia. Debaixo destes principios o general Lecor considerava-se tão sómente como auxiliar, e em suas relações com

o cabildo de Montevidéo nunca excedeu os termos de um simples alliado. E como pelas demarcações anteriores muito se tinha aggravado a questão de limites, julgou-se prudente traçar de uma vez a linha divisoria entre as duas provincias, afim de acabar para sempre toda a contestação que para o futuro pudesse ainda suscitar-se. Com taes fundamentos o cabildo de Montevidéo nomeou seu plenipotenciario a D. Prudencio Morguiondo, e o governo do Brasil ao Conde da Figueira, governador e capitão general da provincia do Rio Grande, os quaes, devidamente autorizados, ajustarão a convenção de 1819, pela qual a linha divisoria foi assignalada por barreiras certas e invariaveis, com o fito de segurar a paz e tranquillidade dos dous povos limitrophes. Verificada a demarcação, levantárão-se os padrões com os termos solemnes de posse, e El-Rei fez repartir esse espaço entre varios officiaes em premio de seus serviços.

Todavia, isto que se passava entre o cabildo de Montevidéo e o governo do Brasil, nada tinha de commum com o cabecilha Artigas, inimigo jurado de ambos; portanto a guerra continuava como d'antes, por toda a parte em que apparecião os Gaúchos. Conseguindo Artigas, alguns mezes depois, reunir dous mil e quinhentos homens, appareceu nas nossas fronteiras, levando tudo a ferro e fogo. O general Abreu se oppoz com quatrocentos homens para proteger a retirada dos fazendeiros, porém foi batido e obrigado a retirar-se em debandada para o Passo do Rosario, onde se reennio com o general Bento Corrêa da Camara. Daqui marchárão juntos ao encontro dos de Artigas, e depois de tres acções parciaes, reunio-se-lhes o capitão-general Conde da Figueira, que veio a tomar o commando de

toda a nossa força. O inimigo, acampado na margem esquerda do Taquarembó, desafiava o nosso exercito, seguro da sua posição; porém, atacado ao mesmo tempo por ambos os flancos, foi batido, retirando-se em desordem, e deixando no campo, além de todos os seus petrechos de guerra, oitocentos mortos, entre os quaes o caudilho Sotello, e quatrocentos e noventa prisioneiros (1820).

Depois desta brilhante victoria o Conde da Figueira, mandando varrer o resto da campanha até o Uruguay, estabeleceu postos avançados ao longo deste rio e do Arapey, os quaes, combinados com a esquadrilla, assegurarão por algum tempo a tranquillidade das nossas fronteiras. Artigas, vendo-se desalojado e perseguido, chamou em seu soccorro a Fructuoso Rivera; mas este recusou unir-se-lhe, mostrando ambos que erão chimericos esses projectos de bem publico e de liberdade com que tinham fascinado aquelles povos. Ainda assim, não teriamos logrado que esta guerra de partidas acabasse, se uma circumstancia favoravel não viesse inutilisar o caudilho mais andaz e aventureiro, que a mantinha por seus proprios esforços e denodo. O prestigio de Artigas tinha desaparecido pela derrota de Taquarembó; os cabecilhas que até ali o tinham seguido, uns recusarão acompanhá-lo, outros se declararão contra elle: perseguido pelos proprios seus, foi refugiar-se no Paraguay, onde o Dr. Francia o reteve durante sua vida, como a todos os que se confiavão á sua hospitalidade.

Dest'arte corrião as cousas pelo anno de 1820, quando a noticia da revolução de Portugal veio abalar os fundamentos do novo reino do Brasil. Previo-se logo a necessaria volta de El-Rei para a sua antiga metropole, e neste caso era mister

pensar nos futuros destinos de Montevideo, a cujos habitantes tinha o mesmo monarcha prometido não entrega-los nunca a seus inimigos. Duvidoso de quem confiaria semelhante deposito, julgou mais justo e assisado commetter a um congresso de representantes de toda a provincia a escolha livre, ou de alliança com alguma nação poderosa, ou de constituir-se com a fôrma de governo que melhor lhe conviesse. Entretanto o gabinete hespanhol não cessava de reclamar contra a pretendida conquista, como um attentado contra seus fôros e direitos, e as côrtes de Portugal chegarão a tratar desta questão; porém a maioria da assembléa rechaçou o parecer da commissão de diplomacia, que aconselhava a evacuação, depois de longa e calorosa discussão.

Em Abril de 1821 reunirão-se na capital de Montevideo o cabildo e os deputados das diversas povoações; renhidos debates se levantarão: forão por fim assentindo ás solidas e bem reflectidas razões de D. Garcia de Zuniga, de Lambi, e de outros deputados de igual conceito, os quaes opinavão que, não bastando desejos de constituir-se nação independente, era indispensavel que interviesses certos elementos de poder; ponderarão os perigos da federação com qualquer das republicas vizinhas, a impossibilidade de por si existirem na falta daquelles elementos, e de resistirem a algum ambicioso externo; concluirão que em taes circumstancias o unico meio para a estabilidade seria o de incorporarem-se a alguma nação poderosa, e então nenhuma melhor lhes convinha que o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Por unanimidade decidio-se, e lavrou-se a acta de espontanea incorporação da denominada *Provincia Cisplatina*, debaixo de certas condições (31 de Julho).

VI.

Revolução de Portugal em 1820. Seus efeitos no Brasil.

O Pará e a Bahia pronunciação-se pela futura constituição portugueza. Soltura dos presos de Pernambuco. Conducta de Luiz do Rego. Acontecimentos do Rio de Janeiro. A tropa e o Principe Real. Reunião eleitoral. Os tiros da praça do commercio. El-Rei embarca para Portugal. D. Pedro regente do Brasil.

Desde que os portos do Brasil foram franqueados ao estrangeiro em 1808, o commercio de Portugal havia diminuido consideravelmente, e o ciúme dos Portuguezes se tinha exasperado, vendo a sua antiga colonia elevada á categoria de Reino. Acresce que já se impacientavão de um despotismo destituido do esplendor da realeza, ao mesmo tempo que, terminada a guerra da Europa, a Hespanha e a Italia tentavão organizar os seus governos constitucionalmente. Portugal, estimulado pelo exemplo, tambem se levantou, e exigio a convocação das côrtes para a confecção de um novo pacto social. O primeiro movimento manifestou-se na cidade do Porto no dia 24 de Agosto de 1820, e em 15 de Setembro declarou-se Lisboa, onde se reunirão as côrtes geraes em Janeiro do anno seguinte. O seu primeiro acto foi um manifesto formal dirigido á nação portugueza, fazendo ver o estado retrogrado de Portugal, e todos os seus infortunios, devidos á trasladação da familia real para a côrte do Rio de Janeiro, e á abertura dos portos do Brasil aos navios das nações estrangeiras.

A noticia dos primeiros movimentos do Porto

e de Lisboa chegou promptamente aos dominios ultramarinos, onde produziu consideravel impressão. As tropas estacionadas no Pará, ainda antes de saber-se da installação das côrtes, manifestarão sua adhesão no 1º de Janeiro de 1821 ao governo estabelecido em Portugal; o povo e todas as classes concordarão em opiniões, desenvolvendo-se o espirito publico com incrível enthusiasmo. Na cidade da Bahia o tenente-coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães, chefe do regimento de artilharia, de accordo com os commandantes da cavallaria e do batalhão n. 42. tambem acclamou a futura constituição que houvessem de promulgar as côrtes de Portugal. Tudo haveria concluido sem uma gotta de sangue derramado, se o marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes não confiasse tanto em sua popularidade, offerecendo-se ao Conde da Palma, governador e capitão-general da provincia, para ir retomar o trem, já occupado pela artilharia de Manoel Pedro.

Neste pequeno conflicto perdêrão a vida dez soldados e o major Hermogenes Francisco de Aguilar, commandante da tropa que acompanhava o marechal, o qual perdeu igualmente o seu cavallo, morto por uma metralha. Em taes circumstancias, conheceu o Conde da Palma, que erão inuteis seus esforços para obstar á mudança politica, e decidio-se a seguir a opinião geral: concorreu ás casas do conselho com todo o seu estado-maior, e sancceionou tudo quanto se havia feito. Dispostas as cousas deste modo, passou o senado a propôr as pessoas que devião formar a junta governativa, cuja presidencia recusou o mesmo Conde; sendo nomeado para ella Luiz Manoel de Moura Cabral, e para vice-presidente Paulo José de Mello Azevedo e Brito. Installada a

junta no dia 10 de Fevereiro de 1821, foi seu primeiro cuidado tratar da eleição dos deputados para as côrtes reunidas em Lisboa, para cujo fim nomeou uma commissão, denominada *Preparatoria e consultativa para a eleição dos deputados da provincia da Bahia*, etc.

Esta mudança pareceria favoravel aos desgraçados presos de Pernambuco; porém a junta, creatura portugueza, oscillava entre as sympathias da liberdade e o odio da independencia. Para sahir do embaraço com algum decoro, ostentou imparcialidade: o tribunal da relação teve ordem para proceder como de direito, e solicitar a conclusão da sentença tanto procrastinada. Muitos crião que, com a nova ordem de cousas, vinha connexa a immediata soltura dos presos de estado: o mesmo Bernardo Teixeira, receiando que assim acontecesse, abandonou logo o seu posto, e furtivamente partio para o Rio de Janeiro. Todavia congratulárão-se os Pernambucanos, porque a medida adoptada era-lhes honrosa em substancia; e nem a junta podia obrar de outra fórma sem postergar as leis da justiça, ou usurpar um direito soberano perdoando. Os vicios do processo erão evidentes: a relação examinando-o, em poucas sessões os reconheceu, pronunciou a nullidade, e deu mandado de soltura a todos os presos nelle envolvidos. Assim finalisou depois de quatro annos o famoso processo da alçada; mas não finalisárão os males de Pernambuco.

O Brasil vio no principio do anno de 1821 os Portuguezes de todas as classes pronunciarem-se por uma constituição liberal, cousa que elles não entendião; mas era liberdade vestida á portugueza, e tanto bastava para os namorar. Luiz do Rego não ficou atrás dos improvisados

liberaes ; a elleurgia mais que a nenhum outro fingir-se tal. Os seus protectores no Rio de Janeiro decahindo pela força irresistivel da revolução, d'elle se desembaraçaria o novo poder ; além de que elle sabia que a provincia o odiava. Colligado secretamente com os seus principaes camaradas, sem consultar nenhum dos filhos do paiz, sem mesmo esperar ordens do Rio de Janeiro, ao simples convite da regencia de Lisboa proclamou as bases da futura constituição, e sem perda de tempo fez levar a effeito a escolha de eleitores em todas as parochias de Pernambuco, reunio-os debaixo da sua presidencia, e proseguio na eleição dos sete deputados a que a mesma regencia lhe havia mandado proceder.

No Rio de Janeiro, onde menos abusos se praticavão, manifestárão-se com menos energia os effeitos da opinião popular. Desde Outubro de 1820, em que se havia recebido na capital a noticia da revolução do Porto, até Fevereiro do anno seguinte, El-Rei e o ministerio tinham estado em continua anxiedade, sem que uma só medida revelasse as intenções da côrte. O movimento porém da Bahia veio tirar o governo deste estado de incerteza, publicavdo-se em 21 o decreto datado de 18 de Fevereiro, pelo qual Sua Magestade annunciava a intenção de mandar o principe D. Pedro a Portugal com plenos poderes para tratar com as côrtes, e consulta-las ácerca da constituição : tambem se prometteu que serião adoptadas no Brasil aquellas partes da constituição *que fossem applicaveis*. Esta declaração produziu diverso effeito do que se esperava ; esta ultima condição revelava o intento de modificar-se a constituição antes de ser applicada ao Brasil, e a isto se oppunhão unanimemente os Brasileiros e os Portuguezes aqui residentes.

Ainda que privados de noções claras sobre este assumpto, estavam ambos os partidos anciosos por dilatar a esphera de suas liberdades individuaes, e na madrugada do dia 26 de Fevereiro a tropa portugueza, determinada a partilhar os beneficios que esperava do novo systema estabelecido na metropole, marchou para o largo do Rocio para exigir que fosse explicitamente jurada no Brasil a constituição tal qual a lizessem as côrtes. Os cidadãos ligados a este movimento convocarão tambem uma reunião na sala do theatro, e para ali se dirigirão os principes D. Pedro e D. Miguel, que forão recebidos com aclamações de *Viva el-rei! Viva a constituição!* Depois de ser submettida a representação dos sublevados ao principe real D. Pedro, foi convocada a camara municipal; e vindo Sua Alteza para a varanda do theatro, leu ao povo reunido na praça o decreto pelo qual o monarcha accedia sem reserva á futura constituição das côrtes. Em seguida os dous principes prestarão juramento em nome d'El-Rei, e nos seus proprios. Concluida a cerimonia, insistio-se na nomeação de novo ministerio, o que igualmente foi concedido.

Foi excessiva a alegria: um immenso concurso dirigio-se á quinta da Boa Vista, e porfiou em puxar até á cidade o coche d'El-Rei, honra que D. João de bom grado dispensaria. Pouco habituado a ver a desenfreiada exhibição dos sentimentos do povo, desde que teve noticia da revolução da metropole, foi assaltado de apprehensões terriveis. Logo que chegou á cidade, ratificou o juramento já prestado pelos principes, e seguirão o exemplo da familia real todos os empregados e outras pessoas notaveis do Rio de Janeiro. Fizerão-se festividades publicas, e a cidade se illuminou por nove noites successivas.

Poucos dias depois chegou o celebre manifesto das côrtes, o qual suscitou as mais sérias apprehensões aos Brasileiros ; porém foi recebido com applauso pelos Portuguezes, porque entretinão esperanças de subordinar o Brasil á tactica das côrtes, obrigando a familia real a regressar para Portugal. Constou então que se forjava uma conspiração, sustentada pela tropa portugueza, neste sentido; mas parece que não chegou a haver plano fixo. Comtudo a sympathia dos Portuguezes para com o procedimento das côrtes era manifesta ; tanto assim que Sua Magestade foi induzido, contra seus desejos, a assignar um decreto datado de 7 de Março, em que expôz a intenção de voltar a Lisboa, e deixar o reino do Brasil encarregado a D. Pedro, até que se estabelecesse a constituição da monarchia portugueza.

No mesmo dia se publicárão as instrucções para a eleição dos deputados ás côrtes de Lisboa ; na falta de regulamentos a este respeito, as eleições devião fazer-se pela fôrma estabelecida na constituição hespanhola. O desenvolvimento gradual destas occorrencias despertou entre os Brasileiros natos um espirito que não havia ainda apparecido nos acontecimentos passados. Os Portuguezes tinhão tomado a precedencia nos movimentos anteriores, mas nas eleições conhecerão os Brasileiros o quanto lhes convinha desenvolver toda a sua energia, e já aquelles se arrependião de ter avançado com tanta precipitação ; restava-lhes só o remedio de dissimular a sua mágoa, emquanto não se offerecia occasião de esmagar este nascente impulso. Feita a eleição parochial, o ouvidor da comarca, em cumprimento das ordens d'El-Rei, convocou os eleitores para lhes communicar officialmente o decreto de 7 de Março, o qual punha D. Pedro á testa do governo pro-

visorio, que deveria installar-se quando Sua Magestade partisse. A reunião verificou-se na tarde de 20 de Abril no edificio da nova Praça do Commercio.

A discussão começou logo tumultuaria ; a confusão não tardou em chegar a tal auge, que o presidente não pôde mais dirigir as deliberações da assembléa. Conduzidos por idéas exaltadas, e ignorando o termo de suas attribuições, os eleitores procederão a decretar medidas que não só affectarão os interesses geraes da nação, como a pessoa augusta do Monarcha. Tal era o estado de exaltação, que se adoptarão por aclamação as mais violentas resoluções. Mandou-se ordem ás fortalezas para que não deixassem sahir a esquadra que devia conduzir Sua Magestade, e finalmente decidio-se que a constituição hespanhola fosse adoptada, enviando-se uma deputação a El-Rei com este fim. Dirigio-se a deputação ao paço, e não só foi bem recebida por D. João VI, como por um decreto sancionou a constituição pedida, que talvez nunca tivesse lido. No entanto soube-se que a tropa portugueza se reunia no Rocío ; chamado o commandante das armas á presença dos eleitores, asseverou que as intenções da tropa erão boas, e protestou profundo respeito ao collegio eleitoral.

Satisfeita a assembléa com estas promessas, as deliberações continuárão do mesmo modo, até que pelas tres horas da madrugada chegou uma companhia da divisão portugueza, e, sem a mais pequena advertencia prévia, deu uma descarga de mosquetaria sobre os eleitores desarmados e povo que os cercava, e tomou depois a casa á baioneta calada. Felizmente a maior parte já se havia retirado, e as consequencias forão menos fataes do que se devia esperar ; morrerão tres

individuos, e ficárão mais de vinte feridos. A consternação se apoderou de toda a cidade do Rio de Janeiro, e succedeu ao delirio da exaltação. As praças publicas e lugares de recreio tornárão-se desertos; suspendêrão-se as operações do commercio, e durante muitas semanas esta capital, até então cheia de actividade parecia uma cidade de mortos. El-Rei, aproveitando este estado de torpor, promulgou no dia 22 de Abril um decreto annullando tudo quanto na vespera se tinha feito, e outro conferindo a D. Pedro a dignidade e attribuições de regente e seu lugar-tenente no Reino do Brasil.

A estes decretos seguio-se a formação de um novo ministerio; no dia seguinte publicárão-se duas proclamações recommendando fidelidade ao Principe-Regente, e na tarde do dia 24 de Abril, El-Rei, com o resto da sua familia, embarcou-se a bordo da náó *D. João VI*. Os conselheiros do infeliz monarcha, especialmente Silvestre Pinheiro Ferreira, ministro da repartição dos estrangeiros, havião já previsto a direcção que brevemente tomarião os negocios do Brasil. Calculavão elles que, habituado com a presença de um governo local, este paiz mais se não sujeitaria aos inconvenientes, e ainda menos á humiliação de outro collocado além do Atlantico. As côrtes irritarião este ciume, cujo germen se desenvolvia, e já a separação era considerada inevitavel, se á sua chegada a Portugal El-Rei não conseguisse encerrar as sessões da legislatura portugueza. Estas considerações fizerão profunda impressão no animo de D. João, que sentio naturalmente toda a extensão da idéa repugnante de vir este immenso territorio a ser desmembrado do patrimonio da casa de Bragança.

Por outro lado, estava escandalizado contra o

Príncipe Real, por ter ajudado os esforços feitos para o obrigar a sahir do Rio de Janeiro ; e antes da partida, na manhã de 26, conta-se que dirigira algumas exprobrações a Sua Alteza. Comtudo quando se suspendia o ferro, quando a não começava a navegar, no momento em que, pela vez derradeira, o velho Rei apertava seu filho nos braços, exclamou : « Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal: se assim sôr, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della. » Na mesma esquadra que conduzia Sua Magestade, retirou-se grande parte dos fidalgos que o havião acompanhado de Portugal, e os seus adherentes, formando todos uma comitiva de mais de tres mil pessoas ; achavão-se neste numero muitos capitalistas, levando sommas immensas em especie, que se extrahirão do Banco.



CAPITULO SETIMO.

1821—1831.

I

Primeiros actos do Principe Regente. Influencia das tropas portuguezas. Efeito das medidas legislativas tomadas pelas cõrtes de Lisboa acerca do Brasil. S. Paulo e o Rio de Janeiro se pronunciação contra a partida do Principe. Emba que da divisão lusitana. Convocação de um conselho de procuradores das provincias. Novas desordens em Pernambuco e na Bahia.

Um dos primeiros cuidados do Regente, depois da partida d'El-Rei, foi conter quanto lhe foi possível o espirito de desunião que crescia entre os Brasileiros e Portuguezes: para esse fim dava repetidos banquetes, aos quaes erão convidados os officiaes de ambos os paizes; e comquanto em presença do principe dissimulassem os seus resentimentos, separavão-se ao depois irreconciliaveis inimigos como d'antes. A posição de D. Pedro era com effeito difficil. Accrescião a isto as difficuldades financeiras em que se achava a administração. O governo precedente havia deixado o thesouro exaustão; e o banco, em razão da má direcção que tivera, estava tão empobrecido, que chegou ao ponto de suspender os seus pagamentos. Necessario foi recorrer-se a uma rigida economia, tanto na parte domestica de S. Christovão,

como em todos os ramos da administração. Muitos decretos tendentes a promover o interesse publico se promulgáão, e forão abolidos muitos impostos oppressivos.

Havia-se entretanto completado a eleição dos deputados brasileiros ás côrtes de Lisboa. Recebêrão-se tambem as bases da constituição portugueza; mas o Principe, ignorando ainda os effeitos da chegada de Sua Magestade Fidelissima a Lisboa, demorou a convocação das autoridades que as devião jurar. Esta demora motivou muito desgosto no partido portuguez, de tal sorte que a divisão auxiliadora, marchando para o Rocio (5 de Junho de 1821), alli pediu que se jurassem as bases da constituição ultimamente chegadas de Portugal. Ainda que muito resentido com esta conducta sediciosa, D. Pedro tendo convocado os eleitores de provincia, prestou o juramento exigido, vendo-se além disso obrigado a acquiescer a outras requisições, como a da demissão do Conde dos Arcos, que partio para Lisboa; a nomcação de uma commissão militar para o mando das armas; e a de uma junta governativa, responsavel perante as côrtes de Portugal. Organisarão-se com effeito a junta e a commissão, mas a primeira ficou logo reduzida á nullidade, e a segunda se dissolveu pela deliberação espontanea de seus membros.

Por uma lei datada de 24 de Abril de 1821, as côrtes de Lisboa declararão independentes do Rio de Janeiro todos os governos provinciaes, e sujeitos tão sómente aos tribunaes de Portugal. Por esta lei desorganizadora formou-se uma multidão de pequenos governos em todo o Brasil, que se negavão corresponder com o Principe Regente, porque se dizia que este aproveitando occasião opportuna, assumiria o poder absoluto;

porém isto não passava de insinuações do partido portuguez, debaixo das esperanças de que as côrtes restaurassem seus antigos privilegios. Pela preponderancia deste partido na cidade da Bahia negou-se a respectiva junta a reconhecer a autoridade de D. Pedro, pedindo ao governo de Portugal reforço de tropas, assim de melhor se manterem as relações entre os dous paizes ; o que foi acolhido com agradecimento e approvação. Achou-se por esta fórma D. Pedro reduzido a simples governador do Rio de Janeiro, e de uma ou duas provincias do Sul, e cercado das maiores difficuldades pela diminuição das rendas publicas. Estas circumstancias adversas, juntas ao espirito sedicioso da tropa portugueza, fizeram com que D. Pedro escrevesse a seu augusto pai, no dia 21 de Setembro, nos termos mais expressivos, pintando-lhe o verdadeiro estado do paiz e sua falsa posição.

As côrtes de Lisboa continuavão em seu plano de sujeitar o Brasil á antiga dominação colonial. Um decreto de 29 de Setembro extinguiu os tribunaes da chancellaria e do thesouro, a junta do commercio, e varias outras repartições centraes, que se havião estabelecido no Rio de Janeiro em tempo de D. João VI ; e outro decreto da mesma data ordenou o regresso do Principe com a injuncção de previamente viajar incognito pela Inglaterra, França e Hespanha, para completar a sua educação politica. A estes decretos seguio-se outro do 1º de Outubro, nomeando para cada provincia um governador das armas, delegado do poder executivo de Lisboa ; e a 18 do mesmo mez se decidio que embarcassem mais tropas para Pernambuco e Rio de Janeiro. É impossivel conceber-se uma serie de providencias melhor adaptadas para frustrar todos os fins

la que se destinavão. Então virão os Brasileiros que já não era possível esperar cousa alguma favoravel da parte das côrtes de Lisboa, e que a sua sorte dependia delles mesmos ; decidirão-se portanto pela independencia.

Todavia, erão grandes as difficuldades da empreza ; todas as cidades maritimas do Brasil estavam occupadas pelas tropas portuguezas ; as communicações erão incertas e penosas ; e, sem que se contasse com a cooperação do Principe, parecia impossivel obter nenhum resultado. Entretanto D. Pedro preparava-se para obedecer á ordem da sua retirada no meio dos sustos e clamores de todos os partidos. A desapprovação da partida do Principe tornava se mais e mais geral : os Portuguezes julgando que a sua ausencia traria promptamente a independencia, e os Brasileiros porque suppunhão que só a sua cooperação podia evitar uma contenda sanguinolenta e duvidosa. Na cidade de S. Paulo, onde os patriotas erão em maior numero do que na capital, as cousas levavão camiinho mais prompto e seguro. José Bonifacio de Andrada e Silva, vice-presidente da junta provincial, informado da proxima retirada do Principe, convocou ás onze horas da noite (24 de Dezembro) os seus collegas, e conseguiu que assignassem uma representação em que francamente se fazia ver a Sua Alteza Real que a sua partida seria o signal da separação do Brasil.

Havia-se ao mesmo tempo manifestado em Minas um movimento semelhante, e conhecendo os habitantes do Rio de Janeiro o que se passava naquellas provincias, occorrêrão á camara municipal para que representasse a D. Pedro contra a execução dos dons decretos das côrtes. Em conformidade desta requisicão, dirigio-se a camara

em prestito á presença do Príncipe, no dia 9 de Janeiro de 1822, e apresentando a supplica do povo, procedeu o seu presidente a expôr a Sua Alteza os sentimentos dos partidos, Realista e Patriota, ácerca da sua retirada. Immenso concurso de todas as classes havia acompanhado a camara municipal, entre o qual grande numero de officiaes da divisão portugueza, desejosos de ver o resultado. Depois de ter prestado toda a attenção, o Príncipe julgou finalmente que devia acceder ao desejo geral, e respondeu—« *Como e para bem de todos, e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.* »

Esta declaração explicita motivou geral satisfação, excepto nos militares portuguezes, que logo mostrárão symptomas de revolta. O general Jorge d'Avilez, seu commandante, pediu immediatamente a sua demissão, e antes que lh'a dessem, a sua tropa, que subia a dous mil homens, sahio dos quarteis, na tarde de 11 de Janeiro, e marchou a occupar o morro do Castello, que domina toda a cidade. Conhecido o movimento, e antes de romper o dia seguinte, o campo de Santa Anna achou-se cheio de gente armada; a maior parte constava de cidadãos, pouco aptos para se arrostarem com os veteranos portuguezes, mas erão superiores em numero, bem providos de artilharia, e dispostos a acabar com a dictadura, que até alli tinha exercido a divisão auxiliadora. Parecia inevitavel um conflicto, quando Avilez, embaraçado com esta opposição, e vacillante por não ter recebido ordens positivas das côrtes, offereceu capitular, com a condição de que seus soldados conservarião as armas. Concedeu-se-lhes isto, comtanto que se retirassem para a Praia Grande, do outro lado da bahia, até que se preparassem embarcações

para os conduzir a Lisboa ; o que se verificou no mesmo dia e na melhor ordem possível.

Fizerão-se os preparativos necessarios para o immediato embarque dos Portuguezes ; mas chegada a occasião, recusarão obedecer até que aportasse a expedição todos os dias esperada de Lisboa. Irritado com esta negativa, o Principe passou-se para bordo de uma das canhoneiras postadas para prevenir a communicação com a capital, e ameaçou-os de ser o primeiro a fazer fogo se não embarcassem immediatamente. A requisição de maior demora modificou-se então na de tres mezes de soldo adiantado, que lhes foi concedido, e no dia 15 de Fevereiro fizeram-se á véla para a Europa.

Tendo chegado de S. Paulo o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, como orador da deputação que vinha pedir a Sua Alteza Real demorasse a sua partida por motivos de reciproca conveniencia para Portugal e para o Brasil, houve por bem o mesmo Principe nomea-lo, com data de 16 de Janeiro de 1822, ministro dos negocios do reino e dos estrangeiros. O primeiro cuidado do novo ministro foi restabelecer a centralisação das provincias, que as côrtes haviam aniquilado, e que se tornava de primeira necessidade contra as aggressões externas. Com estas vistas promulgou-se o decreto de 16 de Fevereiro, ordenando a convocação de um conselho dos procuradores das provincias, cujos membros deverião ser escolhidos na razão de um conselheiro por cada uma que tivesse dado quatro deputados ás côrtes. D. Pedro se declarou presidente deste conselho.

Cumpria a este corpo aconselhar o Principe sobre todos os negocios importantes, organizar varios projectos de reforma na administração, e apresentar as reclamações e exigencias das provincias. A tarefa do ministro tornava-se summa-

mente difficil; quatro provincias sômente se reunirão nesta alliança: Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes e Rio Grande do Sul; Pernambuco estava retalhado pelas dissensões civis: dous batalhões de linha e a parte principal das milicias havião pegado em armas contra o governador Luiz do Rego, e varios choques havião já occorrido. A tropa portugueza foi mandada retirar no mez de Novembro, e substituida por outra, que sendo, segundo se expressavão as côrtes, mais *constitucional*, seria melhor accita pelos habitantes. Entretanto não ousarão ali, sem receber antes authorisação de Portugal, proceder á eleição dos procuradores da provincia.

Na Bahia foi perturbada a tranquillidade publica no mez de Fevereiro de 1822, por haver sido nomeado governador das armas o brigadeiro portuguez Ignacio Luiz Madeira para substituir ao de igual patente Manoel Pedro de Freitas, Brasileiro, que exercia interinamente aquelle emprego. Madeira, apoiado pelas tropas portuguezas, intima ao chefe brasileiro que lhe entregue o mando: este porém, protegido pelas tropas do paiz e pelo povo, recusa fazê-lo. Seguem-se desta controversia provocações, rixas particulares, e por fim, a 17 de Fevereiro, conflictos parciaes em differentes lugares, donde os Brasileiros, repellidos com perda, se retirarão ao forte de S. Pedro, que tambem evacuarão no dia 21 para se irem acampar no interior. Trinta Europeôs morrerão nos diversos encontros, e muitos habitantes forão envolvidos neste sangui-nolento tumulto. Madeira ficou senhor da cidade, onde reinou por algumas semanas a mais completa anarchia e confusão; suspendêrão-se as transacções commerciaes, e tudo prognosticava sérias consequencias da luta que havia começado.

Uma esquadra portugueza chega ao Rio de Janeiro. Sua volta. Viagem do Principe Real a Minas. O titulo de Defensor Perpetuo. Convocação da assembléa constituinte. Manifestos. Viagem a S. Paulo. O grito do Ypiranga. O Principe é aclamado Imperador do Brasil. Coroação.

Não obstante o máo effeito de todas as medidas ácerca do Brasil, persistião as côrtes de Lisboa no seu sytema sem modificação alguma. Tinhaõ supprimido a Academia de Marinha do Rio de Janeiro, unico estabelecimento central que restava áquem dos mares, assim como tinhaõ recusado um poder executivo para o Brasil, porque dizião que este poder era *indivisivel*. O numero dos deputados portuguezes era de cento e trinta, o dos Brasileiros não passava de setenta, e destes apenas cincoenta chegarão a Lisboa. Vê-se pois que este numero era muito diminuto para poder ganhar alguma influencia na assembléa: estavam sempre em minoria, e as provas de desprezo a que estavam sujeitos erão ainda mais mortificantes do que as continuadas derrotas que soffrião. Um delles requereu a creação de uma Universidade no Brasil, e foi-lhe respondido que algumas escolas primarias bastarião. Outros, cujas opiniões erão oppostas á maioria, não podião fallar pelo rumor das galerias; os seus requerimentos ácerca da liberdade do commercio erão ainda mais inuteis do que sobre a liberdade individual. Ainda mesmo que as côrtes possuíssem maior illustração, seria duvi-

doso que tivessem podido legislar com mais liberdade, porque a maior parte dos Portuguezes era adversa a quaesquer concessões feitas ao Brasil.

Ao chegar a noticia das desordens da Bahia, nomeou-se uma commissão das côrtes para deliberar sobre a conveniencia de se permittir ao Principe o demorar-se, até que a tranquillidade publica fosse restabelecida. Pelo mesmo tempo se venceu que continuasse a Academia de Marinha no Rio de Janeiro, cuja suppressão havia passado; mas esta prudente e conciliadora linha de conducta foi adoptada já tarde, e não pôde sustar a revolução que progredia. Entretanto já havia partido a esquadra que devia conduzir o Principe real a Lisboa; e tendo feito escala em Pernambuco para desembarcar o novo governador das armas, José Corrêa de Mello, appareceu no dia 5 de Março á vista da barra do Rio de Janeiro, onde não lhe foi permittido entrar antes que o commandante, Francisco Maximiano de Souza, assignasse uma protestação, obrigando-se a obedecer em tudo ás ordens do Principe. Cedendo o commandante a esta requisição, foi-lhe permittido entrar com a esquadra no dia 10, sem contudo poder ninguem desembarcar; e tendo recebido ordem de voltar para Portugal, com a expressa prohibição de tocar em nenhum outro porto do Brasil, pediu os provimentos e refrescos necessarios para o seu regresso, que lhe forão generosamente subministrados. Depois de um repouso de quatorze dias deu á vela em 24 de Março, deixando em terra seiscentos homens, que espontaneamente quizerão ficar ao serviço do Brasil.

No dia immediato ao em que sahio a expedição (25 de Março), Sua Alteza Real partio para Villa

Rica, capital de Minas-Geraes, cujo governo provisório se havia negado a obedecer-lhe, porque ainda desconfiava d'elle. A sua inesperada presença bastou para assegurar a confiança; e alguns dias depois voltou para o Rio de Janeiro, na convicção de que havia destruído o germen da desintelligência. Tomavão entretanto os negocios na capital um aspecto mais sério. Havia chegado a noticia de que o governo portuguez notificára aos seus consules nos portos estrangeiros que prevenissem a exportação de armamento e munições para as provincias ultramarinas, sob pena de confiscação do navio e carga aos contraventores. Foi esta notificação considerada como uma declaração de guerra, e a camara municipal veio em corpo (13 de Maio) supplicar ao principe que aceitasse para si e seus descendentes o titulo e encargo de *Defensor Perpetuo do Brasil*: accedendo a esta supplica, foi o acto celebrado com grande regozijo publico.

O partido patriota advogava a concessão deste augmento de attribuições, porque o Principe, por meio dellas, e com todas as apparencias de legalidade, poderia conceder ao Brasil uma legislatura independente. Conseguido o primeiro ponto, no dia 23 do mesmo mez a municipalidade de novo se dirigio ao paço, acompanhada de grande concurso de cidadãos, e requereu a Sua Alteza a prompta convocação de uma assembléa, para deliberar em sessões publicas sobre as condições que devessem servir de base á união do Brasil com Portugal, e fazer as emendas que fossem necessarias na constituição. D. Pedro respondeu que se guiaria pela vontade das provincias, expressada no conselho dos seus procuradores, e em cumprimento desta promessa, convocou o conselho; mas como só

estivessem presentes no Rio de Janeiro tres conselheiros, declarárão-se elles incompetentes para decidir, e limitárão-se, na reunião de 3 de Junho, a solicitar aquella mesma medida, que, sendo sustentada pelo ministerio, foi immediatamente outorgada.

Em consequencia desta resolução, promulgou-se no mesmo dia um decreto convocando a assembléa constituinte e legislativa; e assegurou o Principe ao conselho de estado que fôra aquelle o mais grato momento da sua vida, pois confiava que a assembléa necessariamente promoveria a felicidade do povo, seu maior empenho. E na verdade, era tanta a sua confiança, e tão excessivo o seu enthusiasmo por esta causa, que, escrevendo a seu avô e ao pai com data de 21 de Maio, dizia que era mister que o Brasil tivesse as suas côrtes, dando para isto as seguintes razões: « Tornava-se esta opinião cada vez mais geral: sem côrtes o Brasil não podia ser feliz: leis feitas a tão grande distancia por homens que não erão Brasileiros, e que não conhecião as necessidades do paiz, não podião ser boas; o Brasil estava na adolescencia, e ia desenvolvendo maior vigor: o que lhe convinha n'um dia já lhe não servia n'outro; conhecia melhor as suas precisões, e era absurdo detê-lo sob a dependencia de outro hemispherio; o Principe acabava dizendo que sem igualdade de direitos não ha união; que ninguem se une em sociedade para vêr peiorar a sua condição; que aquelle que é o mais forte deve saber melhor manter seus direitos; que o Brasil jámais perderia os seus: e que elle, principe, os sustentaria com seu proprio sangue. »

Antes que esta carta chegasse a Lisboa, havião as côrtes decretado, em 2 de Julho, que se pro-

cessassem os membros da junta de S. Paulo, que assignarão a representação de 24 de Dezembro do anno anterior, e que ficasse de nenhum vigor a convocação do conselho dos procuradores provinciaes. Estas medidas ainda mais exacerbãrão as queixas dos Brasileiros, produzindo effeitos contrarios aos que se esperavão. No entanto tinha o regente expedido ordens ao general Madeira para que embarcasse com a sua tropa para Lisboa, e proclamou aos habitantes da Bahia, louvando-lhes a opposição que havião feito a este chefe. Não serão porém executadas as ordens, porque Madeira não reconhecia outro poder senão as côrtes de Portugal. Esta desobediencia, e a noticia de que as mesmas côrtes preparavão novas forças, destinadas para a Bahia e Rio de Janeiro, obrigarão o Principe a adoptar uma medida franca e destemida, publicando no 1º de Agosto o manifesto em que pedia aos Brasileiros que se unissem para conseguir por meio da força, em caso de necessidade, a grande obra da sua independencia. Este manifesto, acompanhado de um decreto da mesma data, pôde ser considerado como uma declaração de guerra contra as côrtes de Portugal.

Como consequencia indispensavel das duas deliberações que ficão mencionadas, o Principe regente dirigio aos governos e nações amigas, com data de 6 do mesmo Agosto, já em nome de um povo independente e livre, circular manifesto, em que declara estar prompto a receber os agentes diplomaticos destas nações, assim como a enviar-lhes os seus, continuando abertos os portos para o commercio licito, que as leis não prohibissem. Desde este momento dirigio D. Pedro todos os seus esforços afim de expellir as tropas portuguezas de todos os pontos que occu-

pavão no Brasil. A expedição sahida do Rio de Janeiro chegou á Bahia quasi ao mesmo tempo que um reforço chegada de Portugal acabava de desembarcar na cidade. As tropas brasileiras conseguirão tambem reunir-se ao exercito, que já existia no reconcavo, e depois de algumas negociações sem resultado, rompêrão as hostilidades. Até o fim do anno de 1822 pôde dizer-se que esta attitude hostile não passou de algumas escaramuças, em que as vantagens erão alternativamente compensadas. Em Montevidéo o general Lecor quiz fazer decidir a sua guarnição a declarar-se pela independencia do Brasil; porém menos feliz do que o anno antecedente, vio-se obrigado a abandonar a divisão portugueza, e passar-se para as tropas brasileiras.

Em Pernambuco, onde o espirito de independencia era mais forte do que em nenhuma outra provincia do Brasil, forão os patriotas mais felizes: expulsárão a ultima expedição das tropas portuguezas por meio de negociações, e mandárão uma deputação ao Rio protestar a sua adhesão ao regente. Na de S. Paulo outros forão os meios empregados; em consequencia das dissensões occorridas entre o presidente da respectiva junta e Martim Francisco, partio o Principe no dia 14 de Agosto, deixando a regencia confiada á Princeza Real, e a administração dos negocios publicos ao ministerio e conselho de representantes. Sua presença serenou as desordens, e já se achava de volta, quando em caminho recebeu as cartas de El-Rei, que o decidirão a declarar a independencia da maneira a mais explicita e irrevogavel. Foi a 7 de Setembro de 1822, sobre as margens do Ypiranga, riacho da vizinhança de S. Paulo, que o Principe annuo finalmente aos desejos dos Brasileiros mais

illustrados; e este dia marca a éra da independência do Brasil.

Sua Alteza Real chegou ao Rio de Janeiro na noite de 15 do mesmo mez, e apresentou-se immediatamente no theatro com uma legenda no braço esquerdo, que dizia;—*Independencia ou morte* — Já não era possível duvidar-se das suas intenções, e a probabilidade do seu accesso ao throno tornou-se manifesta. No dia 21 de Setembro publicou-se um edital da camara, declarando que era de sua intenção fazer realisar os desejos do povo, proclamando solemnemente D. Pedro Imperador Constitucional do Brasil no dia 12 de Outubro seguinte. Raiou emfim o dia aprazado, e a cêremonia verificou-se ante um concurso immenso do povo, da tropa, da côrte e das autoridades publicas, reunido no campo de Santa Anna, em cujo acto, antes de receber a corôa, o Principe declarou que aceitava o titulo de Imperador, depois de ter ouvido o seu conselho de estado e os procuradores geraes. Terminada a aclamação, a tropa saudou o novo Imperador; houverão festas e signaes de geral contentamento, e a cidade se illuminou espontaneamente; ficando destinado o dia 1º de Dezembro para a cêremonia da coroação.

D. Pedro tinha as mais favoraveis disposições, com a felicidade de achar-se unido a uma consorte, a Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina dotada de singulares virtudes; um longo e brilhante futuro parecia aguardar o joven monarcha. Com o estabelecimento de um systema economico melhorou-se o estado do thesouro, e a nomeação de Martin Francisco, irmão do primeiro ministro, para a repartição da fazenda, deu esperanças de uma proba e providente administração. A marinha e o exercito receberão incrível

augmento; a actividade, energia e previdencia de José Bonifacio havião preparado os meios de realisar a independencia, arrojando deste lado do atlantico as cohortes lusitanas.

Finalmente chegou o dia 1º de Dezembro, em que se celebrou o acto da coroação, e desde este momento legitimou-se a dynastia de Bragança no solio do Brasil. A nossa revolução é singular nos fastos do mundo; um povo que reivindica seus direitos, que os confia a seus representantes, que se emancipa quando os vê menoscabados e injustamente desconhecidos; um Principe que previne os votos do seu povo; um sabio que firma a soberania da sua patria; um monarcha que circumscreve a autoridade do seu throno, é o exemplo mais notavel e mais digno de admiração entre todos os povos cultos da terra.

III

Sete deputados brasileiros abandonão as côrtes de Lisboa. Lord Cochrane entra no serviço do Brasil. Os Portuguezes evacuaõ a Bahia. Cochrane segue a esquadra portugueza alguns dias, e volta sobre o Maranhão. Successos do Maranhão e do Pará. Horriovel catastrophe. A divisão lusitana capitula e evacua Montevidéo. A assembléa constituinte do Brasil. Demissão do ministerio dos Andradas. Dissolução da constituinte. Deportação de seis deputados.

Em 19 de Setembro de 1822 havião as côrtes de Lisboa decretado varias medidas contra o Brasil; como era de esperar, pronunciãrão-se contra ellas quasi todos os deputados brasileiros; mas suas vozes forão abafadas pelo clamor da maioria, e pelos insultos e ameaças da plebe.

Vendo elles que neste ponto era inevitavel uma luta armada, sete dos mais notaveis, entre os quaes figuravão Antonio Carlos de Andrada, Lino Coutinho, Diogo Antonio Feijó e Cypriano José Barata, se embarcárão fortivamente para Falmouth, onde com a data de 22 de Outubro publicárão a formal declaração dos motivos que os havião forçado a deixar as côrtes e sahir de Lisboa. Entretanto o ministerio dos Andradas continuava á testa do governo do Rio de Janeiro; mas suspeito de pouco popular, foi demittido por decreto de 28 de Outubro. Apenas substituido por outro, o povo em tumulto reclamou a sua volta ao poder; no que só consentirão os dous irmãos Andradas com a clausula de que se tomassem algumas medidas arbitrarías; annuindo o Imperador a esta condição, forão reintegrados com grande satisfação dos seus partidarios no dia 30 do mesmo mez.

José Bonifacio havia-se penetrado da necessidade de expellir as forças portuguezas de todos os pontos do Imperio; mas estas forças, protegidas por uma forte marinha, não podião ser opportunamente combatidas em terra sem que o fossem por mar. Com este intuito fizeram-se proposições a lord Cochrane, que então residia no Chile, convidando-o a tomar o commando da esquadra brasileira; no que conveio debaixo de certas condições. Lord Cochrane chegou ao Rio de Janeiro com alguns officiaes no dia 21 de Março de 1823, e arvorou immediatamente o seu pavilhão de almirante do Brasil a bordo da não *Pedro I*. No dia 3 de Abril fez-se á véla para a Bahia com uma divisão de seis vasos de guerra, a que se forão reunir mais dous; e no dia 4 de Maio achou-se em frente da esquadra portugueza formada em linha. Apezar da desproporção das

forças, o almirante brasileiro não recusou o combate; porém um accidente imprevisto obrigou-o a retirar-se, indo fundear trinta milhas ao sul da Bahia, onde deixou o resto da sua frota, e veio com a náó e a corveta *Maria da Gloria* sustentar o bloqueio, apesar da superioridade da esquadra portugueza.

Bloqueada a Bahia por mar e terra, e reduzidas as tropas portuguezas a extrema penuria, virão-se obrigadas a evacuar a cidade no dia 2 de Julho de 1823, refugiando-se a bordo da esquadra, na qual embarcárão tambem muitos negociantes, levando os seus cabedaes. O coronel José Joaquim de Lima, commandante do exercito brasileiro, que havia substituído no mando ao brigadeiro Pedro Labatut, occupou immediatamente a cidade, e guarneceu os pontos essenciaes, mantendo, quanto esteve ao seu alcance, a boa ordem e a disciplina. A frota portugueza, composta de treze navios de guerra e mais de setenta mercantes, fez-se á vela no mesmo dia; seguiu-a immediatamente lord Cochrane, tomando-lhe muitos navios sem a menor resistencia da parte do almirante portuguez. Havendo-se achado a bordo do navio *Grãc Pará* as instrucções dadas por este aos commandantes dos transportes, soube-se que algumas tropas são destinadas para o Maranhão, em consequencia do que tomou Cochrane o accordo de dirigir-se áquelle porto, assim de evitar o desembarque. No entanto o commandante da fragata *Nictheroy*, Taylor, seguiu as aguas da frota portugueza até a embocadura do Tejo, tomando muitas presas, que forão remetidas para o Rio de Janeiro.

Chegando lord Cochrane ao Maranhão, soube que algumas tropas sahidas da Bahia tinham ali

desembarcado; e preparando-se para hostilizar a cidade, veio a seu bordo a junta provisoria para fazer entrega da praça, e protestar a sua adhesão á causa da independencia. O almirante apoderou-se então do brigue de guerra *D. Miguel*, de uma escuna e de varias embarcações mercantes, mandando sequestrar todas as fazendas existentes na alfandega, e que pertencião a subditos portuguezes, consentindo depois, *como prova de generosidade sem igual*, que fossem resgatadas pela terça parte do seu valor. Daqui destacou o brigue *D. Miguel*, ás ordens do capitão João Pascoe Grenfell, para intimar ao Pará que annuisse á proclamação da independencia. A' chegada deste official, que fingia ser emissario de uma forte esquadra surta perto da cidade, exultou o partido dos independentes, que logo triumphou sem embargo da obstinação do general José Maria de Moura, sustentado por todos os chefes das tropas regulares. O general e outros officiaes forão presos e remettidos para Lisboa, instaurando-se uma junta provisoria para governar a provincia em nome do Imperador.

O expediente do capitão Grenfell não deixou de ter o seu contratempo; uma porção de malvados, unidos a algumas tropas indisciplinadas, tentárão depôr a junta, commettendo ao mesmo tempo as maiores atrocidades. Trinta horas de completa anarchia obrigárão este official a desembarcar com a sua equipagem para proteger o governo e a cidade, exposta a todo o genero de attentados. Depois de haver superado a revolta, prendeu grande numero de anarchistas, e decidio a junta a mandar fuzilar um individuo por cada corpo militar complicado nas desordens. Todavia, no estado apparente de quietação tudo fazia receiar que os criminosos não estivessem

seguros nas prisões de terra; e Grenfell fez recolher duzentos e cincoenta e oito homens ao porão de uma galera, debaixo da guarda de quinze soldados. Apinhados ao ponto de quasi não poderem respirar, tentárão estes infelizes subir para o convez, mas forão repellidos pela guarda, que lhes fez fogo e lhes fechou a escotilha.

A suffocação, causada pela falta de ar, levou esta multidão a uma completa loucura, de sorte que muitos se dilacerárão as carnes reciprocamente de maneira horrivel. Seguirão-se todas as agonias inherentes a este estado; o velho e o moço, o forte e o fraco, o aggressor e o aggreddido, cahirão exhaustos nas ancias da morte. A madrugada do seguinte dia veio aclarar o mais pungente espectáculo: duzentos e cincoenta e quatro homens asphyxiados cobrião em montões as cavernas do navio! só quatro se achavão vivos, por se terem escondidos por detrás das barricadas de agua. Ainda assim as desordens continuárão nesta provincia, até a chegada do presidente José de Araujo Roso, que fez prender os mais furiosos instigadores.

Lord Cochrane continuou a permanecer no Maranhão com o fim de apaziguar a provincia, que se achava occupada no interior pelas tropas do Ceará e Piahy. Estas tropas tinham vindo combater o chefe portuguez João José da Cunha Fidié, que, retirando-se do Piahy, fez-se forte em Caxias, e alli capitulou. Satisfeitas todas as exigencias, nomeado um governo provisório, livre finalmente todo o Norte, fez-se o almirante á véla daquelles portos em 20 de Setembro do mesmo anno, e chegou ao Rio de Janeiro em 9 de Novembro, onde foi informado que o Imperador, em testemunho de sua approvação e do

quanto apreciava os seus serviços, lhe havia confellido o título de Marquez do Maranhão.

A divisão lusitana, estacionada em Montevidéo, havia por um manifesto resistido ao decreto que a desligava do exercito portuguez. Depois da separação do general Lecor, o general D. Alvaro da Costa de Souza e Macedo, concentrando-se na praça com quatro mil homens, desconheceu a autoridade daquelle chefe, negou-se a toda a obediencia ao governo do Rio de Janeiro, e sustentou por dezeseite mezes um sitio contra as tropas brasileiras ao mando do mesmo general Lecor, declarado a favor da independencia. D. Alvaro manteve o seu posto, e só depois de ter sabido que as forças portuguezas havião sido expulsas de todos os pontos do Brasil, se resolveu a entrar em convenção (18 de Novembro de 1823), evacuando a praça, e embarcando com a divisão que permanecia fiel, ficando desta sorte Montevidéo incorporado ao Brasil, independente de Portugal. Desde esta época um só soldado portuguez não pisou mais no solo do imperio, e a independencia foi irrevogavelmente sanccionada pela força e pelo direito.

As côrtes constituintes de Portugal tinham encerrado as suas sessões em 4 de Novembro de 1822, substituindo-as immediatamente a assembléa legislativa, cujas vistas de sujeitar de novo as provincias rebelladas do Brasil erão as mesmas que as das côrtes; porém as dissensões civis que começarão a agitar aquelle reino fizerão distrahir a attenção de seus membros. A assembléa achava-se mui desacreditada, e o espirito de reacção tinha-se desenvolvido, quando a invasão dos Francezes na Hespanha veio animar os realistas, e dar-lhes ganho de causa. Tambem se suppunha que a politica errada das côrtes

âcerca do Brasil tinha provocado, por assim dizer, a independencia; e que cessando aquellas, quando não se submettessem de todo estas provincias, como antes, poderia ainda a metropole monopolisar outra vez o commercio do territorio brasileiro. E na verdade, por um golpe semelhante ao de 1820 acabou em 1823 a revolução como tinha começado, isto é, por uma sedição militar. El-Rei, voltando de Villa Franca, entreteve o povo com promessas de outra constituição, até que finalmente estabeleceu o antigo systema do governo absoluto.

A assembléa constituinte do Brasil tinha-se reunido no dia 17 de Abril de 1823 com cincoenta e tres deputados, e depois de algumas sessões preparatorias decidio-se que encetasse os seus trabalhos a 3 de Maio. O Imperador abriu em pessoa a sessão, dirigindo um discurso âcerca do estado do paiz, e concluia dizendo que esperava que a constituição que fizessem merecesse a sua imperial approvação. A discussão da resposta á falla do throno começou um pouco exaltada, porém os Andradas, que gozavão então de toda a preponderancia, e que erão sem duvida os primeiros oradores, responderão cabalmente a todas as iactivas, sustentando os principios monarchicos contra as idéas exageradas de seus collegas. Todavia, uma circumstancia casual veio mudar a face das cousas; dividida a assembléa em dous partidos, conseguirão os realistas que os Andradas fôssem demittidos do ministerio em 17 de Julho. A nomeação de novos ministros foi seguida de uma mudança na politica do governo, que não agradou aos liberaes, e desde então a tribuna e a imprensa tornárão-se a arena onde acrimoniosamente combatião os dous partidos.

Desde o dia em que os Andradas foram demittidos do ministerio, acháráo-se na opposição, na qual sempre exercêrão sua influencia em prejuizo do governo. No dia 7 de Setembro chegou um brigue de guerra portuguez, trazendo a seu bordo o marechal Luiz Paulino Pinto da França com despachos para o Imperador, e dias depois chegou mais uma corveta conduzindo o Conde do Rio Maior, e outros commissarios, enviados pelo governo portuguez para entabolar negociações sobre as desintelligencias que existião; e comquanto não os quizesse o Imperador admitir, nem receber os despachos, se não reconhecessem a independencia do Brasil como base de toda e qualquer negociação, contudo forão suas intenções calumniadas, e elle mesmo accusado de haver entretido communicações secretas com o Conde do Rio Maior. A assembléa punha todos os dias o gabinete em progressivos embaraços, e a imprensa não lhe era menos nociva. Aparecendo na *Sentinella* um artigo contra os officiaes portuguezes, dous destes espaneárão um boticario que suppunhão autor, e desde este momento não foi já possível nenhum meio de reconciliação.

O paciente reclamou logo justiça da assembléa, e os Andradas, aproveitando esta oportunidade, altamente pedirão vingança contra os aggressores. Como era de suppôr, os militares protegião a causa de seus camaradas, e as tropas forão todas reunir-se em S. Christovão, donde o Imperador mandou uma mensagem pedindo uma satisfação pelos insultos feitos á honra dos officiaes, e ás intenções de Sua Magestade em diversos periodos; em consequencia do que propôz Antonio Carlos que a camara se declarasse em sessão permanente. Durante a noite de 11 de

Novembro permanecerão os deputados nos seus postos, não obstante a longa agonia que havia succedido ao exaltamento deste dia. Vendo finalmente o Imperador que os tres irmãos Andradas continuavão a predominar na assembléa, fez marchar as tropas para a cidade no dia 12, e mandou pelo brigadeiro José Manoel de Moraes intimar o decreto da sua dissolução. Os deputados Antonio Carlos e Martim Francisco (irmãos), José Joaquim da Rocha, Montezuma e o padre Belchior Pinheiro, forão presos ao sahir da camara; José Bonifacio, que se tinha retirado por incommodado, o foi em sua casa; e todos juntos, em numero de seis, conduzidos á prisão, d'onde embarcárão para a França como deportados.

Assim terminou, ao menos por alguns annos, a carreira politica dos Andradas. Cumpre porém confessar que foi José Bonifacio quem fixou o animo irresoluto de D. Pedro, quem lhe fez sentir o contraste entre governar um imperio nascente, ou um reino em decadencia, e quem, representando-lhe a perda do Brasil como certa, se se retirasse, reanimou a expirante ambição deste Principe, e conduzio a revolução effectuada com muito pequeno sacrificio e quasi sem derramamento de sangue. O desinteresse de José Bonifacio e de seu irmão Martim Francisco é altamente digno de elogio. Honras e riquezas estiverao ao seu alcance; comtudo retirárão-se do poder sem titulos nem condecorações, e em honrosa pobreza. Durante toda a sessão da assembléa constituinte só passárão cinco projectos de leis, todos sobre objectos secundarios, e pequeno progresso fez a discussão dos diversos artigos constitucionaes. No dia 13 publicou-se uma proclamação, em que se fazia vêr que a prisão dos Andradas e de seus partidarios fôra effectuada com as vistas

de se evitar a anarchia, e promettendo-se que o governo tomaria debaixo da sua protecção as familias dos presos.

IV

Manifesto relativo á dissolução da constituinte. Mediação da Inglaterra. Primeiras negociações acerca do reconhecimento da independencia por Portugal. Revolução de Pernambuco. Acontecimentos subsequentes. Pacificação completa do Norte. Execuções. Lord Cochrane torna ao Maranhão. Contribuição forçada. Sua volta para Inglaterra. Motim militar na Bahia. Assassinato do governador das armas.

Foi grande o sentimento e consternação dos liberaes, vendo dissolvida a assembléa constituinte; os realistas porém exultarão pela maior parte. O Imperador contudo não julgou prudente confiar-se unicamente a este partido. Em um manifesto assignado por seu punho, com data de 16 de Novembro, todas as aberrações daquella camara foram sagazmente attribuidas ao genio do mal. Nomeou-se em 26 do mesmo mez uma commissão especial, ou conselho de Estado, composto de dez individuos, afim de organizar uma constituição que merecesse a approvação imperial; a commissão encetou logo os seus trabalhos sob a presidencia do mesmo Imperador, que lhe ministrou as bases. O projecto da nova constituição, outorgada por D. Pedro, publicou-se nos primeiros dias de 1824. Remettêrão-se cópias della ás camaras municipais de diversas provincias, e como algumas requeressem a sua prompta adopção, o Imperador, a Imperatriz, o Bispo Capellão-Mór, e a

municipalidade a jurarão em 25 de Março seguinte. A familia imperial foi á noite ao theatro, e nessa occasião aconteceu o incendio que reduzio a cinzas todo este edificio. Se houve nesse desastre algum projecto sinistro, como se disse depois da abdicação, elle abortou felizmente, sahindo o Imperador no principio do fogo, sem mesmo conhecer o imminente risco de que escapara.

Considerando o gabinete de Lisboa a dissolução violenta da assembléa constituinte como prova irrefragavel da preponderancia do partido portuguez no Brasil, concebeu algumas esperanças de que D. Pedro ainda se sujeitaria á supremacia de seu pai, e restabeleceria a união com a mãe-patria. Não lhe tardou porém o desgano de que taes idéas são falsas, e em Março de 1824 recorreu á intervenção da Inglaterra para que cessassem as hostilidades da parte do Brasil contra os navios e subditos portuguezes. Mr. Canning, accitando a mediação, deu ordens ao encarregado de negocios, residente no Rio de Janeiro, para propôr as primeiras condições; em consequencia do que partirão os plenipotenciarios brasileiros para Inglaterra, munidos das competentes instrucções, e em 12 de Julho encetarão as negociações com o ministro portuguez. Os commissarios do Brasil exigião independencia, e os Portuguezes pretendião impôr soberania, pelo que nada se conseguiu destas conferencias. Vendo Mr. Canning a maneira pouco satisfactoria deste modo de proceder, dirigio uma nota ao governo portuguez, apontando-lhe o perigo que havia se as hostilidades continuassem; porém, ainda assim, persistio aquelle governo em seu plano chimerico de união com o Brasil.

— Enquanto o Imperador se esforçava em vão para obter uma paz honrosa, perigava seriamente no Norte a integridade do Imperio. Todas as provincias do Sul tinham aceitado as consequencias da dissolução da constituinte, abraçando e jurando a constituição outorgada por D. Pedro; mas em Pernambuco manifestava-se espirito muito differente. Achava-se á testa da administração da provincia Manoel de Carvalho Paes de Andrade, quando o Imperador nomeou para lhe succeder a Francisco Paes Barreto, morgado do Cabo, com o intuito de prevenir os rumores que corrião ácerca de uma projectada revolução; porém alguns individuos resolvêrão, depois de se haverem reunido por tres vezes em assembléas populares, que não reconhecêrião outra autoridade que não fosse a de sua eleição. Assim persistirão, até que dous officiaes, Seára e Lamenha, tomáráo o accordo de effectuar uma reacção, prendendo em 20 de Março de 1824 a Manoel de Carvalho. Levado á fortaleza do Brum em custodia, a respectiva guarnição se revoltou a seu favor, e em poucas horas foi reintegrado na presidencia. Todas as tropas se declararão pela causa popular, á excepção das que havião tomado parte na prisão de Carvalho, as quaes, com seus chefes e officiaes, e o presidente nomeado, Barreto, seguirão até o limite da provincia, e se fortificarão na Barra Grande.

O decreto de 11 de Junho de 1824, pelo qual se annunciava que uma esquadra portugueza se preparava no Tejo contra o Brasil, foi o signal de uma completa revolução: Manoel de Carvalho proclamou em 2 de Julho denunciando a D. Pedro como traidor, e dizendo que as suas intenções erão abandonar o Brasil aos Portuguezes. Convidou tambem as provincias do Norte a nega-

rem obediencia ao governo imperial, e a ligarem-se por um pacto que se chamaria *Confederação do Equador*. Grande numero de habitantes da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, declarárão-se depois por esta mesma causa; porém o enthusiasmo não foi tão geral como se esperava, e os revoltosos de Pernambuco ficárão reduzidos aos seus proprios recursos. Contudo elles não forão molestados por muitos mezes, á excepção de um pequeno bloqueio sustentado pelo chefe de divisão João Taylor, que foi mandado levantar por ordem da côrte. Entretanto tinha enviado Carvalho uma forte columna contra os dissidentes da Barra Grande, onde por muito tempo esteve á prova o valor pernambucano, combatendo quasi diariamente uns contra os outros, sem neuhuma vantagem de parte a parte.

Chegando ao Rio de Janeiro noticias destes acontecimentos, resolveu o Imperador cortar o mal de raiz, mandando apromptar uma expedição capaz de supplantar os revoltosos, e de assegurar a paz naquella provincia. A divisão naval fez-se á véla do Rio de Janeiro no 1º de Agosto de 1824, sob o commando de lord Cochrane, que, depois de desembarcar as tropas em Maceió ás ordens do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, passou a bloquear o porto do Recife. Já a este tempo achava-se toda a provincia commovida em favor da integridade; a columna do major Ferreira, que sitiava a Barra Grande, já não podia manter-se no seu posto. Quando o brigadeiro Lima se approximava para fazer a sua junção com o morgado do Cabo, tiverão as tropas de Carvalho de tocar a retirada, acossadas diariamente por diferentes guerrilhas. Feita a junção, marchárão as tropas imperiaes sobre a capital,

indo na vanguarda as tropas da Barra Grande. Lord Cochrane não procedeu no bloqueio com seu costumado vigor; contentou-se com enviar á terra algumas proclamações, que não tiveram effeito; e não podendo permanecer no Lameirão com a não por causa da estação, retirou-se para a Bahia.

Depois de uma serie de escaramuças, sempre vantajosas para as armas imperiaes, o brigadeiro Lima fez a sua entrada na capital no dia 12 de Setembro. As tropas de Carvalho, que a occupavão, retirárão-se para o bairro do Recife, cortárão a ponte e fortificarão-se. Felizmente para a causa da integridade, chegou nesse mesmo dia a expedição commandada pelo chefe de divisão Jewett, trazendo oitocentos homens de tropa, parte dos quaes desembarcou logo, afim de operar no ataque do Recife. Outra feliz casualidade muito concorreu para o prompto desfecho deste drama: Manoel de Carvalho, que tinha ido encontrar-se com as tropas do major Ferreira, ficou interceptado da capital pela vanguarda do brigadeiro Lima, e não podendo voltar por terra, embarcou-se em uma jangada para chegar a tempo de occorrer á defesa da cidade; mas já não pôde desembarcar e foi obrigado a refugiar-se a bordo da corveta ingleza *Tweed*, onde chegou pouco depois da meia-noite. Divulgando-se a fuga de Carvalho, os seus partidistas julgárão a causa perdida, e no dia 17 a cidade estava toda em poder dos imperiaes.

As tropas de Carvalho, que se tinham retirado do cerco da Barra Grande, reunidas a outras debaixo do commando do coronel José de Barros Falcão, tentárão um ataque sobre a Boa Vista; o combate foi mortifero de ambos os lados, porém rechaçadas completamente, retirárão-se

para o interior, onde forão obrigados a entregarem-se á columna imperial que as perseguia. Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará successivamente se sujeitãrão ao governo legal; e assim acabou em poucos mezes a celebre *Confederação do Equador*. Uma commissão militar em Pernambuco e outra no Ceará, julgãrão os mais compromettidos, dos quaes doze perderão a vida. Entre as victimas da revolução de 1824, que mais sensiveis forão aos corações brasileiros, contão-se o padre Joaquim Caneca, de amenissima e variada instrucção, e o major de *Henrique Dias*, Agostinho Bezerra Cavalcanti, homem, ainda que preto, de nobres e generosos sentimentos. Diz-se que o Imperador chegara a commutar-lhe a pena por intercessão do brigadeiro Lima; mas ignora-se por que fatalidade fôra executado antes que lhe chegasse o perdão imperial.

Lord Cochrane tinha voltado a Pernambuco, e d'alli percorrendo toda a costa dirigio-se ao Maranhão, que se achava na mais completa anarchia. As tropas que tinham coadjuvado a independencia, se havião rebellado contra o presidente Bruce e seus partidarios, e lhes fazião a mais furiosa guerra; ambos os partidos reclamavão o titulo de imperiaes, e se taxavão mutuamente de republicanos. A classe mais respeitavel dos habitantes recebeu o almirante com as mais vivas demonstrações de alegria; de todos os lados se lhe dirigião felicitações. Havendo deposto o presidente Bruce, enviou-o debaixo de prisão para o Rio de Janeiro, e collocou em seu lugar a Manoel Telles da Silva Lobo, votado inteiramente a seus interesses individuaes. Depois de restituir a paz á provincia, passou lord Cochrane a pôr em execucao o plano que ha muito

concebêra. Resentido pela maneira com que o governo do Rio de Janeiro tinha deferido ás suas reclamações sobre as presas feitas no Maranhão e na Bahia, resolveu pagar-se pelas suas próprias mãos; e para isso fez o computo do que elle chamava propriedade portugueza, e exigio da thesouraria o seu valor.

Como não havia dinheiro em caixa, derão-lhe letras sobre a alfandega, que elle fez pagar de contado, ainda que com alguma demora; e arvorando o seu pavilhão a bordo da fragata *Piranga*, deu á véla para Inglaterra em 20 de Maio de 1825, levando comsigo todo o producto desta contribuição forçada. O ministerio do Rio de Janeiro recebeu com a mais viva indignação a noticia deste acto de verdadeira pirataria; mas nenhuma medida adoptou contra Lord Cochran, e contentou-se com mandar publicar as informações viudas do Maranhão, sem lhes ajuntar observação alguma. Pedro José da Costa Barros, a quem Cochran havia remettido preso para o Pará, foi reintegrado na presidencia do Maranhão.

Apenas vencida a revolução de Pernambuco, appareceu na Bahia um motim militar, que custou a vida ao governador das armas, em Outubro de 1824.— Varios actos de indisciplina tinhão feito com que fosse preso o chefe de um batalhão, denominado dos *Periquitos*; desde logo se declararão os symptomas de um tumulto, que por fim arrebentou com horrivel explosão, pedindo a tropa insubordinada que lhe fosse restituído o seu commandante; e como o general Felisberto Gomes Caldeira persistisse na execução das suas ordens, uma companhia desse corpo foi á sua casa para prendê-lo. O general, á vista da força armada, submetteu-se, dizendo: *Vou preso, com a condicão de que se me não ha de to-*

car ; porém, tanto que se apresentou a peito descoberto, um dos officiaes que conduzião a tropa deu o tremendo signal, e o governador cahio traspasado por quatorze balas. Quatro dos compromettidos no attentado perdêrão a vida em virtude de sentença do conselho de guerra ; outros temerosos se expatriarão voluntariamente, e o resto do batalhão foi confinado para a provincia de Matto-Grosso.

V

O tratado de 29 de Agosto. Reconhecimento da independencia. Revolução de Montevidéo. Defecção de Fructuoso Rivera. Batalha de Sarandy. Declaração de guerra entre o Brasil e Buenos-Ayres. D. Pedro vai á Bahia. Morte de D. João VI. D. Pedro abdica a corôa de Portugal. Primeira assembléa geral legislativa. Operações no Rio da Prata. Viagem ao Rio Grande. Morte da Imperatriz. Volta de D. Pedro.

Continuava tranquilla a côrte, emquanto duravão estas perturbações no Norte, cujo desenlace favoravel firmou desde logo a integridade do Imperio. No entanto pendião as negociações de paz com Portugal sem esperanza de proximo exito ; porém o reconhecimento das Republicas Hespanhclas pela Grãa-Bretanha veio dar-lhes consideravel impulso pela força moral que imprimio á causa da liberdade de todo o mundo. Mr. Canning, prevendo este effeito, enviou a Lisboa Sir Charles Stuart para persuadir a El-Rei da necessidade de apressar o reconhecimento do Brasil, antes que as idéas democraticas tomassem raizes e perigasse o novo throno de D. Pedro. El-Rei, cedendo em parte ás insinuações,

amigaveis do ministro inglez, autorisou ao mesmo Stuart para vir ao Brasil tratar em seu nome de um ajuste definitivo debaixo de certas condições especiaes. O commissario *anglo-luso* chegou ao Rio de Janeiro em 18 de Julho de 1825, e a 29 de Agosto assignárão-se o tratado e a convenção em virtude dos quaes a independencia do Brasil foi solemnemente reconhecida pela antiga metropole.

Eramos de facto independentes, porque havíamos arrojado do solo brasileiro até o ultimo soldado portuguez, dominavamos na terra e nos mares; e todavia trocámos nossos louros da victoria por uma carta de alforria, comprada por dous milhões de libras esterlinas. Sem embargo, não devemos criminar a D. Pedro, nem seria justo attribuir-lhe sentimentos de degradação, entretanto que se tinha mostrado muitas vezes digno do throno que lhe havíamos offerecido. Circumstancias bem melindrosas o obrigârão a ratificar estas peças, que por fim tambem o forão por D. João VI, ainda mais a seu pezar. Parecia desassombrado o novo Imperio, quando uma revolta, insignificante no seu começo, veio alterar a paz interna e effectuar, como de facto effectuou, uma mudança total nos futuros destinos do Brasil.

Depois da capitulação de D. Alvaro, entrou com suas tropas em Montevidéo o general Lecor, e o Cabildo sempre obsequioso com o vencedor jurou a constituição, exceptuando unicamente os artigos que podessem prejudicar as bases da incorporação de 10 de Maio de 1824. Desde então não cessou Buenos-Ayres de reclamar contra esta união, e de solapar ao mesmo tempo surdamente a supremacia do Brasil. A indisposição havia ja creado profundas raizes, em ambas as

margens do Rio da Prata, e em Montevideo se formava uma conspiração para sacudir o jugo estrangeiro. O coronel Fructuoso Rivera, indignado como um dos conspiradores, publicou um manifesto removendo a suspeita, e declarando que sempre defenderia a incorporação; mas nem era sincero no que dizia, nem esta protestação desfez a borrasca que assomava no horizonte. Maduros já os planos, saltou em 19 de Abril de 1825 D. João Antonio Lavalleja no porto das *Vaccas*, territorio de Montevideo, com trinta e dous companheiros, e de subito ateou-se o incendio em toda a campanha.

Pouco depois reunio-se Fructuoso Rivera a estes aventureiros com algumas tropas; a 14 de Junho desse anno estabelecerão os rebeldes um governo provisorio na villa de la Florida, e a 20 de Agosto seguinte reunirão uma camara de representantes, que logo cuidou de declarar *nullos e irritos os actos de incorporação a Portugal e ao Brasil*, proclamando livre e independente o Estado de Montevideo. No emtanto crescerão os bandos dos Gauchos com a protecção descarada do governo e habitantes de Buenos-Ayres; a insurreição lavrava por toda a parte, e a guerra tornava-se inevitavel. Por outro lado, a defeccão de Rivera havia enfraquecido a divisão do general Lecor, já muito fraca pelo abandono em que permanecêra desde a evacuação da praça pelos Portuguezes. Todavia, nenhum encontro serio tinha havido até o dia 12 de Outubro, em que Bento Manoel Ribeiro, com mil homens mal montados, ousou atacar no lugar de Sarandy a Lavalleja, que já tinha dous mil homens perfeitamente armados e equipados; a refrega foi violenta e curta, mas Bento Manoel, envolvido pelo num 20, foi obrigado a debandar, deixando

o campo e duzentos prisioneiros ao inimigo. Foi esta a primeira derrota que soffrêmos no Sul, depois de quatorze annos de assignaladas victorias; e foi tambem este o signal da perda da nossa influencia.

O governo de Buenos-Ayres, protegendo decididamente a revolta, negava-se a toda especie de satisfação reclamada pelo Imperio. A nossa derrota em Sarandy veio ainda mais ensoberbecê-lo, de tal sorte que em 4 de Novembro do mesmo anno o ministro das relações exteriores da Republica transmittio ao gabinete do Rio de Janeiro uma nota em que declarava que o Congresso reconhecia a Banda Oriental de facto incorporada á Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, á qual por direito pertencia e queria pertencer. A conclusão equivalia a uma ruptura, porque uma paz condicional é verdadeiramente uma declaração de guerra. O governo do Brasil a aceitou publicando o manifesto de 10 de Dezembro, e dahi por diante empregou uma politica mais vigorosa. Emquanto estes acontecimentos se succedião com inerivel rapidez, desenvolvia-se na Bahia o odio abafado contra os Portuguezes. Conhecendo este estado de inquietação, D. Pedro resolveu ir visitar aquella cidade, e chegou ali sem ser esperado em Fevereiro de 1826. A agitação estava felizmente em seu começo, e as seguranças pessoaes de Sua Magestade, ajudadas pelas providencias do Marquez de Queluz, a esse tempo presidente, bastarão para restabelecer a paz em toda a provincia.

De volta ao Rio de Janeiro, foi quasi sorprendido pela noticia da morte d'El-Rei D. João VI, acompanhada do acto de aclamação, que a regencia tinha feito, proclamando-o Rei de Portugal, com o nome de D. Pedro IV. Esta circum-

stancia vinha de certo modo compromettê-lo como Imperador do Brasil, excitando a desconfiança dos Brasileiros e os zelos da independencia. Porém desta vez D. Pedro não se mostrou irresoluto, e tomando a direcção que lhe convinha accitou a herança de seu pai, abdicando immediatamente a corôa em sua filha primogenita a princeza D. Maria da Gloria, apenas de sete annos de idade; e para evitar então e no futuro pretensões de parte de seu irmão o infante D. Miguel, fez da sua espontanea abdicacão um pacto de alliança, estatuinto como condição essencial o casamento da rainha com seu tio, ao qual nomeou, durante a minoridade, seu lugar-tenente no reino de Portugal. Para conciliar igualmente todos os partidos outorgou uma Carta constitucional, pela qual o povo nomearia seus representantes, e a nobreza occuparia a camara dos pares hereditariamente. Todo este plano, que parecia exequivel, encontrou depois na pratica obstaculos que D. Pedro não havia previsto.

O estado exausto do thesouro requeria medidas legislativas, que o imperador não podia supprir; portanto foi mister reunir a assembléa geral, convocada desde 1824; e no dia 6 de Maio de 1826 verificou-se a abertura, em que Sua Magestade lhe dirigio a sua falla cheia de sentimentos patrioticos, e de louvavel interesse pela honra e integridade do Imperio. Entretanto uma divisão naval, commandada pelo vice-almirante Rodrigo Lobo, bloqueava o Rio da Prata. O governo de Buenos-Ayres tinha previsto todas as difficuldades, fazendo os preparativos necessarios para resistir; e comquanto tivessemos a superioridade das forças, fomos sempre tão mal succedidos pela pessima direcção do comman-

dante Lobo, que a côrte do Rio de Janeiro vio-se obrigada a manda-lo retirar. Em terra não eramos mais felizes, por falta de um chefe activo e diligente, pois que o general Lecor com sua politica *vagarosa* tinha feito crescer a audacia dos Gauchos. Assim permanecêrão inactivas as forças do novo *Fabio Cunctator* em Montevidéo durante todo o anno de 1826.

O almirante Rodrigo Pinto Guedes tinha ido render o vice-almirante Lobo, e com o novo chefe augmentou-se consideravelmente a nossa esquadra; mas era quasi inutil pelo porte das nossas embarcações, improprias para a navegação do Rio da Prata, como fragatas, grandes corvetas, etc. A esquadilha de Buenos-Ayres, composta de pequenos vasos e commandada pelo almirante Brown, tinha-se posto em segurança, vantajosamente collocada fóra do alcance da frota brasileira; e se não fosse o arrojo do commandante argentino, que deixou a sua posição para vir atacar a nossa esquadra, não haveríamos obtido o triumpho de 29 de Julho de 1826. Desde esta epoca os de Buenos-Ayres, em razão da insignificancia das suas forças, reduzirão-se á defensiva; mas por meio de corsarios, cujo numero augmentava todos os dias, conseguirão em pouco tempo tornarem-se mais formidaveis do que nunca. Este estado desfavoravel dos negocios induzio o Imperador a emprehender uma viagem ao theatro da guerra, na esperanza de estimular as tropas com a sua presença, e de observar pessoalmente as provincias do Sul. Com effeito partio no dia 24 de Novembro a bordo da não *Pedro I*, seguido de uma corveta, uma escuna e alguns transportes.

Durante a ausencia de Sua Magestade, a Imperatriz enfermou, e morreu no dia 11 de De-

zembro. Depois de ter sido exposta em estado por tres dias, seus despojos mortaes forão depositados no convento de Nossa Senhora d'Ajuda, e a terra veio cobrir a filha dos Cesares, a irmã da esposa de Napoleão. De um genio amavel, summamente instruida, generosa quanto podia sê-lo, gozava de consideravel popularidade: o que ao depois se evidenciou pelo pagamento de suas dividas, que subião a oitenta contos de réis, pelo cofre da nação, ordenado pela assembléa geral legislativa. O Imperador achava-se na capital do Rio Grande quando recebeu a infausta noticia da morte de Sua Augusta Esposa. Conferindo o mando do exercito ao Marquez de Barbacena, embarcou para a côrte, onde chegou a 15 de Janeiro de 1827; e foi sua primeira medida demittir o ministerio. A curta estada de D. Pedro no Rio Grande nada tinha produzido de favoravel para a administração, nem para o exercito; as cousas continuãrão como estavão, a mesma deficiencia de meios, as mesmas intrigas, o mesmo desanimo, tudo permaneceu no mesmo estado.

VI

Batalha de Ituzaingo. Combate naval do Uruguay. Convenção de 1827, que Buenos-Ayres não ratificou. Continuação das hostilidades. Tratado preliminar de paz entre o Brasil e Buenos-Ayres. Negocios de Portugal. A Sessão Legislativa de 1829. A Princesa Amelia de Leuchtemberg. Sessão Legislativa de 1830. Efeito no Brasil da revolução franceza dos tres dias de Julho.

O Marquez de Barbacena, em uma proclamação que publicou na occasião de tomar o commando

em chefe, prometteu ás suas tropas e ao publico que em poucos dias o pavilhão brasileiro tremularia em Buenos-Ayres. Dizia-se que o exercito imperial constava de dez mil homens, e o republicano de seis mil e duzentos, commandado por D. Carlos d'Alvear. Depois de uma serie de marchas e de contra-marchas, cujo fim ainda hoje se ignora, foi inevitavel a acção junto do arroyo Ituzaingo no dia 20 de Fevereiro de 1827. Se o successo não correspondeu ao que se esperava, ao menos confessão amigos e inimigos que sobrou coragem em os nossos, que os corpos rivalisárão em valor, e o lugar que a cada um coube em sorte para defender ou atacar, sustentou-o pelejando ou cobrio-o morrendo nelle; o soldado supportou com a usual constancia as fadigas de onze horas de combate, de vinte e quatro de marcha sem descanso, e de quarenta e oito sem comer. O general deveria explicar as razões que teve para mandar tocar a retirada, quando com alguns momentos mais de firmeza seria coroado pela victoria, e quando apenas tinha perdido duzentos e quarenta e dous soldados, entre mortos e prisioneiros, sendo a mortandade maior da parte do inimigo; e para collocar no passo do Rosario fóra de conflicto, nossa melhor cavallaria ao mando do coronel Bento Manoel Ribeiro, com o que desfalcou o exercito, e fez-lhe perder a vantagem do numero.

No mesmo dia em que a noticia desta batalha chegou a Buenos-Ayres, recebeu-se tambem a da destruição de uma divisão inteira da esquadra brasileira no Uruguay. De dezenove embarcações que tinhamos naquelle rio, o almirante Brown tomou-nos onze, queimou cinco, e apenas se salvárão tres. Por cúmulo das nossas desgraças, uma expedição mandada a Patagonia cahio

quasi toda em poder do inimigo. Havendo desembarcado seiscentos e cincoenta homens ao mando do capitão Shepperd, que morreu no primeiro encontro, tiverão de regressar para o lugar do desembarque; porém achando-se interceptados pelo fogo que o inimigo tinha largado na campina, calfrão em poder das guarnições dos corsarios que se achavão na embocadura do Rio-Negro. Taes successos, reputados decisivos, produzirão pelo contrario effeitos inesperados: o proprio ministro das relações exteriores da Republica que em Novembro de 1825 havia declarado a guerra ao governo imperial, veio agora em uma corveta ingleza propôr a paz. Negociou-se pois na boa fé, e sobre bases que parecêrão as mais razoaveis e de reciproca conveniencia, ajustando-se a convenção preliminar de 24 de Maio de 1827, em que, pelo artigo primeiro, Buenos-Ayres renunciava todas as suas pretensões sobre o territorio de Montevidéo.

Regressou Garcia a Buenos-Ayres, onde chegou a 18 de Junho; e quando devia esperar grato fructo da sua missão, tão digna e habilmente desempenhada, encontra raucorosa desapprovação no meio de um tumulto popular, dextramente manejado por mão occulta. O presidente Rivadavia nega a sua ratificação, sob pretexto de excesso das instrucções dadas a Garcia, e resigna o mando dous dias depois. Ainda hoje se ignora a causa de tão contradictorios successos; porém o certo é que a guerra continuou sem actividade nem objecto durante o resto do anno de 1827. Quando se soube no Rio de Janeiro da não ratificação do tratado, o governo cuidou logo de augmentar seus meios de ataque, promovendo um forte recrutamento em todo o Imperio; mas esta medida, além de violenta e sobremaneira

odiosa, já pouco ou nada produzia pela impopularidade desta guerra entre os Brasileiros. Mandou-se então o coronel Cotter, official inglez ao serviço do Brasil, para a Irlanda, com o fim de engajar colonos que viessem, como os Allemães anteriormente, servir no exercito. O governo mudou tambem o general Barbacena, substituindo-o de novo pelo general Lecor.

A accumulção de tropas no Rio de Janeiro sem objecto produzio o necessario effeito da indisciplina entre os estrangeiros. Um batalhão de Allemães, a quem de certo modo se havia tratado com injustiça, foi o primeiro a romper em declarado motim em consequencia do castigo que se applicava a um dos seus camaradas (Junho de 1828). Informados disto, corrêrão os Irlandezes a coadjuvar os Allemães, e este tumulto, isolado no principio, tomou depois o character de verdadeira sedição. Os sediciosos, sabindo dos quarteis, espalhárão-se pelas ruas, roubárão algumas casás, sobretudo tavernas, e commettêrão varios attentados. No dia seguinte cresceu o numero dos revoltosos; foi assassinado o major de um batalhão de Allemães, accusado pelos soldados de ter retido os seus soldos, e forão feridos mais dous officiaes. Finalmente permanecia a cidade por mais de quarenta e oito horas no mais horrivel estado de anarchia, quando o ministro da guerra, Bento Barroso Pereira, deu ordem ás tropas brasileiras para atacar os soldados estrangeiros. Uma porção de homens de côr, livres e escravos, de motu proprio, cooperou com a tropa nacional; mais de cem estrangeiros forão mortos, e muitos outros feridos. O soldado allemão *Steinhausen*, considerado cabeça da sedição, foi fuzilado por sentença. Em consequencia desta revolta, mil e quatrocentos Irlandezes regressárão para o seu paiz.

Entretanto novos compromettimentos assaltam diariamente o ministerio. A nossa esquadra do Rio da Prata, que muito pouco havia feito contra o inimigo, não se tinha descuidado de exercer a sua força sobre os navios mercantes que violavão o bloqueio; e o numero de presas foi excessivo debaixo da bandeira de todas as nações. Em 6 de Julho de 1828 appareceu o vice-almirante francez Roussin com uma não e duas fragatas, exigindo expressamente a immediata restituição de todas as embarcações francezas tomadas no Rio da Prata, e uma indemnisação por perdas e damnos, o que causou grande agitação em toda a cidade. Ambas as camaras estavam dispostas a não accederem a esta exigencia feita com os morrões acesos, porém o Imperador, de seu motu proprio, assentou terminar a questão, mandando restituir todos os navios francezes, e estipulando que a indemnisação das perdas seria ultimada antes de finalizar o anno de 1829.

Neste estado, prevendo o Imperador outras difficuldades, acolheu de novo os commissarios de Buenos-Ayres, que, debaixo da mediação do gabinete inglez, vierão ao Rio de Janeiro propôr a paz, cujas bases forão; que a Banda Oriental ficaria independente pelo espaço de cinco annos, e depois adoptaria o governo que lhe conviesse. O tratado concluiu se no dia 28 de Agosto de 1828, sendo afinal ratificado por ambas as partes contractantes. De ha muito o Brasil anciava, não por augmento de territorio, de que não carecia, mas por limites naturaes e invariaveis que lhe dessem garantias de segurança, de paz estavel, e de permanente ordem interna; eis explicada a causa por que com franqueza, sem debates nem difficuldades, se concluiu a mencionada conven-

ção logo que os negociadores argentinos vierão, não a receber a joia da Cisplatina, mas desistir della; não a sustentar a pretensão da Republica sobre ella, mas a ceder do direito com que a mesma Republica se suppunha de inclui-la no seu territorio; não a ganhar, mas a perder.

Emquanto D. Pedro se esmerava em dar a paz ao Imperio, não esquecia os interesses de sua filha em Portugal, cujos negocios se complicavão cada vez mais. D. Miguel tinha regressado a Lisboa em 22 de Fevereiro de 1828, e quatro dias depois jurou a constituição. Em 31 de Março dissolveu a camara dos deputados; em 22 de Junho abriu em pessoa a assembléa dos tres estados, e em 15 de Julho proclamou-se Rei absoluto de Portugal e dos Algarves, dissolvendo a mesma assembléa, a que devia a sua elevação. Chegando ao Rio de Janeiro a noticia da dissolução da camara dos deputados, resolveu D. Pedro enviar sua filha á Europa para colloca-la sob a protecção de seu avô materno o Imperador d'Austria; e confiando ao Marquez de Barbacena a guarda de tão sagrado penhor, deu-lhe as instrucções necessarias, e accelerou a viagem.

Com effeito a Senhora Dona Maria II partio deste porto no dia 5 de Julho do mesmo anno; porém chegando a Gibraltar, o Marquez de Barbacena prefirio confiar sua Augusta Pupilla á protecção de Sua Magestade Britannica, em vez de leva-la a Vienna; dirigio-se portanto á Inglaterra, onde Sua Magestade Fidelissima foi recebida com todos as honras devidas á Realeza. Pouco tempo todavia bastou para o desengano de que todas estas ceremonias não passavão de simples formularios de etiquetas; visto que o gabinete existente, se não era opposto ás pretensões da Senhora Dona Maria, era pelo menos contrario

ao restabelecimento da constituição em Portugal. Porém deixemos por ora este episodio para proseguirmos no que nos diz respeito.

No principio de 1829 occorreu em Pernambuco um pequeno tumulto, suffocado em seu começo; sem embargo, o ministerio mandou suspender alli as garantias, e creou uma commissão militar, cujas providencias causarão grande irritação entre os liberaes. Foi debaixo destes tristes auspicios que se abriu extraordinariamente a assembléa geral no dia 2 de Abril. Esta reunião foi toda muito agitada por diversos incidentes, occorridos durante as sessões, quer ordinaria quer extraordinaria. Os debates desde o começo havião dado muito desgosto ao Imperador, que no dia 3 de Setembro pôz um termo a todas as discussões pela seguinte desusada e laconica falla de encerramento:

Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação.

Está fechada a Sessão.

IMPERADOR CONSTITUCIONAL

E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL.

Assim terminarão de improviso as sessões da camara dos deputados, sem concluir a discussão sobre a lei do orçamento. Estas e outras circumstancias, bem alheias do animo de D. Pedro, e a impopularidade de seu ministerio, começarão a minar-lhe o prestigio regio, e a fazê-lo decahir na opinião dos liberaes. Como dissemos acima, o recebimento favoravel da Rainha de

Portugal em Inglaterra nada tinha produzido a favor de suas pretensões; e D. Pedro determinou fazê-la regressar para o Brasil, onde chegou no dia 16 de Outubro de 1829, acompanhada pela princeza bávara Dona Amelia de Leuchtemberg, futura esposa do Imperador. Celebrárão-se as nupcias no seguinte dia com muita pompa e magnificencia; instituiu-se a nova Ordem da Rosa; creárão-se novos titulos; e no emtanto, entre aquelle brilhante cortejo e a crise futura existia um horroroso abismo. O successivo augmento do meio circulante pela emissão de notas, o continuado cunho do cobre, a depreciação do cambio exterior, e o agio entre o cobre e o papel, erão settas que ferião todos os interesses, que tocavão de perto a população, e amarguravão a vida domestica, principalmente na classe de empregados publicos, e dos que vivião de um salario.

Corria geralmente de plano, e os liberaes fazião valer, a existencia de um gabinete secreto que tudo decidia, inclinando deste modo a vontade do Imperador para actos arbitrarios, e fazendo-o manivella de uma camarilha; porém no momento em que estas queixas chegarão a seus ouvidos, elle não teve a menor duvida de separar de si a pessoa a que se attribuia essa influencia, ainda que estivesse convencido da falsidade de semelhantes boatos. Todavia o partido chamado liberal não perdia occasião de suscitar novos embaraços ao governo, que commettia repetidas faltas; e o assassinato do Visconde de Camamú, presidente da Bahia, veio ainda mais protestar contra as medidas imprudentes da cõrte. Nestas circumstancias abriu-se a primeira sessão da segunda legislatura no dia 3 de Maio de 1830, Dante a qual recitou . Pedro a falla do throno,

cheia de muitos topicos interessantes para quem quizesse occupar-se delles; porém o espirito nas camaras achava-se muito abalado, e a questão de partidos absorvia toda a sua attenção. Sem embargo, algumas medidas se tomárão, como o licenciamento das tropas estrangeiras, a diminuição da marinha de guerra, a redução da despeza no orçamento, etc.

No dia 14 de Setembro chegarão noticias da imprevista revolução dos tres dias de Julho em Paris: o choque foi electrico. No Rio, na Bahia, em Pernambuco e em S. Paulo, houve grande sensação; excitárão-se as esperanças de uns e os temores de outros, e a imprensa fez-se o écho destas excitações. Finalmente no dia 30 de Novembro o Imperador encerrou a sessão legislativa, que se tinha tornado celebre pela fusão das duas camaras, conforme a doutrina do artigo sessenta e um da Constituição, o que até alli se não tinha realisado. D. Pedro agradecendo aos membros de cada uma das camaras o cumprimento de seus deveres, expressava comtudo em sua falla o pezar de que, em todo o tempo das sessões, se não tivesse decretado o melhoramento do meio circulante, e de novo manifestava a esperança de que na futura sessão ordinaria a assembléa trataria deste importante, urgente e vital objecto, do qual dependião o bem-estar de seus subditos, a consolidação do systema monarchico constitucional, e a gloria da assembléa geral.

VII

Desenvoltura na imprensa periodica. Viagem do Imperador a Minas. Proclamação do Ouro Preto. Seu regresso ao Rio de Janeiro. A noite das garrafadas. Representação dos deputados. Te-Deum em S. Francisco de Paula. Gabinete de 6 de Abril. Reunião do Campo de Santa Anna. Defecção de alguns Corpos. Sangue frio de D. Pedro. Abdicação Embarque da Augusta comitiva. Sua partida. Character de D. Pedro.

Estas palavras de moderação na boca do Imperador fazião verdadeiro contraste com o estylo violento e sarcastico dos jornaes, que tinham chegado ao ultimo ponto de exaltamento, e até de insolencia, porque não só atacavão a pessoa sagrada do Monarcha, como a mesma constituição em suas bases fundamentaes; começou-se por prégar a federação, e acabárão proclamando a republica. A vida, a honra, o lar domestico, nada havia de sagrado para os follicularios, que tinham invadido a sociedade como um enxame de gafanhotos, e nos seus delirios arrojavão de si toda a immoralidade de que se achavão dominados. A bem tristes provas esteve, em toda essa época, sujeito o Fundador do Imperio; e comtudo seu animo generoso e inabalavel não se doia por si, senão pela patria e pelos Brasileiros, de quem se julgava verdadeiro pai. Por esta fórma tornou-se o governo nominal, sem respeito algum na côrte nem nas provincias, impopular até á exaggeração, alfim desprezado e aborrecido.

Na provincia de Minas Geraes, uma das mais populosas do Imperio, o descontentamento tinha

se augmentado ainda mais que no Rio de Janeiro. O Imperador, pensando reprimir com a sua presença o desenvolvimento das idéas de federação, que alli tinha tomado grande corpo, resolveu visitar aquella provincia. E com effeito partio da capital no dia 30 de Dezembro de 1830, com a Imperatriz, dirigindo-se á cidade do Ouro Preto, onde esperava que revivesse o enthusiasmo que tinha alli causado em 1822; mas os tempos haviam mudado, e em todo o seu transitio teve muitas vezes de presenciar os effeitos do descredito em que tinha cahido. Finalmente em 22 de Fevereiro de 1831 publicou no Ouro Preto aquella celebre proclamação que deu motivo a tantas interpretações sinistras, e que bem deixava ver o quanto estava convencido dos perigos da sua posição. O Imperador tinha razão para exprobrar os excessos da imprensa, mas era tarde para o remedio que pretendia applicar-lhe; o mal tinha criado raizes que já não era possivel extirpar sem que perigasse a liberdade ou a realeza: ambas corrêrão imminente risco.

Longe de produzir o desejado effeito, a proclamação contribuiu para aggravar a indisposição que havia contra o Imperador, não só em Minas como em todas as outras provincias. No entanto regressava elle para o Rio de Janeiro desabusado e desgostoso. A frieza e falta de respeito com que fôra por toda a parte acolhido, juntas ao máo exito que tivera a sua proclamação, completamente o desenganarão; de sorte que varias vezes no decurso da jornada fallou da intenção, em que estava, de abdicar em favor de seu filho, e de retirar-se para sempre do Brasil. E de certo, a impopularidade do Imperador crescia diariamente; as calumnias dos jornaes exaltados, por mais absurdas que fossem, erão acreditadas nas

provincias; os actos mais insignificantes da sua vida erão torcidos em seu desabono, muitas vezes por aquelles mesmos a quem elle havia beneficiado. De volta a S. Christovão, onde chegou no dia 11 de Março, quizerão alguns amigos reanimá-lo, promovendo demonstrações de regozijo publico; mas, por uma dessas anomalias que desconcertão os calculos da prudencia humana, as mesmas festividades que tialrão por objecto principal acoroçoar e susentar o Monarcha tornarão-se em todo o Brasil o signal immediato da sua quêda.

Uma das mais fortes accusações contra D. Pedro era que protegia os interesses e as paixões hostís dos Portuguezes; esta idéa havia calado no animo da mais baixa classe da população livre, e foi a principal causa que lhe fez perder a sua popularidade. Desgraçadamente forão os Portuguezes os que mais se empenhárão nos obsequios publicos com que querião celebrar a volta do Imperador; este acto de dedicação particular, a que elle era inteiramente estranho, provocou um conflicto sanguinolento (de 13 para 14 de Março, chamada a *noite das gurrafadas*) entre o partido exaltado, no qual se achavão envolvidos muitos officiaes do exercito, e o que se denominava portuguez. Desde este momento parecia impossivel qualquer reconciliação, e os animos se irritárão a ponto que reviveu todo o antigo odio contra os nascidos do outro lado do Atlantico. A offensa da nacionalidade, e por consequencia do amor proprio dos nascidos no paiz, fez reunir então todos os Brasileiros, clamando que era mister reprimir a insolencia dos estrangeiros. Comtudo, D. Pedro não estava ainda directamente comprometido, pois que havia permanecido em S. Christovão enquanto se passavão aquelles acon-

tecimentos, e só fez a sua entrada publica na capital no dia 17 de Março.

Depois dos successos de 13 e 14 reunirão-se vinte e tres deputados e um senador, em casa do padre José Custodio Dias, e alli redigirão uma representação ao Imperador, energica e ameaçadora, na qual se exigia do governo uma reparação da affronta que se havia soffrido, e o castigo, tanto das autoridades, que conniventes ou indifferentes tinham deixado de dar providencias, como dos delinquentes comprometidos na aggressão. Este documento, publicado pela imprensa, produziu o effeito que se esperava, exaltando ainda mais o espirito de revolta, tanto no Rio de Janeiro, como nas outras provincias, quando se teve noticia delle. No dia 20 houve uma modificação do gabinete; porém esta mudança nada prometia favoravel para as pretensões dos exaltados. Vendo pois os chefes deste partido que as cousas permanecião do mesmo modo, procedêrão diligentemente na organização dos seus planos. Neste estado de indecisão fluctuárão os negocios do Brasil até o dia 25 de Março, anniversario do juramento da Constituição, em que os liberaes tizerão cantar um *Te-Deum* na igreja de S. Francisco de Paula, e onde o Imperador appareceu de repente sem ser esperado nem convidado.

A' sua chegada foi saudado com vivas *emquanto constitucional*, ao que logo respondeu: *Sou e fui sempre constitucional*. Entretanto progredião os conspiradores em seus projectos de mudar a fórma de governo; em seus *clubs* varios planos serão propostos, porém triumphou sempre o de conservar-se a monarchia representativa. Emfim, na manhã de 6 de Abril, vendo o Imperador o caminho que levavão os negocios publicos, demittio o ministerio, e chamou ao gabinete seia

titulares, que já haviam sido ministros em diversas épocas, e adquirido consideravel impopularidade. Com esta noticia exaltou-se o espirito da plebe, que em grande concurso se reunia no campo de Santa Anna, pedindo a reintegração do ministerio demittido naquella manhã; tres juizes de paz forão a S. Christovão expressar estes mesmos sentimentos ao Imperador, ao que elle não annuiu, respondendo: *Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo.* Apenas sabida esta resposta no campo, levantárão-se os gritos os mais sediciosos, e as tropas começárão a reunir-se alli para fazerem causa commum com a gentilha.

Esse mesmo exercito que D. Pedro havia organizado com tanto sacrificio, que havia mantido com tamanho prejuizo da sua popularidade, e sobre o qual havia depositado mais confiança do que no povo, estava destinado a trahi-lo; e aquelles que elle havia enchido de distincções e de beneficios não forão mais escrupulosos no seu abar dono do que os outros. O batalhão do Imperador, que estava aquartelado em S. Christovão, tambem foi reunir-se no campo, onde chegou pelas onze horas da noite; quando D. Pedro soube desta deserção, disse com muito sangue frio: *Fez bem, que se vá reunir aos seus camaradas no campo; não desejo que alguém se sacrifique por mim.* Depois disto mandou elle mesmo que o regimento de artilharia montada, que se achava no páteo da Quinta, fosse igualmente a reunir-se aos outros corpos; e assim prevenio qualquer desagnisado que a divergencia entre a tropa poderia produzir. Deve-se confessar que nesta occasião D. Pedro mostrou uma dignidade e grandeza d'alma de que não usara nos dias da sua prosperidade.

Finalmente, vendo o Imperador o aspecto serio que tomavão as cousas, atormentado, irritado, e fatigado em extremo, julgou que era necessario ceder ás circumstancias, e pelas duas horas da manhã sentou-se, e sem pedir conselho a ninguem, sem mesmo informar o ministerio do que havia resolvido, escreveu a sua abdição nos termos seguintes :

« Usando do direito que a constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho o Senhor D. Pedro de Alcantara.

« Boa Vista, 7 de Abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio »

Levantou-se então, e dirigindo-se para o major Frias apresentou-lhe o decreto, dizendo-lhe com as lagrimas nos olhos: « Aqui está a minha abdição; desejo que sejam felizes! Retiro-me para a Europa, e deixo um paiz que tanto amei, e ainda amo. »

Feito isto, D. Pedro recobrou toda a sua serenidade; voltou para sala onde estava a imperatriz, acompanhada dos embaixadores francez e inglez; despedio os seus ministros, e, por um decreto que datou do dia antecedente (6 de Aril), nomeou tutor e curador de seus quatro filhos, que ficavão no Brasil, a José Bonifacio de Andrada e Silva. Foi esta mais uma prova da variedade dos destinos humanos, pois que d'entre todos aquelles que havia beneficiado e enriquecido, não achou um a quem confiar a tutela de seus filhos, vendo-se obrigado a aproveitar a lealdade e espirito cavalheiroso do venerando ancião a quem em outro tempo havia maltratado. Depois de ter finalmente arranjado os seus negocios domesticos, embarcou em um dos escaleres da não ingleza *Warspite*, com a Imperatriz, a Rainha de

Portugal, sua irmã a marquez de Loulé, e o Marquez seu cunhado; e a contar desse momento, nunca mais pôz o pé sobre o sólo brasileiro.

A Augusta Comitiva dirigio-se primeiro para Bordo da *Warspite*, commandante Talbot, onde estava arvorado o pavilhão do almirante Baker, e ali ficou alguns dias até que se fizessem os necessarios preparativos para a sua viagem á Europa. Foi destinada a fragata ingleza *Volage*, commandante Lord Colchester, para conduzir o Ex Imperador, sua esposa e comitiva, para qualquer porto da Europa que elle escolhesse ao norte de Brest; e a fragata franceza *La Seine*, com ordens iguaes, foi posta á disposição da joven Rainha de Portugal e das pessoas que a acompanhavão. Durante a estada de D. Pedro no porto muitas pessoas forão despedir-se d'elle, e outras repetião suas visitas quasi todos os dias; mostrava-se resignado, e ultimamente satisfeito depois do dia 9, em que observou o enthusiasmo popular no acto de vir o Sr. D. Pedro II assistir ao *Te-Deum* pela sua elevação ao throno. Finalmente partirão as duas fragatas no dia 13 do mez de Abril, e desde então os destinos do Brazil ficarão dependendo de si mesmo.

Bem que tivesse sido inefficaz e erronea em muitos pontos a administração do Ex-Imperador, a sua elevação ao throno foi mui provavelmente o meio de preservar o Brazil de uma anarchia ainda mais fatal do que a que tem assolado as outr'ora colonias he-spanholas. Qualquer tentativa prematura para um governo democratico teria sido seguida de uma guerra sanguinolenta e duradoura, na qual a parte infima da população haveria pegado em armas, e a desordem e a destruição terião assolado a mais bella porção da

America Meridional. Ainda mesmo conseguindo-se a expulsão dos Portuguezes, a ignorancia do povo e as commoções politicas terião sido mais fataes do que a guerra estrangeira. O regimen a que o povo estava acostumado era o monarchico, e esse foi o instrumento mais proprio para introduzir a civilisação que faltava, e para se adoptarem os aperfeiçoamentos sociaes que formão uma parte inherente e essencial do systema representativo.

D. Pedro não era tyranno; ninguem, a não ser algum calumniador, o designou como tal. Seus erros forão grandes, porem as suas intenções erão sempre as mais puras em beneficio do paiz; desgraçadamente achou-se quasi sempre só ou mal aconselhado. Abraçando de boa fé a causa da Independencia e do governo representativo, ninguem lhe levou a palma em sustentar a primeira ou em respeitar o segundo. Dotado de grande talento e valor, mas sem experiencia, entusiasta pela liberdade, mas sem prudencia, estava melhor calculado para libertar o Brasil do que para dirigir a subsequente marcha do seu governo. Apezar de todos os seus erros e dos de seus Ministros, o Brasil, durante os dez annos da sua administração fez certamente mais progressos em intelligencia e civilisação do que nos tres seculos decorridos desde a sua descoberta até a partida d'El Rei para Portugal em 1821. No velho assim como no novo mundo, estava D. Pedro destinado a ser o agente dos melhoramentos sociaes; e antes que terminasse sua brilhante, mas curta carreira, na patria dos seus antepassados, tinha elle de expiar os erros da sua vida anterior pela sua corajosa e heroica devoção á causa da liberdade civil e religiosa.

CAPITULO OITAVO.

1831 — 1841.

I

Eleição da Regencia Provisoria. Sedição militar na Bahia. O Padre Diogo Antonio Feijó, ministro da justiça. Movimentos de 14 e 15 de Julho e 7 de Outubro no Rio de Janeiro. A Setembrisada, ou sedição da tropa em Pernambuco nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1831.

O major Frias tendo recebido das mãos do Imperador o decreto da sua abdicção, regressou a todo o galope de S. Christovão para o Campo, onde foi recebido com muitas demonstrações de alegria, e com vivas ao Senhor D. Pedro II. Pela manhã cedo todos os Deputados e Senadores que se achavão na cõrte reunirão-se no Paço do Senado, e nomearão uma Regencia Provisoria, cujos membros forão o Marquez de Caravellas, o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, e o senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. A esta se confiou o governo do Imperio até a nomeação da Regencia permanente, segundo o artigo cento e vinte tres da Constituição. No dia 8 de Abril os Deputados e Senadores se reunirão de novo, ainda que não se achassem em numero sufficiente, e publicarão uma proclamação

apropriada ás circumstancias, e calculada para tranquillisar o espirito publico sobremaneira exaltado. Talvez fosse isto mais facil do que se pensava, porque a revolução foi mais a obra dos militares do que do povo; ou, para melhor dizer, nada mais foi do que uma sedição militar.

Cumpre tambem notar que se não tivesse rebentado esta sedição na côrte, ou fosse abafada logo á nascença, o que talvez não teria sido muito difficil, haverião apparecido movimentos sediciosos nas provincias, attentas a impopularidade do Imperador e a fraqueza do governo; e nesse caso o exito não seria duvidoso. O mal tinha lavrado por toda a parte, o cancro se tinha apoderado do coração do exercito: d'elle partio o movimento e acabou com elle. Já no dia 4 de Abril outra igual sedição tinha rebentado na Bahia, onde as tropas depuzeram o governador das armas, prenderão seus chefes, e desacatarão a autoridade publica. Em Pernambuco estavam preparadas para o mesmo fim, tanto que chegando alli a noticia da abdicção, que era factu consummado, todavia sahirão dos quarteis e forão para a cidade de Olinda, d'onde regressarão como em triumpho para expellir da capital as primeiras autoridades. Sem embargo, devemos reconhecer que, no estado a que tinhão chegado os negocios publicos, foi esse o unico meio de se firmar no throno a dynastia do Senhor D. Pedro I, e de se prevenir a guerra civil, que só teria terminado pela separação das provincias.

Convem igualmente confessar que as pessoas mais influentes do partido que triumphou não abusarão da victoria; e, bem longe de levarem a effeito suas propaladas vinganças contra os Portuguezes, forão as primeiras a interporem-se entre a gentilha e seus pretendidos inimigos.

Porém o veneno se havia inoculado na tropa; para ganha-la tinhão muitos officiaes affrouxado a disciplina, lisongeando todas as baixas paixões dessa classe a mais infima da sociedade; ainda mesmo depois da abdicção, fez-se-lhe toda a especie de vontade, animando desta sorte a insubordinação dos soldados; e para cumulo de nossos males permittio-se-lhes até que enxotassem de suas fileiras muitos de seus proprios officiaes. Desde então não foi já possível conter os corpos no seu verdadeiro estado de disciplina: ora um, ora outro se mostrava cada vez mais exigente; os mesmos officiaes, divididos entre si, começaram a alliciar a tropa em differentes sentidos. Uns se pronunciarão pelas idéas exageradas da revolução, e querião que o movimento não parasse: outros porém mais cordatos persistião nas idéas de paz e de socego que havião proclamado os chefes do partido logo depois do triumpho.

Desta divisão de principios e de interesses nascerão os dous partidos, conhecidos por muito tempo pela denominação de *Exaltado* e *Moderado*. Veio ainda augmentar o conflicto a chegada da tropa sediciosa da Bahia, cujos officiaes se unirão ao primeiro partido; e desde então viveu esta capital em continuados sustos e sobresaltos até o desfecho de 14 de Julho do mesmo anno, de cujas tristes e bem funestas consequencias a salvou a reconhecida energia do padre Diogo Antonio Feijó, nomeado ministro da justiça. Com effeito, o genio activo e o character tenacissimo deste cidadão fizeram abortar todos os planos da anarchia: os corpos mais indisciplinados forão dissolvidos, e presos muitos dos officiaes compromettidos neste movimento; outros forão enviados á Bahia e a Pernambuco, e deste

modo apartou-se do Rio de Janeiro a semente que devia produzir tremendos fructos em outras provincias.

Quando porém parecia desassombrada esta capital pelas medidas energicas do governo, e pela devoção patriótica com que todos os cidadãos á porfia se prestáram para manter o socego publico, o unico corpo que restava, a artilharia de marinha, se insurreccionou na Ilha das Cobras, e em outras fortalezas desta bahia, no dia 7 de Outubro do mesmo anno, por instigações de varios presos, entre os quaes figurava Cypriano José Barata, que depois foi removido para a Bahia. Felizmente já o governo contava com o apoio da guarda nacional, que acabava de ser creada em virtude da Lei de 18 de Agosto, e de um batalhão composto de todos os officiaes avulsos de primeira e segunda linha, que se achavão na capital, e a insurreição não pôde resistir aos esforços combinados destas duas forças. Este triumpho veio dar ao governo da Regencia Permanente toda a força moral necessaria para conter os partidos na capital; mas nas provincias a sua acção era quasi nulla, e o poder fluctuava á mercê das facções.

D. Pedro tinha creado quasi repentinamente um grande exercito para o Brasil, e para isto foi-lhe mister crear igualmente uma chusma de chefes e officiaes sem as indispensaveis qualidades para mandar, e ninguem ignora que as classes de mando não se improvisão de momento; esta circumstancia concorreu mais que muito para a desmoralisação e indisciplina da tropa, que por todas as provincias se mostrou tão sediciosa como na côrte. Já dissemos que em nosso conceito o movimento de 6 de Abril não tinha passado de uma sedição militar, nem os que se lhe seguirão

em 14 e 15 de Julho, e 7 de Outubro; o movimento de 4 de Abril na Bahia não tinha sido outra cousa, assim como o de Maio em Pernambuco, tanto mais desnecessario, quanto que não tinha objecto, visto que acabava de chegar alli a noticia da abdicção. No Maranhão e no Pará foi sempre a tropa a primeira a pôr-se á frente de todos os movimentos, como logo diremos; porém em nenhuma parte forão tão fataes os efeitos desta geral indisciplina como em Pernambuco.

E na verdade custa a crer o que se passou na cidade do Recife nos luctuosos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1831, nos quaes uma soldadesca desenfreiada, em numero de mil e tantos homens, se apoderou dos tres bairros, depois de haver corrido com todos os officiaes, e feito fogo sobre o commandante das armas, que no primeiro acto se apresentou no quartel de artilharia para impedir o progresso da revolta. A sedição começou pelo batalhão n. 14, ás nove horas da noite de 14 de Setembro; porém ao amanhecer do dia 15 já toda a tropa estava completamente amotinada e senhora da cidade, commettendo os maiores attentados, arrombando a golpes de machado as portas das lojas e armazens, e pondo em saque toda aquella rica capital, sem que houvesse meio de impedir semelhante barbaridade, pois toda a força armada se tinha rebellado e obrava de commum accordo.

Finalmente no dia 16, tendo dado largas á sua ferocidade, já ebrios e dispersos pelas ruas, carregados com os despojos do sangue, parecião os soldados exhaustos de força e de animo, e por isso menos temiveis que no dia antecedente. Já então se havião reunido ao redor da cidade algumas milicias e cidadãos armados para occur-

rerem á commum defesa, e neste estado forão aquelles malvados acommettidos pela Boa Vista e pelo Recife, e esmagados pelo denodo civico de tal maneira que mais de trezentos morrerão ás mãos do povo, sendo presos mais de oitocentos, que forão confinados para a ilha de Fernando, como se fôra isto castigo bastante para tantos e tão horrorosos crimes. Sem embargo, ainda houve outro movimento em Novembro do mesmo anno; porém como já não havia tropa que lhe dêsse força e apenas entravão nelle alguns exaltados sem nenhum apoio na população, foi logo abafado, e a tranquillidade se restabeleceu em poucas horas.

II

Sociedades politicas. O Estado no Estado. A Sociedade DEFENSORA. Os movimentos de 3 e 17 de Abril. O golpe d'Estado de 30 de Julho. O partido Caramuru. A revolução do Ouro Preto. Projecto de banimento d'Ex-Imperador. Estabelecimento da Sociedade Militar. Os dias 2 e 15 de Dezembro de 1833. Quebramento das Typographias. Prisão do Tutor de S. M. I. e de suas Augustas Irmãas.

Reservando as outras Provincias do Norte para tratar dellas seguidamente, voltemos ao Rio de Janeiro, onde nos aguardão novos e interessantes successos. Depois do triumpho da Ilha das Cobras, o governo, apoiado pelas camaras, pôde fazer frente ás distinctas facções que as idéas exaggeradas tinham creado depois da abdicção. Felizmente para o Brasil, os homens mais influentes do partido chamado antes liberal permanecerão unidos, apesar de alguma divergencia

em seus principios, e esta união salvou o paiz, porque as facções apparecêrão destacadas, sem chefes conhecidos ou de pouco prestigio, e por isso vacillantes e sem nenhum valor politico. Os excessos destas facções vierão ainda mais fortificar o partido que sustentava o governo, porque fizerão-no recuar na carreira encetada, e adoptar medidas de ordem e de segurança, pois só poderia achar apoio e consistencia pela fiel observancia da constituição, restabelecendo a confiança por toda a parte onde ella havia desaparecido.

Com este intuito trabalhãrão a regencia e as camaras por todo o resto do anno de 1831, até que estas se encerrãrão, deixando a capital desassombrada, e o governo em estado de poder marchar sem o tropeço das facções; porém não tão livremente como era de desejar, porque as sociedades politicas que então se creãrão vierão exercer sobre elle diversas modificações.

rescindiremos das outras, que muito pouca importancia tiverão, para fallarmos da sociedade *Defensora*, que verdadeiramente governou o Brasil pelo espaço de quatro annos; foi em realidade outro *Estado no Estado*, porque sua influencia era a unica que predominava no gabinete e nas camaras; e sua acção, mais poderosa que a do governo, se estendia por todos os angulos do Imperio. Sem embargo, as facções não estavam de todo extinctas; e comquanto não pudessem mais prevalecer, porque lhes faltava o auxilio da força armada, comtudo tratãvao em segredo de minar a nova ordem estabelecida para elevar-se por turno sobre suas ruinas.

Calculando mal sobre suas forças, apparecêrão com effeito nesta capital em 3 e 17 de Abril de 1832, porém o governo as derrotou no campo.

de Santa Anna e em Mataporcos, e este novo triumpho assegurou o predomínio do partido chamado *Moderado*; e lhe teria dado decidida importancia sobre os futuros destinos do paiz sem a imprudente tentativa de apoderar-se do mando supremo do Estado á custa da ordem publica e da constituição, unicas bases do seu poder até aquelle momento. Com effeito o partido moderado governava o paiz legitimamente; porém tantos triumphos o ensoberbecêrão, e as leis já lhe parecião outros tantos tropeços para a sua marcha, olvidando-se de que ellas lhe tinham preparado os louros com que se ornava. Assim pois em 30 de Julho aventurou-se o golpe de estado, resignando a regencia permanente a sua autoridade ante as camaras, depois de haver dado o ministerio a sua demissão no mesmo dia. Ignora-se ainda hoje quem fôra o autor do plano concertado, e quaes as medidas que se deverião adoptar, além da nomeação de um só regente, e de uma reforma prematura da constituição.

Sem a nobre e decorosa repulsa da camara dos deputados, o lance se haveria logrado; mas quem sabe qual teria sido a sorte do Brasil! Alguns membros do mesmo partido, unidos á opposição, o salvãrão naquelle momento por um excesso de senso commum, que faltou aos seus correligionarios: a demissão da regencia não foi aceita, nomeou-se um ministerio de transição, e passados quarenta dias o partido voltou á sua influencia inteiramente curado do seu louco orgulho. Depois desta tentativa, felizmente mallograda, a capital gozou até o fim do anno de apparente calma, ainda que os espiritos se agitassem de novo em diversos sentidos, mas sem nenhum esforço ostensivo. Entretanto for-

mava-se um partido, cujas vistas se estendião para mais longe, e cujas intenções tem sido torpemente calumniadas; este partido foi o que se denominou *Caramurú*, e tinha por objecto a volta do magnanimo Duque de Bragança ao Brasil como tutor de seu Augusto Filho e regente do Imperio; mas isto nunca passou de desejos.

Se nos enganámos em nossas opiniões acerca dos futuros destinos do paiz; se os nossos temores erão ou não infundados pela sorte da monarchia debaixo de uma longa minoridade, e exposta durante ella a todos os furores das paixões populares, o tempo o decidirá, quando houverem desabrochado todas as sementes que se plantarão nos nove annos decorridos desde a abdicção até a maioridade do Senhor D. Pedro II. Por ora só diremos que nunca tivemos em vista que o Senhor Duque de Bragança viesse ao Brasil para occupar o throno, que tão voluntariamente havia deixado; e só quem o não conhecesse poderia imaginar semelhante indiguidade. O furor das facções fez dar-nos a denominação de *restauradores*, porém a volta daquelle Augusto Senhor tinha para nós a grande vantagem de assegurar a monarchia e o throno de seu filho pela sua presença no Brasil do mesmo modo que acabava de assegurar para a rainha de Portugal a corôa, que havia igualmente abdicado, sem que merecessem o apôdo de restauradores os que o tinham coadjuvado em tão glorioso empenho. O partido caramurú exerceu bem pouca influencia no paiz, e acabou inteiramente com a morte do Duque de Bragança a 24 de Setembro de 1834.

Corria o anno de 1833, quando a 22 de Março rebentou na cidade do Ouro Preto, capital da provincia de Minas. outra sedição militar, em

que tambem tiverão parte alguns paisanos. Reduzio-se esta pequena farça, que não merece outro nome, á deposição do vice-presidente da mesma provincia, e á nomeação de um presidente, que assumio a autoridade, mas circumscripção ao pequeno districto da capital. Em nenhuma parte do Brasil tinhão tanto imperio as idéas exaltadas contra o ex-Imperador como em Minas, e bastou que se dissesse que a revolução do Ouro Preto tinha por objecto a *restauração* para que o movimento não passasse de um pequeno numero de pessoas. O vice-presidente, a quem os sediciosos permittirão a sua sahida para o Rio de Janeiro, foi instaurar-se em S. João d'El-Rei, e d'ali concitou os povos para uma reacção. A regencia, ao saber este acontecimento, proclamou aos Mineiros, e enviou para conter a sedição o marechal José Maria Pinto Peixoto, que com quatro officiaes sem tropa alguma partio do Rio de Janeiro em principios de Abril, e foi collocar-se á cabeça da guarda nacional, que se reunia nas immedições do Ouro Preto contra os sediciosos. Um pequeno assedio bastou para reduzi-los ao ultimo apuro, de sorte que em 19 de Maio abandonarão a capital, que foi logo occupada pelo marechal Peixoto, sendo depois presos e processados, á excepção de alguns que puderão evadir-se, e se conservarão occultos até que forão todos amnistiados no seguinte anno.

Todavia, este novo triumpho do partido moderado não deixou de custar-lhe alguns sacrificios pelas concessões que foi obrigado a fazer, com mingua do seu poder e influencia: este triumpho foi talvez a causa da primeira quebra do partido, e d'ahi datão longas e profundas inimizades, que tem sido tão fataes á causa publica. A sessão legislativa desse anno foi muito agitada, não só

pela discussão do projecto das reformas da constituição, como pelo do banimento do ex-Imperador, proposto no dia 28 de Junho pelo deputado Venancio Henriques de Rezende. O partido moderado achava-se abalado; seus principios tinham logrado completo triumpho, mas estes não constituição tão sómente os interesses de seus membros; alcançando o poder em globo, tratava-se da partilha, e todos julgavão que o momento era chegado, e exigião a quota correspondente a seus esforços, que cada um exagerava quanto podia. Como o perigo tinha passado, alçavão a voz sem temor, e a divisão ia apparecer, quando os membros mais atilados fizeram assomar o gigante da restauração. Uma mensagem ás camaras denunciando vastos planos da volta do ex-Imperador veio fazer crer aos dissidentes que o perigo, que julgavão passado, estava mais imminente do que nunca sobre suas cabeças; e para ainda dar-lhe mais importancia propôz se o banimento do Augusto Fundador do Imperio.

Estava dado o primeiro passo, e não era possível recuar; portanto continuou o partido moderado a combater o phantasma da restauração, que quando muito não passava da cabeça de algumas pessoas. Veio ainda augmentar os fingidos receios do partido o estabelecimento da Sociedade Militar no dia 11 de Agosto, que tinha por fim cuidar dos interesses da sua classe, reduzida ao ultimo estado de desprezo e quasi de aviltamento depois da abdicação. Desde o primeiro dia da sua reunião considerou-a o partido moderado como hostile aos seus interesses, tanto que nenhum official pertencente ao mesmo partido quiz concorrer para sua formação, nem filiar-se depois, apesar de serem instantemente rogados para que o fizessem. Por outro lado, a sociedade admittin-

do em seu seio muitos paisanos, sob pretexto de cavalleiros de ordens militares, fez logo degenerar os fins sagrados do seu instituto; desde então foi considerada como sociedade politica, acobertada com o especioso titulo de sociedade de Beneficencia, e o partido em mando votou-lhe guerra de exterminio.

Em presença destes factos, o partido moderado reuniu-se de novo, abandonou suas pretensões para tempos mais bonancosos, e armou-se para repellir o perigo imminente. O partido caramuru, composto em grande parte dos homens mais ricos e mais notaveis do paiz, de velhos carregados de annos e de serviços, não tinha nem a energia de um partido politico, nem a audacia das facções, que tudo empreendem, porque nada tem que perder. Os moderados conheciao perfeitamente a indole deste partido; portanto para assusta-lo bastava açular a canalha, e isto foi o que fizeram. Tomando por pretexto a restauração, sahirão varios grupos na noite de 2 de Dezembro de 1833 pelas ruas, e depois de outros attentados, despedaçarão a illuminação, que estava collocada na frente da Sociedade Militar. No dia 5 os mesmos grupos, reunidos no largo de S. Francisco de Paula debaixo da direcção de varios juizes de paz, assaltarão de novo a casa da Sociedade Militar, despedaçarão os moveis e os arrojão pelas janellas, levando tudo quanto havia de valor; insultarão a quantos encontrão na rua, e pela noite invadirão igualmente varias typographias, e as despedaçarão; quebrarão as vidraças de muitas casas pertencentes ás pessoas mais conspicuas da capital; e percorrendo as ruas ao som de musica e de grande alarido, commetterão varias mortes e ferimentos sem outro designio mais do que satisfazer o *instincto do mal.*

Concluída esta tremenda prova de brutal ferocidade, achava-se a restauração desalojada da cidade; mas não se pense que ella havia desaparecido para sempre, não, porque na opinião do partido moderado, ella se tinha ido albergar no paço da Boa-Vista. Eis que no dia 15 se dirigem para S. Christovão todos os juizes de paz da capital, escoltados por uma força de cem homens do batalhão de municipaes permanentes e duas peças de artilharia, e cercando a residencia do Imperador, prendem o seu tutor, o venerando conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, envião-no em custodia para a ilha de Paquetá, e conduzem em procissão o Senhor D. Pedro II para o paço da cidade com Suas Augustas Irmãs. Aqui pois deveria terminar esta farça, se o temor de ver resuscitar as exigencias do partido não suggerisse a seus chefes novos meios de o ter em constante alarma, até que já não foi possível illudi-lo mais. Antes porém de concluir este engenhoso episodio da nossa historia politica, vejamos o que se tem passado durante este tempo por algumas provincias do Norte.

III

Movimento de 14 de Abril em Pernambuco. Guerra dos Cabanos. Revolução do Ceará. Assassinato juridico de Pinto Madeira. Movimentos de 13 de Setembro e 19 de Novembro de 1831 no Maranhão. Guerra civil no interior. Morte do caudilho rebelde. Pacificação da Provincia. O Pará desde 1831 até a presente época.

Deixámos no § 1º deste capitulo a cidade do Recife debaixo da dolorosa impressão das scenas de 14, 15 e 16 de Setembro de 1831, mas

livre de uma soldadesca indisciplinada, que a cada passo ameaçava a tranquillidade publica. Todavia o furor dos partidos não era alli menos temivel do que nas outras provincias; as reacções se succedião umas ás outras, e o character bellicoso dos Pernambucanos não esteve ocioso por muito tempo. No dia 13 de Abril de 1832 um batalhão de milicias tomou as armas debaixo da direcção do tenente-coronel Francisco José Martins, e se apoderou do bairro do Recife, ao mesmo tempo que a fortaleza do Brum com a sua guarnição se pronunciava por este movimento. O presidente da provincia, chamando em seu auxilio a marinha, e fazendo reunir algumas milicias de Santo Antonio e Boa Vista, impedio que os amotinados passassem além da ponte que separa aquelle bairro, e deste modo evitou que o movimento tomasse corpo emquanto fazia abortar a revolução fóra da cidade, d'onde esperavão os mesmos amotinados grandes soccorros.

Depois de quarenta horas deste estado de incomunicação, a tropa sediciosa se dissolveu espontaneamente, e o povo passou a ponte em tropel para recolher o fructo desta debandada. Não seremos nós que recordaremos estas scenas de carnagem e de horror, que tantas vezes tem ensanguentado a nossa provincia: basta dizer que tudo acabou no dia 16 na cidade. Mas uma guerra civil de natureza a mais atroz devia começar pouco depois em Panellas de Miranda, luta que durou mais de tres annos, e que só o Poder Divino poderia terminar, como terminou em Novembro de 1835. Nesta guerra, chamada dos *Cabanos*, foi que se vio até que ponto pôde chegar a sanha dos partidos. No principio o governo da provincia, sem tropas de que dispôr, apenas pôde enviar contra os *Cabanos* algumas partidas de permanentes e de,

guardas nacionaes, que mal podião contê-los dentro das matas; porém como o seu numero crescia diariamente, foi mister um grande esforço para impedir que se estendessem por toda a provincia. Seis mil homens chegarão a estar empregados nesta guerra, em que os combates se succedião uns aos outros com igual encarniçamento.

Finalmente, depois de uma luta de perto de quatro annos, pôde o major Joaquim José Luiz amainar as iras daquella gente, e servindo-se da intervenção pastoral do Reverendo Bispo de Pernambuco, chamar ao gremio da Igreja e da sociedade aquelles homens *quasi* selvagens, conseguindo pelo poder da persuasão o que não tinha podido alcançar pelo poder da forza. Depois dessa época a provincia de Pernambuco, com mui pequenos intervallos de desassocio publico, tem gozado de paz interna; aproveitando esta calma dos partidos para reparar os males que os passados disturbios lhe haviam causado; crescendo em prosperidade e riqueza, e melhorando a sua industria agricola; com o que tem sobremaneira enriquecido, graça ás lições da experiencia, e ao bom senso dos seus habitantes.

Quasi todas as provincias do Norte tinham recebido grande abalo com a noticia da abdicção; todas tinham que vingar aggravos do poder decahido, em consequencia do que erão inevitaveis as reacções. A provincia do Ceará, que em 1824 fôra victima, como Pernambuco, de uma commissão militar, não perdeu a occasião de assignar-se como uma das mais exaltadas contra os realistas daquella época, entre os quaes sobresahia o coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira; portanto foi elle perseguido, vexado, e quasi forçado a abandonar a provincia ou a resistir; preferio o segundo partido, e foi esta a causa da sua perda.

Com effeito, em 14 de Dezembro de 1831 rompeu Pinto Madeira, na villa do Jardim, proclamando em nome da Monarchia e da Religião contra os que elle denominava republicanos, e tomando por pretexto a abdicção *forçada* do ex-Imperador. Era muito cedo para uma reacção tão violenta, e em menos de dez mezes vio-se quasi só, abandonado e perseguido, tendo que entregar-se no dia 13 de Outubro de 1832 ao general Labatut debaixo da palavra que este lhe déra, de envia-lo para a cõrte, onde pretendia justificar-se. Porém, depois de haver vagado de prisão em prisão, de presiganga em presiganga desde Pernambuco até Maranhão, voltou ao Ceará, onde foi julgado por seus proprios inimigos, e assassinado *juridicamente* em Novembro de 1834, sendo presidente da provincia o senador José Martiniano de Alencar.

A noticia da abdicção chegou ao Maranhão no dia 14 de Maio de 1831, e desde esse momento começou a alterar-se o socego publico. Debalde o presidente da provincia, o desembargador Candido José de Araujo Vianna, empenhou todo o seu prestigio e autoridade para acalmar a irritação dos partidos; nem a sua prudente reserva, nem a estimação de que gozava, puderão evitar que a tropa e o povo se lançassem nas vias das perseguições, depondo o commandante das armas, e fazendo sahir da provincia alguns magistrados, e outras pessoas notaveis, debaixo do pretexto de affectas ao poder absoluto. Este primeiro passo, dado em 13 de Setembro do mesmo anno, trouxe o segundo em 19 de Novembro, dirigido contra o mesmo presidente, porque tinha resistido a todas as violencias do partido chamado *Brasileiro*; crime horrendo para os que suppunhão ser cousa meritoria o proscrever uma provincia

inteira, com postergação de todas as leis e de todas as garantias sociaes.

Esta nova tentativa não teve o effeito que esperavão os anarchistas, porque o presidente ainda pôde contar com alguma tropa, e teve bastante firmeza para fazer valer a sua autoridade, apezar da quebra que tinha soffrido em 13 de Setembro. Havendo fallado o golpe na capital, fugirão os chefes do motim e forão incendiar o interior da provincia, onde um ourives do Ceará, por nome Antonio João Damasceno, conseguiu reunir uma porção de malvados, e percorrer alguns lugares mais notaveis, commettendo roubos e mortes, até pagar com a vida todos estes crimes na occasião em que, á testa de quatrocentos malfeitos, tentára invadir a villa do Brejo. Assim terminou a guerra civil do interior, para cuja pacificação muito concorreu o commandante das armas, que então era o tenente-coronel Ignacio Coriêa de Vasconcellos.

O Pará tem sido das provincias do Imperio a que por mais vicissitudes tem passado desde a Independencia até a presente data; pôde dizer-se que a sua existencia politica tem sido um constante interregno da constituição; ora lançada nos vortices das revoluções, ora entregue a autoridades bem infensas ao seu bem-estar e prosperidade, tem vagado de desastre em desastre, sem que ao menos lhe reste a gloria de haver sustentado um só principio politico. Quem tiver a paciencia de recorrer á lista de todos os presidentes e commandantes de armas do Pará, desde José de Araujo Roso e José Ignacio Borges, até o marechal Andréa, verá que quasi todos, á excepção do ultimo, que teve uma missão especial em 1836; isto é, a de tranquillisar a provincia, forão victimas ou concorrêrão para os disturbios que

tem assolado aquelle malfadado paiz. Não era de certo lisongeiro o estado do Pará quando alli chegou no dia 22 de Maio de 1831 uma escuna americana, levando a noticia da abdicção do Senhor D. Pedro I. O presidente da provincia reunindo o conselho, proclamou ao povo recomendando a paz e o respeito á constituição e ás autoridades; mas como esta grande crise desafiava todos os projectos e inflamava todas as paixões, não tardarão os partidos a mostrar-se em campo.

A primeira requisição do partido chamado *Liberal* foi a deposição do commandante das armas, que então era o brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréa; porém outro partido mais forte oppoz-se a semelhante medida, e o commandante das armas foi conservado, assim como o presidente Barão de Itapicurú-Mirim, até a chegada das novas autoridades nomeadas pela regencia do Imperio. Com effeito, no dia 16 de Julho alli aportarão o Visconde de Goyanna, que ia reger a provincia como presidente, e o coronel José Maria da Silva Bittancourt como commandante das armas.

Empossados ambos dos respectivos empregos, começaram as suas funcções por vias oppostas, tanto que no dia 7 de Agosto foi o Visconde deposto por uma sedição militar, em que teve grande parte o commandante das armas Bittancourt. Em vinte dias fez o astro do governo do Visconde a sua completa revolução. O ex-presidente partio para o Rio de Janeiro; e mais cinco ou seis individuos, entre elles o celebre conego Baptista, forão confinados a diversos presidios, da mesma provincia. A presidencia foi então entregue ao conselheiro mais antigo, e assim permaneceu até 23 de Fevereiro do seguinte anno (1832), dia em que chegou ao Pará a corveta *Defensora*, levando

a seu bordo os tenentes-coroneis José Joaquim Machado de Oliveira para presidente, e Antonio Corrêa Seára para commandante das armas.

Existia de longo tempo no Pará um partido, dirigido pelo conego Baptista, homem audaz, emprehendedor, e muito ensaiado nos manejos das facções daquella provincia. Este partido, supplaniado pela sedição militar de 7 de Agosto na capital, ergueu-se no interior com a chegada do conego, que logrou evadir-se no caminho dos que o conduzião para o lugar do seu desterro. No momento em que elle soube que as novas autoridades tinham tomado posse, pôz em movimento todas as villas e lugares onde a sua influencia pôde chegar, proclamando aos povos do sertão, e concitando-os contra os Portuguezes, que *querião entregar a provincia a D. Miguel*, etc. Horriveis scenas se seguirão deste passo, sendo uma dellas a morte do coronel Joaquim Felipe dos Reis, commandante militar da Barra do Rio Negro, no dia 12 de Abril, em virtude da revolta do destacamento que guarnecia aquelle ponto, e o subsequente acto da separação da comarca (23 de Junho) como provincia independente do Pará. O presidente Machado, tendo-se ligado a este partido, conseguiu amainar as revoltas do interior, e chamar para a capital o seu principal instigador, fazendo-lhe todas as concessões exigidas com o objecto de assegurar o seu predominio.

Informada a regencia do estado da provincia julgou prudente mandar novas autoridades, que puzessem cobro a tantos excessos, e para isso nomeou presidente ao desembargador José Mariani, e commandante das armas ao tenente-coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos, os quaes chegarão ao Pará em Abril de 1833; porém não forão empossados dos seus empregos, nem ad-

mittidos a desembarcar pela decidida opposição do partido do conego Baptista, sobre que se apoiava o presidente Machado. Deste acto de desobediencia seguirão-se outros excessos do mesmo partido, chegando a ponto de ensanguentarse a capital da provincia com uma matança atroz (no dia 16 de Abril), em que muitas victimas forão sacrificadas a vinganças particulares. Esta carnificina, na qual pereceu o negociante Jalles, foi a precursora de todas as scenas horrosas em que se vio envolta a provincia por quatro annos successivos. O governo da regencia, debil e sem força alguma moral, recebeu a noticia deste horroroso acontecimento como se fosse uma calamidade inevitavel, e contentou-se com nomear outras autoridades para o Pará, dando por consummado o facto da desobediencia e suas consequencias.

Forão as novas autoridades nomeadas o deputado Lobo de Souza para presidente, e o major Santiago para commandante das armas. Só o máo fado daquella provincia teria concorrido para semelhantes nomeações: parece que de proposito se escolhião agentes para dilacerar e não para governar o Pará, porque mais parecião instigadores de revoltas do que autoridades legaes; assim é que tanto o presidente como o commandante das armas forão ambos assassinados na manhã do dia 7 de Janeiro de 1835, ficando seus corpos expostos ao ludibrio da canalha até a tarde do mesmo dia, em que forão levados ao cemiterio e sepultados na mesma cova. Em consequencia desta espantosa revolução, foi collocado na presidencia da provincia o tenente-coronel de milicias Felix Antonio Clemente Malcher, que se achava preso na fortaleza da Barra, e no commando das armas um traficante de stringas por

nome Francisco Pedro Vinagre, que adquirio depois horrivel celebridade.

Não erão passados muitos dias quando o novo presidente deshoveu-se com o intitulado commandante das armas, sendo a consequencia desta desharmonia um combate entre os partidarios de ambos, de que resultou a derrota dos primeiros, refugiando-se Malcher no arsenal de guerra. D'ali pôde evadir-se para bordo de uma embarcação de guerra brasileira, de que era commandante o primeiro tenente José Eduardo Wandenkolk, que commetteu a infamia de o entregar aos vencedores, os quaes a pouca distancia da mesma embarcação o assassinárão com dous tiros á vista de toda a tripolação; assim morto, levárão-no para terra, onde foi arrastado pelas ruas ao som de musica, em signal de barbaro triumpho. Pelo assassinato de Malcher ficou Vinagre em inteira posse da autoridade civil e militar do Pará, até que ali aportou em Julho do mesmo anno o marechal Manoel Jorge Rodrigues, encarregado da pacificação daquella provincia. Vinagre, que se não julgou em estado de resistir, fingio toda a deferencia pelas ordens da regencia, e entregou o mando ao presidente nomeado com mostras de inteira submissão.

Esta simulação porém desapareceu logo que pôde obrar, reunindo seus partidarios e concitando-os á desobediencia. O marechal, reduzido a uma pequena força, resistio por alguns dias, vendo-se a final obrigado a abandonar a capital, e a retirar-se para a ilha da Tatuoca, onde fixou a sua residencia, fazendo depois algumas incursões sobre diversos pontos occupados pelos rebeldes, mas sempre com pouca ou nenhuma vantagem; até que em fins de Abril de 1836 entregou o governo ao brigadeiro Soares de Andréa, nomeado

presidente e commandante das armas da mesma provincia, e retirou-se para o Rio de Janeiro.

O brigadeiro Andréa, depois de haver mandado occupar a cidade de Belem pelo capitão de mar e guerra Frederico Mariath e tenente-coronel Joaquim José Luiz de Souza, fez sua entrada naquella capital no dia 13 de Maio, e desde então occupou-se incessantemente da pacificação do resto da provincia. Os rebeldes Vinagre, Angelim e outros cabecilhas, tendo fugido para os sertões, forão presos uns após de outros; e deste modo logrou-se, quando não completa tranquillidade, ao menos abater a furia daquelles perversos, e reduzi-los ao extremo de se entregarem ou de serem aniquilados pelas forças policiaes que o presidente ia creando nos lugares submettidos á ordem legal. No anno seguinte o Pará estava quasi todo pacificado, e desde então permaneceu nesse somno lethargico, resultado das grandes convulsões politicas, sem comtudo dar esperanças de melhoramento, porque o mal tem raizes mui profundas, que é mister extirpar por uma sabia legislação e por prudentes administradores.

IV

O banimento do Ex-Imperador. O acto addicional. Eleição do padre Feijó para regente do Imperio. Revolução do Rio Grande do Sul. Araujo Ribeiro e Bento Manoel. Combate do Fanfa. Prisão de Bento Gonçalves. Demissão de Araujo Ribeiro. O brigadeiro Antero presidente. Sua prisão. Feijó resigna o cargo de regente. Pedro de Araujo Lima regente interino. Revolução da Bahia.

Depois dos acontecimentos de 2 e 5 de Dezembro de 1833 no Rio de Janeiro, e da prisão do

tutor do Senhor D. Pedro II, de que já nos occupámos no § II deste capitulo, nenhuma outra cousa notavel succedeu até a reunião da assemblea geral em 1834. Foi nessa sessão que se votou na camara dos deputados o banimento do Ex-Imperador (3 de Junho), que cahio por grande maioria no senado: monumento de eterna vergonha para um povo que devia a sua existencia politica e a sua liberdade áquelle mesmo que votava ao ostracismo. No dia 12 de Agosto passou a lei das reformas da constituição, chamada o *acto adicional*, que foi promulgada solemnemente no dia 21 do mesmo mez. Em Novembro chegou a noticia da insfausta morte do Duque de Bragança, acontecida a 24 de Setembro na cidade de Lisboa, e com ella desapareceu para sempre o phantasma da restauração. O partido moderado, que ha doas annos vivia á custa desta illusão, começou desde logo a fraccionar-se, e no seguinte anno terminou a sua influencia deixando após si profundas recordações.

Todavia, cumpre confessar que o partido moderado foi o unico no Brasil que teve verdadeira influencia nos negocios publicos, e que durante o seu predominio seguiu quasi sempre uma politica firme, desinteressada, e até certo ponto patriótica, arredando de si as honras e distincções pela lei que vedava concedê-las durante o governo da regencia, e observando a mais estricta economia dos dinheiros publicos. Sem os desvios de alguns membros influentes deste partido, elle seria talvez o mais azado para reparar os erros do anterior reinado; porém alguns excessos neutralisáram muitas das suas medidas, e assim a compensação foi toda em detrimento do Paiz. Uma amuisia geral veio cicatrizar todas as chagas abertas desde 1831, e este foi o ultimo acto do.

partido moderado; desde então todos os partidos começaram a perder a sua côr politica, e da decomposição de todos elles começaram a surgir novos interesses.

No dia 7 de Abril de 1835 procedeu-se á eleição do primeiro regente do acto adicional, e obteve maioria relativa o padre Diogo Antonio Feijó, candidato do partido moderado, porém já fraccionado, e sem aquella importancia politica de que tinha gozado. A eleição do padre Feijó foi devida mais ao candidato que se lhe oppôz do que aos esforços dos seus amigos; triumphou mais pela rejeição do seu contrario do que pela sua popularidade. A regencia permanente, reduzida a um só membro pela morte de João Bráulio Muniz e pela ausencia de Costa Carvalho, acabou a sua missão em 12 de Outubro do mesmo anno, dia em que prestou juramento o novo regente, e assumio as rédcas do governo. Quasi nestes momentos chegou a noticia da rebellião do Rio Grande do Sul, que havia apparecido no dia 20 de Setembro nas immedições de Porto Alegre, forçando o presidente, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, a emigrar para a villa do Rio Grande com todas as autoridades da capital. A 25 publicou o coronel Bento Gonçalves da Silva um manifesto, em que expunha as razões do seu inaudito procedimento.

Esta rebellião, no momento em que ia cessar a regencia trina, foi quasi como um protesto contra o primeiro regente do acto adicional, ou pelo menos de muito máo agouro para a sua administração. O presidente da provincia (Braga), que já havia abandonado Porto Alegre, não se pôde sustentar no Rio Grande, e retirou-se para o Rio de Janeiro, trazendo consigo os cofres publicos e o que pôde salvar da capital, e dei-

xando os rebeldes senhores já de todos os pontos principaes, pois que o commandante das armas, o marechal Sebastião Barreto, achava-se na frenteira, d'onde teve que emigrar tambem para Montevidéo. O regente Feijó, apreciando mal as causas daquella rebellião, contentou-se com enviar, para suffoca-la, um presidente acompanhado do poderoso cortejo de uma proclamação. Todavia, o novo presidente, José de Araujo Ribeiro, logrou tomar posse, e ganhando-se um dos caudilhos rebeldes, o coronel Bento Manoel Ribeiro, fê-lo pronunciar-se pela ordem legal, formando um corpo de tropas para combater a rebellião.

Esta inesperada defecção, e subsequente pronunciamento de Porto Alegre, que se subtrahio do poder dos rebeldes, trouxerão o combate do Fanfa em Outubro de 1836, no qual Bento Gonçalves foi derrotado e preso, e a rebeldia esteve quasi agonisando; porém a imprudente demissão de Araujo Ribeiro veio dar alento aos rebeldes, e procrastinar a luta indefinidamente. Foi tal o clamor contra esta demissão, que o governo se vio obrigado a reintegrar o presidente demittido; mas já havia elle por este passo perdido toda a sua força moral, emquanto que esta mudança tinha posto em desconfiança o coronel Bento Manoel, commandante das armas, contra o qual existião mui sérias apprehensões. O regente tinha premiado os esforços deste chefe promovendo-o a brigadeiro, mas ainda assim não se tinham apagado os vestigios de seu anterior procedimento, e o governo se via cercado por isso de grandes difficuldades. Longe do theatro da guerra e das intrigas das facções, o governo não podia apreciar devidamente as circumstancias em que se achava a provincia; e dando credito a boatos adrede es-

palhados, demittio de novo Araujo Ribeiro, e nomeou para succeder-lhe o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito.

A conducta impolitica de Antero para com o seu antecessor, forçando-o a sahir da provincia, pôz em jogo as desconfianças de Bento Manoel, e deu ganho de causa aos rebeldes; sendo a consequencia disto a prisão do mesmo Antero, no dia 23 de Março de 1837, no passo de Tapevi, pelo referido commandante das armas Bento Manoel, que por este acto inaudito de deslealdade vio-se obrigado a abraçar de novo a causa da rebellião; resultando dahi a subsequente perda de Cassapava e de toda a força que commandava o coronel João Chysostomo, no dia 8 de Abril. Desde esse momento a provincia ficou entregue ao patriotismo de alguns chefes imperiaes, que, fieis aos seus juramentos, tratárão logo de reunir os seus esforços para neutralisar este horrivel desastre. Sem embargo este acontecimento trocou inteiramente a posição respectiva dos rebeldes e dos imperiaes, tornando a destes tão precaria como era até alli a dos rebeldes. O governo desorientado com tão inesperado successo, sem saber a que attribui-lo, nomeou para presidente um cidadão (Feliciano Nunes Pires), que não tinha a seu favor senão algumas relações na provincia: mesquinha condição para uma autoridade que devia reorganisar o partido do governo, desmantelado pela prisão do presidente e pela defecção do commandante das armas; assim é que nada fez senão augmentar as desconfianças dos imperiaes em detrimento da causa publica.

Entretanto o regente, lutando contra estas difficuldades, e com uma opposição poderosa na camara dos deputados, tinha perdido toda a força moral, e se achava cercado de mil tropeços.

que a cada passo empecião a sua marcha e desconcertavão todo o seu plano de governo. Contrariado em suas convicções, e persuadido de que já não podia fazer ao paiz todo o bem que lhe havia promettido, tomou a nobre resolução de resignar o poder (19 de Setembro de 1837), chamando para substitui-lo, na fôrma da Constituição, ao senador Pedro de Araujo Lima, a quem no dia anterior havia nomeado ministro do imperio. No mesmo dia tratou o regente interino de formar outro gabinete, composto dos membros mais influentes da opposição na camara quadriennial, entrando como ministro da justiça e interior do imperio o deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos. Nenhuma administração tinha subido ao poder debaixo de melhores auspicios, o paiz todo lhe votou o seu apoio e sua adhesão; todos encaravão o novo regente como um Iris de paz, como a arca da alliança; porém o máo fado de Brasil não permittio que se realisasse as nossas esperanças.

Todos os elementos de desordem que se tinham agglomerado debaixo da administração do padre Feijó estavam dispostos a fazer a sua explosão, quando a renuncia do cargo de regente veio desfazer a tempestade em muitas partes; porém ja era tarde para a Bahia, onde no dia 7 de Novembro do mesmo anno rebentou uma revolução de character bem assustador, comquanto no principio se acobertassem os revoltosos com o manto da monarchia, invocando o nome do Senhor D. Pedro II para quando chegasse á sua maioridade. Sem embargo, quem deixaria de vêr naquelle arremedo o acto de 7 de Janeiro de 1835 no Pará, depois do horrivel assassinato do presidente Lobo de Souza? Assim foi que dentro em poucos dias o movimento tomou a direcção

que convinha ao interesse de seus chefes, e apresentou-se com o seu verdadeiro character. Cumpre confessar que a farça de 7 de Novembro a ninguem illudio, e que a gente grada da Bahia e a população do Reconcavo se pronunciarão immediatamente contra semelhante procedimento, armando-se para repellir os rebeldes no caso de que sahisses da cidade.

V

A Bahia entra na ordem legal. Desastre do Rio Pardo. Fuga de Bento Gonçalves. Assassinato do Presidente do Rio Grande do Norte. Sedição de Raymundo Gomes. Retirada do Cahy. Tomada da Laguna. Combate do Taquary. Luiz Alves de Lima Presidente do Maranhão.

O governo occupava-se seriamente com os negocios do Rio Grande do Sul, para onde tinha mandado o brigadeiro Antonio Elizario de Miranda e Brito como presidente e commandante das armas, quando chegou a noticia da revolução da Bahia, que vinha sobremaneira complicar a sua posição, porque era mister distrahir as forças destinadas para aquella provincia. Todavia as cousas forão dispostas por tal fórma, que os rebeldes da Bahia forão completamente batidos nos dias 16, 17 e 18 de Março de 1838, depois de alguma resistencia, e de haverem começado a incendiar a cidade por differentes partes. Presos os cabeças, e destruida deste modo a rebelião, a capital e a provincia entrárão na ordem legal, e restabelece-se a tranquillidade publica.

Porém quando este triumpho começava a produzir o seu effeito, chamando em roda da administração todos os partidos e todas as crenças, veio neutralisar estas vantagens a noticia do combate e da derrota que havião soffrido as armas imperiaes no Rio Pardo em 30 de Abril do mesmo anno; perda irreparavel para o governo, porque foi alentar os rebeldes, e dar-lhes meio de continuar a luta pelos recursos que encontrãrão na villa do Rio Pardo.

Bento Gonçalves, que tinha sido mandado para uma fortaleza da Bahia ainda em tempo da administração do primeiro regente do acto adicional, logrou evadir-se dalli no dia 10 de Setembro de 1837, e voltar para o Rio Grande, onde reassumio de novo suas funcções de presidente, dando com sua presença impulso á rebellião. Outro facto, que muito devia contristar o governo, comquanto apparecesse isolado e sem fim algum politico, foi o assassinato do presidente do Rio Grande do Norte, Manoel Ribeiro da Silva Lisboa, no dia 11 de Abril de 1838. A todos estes acontecimentos do anno de 1838 veio ainda reünir-se em Dezembro do mesmo anno a sedição de Raymundo Gomes, na villa da Manga do Iguará, na provincia do Maranhão, a qual appareceu sem nenhuma mostra do grande desenvolvimento que tomou no anno seguinte.

O governo, com grande apoio nas camaras, achava-se sem embargo contrariado no Rio Grande pela má direcção da guerra contra os rebeldes; a retirada do Cahy e a perda de duas das nossas canhoneiras, em Fevereiro de 1839, fizerão desvanecer toda e qualquer esperanza de vantagem nessa campanha, e da-la por concluida em favor dos rebeldes. Durante este anno a revolta do Maranhão tomou tal incremento, que o governo se

vio forçado a lançar mão de todos os recursos que lhe offerecião as provincias do norte para obstar ao seu progresso; e ainda assim não foi possível acabar com esses bandos de salteadores, que assolavão os campos e os povoados como um incendio devorador. Parece incrível como individuos sem nenhuma educação, alguns dos quaes não sabião ler nem escrever, se constituirão chefes desses bandos, concitavão os povos á revolta, e reunião tão consideravel numero de sequazes, a ponto de apparecerem quasi ao mesmo tempo, em differentes lugares, para mais de doze mil homens debaixo das bandeiras de varios caudilhos.

Os rebeldes do Rio Grande, aproveitando-se das faltas e erros dos agentes do governo, tinhão invadido o municipio de Lages, depois de haverem occupado a serra e os campos da Vaccaria; mas isso não lhes bastava; tinhão necessidade de um porto, e dirigirão-se contra a Laguna, que occuparão sem a menor resistencia em 23 de Julho de 1839. O chefe rebelde David Canavaro, aproveitando a situação favoravel de um porto de mar, tratou immediatamente de armar algumas embarcações que alli encontrou, e fez sahir quatro a corso, inquietando a costa e abordando os nossos navios do commercio, apesar da não pequena esquadilha do governo. Os rebeldes já ameaçavão a propria ilha de Santa Catharina, quando alli chegou como presidente e commandante das armas o marechal Andréa, junto com o capitão de mar e guerra Frederico Mariath, destinado para commandar toda a força de mar. Finalmente Mariath, aproveitando um vento de feição, forçou a barra, e occupou a villa da Laguna no dia 15 de Novembro do mesmo anno, apçzar de alguma resistencia de varias em-

Barcações armadas, e de um forte que dominava perfeitamente a entrada. Canavarro tinha abandonado antes a villa e atravessado o rio muito a seu salvo, emquanto uma forte columna do governo havia permanecido em inacção poucas leguas distante da Laguna.

A restauração de toda a provincia foi a consequencia deste triumpho. O marechal Andréa, com a sua acostumada actividade, tinha formado uma divisão, que devia cooperar na proxima campanha do Rio Grande, de accordo com o general em chefe daquelle exercito; porém, como não fosse bastante forte para obrar por terra, enviou dous batalhões por mar, segundo as ordens do governo, para reforçar as tropas que mandava o tenente-general Manoel Jorge Rodrigues. Este reforço chegou tarde, e havendo-se demorado as operações por causa desta falta, o resultado foi que os rebeldes tiveram tempo de reunir as suas forças para tentar o passo do Taquary, onde houve um encontro casual com uma das brigadas do exercito imperial (no dia 3 de Maio de 1840), do qual pouca ou nenhuma vantagem obtivemos. Os rebeldes voltárão a occupar suas posições entre a Capella e Porto Alegre, e o general Manoel Jorge foi invernar a Santo Amaro, destacando para Missões o coronel Loureiro com a sua brigada de cavallaria, emquanto dispunha do resto desta arma para fazer frente a Crescencio, que se achava situado em Monte Alegre.

As noticias do Maranhão erão aterradoras pelo fim do anno de 1839; porque, além dos bandos de Raymundo Gomes e de outros facinorosos de igual jaez, apparecião partidas de escravos armados debaixo da direcção de um tal *Cosme*, negro muito audaz, que se havia evadido da prisão, e sublevado outros de diferentes fazendas. Nesta

conjunctura teve o governo o bom accordo de nomear o coronel Luiz Alves de Lima presidente e commandante das armas daquella provincia por Carta Imperial de 12 de Dezembro. Em 4 de Fevereiro do seguinte anno chegou alli o presidente nomeado, e desde então começaram os negocios do Maranhão a tomar melhor aspecto. Os rebeldes foram successivamente batidos em varios encontros, tanto na provincia do seu mando como nas do Piauhy e Ceará, para onde affluirão acoçados pelas tropas do Maranhão. Sem embargo, a marcha destes infelizes acontecimentos era bem lenta por mil contrariedades que a cada passo se offerecião ao genio incansavel do coronel Lima.

VI

Emenda ao Voto de Graças. Projecto da Maioridade no Senado. Projecto de reforma do artigo 121 da Constituição. Adiamento da Assembléa Geral. A reunião no Senado. O QUERO JÁ do Imperador. Sua Magestade presta o juramento constitucional. Ministerio de 24 de Julho. Amnistia de 22 de Agosto. Sagração e Coroação do Senhor E. Peðro II. Futuros do Brasil.

Corria o anno de 1840 da fórma que deixamos dito, quando de costume se reuniu a assembléa geral, e deu começo a seus trabalhos legislativos. Uma serie de factos inexplicaveis no Rio-Grande tinha feito conceber graves apprehensões a respeito daquella provincia: a desintelligencia entre o commandante em chefe do exercito e o presidente era conhecida de todos: o combate do Taquary, sem nenhum resultado favoravel para as armas imperiaes, era o desfecho da campanha

daquelle verão, e o anno estava por assim dizer passado, porque, quando muito só em Dezembro poderíamos obrar de novo; e entretanto permanecia o sitio de Porto Alegre, e os rebeldes ameaçavam outra vez a provincia de Santa Catharina. A marcha lenta dos negocios do Maranhão não offerecia tão pouco nos primeiros mezes deste anno as vantagens que apresentou depois, de sorte que no principio da sessão legislativa o aspecto politico do Brasil não era de maneira alguma lisongeiro. O regente tinha perdido grande parte da sua força moral pelas successivas mudanças do gabinete, e por consequencia inevitavel alteração das regras de governo. Neste estado de incerteza era muito natural que os partidos se encarassem e medissem as suas forças: um passo imprudente provocou a crise, e ella appareceu.

No dia 12 de Maio o deputado Honorio Hermeto Carneiro Leão propôz uma emenda ao voto de graças para que se supprimissem as palavras — *e vendo com prazer approximar-se a maioridade de V. M. I.* — No dia 13 appareceu no senado o projecto declarando *maior* o Senhor D. Pedro II. A emenda do deputado Carneiro Leão deu lugar a longa e calorosa discussão, que durou até o dia 20, em que cahio no senado por uma maioria de dous votos o projecto da *maioridade*. No dia 18 tinha o mesmo Deputado offerecido na respectiva Camara um projecto propondo a reforma do artigo 121 da Constituição, que foi apoiado pela terça parte dos membros presentes. A luta estava portanto encetada, e não era possibile prescindir dos seus resultados.

Corrião as cousas deste modo, quando no dia 3 de Julho o Deputado Francisco Alvares Machado de Vasconcellos aventou a idéa da illegalidade do governo regencial, proposição que

abalou muitas convicções. No dia 19 entrou em discussão o projecto da reforma do artigo 121 da Constituição, e desde esse dia até 21 as sessões forão quasi sempre calorosas. O deputado Earneiro Leão tinha retirado o seu projecto no dia 18, e naquelle momento se teria proclamado a *Maioridade* do Senhor D. Pedro II, se o deputado Antonio Paulino Limpo de Abreu não propuzesse o adiamento da questão para a sessão immediata.

A sessão de 20 de Julho foi talvez a mais tempestuosa que tem visto o Rio de Janeiro, não em razão do conflicto dos partidos sobre a questão da *Maioridade*, mas em consequencia de um incidente imprevisto, que eu não reproduzirei, e que ainda está presente ao povo desta capital. Sobre uma indicação de Limpo de Abreu nomeou-se uma comissão para dar o seu parecer, mas o deputado Martim Francisco Ribeiro de Andrada, offerecendo ao mesmo tempo um projecto em que o Senhor D. Pedro II era declarado *Maior* desde já, travou-se nova discussão, e o projecto assim como a indicação forão remettidos á mesma comissão. No dia immediato apresentou o deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva outro projecto igual ao de seu irmão Martim Francisco, e foi julgado urgente, adiando-se o parecer da comissão, que propunha se convidasse o senado para tratar da questão em assembléa geral.

No dia 22 abriu-se a sessão no meio de apparente calma de todos os partidos; orava o deputado Antonio Pereira Barreto Pedroso, quando o secretario leu um officio em que o senador Bernardo Pereira de Vasconcellos participava á camara estar nomeado ministro do imperio, e em seguida o decreto pelo qual o

regente, tomando em consideração o estado de perturbação em que se achava a camara dos deputados, adiaava a assembléa geral para 20 de Novembro do mesmo anno. Depois desta leitura o tumulto na sala e nas galerias subio de ponto e não foi possivel mais que ninguem se entendesse.

Esta scena de uma agitação que não é possivel descrever termina-se na camara pela sahida dos deputados propugnadores da *maioridade*, que vão reunir-se no senado, onde com alguns membros desta camara resolvem enviar uma deputação a Sua Magestade Imperial para expôr-lhe os perigos que corria o paiz, e pedir-lhe que tomasse as redeas do governo. Com effeito partio a deputação para S. Christovão, e chegando ao Paço foi introduzida á presença de Sua Magestade, e ahí leu o relator a seguinte representação :

« Nós abaixo assignados, senadores e deputados do Imperio do Brasil, crendo que o adiamento das Camaras, no momento em que se tratava de declarar a Maioridade de Vossa Magestade Imperial, é um insulto feito á Sagrada Pessoa de Vossa Magestade Imperial, e uma traição ao paiz commettida por um representante que em nossa opinião não o é de direito desde o dia 11 de Março do corrente anno, e reconhecendo os graves males que de semelhante adiamento se podem seguir, já á tranquillidade da capital como á das provincias, onde os inimigos da paz e tranquillidade publica se podem acobertar com este acontecimento para com elle dilacerarem as entranhas da mãe patria, vêm reverentes aos pés de Vossa Magestade Imperial a rogar que Vossa Magestade Imperial, para salvar-nos e ao Throno,

« tome desde já o exercicio de suas altas attribuições. Rio de Janeiro, 22 de Julio de 1840
« Assignados: *Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Conde de Lages. Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. José Martiniano de Alencar. Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Francisco Gê Acayaba de Montezuma. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti.* »

A deputação, depois de lida esta representação, voltou a uma sala de espera, enquanto Sua Magestade deliberava sobre a materia. Neste interim chegou o regente acompanhado do ministro da marinha Joaquim José Rodrigues Torres, e forão introduzidos á presença de Sua Magestade Imperial. Cinco minutos depois veio-se chamar a deputação outra vez de parte do mesmo Augusto Senhor, e em sua presença disse o regente que elle havia dado parte naquelle mesino dia a Sua Magestade Imperial de haver adiado as camaras sómente com o fim de preparar toda a solemnidade para Sua Magestade Imperial ser acclamado no dia 2 de Dezembro, anniversario do mesmo Senhor; mas que tendo-se alguns senhores deputados e senadores reunido na casa do Senado, e havendo alguma agitação no povo, elle viera saber se sua Magestade Imperial queria ser acclamado no dia 2 ou já; ao que Sua Magestade respondeu que *queria já*, e que em tal caso convocaria a assembléa no domingo para ser acclamado. Porém instando os membros da deputação para que fosse no dia immediato, em consequencia do estado de agitação em que estava o povo, Sua Magestade disse ao Regente: *Convoque para amanhã.*

Com esta lisonjeira resposta voltou a deputa-

ção ao paço do senado, onde já havia grande concurso de membros de ambas as camaras e do povo, e em presença de todos referio o deputado Andrada Machado o que fica exposto, no meio dos applausos e de vivas muitas vezes repetidos á *maioridade* de Sua Magestade Imperial. Em seguida propôz-se que a deputação fosse á casa do regente a exigir o decreto da convocação, como tinha ordenado o Imperador; e tendo sahido ás tres, voltou ás quatro da tarde com o mesmo decreto, que foi lido publicamente, fazendo-se as participações para o dia seguinte. Entretanto tinha-se juntado espontaneamente a guarda nacional no Campo de Santa Anna, com a melhor ordem possível, debaixo do commando do tenente-general Lazaro José Gonçalves; os senadores e deputados conservárão-se reunidos até que se lavrou a acta, em que forão consignados todos os acontecimentos do mesmo dia, e assignada por todos os membros presentes de ambas as camaras. Todavia o senado esteve aberto durante a noite, e a guarda nacional permaneceu no Campo, assim como muitos cidadãos, até o amanhecer do dia seguinte, em que o concurso foi-se tornando ainda mais numeroso.

Finalmente no dia 23, pelas 10 horas e meia da manhã, o Marquez de Paranaguá, presidindo a assembléa geral, abriu a sessão por um discurso em que expôz succintamente os motivos daquella reunião, e o grande fim que tinha a satisfazer. Logo depois passou a proclamar em **MAIORIDADE** o Senhor D. Pedro II, no meio de vivas e aplausos dos representantes e do povo. Seguiu-se a nomeação de uma commissão para redigir a proclamação aos Brasileiros, em que se lhes fez constar o acto solemne pelo qual Sua Magestade Imperial entrava desde já no exercicio dos seus direitos

magestáticos; assim como a de uma deputação para ir saber do mesmo Augusto Senhor o dia e hora em que prestaria o juramento prescripto pela Constituição.

As tres e meia do mesmo dia, que foi o momento aprazado, chegou o Imperador, e sendo recebido com todas as demonstrações de respeito, de jubilo e de acatamento, repetio de joelhos a formula do juramento mencionado no artigo 103 da constituição, a qual foi lida pelo primeiro secretario do senado; lido este acto, o presidente rompeu os vivas á *maioridade* do Senhor D. Pedro II, que forão repetidos com enthusiasmo pela assembléa geral e pelo povo. Sua Magestade e suas Augustas Irmãs retirárão-se depois para o paço da cidade, e as tropas desfilárão desde o Campo até o terreiro do Paço, onde marcharão em continencia á vista do Imperador e da córte, e recolhêrão-se aos seus quartéis.

No dia 24 formou o Senhor D. Pedro II o seu primeiro gabinete com as seguintes pessoas: *Imperio*, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva; *Justiça*, Antonio Paulino Limpo de Abreu; *Fazenda*, Martim Francisco Ribeiro de Andrada; *Estrangeiros*, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho; *Marinha*, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti; *Guerra*, Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. Seguirão-se muitas felicitações por parte do povo e diversas corporações, e o Brasil recebeu com enthusiasmo verdadeiramente patriótico o acto solemne da declaração da maioridade, como medida de salvação publica exigida pelas circumstancias imperiosas do momento. No dia 22 de Agosto houve por bem o Imperador conceder uma amnistia geral para todos os crimes politicos, acompanhando o decreto que a outorgava uma proclamação aos

rebeldes do Rio-Grande, na qual expunha com candura suas vistas paternaes a respeito daquelles subditos descarreados, que elle chamava de novo ao gremio da sociedade brasileira; porém, desgraçadamente para o Brasil, suas vozes não forão ouvidas, e a rebellião continuou como dantes sua carreira de iniquidades e desatinos.

Sem embargo, se a amnistia não foi proveitosa para o Rio-Grande, ella produzio todo o seu bom effeito no Maranhão, destramente manejada pelo coronel Luiz Alves de Lima, que consegiu pôr termo áquella luta, servindo-se desta medida salutar. No Pará servio tambem para acabar os ultimos restos das facções armadas, que ainda permanecião no interior, temendo o rigor das leis e o longo martyrio dos processos criminaes: infinitos forão os apresentados nas villas e aldêas debaixo da garantia da Palavra Imperial. Finalmente, havendo-se annuciado para Maio de 1841 a Sagração e Coroação do Senhor D. Pedro II, trabalhava-se com assiduidade nos preparos necessarios para tão solemne acto; mas não sendo possivel conclui-los no tempo demarcado, espaçou-se a cerimonia para 18 de Julho, dia em que o Rio de Janeiro vio pela terceira vez, nas sagradas pessoas do avô, do filho e do neto, o acto augusto da acclamação e coroação do monarcha do Brasil.

CAPITULO NONO

1841—1870

I

Negocios do Rio-Grande do Sul. Revolução em S. Paulo e Minas-Geraes.

Tendo sido nomeado presidente e commandante das armas do Rio-Grande do Sul, o marechal Andréa assumio bem espinhoso encargo. Os rebeldes, Bento Gonçalves e Canabarro, tendo sob suas ordens mil e duzentos homens, atacarão e tomárão a villa de S. José do Norte a 26 de Julho de 1841; fôrão, porém, compellidos, após obstinada luta, a abandona-la. As perdas de ambos os lados fôrão avultadas.

O acto da amnistia, de que acima fallámos, e a proclamação do governo imperial deixárão de produzir o resultado que se teve em vista. Até pelo contrario, ao passo que avigoravão a ousadia dos rebeldes, acarretavão impopularidade e descredito ao ministerio. Deu-se então uma mudança na administração. O deputado Alvares Machado, o mesmo que trouxera á provincia o acto da amnistia, foi nomeado presidente, assumindo o brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto o commando das armas.

Não foi mais feliz em seus esforços a nova administração provincial, e a marcha assustadora da

revolução provocou uma crise ministerial. O ministro dos negocios estrangeiros Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho exigio de seus collegas a exoneração do commandante das armas, e, não sendo attendido, renunciou a sua pasta, o que deu em resultado a quêda do gabinete. O novo ministerio, organizado a 23 de Março de 1841, compunha-se de Candido José de Araujo Vianna (ministro do imperio), Paulino José Soares de Souza (ministro da justiça), Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (ministro dos negocios estrangeiros), Marquez de Paranaguá (ministro da marinha), José Clemente (ministro da guerra) e Miguel Calmon Dupin e Almeida (ministro da fazenda).

Não era só a revolução do Rio-Grande do Sul que devia preoccupar o animo da nova administração. Na provincia da Parahyba do Norte o presidente Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves cahio victima da vingança particular. Surpreendido em uma viagem, na distancia de duas leguas da capital, por um grupo de assassinos no dia 21 de Agosto de 1841, recebeu muitos tiros. O mesmo succedeu ao juiz de direito Lima, que ia em seu sequito. Alguns dias depois, dous dos assassinos fôrão apprehendidos, e confessarão o crime.

No meio das convulsões politicas, que de todos os lados assoberbavão o Imperio, o gabinete de 23 de março não descurava das mais urgentes medidas, e entre estas sobresahião a criação de um conselho de estado e a reforma do Codigo do Processo. A primeira, publicada no dia 23 de Novembro, tinha por fim constituir uma corporação destinada a communicar maior força moral aos actos officiaes, ao mesmo tempo que, arredando da corôa a responsabilidade, e esclarecendo as

questões por meio da discussão, devia fixar regras e precedentes administrativos para contrabalançar os inconvenientes das continuas mudanças de ministerios. A segunda medida, promulgada a 3 de Dezembro, consistia na reforma do Código do Processo. Era uma disposição urgente para a segurança individual e para a conservação da ordem publica, por tornar o governo central menos dependente das influencias locais.

Estas reformas despertarão grande desagrado, principalmente na provincia de S. Paulo. A primeira manifestação partio do padre Diogo Antonio Feijó, que, ao receber em 1º de Janeiro de 1842 seu diploma de deputado provincial, aconselhou a camara municipal de S. Paulo que protestasse em termos severos. Tal conselho, accomodado ás paixões do momento, foi litteralmente seguido. Por meio de uma commissão, composta do brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, Francisco Antonio de Souza Queiroz e senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, a assembléa provincial endereçou ao governo imperial um protesto formulado em phrases tão inconvenientes, que não pôde deixar de ser devolvido.

O ministerio affrontou corajosamente todas as explosões de descontentamento, não só dissolvendo em 1º de Maio de 1842 a camara dos deputados, como tambem responsabilizando varias camaras municipaes. Estes actos, porém, em vez de abaterem, ainda mais exacerbâo a animosidade dos adversarios de S. Paulo, que a 17 de Maio proclamâo a revolução em Sorocaba, e nomearão presidente o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. As primeiras resoluções do novo presidente fôrão a suspensão da Lei de 3 de Dezembro, e a demissão de todos os agentes officiaes que não sympathisavão com o movimento insurreccional.

O abalo revolucionario rapidamente propagou-se por muitos municipios e bandos armados affluirão em auxilio da rebellião. Recebendo do presidente barão de Mont'Alegre estas noticias assustadoras, o ministerio enviou, além de reforços por terra, uma primeira expedição por mar, em 18 de Maio, sob as ordens do barão de Caxias. Não era pequeno o embaraço para a remessa de tropas, tão escassas em todo o Imperio, sendo o governo obrigado a desguarnecer as provincias do norte e do sul, e principalmente a côrte, onde só ficarão a policia e a guarda nacional.

No meio destes apuros politicos, chegou á côrte a noticia consternadora de que em 1 de Junho arrebetara em Barbacena uma revolução, que, tendo á sua frente como presidente José Feliciano Pinto Coelho (depois barão de Coxaes), encontrara enthusiasica adhesão em 14 municipios da provincia. Felizmente o ministerio não desanimou, e lançou mão, além de outros expedientes, da suspensão das garantias constitucionaes nas provincias rebelladas, na provincia do Rio de Janeiro e na côrte, mandando prender muitas pessoas suspeitas, e deportando outras.

Tendo organizado, como melhor pôde, seus recursos militares, o barão de Caxias marchou sobre Sorocaba, onde entrou em 19 de Junho, desbaratando os rebeldes, e apoderando-se de grande quantidade de armamento e das proprias peças de artilharia assestadas nas avenidas da cidade. No dia 22 do mesmo mez levou ao conhecimento do ministro da guerra que não lhe erão mais precisos novos reforços; e no dia 23 de Julho, depois de ter suffocado deploraveis agitações em Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Silveira, chegou ao Rio de Janeiro para assumir o

commando em chefe do exercito pacificador de Minas-Geraes. Grata ao barão de Caxias pelo restabelecimento da paz domestica, a provincia de S. Paulo o elegeu deputado geral na legislatura de 1842 a 1845.

Enquanto se davão em S. Paulo estes acontecimentos, em Minas-Geraes os rebeldes, em numero superior a 3,000, ameaçavão Ouro-Preto, capital da provincia. Desejando frustrar este intento, o ministerio despachou para Minas o denodo pacificador de S. Paulo. Apenas 48 horas demorou-se o barão de Caxias no Rio de Janeiro, e, tendo sido nomeado ajudante de campo de S. M. o Imperador e tendo recebido as necessarias instrucções, partio para Ouro-Preto.

Animados por um ligeiro successo obtido em Queluz, os rebeldes resolvêrão investir a capital; mas o barão de Caxias precedeu-os, entrando sem ser presentido, nem incommodado. Não dispondo, porém, dos necessarios recursos, resolveu o barão de Caxias aguardar a chegada do coronel José Joaquim de Lima (depois visconde de Tocantins) para interceptar a retirada dos rebeldes, collocando-os entre dous fogos; estes tambem por sua vez não ousarão travar peleja, retrocedendo na direcção de Sabará, e dahi para o arrayal de Santa Luzia. Não podendo assim refazer-se de meios pela tomada da capital, os rebeldes tentarão, pela intercessão do barão de Caxias, obter uma amnistia geral, apezar, dizião elles, de poderem prolongar a luta á frente de 4,000 soldados victoriosos.

Ao passo que entabolavão estas negociações, os rebeldes ousavão tentar um derradeiro esforço, aproveitando as vantagens topographicas da localidade. Occupando uma posição inferior e dispondo de escassos recursos, o barão de Caxias

não podia empenhar a luta sem a cooperação de seu irmão o coronel José Joaquim de Lima, com quem tinha combinado o ataque para o dia 21 de Agosto. Na vespéra, porém, os rebeldes travarão a luta de 3,000 homens contra 800, e o coronel José Joaquim de Lima, ouvindo ao longe, na estrada da Lapa, o ruido das descargas, marchou precipitadamente em soccorro. Presentindo a chegada dos reforços, o barão de Caxias simulou fugir, e os rebeldes, anciosos de aniquila-lo, descêrão da vantajosa eminencia que occupavão, ficando collocados entre dous fogos, e fôrão completamente esmagados. Assim, ao cabo de 70 dias extinguiu-se uma perigosa conflagração, que, ateando-se em Barbacena, ameaçava lavrar por grande extensão do sólo nacional.

Tendo-se dissolvido o ministerio de 23 de Março de 1841, foi constituido em 20 de Janeiro de 1843 um novo ministerio, composto de José Antonio da Silva Maia (ministro do imperio), Honorio Hermeto Carneiro Leão (ministro da justiça), Paulino José Soares de Souza (ministro dos negocios estrangeiros), Joaquim José Rodrigues Torres (ministro da marinha), Salvador José Maciel (ministro da guerra) e Joaquim Francisco Vianna (ministro da fazenda).

II

Casamento de S. M. o Imperador Insurreição em Alagoas — Pacificação do Rio-Grande. Viagem Imperial. — Morte do Sr. D. Afonso.

Em 31 de Maio de 1843 effectuou-se em Nápoles a cerimonia dos esponsaes de S. M. o Imperador com a princeza D. Theresa Christina

Maria, filha de Francisco I, rei das Duas-Sicilias, e em 3 de Setembro, chegando ao Rio de Janeiro S. M. a Imperatriz, a bordo da fragata *Constituição*, fôrão as benções nupciaes nesse mesmo dia conferidas aos augustos conjuges. Foi este enlace dos mais venturosos que a historia consigna. Se bem que a sorte privasse o Brazil da descendencia masculina de S. M. o Imperador, a data de 3 de Setembro assignala na America do Sul a chegada de uma virtuosa princeza, que sempre foi para os pobres e infelizes a mais desvelada bemfeitora.

No dia 31 de Janeiro de 1844 retirou-se o ministerio conservador, e foi inaugurada a situação liberal, ficando o gabinete de 2 de Fevereiro de 1844 constituido do seguinte modo: na pasta do imperio José Carlos Pereira de Almeida Torres (visconde de Macahê); na da justiça Manoel Antonio Galvão, e interinamente A. P. Limpo de Abreu (visconde de Abaeté); na dos negocios estrangeiros Ernesto Ferreira França, e interinamente A. P. Limpo de Abreu; na da marinha Jeronymo Francisco Coelho; na da guerra A. F. de Paula Hollanda Cavalcanti; e na da fazenda Manoel Alves Branco (visconde de Caravellas).

Tendo-se tornado impopular na provincia das Alagoas o presidente Bernardo de Souza Franco, muitos cidadãos tratarão de patentear seu desagrado, unindo-se aos mais influentes fazendeiros, que tambem se achavão descontentes por julgarem contrariados seus interesses eleitoraes. Assim colligados e fortemente apoiados por Vicente Tavares da Silva Coutinho, vulgarmente alcunhado Vicente de Paulo, o caudilho das mattas, atacarão e tomarão a capital da provincia em 5 de Outubro de 1844, sendo o presidente obrigado a refugiar-se a bordo de um navio de guerra, que se

achava no porto de Maceió. Tendo abandonado por algum tempo a cidade, os rebeldes de novo voltarão; mas o governo provincial, tendo reunido alguma força, conseguiu desbarata-los.

Chegando a Pernambuco, á Bahia e ao Rio de Janeiro a noticia do movimento alagoano, fôrão sem perda de tempo remetidas tropas sob o commando do brigadeiro Antonio Corrêa Seára, que, depois de varios combates, conseguiu restabelecer a tranquillidade. No intento de conciliar os animos, o governo imperial nomeou um novo presidente, Caetano Maria Lopes Gama (depois visconde de Maranguape), que, autorizado pelo Decreto de 12 de Novembro, promulgou uma amnistia geral, e assim antes do fim do anno de 1844 restaurou o imperio da lei.

Sinceramente empenhado em pôr termo á conflagração do Rio-Grande do Sul, o governo imperial recorreu ao barão de Caxias, já tão illustre por seus feitos militares e politicos na pacificação do Maranhão, de S. Paulo e de Minas-Geraes. Nomeado presidente do Rio-Grande do Sul, o barão de Caxias partio do Rio de Janeiro em 29 de Outubro de 1842. Graças a seu comportamento conciliador, á sua actividade militar e á sua sagacidade politica, o benemerito barão de Caxias pôz termo á luta fratricida. Tendo tomado posse da presidencia em 9 de Novembro, deu um grande impulso á causa da legalidade pelos combates do Triampho e de Camaquan, ganhos em 26 e 30 de Dazembro, e pela conciliação do prestigioso brigadeiro Bento Manoel Ribeiro.

No anno seguinte, 1843, a causa da rebellião recebeu os mais duros golpes. Em 26 de Maio Bento Manoel desbaratou, á frente de 1,400 homens, uma divisão de 2,500 rebeldes em Ponche-Verde; em seguida Manoel Marques de Souza

(conde de Porto-Alegre) tomou a villa de Piratinim, e em 25 de Outubro o tenente-coronel Francisco Pedro de Azevedo (barão de Jacuhy) ganhou uma victoria assignalada contra Bento Gonçalves em Cangussú.

Reconhecendo a impossibilidade de continuar a luta, os chefes da revolução rio-grandense despacharão para a côrte um agente, Antonio Vicente da Fontoura, encarregado de tratar com o governo imperial a respeito das condições da submissão. Tendo-lhe sido conferidos plenos poderes, o barão de Caxias convocou a Canabarro e seus principaes companheiros em Ponche-Verde, que ali declararão aceitar a amnistia imperial, concedida a 18 de Dezembro de 1844.

Assim, o illustre barão de Caxias pôde, em 1º de Março de 1845, annunciar a terminação da guerra civil e proclamar a amnistia para todos os implicados. Para darmos uma idéa do estado dos espiritos nessa época, transcrevemos a proclamação de um chefe da revolução, David Canabarro, e a do barão de Caxias.

« Concidadãos ! Competentemente autorizado pelo magistrado civil, a quem obedecemos, e na qualidade de commandante em chefe, concordando com a unanime vontade de todos os officiaes da força de meu commando, vos declaro que a guerra civil, que ha mais de nove annos devasta este bello paiz, está acabada. A cadêa dos successos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigiamos ; hoje a continuação de uma guerra tal seria o *ultimatum* da destruição e do aniquilamento de nossa terra.

« Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio, e tão estolida ousadia jámais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio-Grande não será o theatro de suas iniquidades, e

nós partilharemos a gloria de sacrificar os resentimentos creados no furor dos partidos ao bem geral do Brazil.

« Concidadãos! ao desprender-me do grão que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquillamente ao seio de vossas familias.

« Vossa segurança individual e vossa propriedade estão garantidas pela palavra sagrada do monarcha, e o apreço de vossas virtudes confiado ao seu magnanimo coração.

« União, fraternidade, respeito ás leis e eterna gratidão ao inclyto presidente da provincia o Illm. e Exm. Sr. barão de Caxias pelos afanosos esforços que ha feito na pacificação da provincia.

« Campo em Ponche-Verde, 28 de Fevereiro de 1845.— *David Canabarro.* »

« Rio-grandenses! É sem duvida para mim de inexplicavel prazer o ter de annunciar-vos que a guerra civil, que por mais de nove annos devastou esta bella provincia, está terminada.

« Os irmãos contra quem combatiamos estão hoje congratulados connosco, e já obedecem ao legitimo governo do imperio brasileiro.

• S. M. o Imperador ordenou por Decreto de 18 de Dezembro de 1844 o esquecimento do passado, e mui positivamente recommenda no mesmo decreto que taes brasileiros não sejam judicialmente, nem por qualquer outra maneira, perseguidos ou inquietados pelos actos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnanima deliberação do monarcha brasileiro ha de ser religiosamente cumprida, eu o prometto sob minha palavra de honra.

« Uma só vontade nos una, rio-grandenses! Maldição eterna a quem ousar recordar-se de

nossas dissensões passadas. União e tranquillidade sejam de hoje em diante nossa divisa!

« Viva a religião! Viva o Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil! Viva a integridade do Imperio!

« Quartel-general da presidencia e do commando em chefe no campo de Alexandre Simões, margem direita de Santa-Maria, 1 de Março de 1845. — *Barão de Caxias.* »

Terminada a guerra civil do Rio-Grande do Sul, S. M. o Imperador resolveu visitar algumas localidades do sul do Brazil. Confiando ao visconde de S. Salvador de Campos o encargo de velar pelo principe imperial, S. M. o Imperador, acompanhado de S. M. a Imperatriz, sahio do Rio de Janeiro em 5 de Outubro de 1845, a bordo da fragata *Constituição*, e na entrada da barra de S. Catharina transferio-se para bordo do vapor *Imperatriz*. Os augustos viajantes visitarão os pontos mais importantes das tres provincias de Santa-Catharina, Rio-Grande e S. Paulo, deparando em toda a parte com a mais entusiastica recepção! A viagem imperial terminou em 26 de Abril, quando S. M. o Imperador desembarcou na capital do Imperio.

Renunciando à gestão dos negocios publicos o ministerio de 2 de Fevereiro de 1844, organizou-se em 2 de Maio de 1846 o quinto ministerio do actual reinado, ficando com a pasta do imperio Joaquim Marcellino de Brito e interinamente Manoel Alves Branco, da Justiça José Joaquim Fernandes Torres e interinamente C. M. Lopes Gama (visconde de Maranguape), de estrangeiros Bento da Silva Lisboa (barão de Cayrú), da marinha o visconde de Albuquerque, da guerra João Paulo dos Santos Barreto e da fazenda o visconde de Albuquerque e José Joaquim Rodrigues Torres.

Os ultimos mezes do anno de 1845 e o começo de 1846 fôrão assignalados na provincia do Ceará por uma secca horrorosa, que aniquilou toda a vegetação e destruiu todo o gado. Em muitas paragens achava-se o sólo juncado de ossadas humanas, que muita gente roia nas angustias da inanição. A carne apodrecida de animaes mortos de fome e sede era avidamente devorada por muitos, ao passo que outros morrião sugando, como unico recurso para estancar a sede, o succo venenoso de plantas agrestes. Activamente auxiliado pela caridade publica, o Governo Imperial empregou todos os recursos a seu alcance para minorar os soffrimentos dos pobres e dos enfermos.

O ministerio de 2 de Maio apenas completou um anno no exercicio de suas funcções, e dissolveu-se logo no principio da sessão legislativa de 1847, constituindo-se um novo gabinete em 22 de Maio de 1847, no qual teve a pasta da fazenda Manoel Alves Branco, a do imperio Francisco de Paula Souza, que foi interinamente succedido por Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro e M. Alves Branco, a de estrangeiros Saturnino de Souza e Oliveira e José Antonio Pimenta Bueno (depois Marquez de S. Vicente), a da Justiça N. P. de C. Vergueiro, a da marinha Candido Baptista, e a da guerra Antonio Manoel de Mello. Foi durante este ministerio que pelo Decreto de 20 de Julho de 1847 foi creada a presidencia do conselho de ministros, sendo o primeiro que a exerceu o ministro da fazenda M. Alves Branco.

No dia 11 de Junho de 1847 foi a familia imperial dolorosamente ferida pelo inesperado fallecimento do principe imperial D. Alfonso, que nascêra em 23 de Fevereiro de 1845.

III

Revolução praieira em Pernambuco. Morte de D. Pedro Affonso. Trafico dos africanos. Guerra no Rio da Prata.

Evidentemente debilitada por dissensões domesticas e pela energica opposição do partido conservador, a situação liberal approximava-se de seu termo. O ministerio de 22 de Maio de 1847 foi succedido pelo ministerio ephemero de 8 de Março de 1848, no qual coube a presidencia do conselho e a pasta do imperio ao Visconde de Macahé, a da justiça a J. A. Pimenta Bueno, a de estrangeiros a A. P. Limpo de Abreu, a da marinha a Manoel Felizardo de Souza e Mello e Joaquim Antão Fernandes Leão, a da guerra a Manoel Felizardo de Souza Mello e a da fazenda a José Pedro Dias de Carvalho. Retirando-se ao cabo de dous mezes e alguns dias, formou-se o ultimo gabinete da situação liberal em 31 de Maio de 1848, o qual pouco mais conseguiu durar.

Occupava a pasta da fazenda e a presidencia do conselho Francisco de Paula Souza e Mello, a do imperio J. P. Dias de Carvatho, a da justiça A. M. de Campos Mello, a de estrangeiros Bernardo de Souza Franco, a da marinha Joaquim Antão Fernandes Leão e a da guerra João Paulo dos Santos Barreto.

Cabindo o ministerio de 29 de Setembro de 1848, subio ao poder o partido conservador, cujo primeiro gabinete, constituido em 29 de Setembro do mesmo anno, tinha como presidente do conselho e ministro de estrangeiros o marquez de Olinda, como ministro do imperio o marquez de Monte-Alegre, como ministro da justiça Euzebio de

Queiroz Coutinho Mattozo Camara, como ministro da marinha Manoel Felizardo de Souza e Mello, e depois Manoel Vieira Tosta (visconde de Muritiba), e como ministro da fazenda Joaquim José Rodrigues Torres (visconde de Itaboraay).

Retirando-se o marquez de Olinda, ficou com a presidencia do conselho o marquez de Monte-Alegre, e teve a pasta de estrangeiros Paulino José Soares de Souza (visconde de Uruguay).

A ascensão do partido conservador suscitou grave descontentamento em muitas provincias, e principalmente em Pernambuco, onde desde Junho as lutas partidarias tinhão manifestado o estado melindroso dos espiritos. Varios actos do presidente Herculano Ferreira Penna, entre os quaes figurava a demissão de muitos funcionarios que erão liberaes e membros do parlamento, ateárão a chamma da discordia, e derão ensejo ao primeiro rompimento no lugar chamado Pão d'Alho. Os rebeldes tomárão posse de Iguarassú, e angariárão muitas adhesões em diversos pontos da provincia.

Esta guerra civil não tardou a mostrar suas lamentaveis tendencias; os primeiros combates fôrão assignalados por avultadas perdas de ambos os lados. Felizmente um acontecimento veio logo estorvar a marcha assustadora da revolução. Os rebeldes deliberárão apossar-se da capital. A administração da provincia tinha sido commettida a Manoel Vieira Tosta (visconde de Muritiba), quando em 2 de Fevereiro de 1849 a cidade do Recife foi assaltada com furia tal, que teria succumbido, se não fôra o desacerto dos rebeldes precipitarem-se com todas as suas forças pelos Afogados. A irrupção foi tão cegamente operada, que os invasores chegarão combatendo até diante do palacio do presidente.

Já tinha durado umas oito horas a batalha dentro da cidade, quando duas circumstancias inesperadas surgirão em proveito da autoridade legal. A primeira foi a morte do mais perigoso rebelde o desembargador Joaquim Nunes Machado, que era deputado á assembléa geral e a alma do movimento revolucionario, e a segunda foi a inesperada chegada do general José Joaquim Coelho que, precipitando-se em marchas forçadas, chegou opportunamente para esmagar a sublevação. Estes accidentes favoraveis não permitirão aos rebeldes ficarem por mais de cinco horas na cidade, cujas ruas acharão-se juncadas de cadaveres e as cadêas pejudadas de prisioneiros. Assim terminou a chamada Revolução praieira.

Em 10 de Janeiro de 1850 a familia imperial foi de novo acabrunhada com a perda da esposa do segundo principe, D. Pedro Affonso, nascido em 19 de Julho de 1848. Este triste acontecimento veio pela segunda vez alterar a ordem de successão da dynastia imperial, devolvendo a corôa á S. A. I. a Sra. D. Isabel.

Proseguindo a importação de escravos africanos a despeito de toda a vigilancia do governo imperial e da severa perseguição dos cruzeiros inglezes, foi necessario usar de medidas rigorosas, substituindo-se a Lei de 7 de Novembro de 1831 pela de 4 de Setembro de 1850, que, empregada com muita austeridade, produziu os mais salutarese feitos.

O trafico africano foi completamente suprimido no meio dos applausos do mundo civilisado.

O desenvolvimento do commercio nacional demandava uma revisão da legislação existente, que de modo algum correspondia ás exigencias do movimento mercantil. Em 25 de Setembro de 1850

promulgou-se o novo Código do Commercio, que foi acompanhado dos regulamentos necessários para sua bôa execução. Não era tambem menos urgente a reforma da lei da guarda-nacional, por meio de uma lei que melhorasse este ramo do serviço publico, e o adaptasse melhor ás circumstancias da vida nacional. A Lei de 19 de Setembro de 1850 e os regulamentos que vierão completa-la correspondêrão satisfactoriamente aos justos reclamos da opinião publica.

Da pacifica tarefa das reformas administrativas o governo Imperial não tardou a ser desviado para os trabalhos sanguinolentos da guerra. Assumindo o titulo de presidente do Estado Oriental por instigações do dictador de Buenos-Ayres João Manoel Rosas, não duvidou o general Oribe atacar a propriedade e a vida dos cidadãos brazileiros estabelecidos em territorio oriental. Tendo esgotado todos os recursos das negociações diplomaticas, o governo brazileiro vio-se compellido a lançar mão das armas.

Dominava na Republica Argentina um desgosto geral por causa das atrocidades commettidas pelo dictador Rosas. O governo do Brazil, aproveitando-se do ensejo para vingar-se das offensas infligidas á nação, e desejando assegurar a independencia do Estado Oriental, celebrou uma alliança offensiva e defensiva com o general Urquiza, presidente da provincia argentina de Entre-Rios, então em luta aberta com Rosas, presidente da Confederação, e conciliou a cooperação do general oriental Garzon. As hostilidades começãrão com a declaração de ser firme proposito dos belligerantes expellir Rosas de Buenos-Ayres, e libertar Montevidéo do assedio desde muito mantido por Oribe.

O exercito brazileiro em numero de 20,000

homens, sob as ordens do conde de Caxias, passou a fronteira do Rio-Grande em 5 de Setembro de 1851, e logo foi Oribe obrigado a abandonar seu acampamento de Cerrito, perto de Montevidéu, sendo pouco tempo depois completamente batido em Las Piedras. O primeiro intento estava conseguido, porquanto Oribe, desesperando de subtrahir-se pela fuga, entregou Montevidéu, onde os brasileiros entrãrão em 8 de Outubro de 1851.

Effectuada a occupação de Montevidéu, celebrou-se em 21 de Novembro do mesmo anno uma convenção para libertar-se a nação argentina da tyrannia de Rosas. Para cooperar com as forças alliadas foi destacada, sob as ordens do brigadeiro Manoel Marques de Souza (conde de Porto-Alegre), uma divisão brasileira de 4,000 homens, que, subindo o rio Paraná até Diamante, ahi esperou a chegada de Urquiza e da esquadra brasileira, commandada pelo almirante Grenfell.

O primeiro feito militar que ennobreceu as armas brasileiras nesta campanha foi a passagem do Passo do Tonelero, forte posição militar protegida pela natureza e pela arte, e onde estacionavão muitos batalhões inimigos sob as ordens do general Mancilla. Logo que as tropas aliadas fizeram junção, as hostilidades proseguirão com vigor, e tiverão seu ponto culminante em Monte-Caseros onde principalmente se distinguio o contingente brasileiro. Em poucas horas de luta baqueou a tyrannia de Rosas, que, não encontrando outros recursos para manter-se no poder, tratou de escapar pela fuga, procurando abrigo a bordo de um navio de guerra inglez, que o levou para a Europa.

Dissolvendo-se o ministerio de 29 de Setembro de 1848, foi constituido em 11 de Maio de 1852

um novo ministerio, no qual tomarão parte Joaquim José Rodrigues Torres (visconde de Itaboraahy), como ministro da fazenda e presidente do conselho; Francisco Gonçalves Martins (Visconde de S. Lourenço), do imperio; José Ildêfonso de Souza Ramos (visconde de Jaguary), da justiça; Paulino José Soares de Souza, de estrangeiros; Zacarias de Góes e Vasconcellos, da marinha; e Manoel Felizardo de Souza e Mello, da guerra. Na administração interna este ministerio assignalou-se pela solicitude com que attendeu ás questões economicas do paiz. Pela Lei de 5 de Julho de 1853, o governo, adepto do são principio da unidade bancaria, creou o actual Banco do Brasil.

Attendendo ás repetidas solicitações do general Flores, governador temporario, e depois presidente da republica Oriental, o governo imperial enviou para Montevidéo uma divisão de 4,000 homens sob o commando do brigadeiro Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, que tinha por missão contribuir para a terminação das contendas domesticas. Igualmente estacionou em Montevidéo uma divisão naval até 13 de Novembro de 1855, que prestou os mais valiosos serviços. Procedendo deste modo, o Brasil assumio, como lhe competia, uma posição preponderante no Rio da Prata, não só em virtude dos tratados em vigor, como por sua effectiva interferencia no Estado-Oriental, cuja tranquillidade interna era de grande utilidade para o Brazil. O governo imperial estava compellido a punir as offensas, intencionalmente praticadas, a derrocar o poder invasor de Lopez, e a regular a melindrosa questão das fronteiras nacionaes.

Esta ultima aspiração não pôde ser satisfeita com relação ao governo paraguay, que, embaraçando a navegação fluvial, cerceava as communicações

com a provincia de Matto-Grosso. O governo paraguay accedeu em 20 de Dezembro de 1850 ao convite do Brasil, e nomeou um ministro plenipotenciario para assentar a questão da livre navegação fluvial, regular as relações commerciaes, e fixar a linha de limites dos dous paizes. Mas, apezar dos mais importantes favores que tinha recebido, o presidente Francisco Solano Lopez não fez o menor cabedal dos ajustes preliminares; pelo contrario, tratou por todos os modos de tornar nullas suas promessas, e por fim, para tornar mais odioso seu procedimento, mandou entregar os passaportes ao ministro brasileiro Felippe José Pereira Leal, que em nome do seu governo exigia o fiel cumprimento dos ajustes diplomaticos. Em consequencia deste offensivo proceder, o governo imperial enviou em missão especial o chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira para pedir uma satisfação, exigir a desempedida navegação do Paraguay e do Paraná, e assentar definitivamente as questões de commercio e fronteiras, como tinha sido estipulado no tratado de 1850.

O enviado extraordinario não logrou solver de modo definitivo as questões pendentes, porque as duas convenções então celebradas encerravão clausulas que o governo imperial julgou não dever ratificar. Seguirão-se novas negociações diplomaticas no Rio de Janeiro por intermedio do ministro plenipotenciario José Borges; todos os ajustes, porém, sôrão illudidos pela destealdade do governo paraguay, que por meio de regulamentos e decretos procurou sempre offender os direitos e interesses do Imperio, e lesar o commercio e a navegação de Matto-Grosso. Á vista de tal proceder, conservou-se fechada a communição fluvial com Matto-Grosso, bem que o governo imperial, pelo Decreto de 9 de Abril de

1853, tivesse aberto ao commercio de todas as nações o porto de Albuquerque no rio Paraguay, e pelo Decreto de 25 de Outubro de 1856 tivesse franqueado aos navios estrangeiros o commercio de cabotagem até o porto de Albuquerque.

Havendo resignado o poder o ministerio de 11 de Maio de 1852, subio em 6 de Setembro de 1853 um novo ministerio, formado do marquez de Paraná, presidente do conselho e ministro da fazenda; Luiz Pedreira do Couto Ferraz (visconde do Bom-Retiro), ministro do imperio; José Thomaz Nabuco de Araujo, da justiça; visconde de Abaeté, de estrangeiros; Pedro de Alcantara Bellegarde, da guerra; José Maria da Silva Paranhos, da marinha. Este gabinete tinha em seu programma a conciliação dos partidos politicos e a iniciação do mais amplo desenvolvimento economico. Foi sob sua administração que se inaugurou em 30 de Abril de 1854 a primeira estrada de ferro de Mauá á Serra da Estrella, na provincia do Rio de Janeiro, graças ao espirito empreendedor de Irineu Evangelista de Souza (visconde de Mauá). Infelizmente em 3 de Setembro de 1856 falleceu o marquez de Paraná e foi então necessaria uma recomposição do ministerio, que em 8 de Outubro de 1856 ficou presidido pelo então marquez de Caxias, ministro da guerra, tomando a pasta de estrangeiros José Maria da Silva Paranhos e a da fazenda João Mauricio Wanderley (barão de Cotegipe). O mais notavel commettimento do gabinete assim recomposto foi a adopção do systema eleitoral por districtos.

IV

**Viagem de S. M. o Imperador ao norte do Brazil.
Questão ingleza. Complicacões no Rio da Prata.**

Com a quêda do ministerio de 8 de Outubro de 1856, organizou-se em 4 de Maio de 1857 um novo ministerio, no qual as pastas fôrão distribuidas do seguinte modo: a do imperio, com a presidencia do conselho, ao marquez de Olinda, a da justiça a Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, a de estrangeiros ao visconde de Maranhão, a da marinha a José Antonio Saraiva, a da guerra a Jeronymo Francisco Coelho e a da fazenda a Bernardo de Souza Franco.

Por causa dos projectos economicos que tencionava levar a effeito, o ministerio encontrou vehemente opposição no parlamento. Decidido partidario da expansão do credito e da circulação fiduciaria, o ministro da fazenda autorizou a incorporação de varios bancos de emissão no Rio-Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Por seus estatutos tinham estes bancos a faculdade de emittir bilhetes ao portador e á vista até á somma de seu capital effectivo, realizaveis em moeda metallica ou notas do thesouro.

A este ministerio succedeu, em 12 de Dezembro de 1858, um outro tirado do seio da opposição levantada contra as exageradas applicações do credito. O organizador, visconde de Abaeté, teve a presidencia do conselho e a pasta da marinha, Sergio Teixeira de Macedo a do imperio, J. T. Nabuco de Araujo a da justiça, J. M. da S. Paranhos a de estrangeiros, Manoel Felizardo de S. e M. a da guerra, e Francisco de Salles Torres Homem (visconde de

Inhomirim) a da fazenda. O novo ministro da fazenda, como órgão do pensamento unanime do ministerio, apresentou um projecto, que foi aceito pelo parlamento, determinando que o Banco do Brasil e suas caixas filiaes, assim como os bancos de circulação, autorizados por decreto do poder executivo, realizassem em ouro suas notas, tres annos depois de publicada a lei ficando o maximo da emissão. Em virtude da mesma lei, só o poder legislativo seria competente para autorizar bancos de emissão ou renovar o prazo dos existentes.

No ministerio seguinte, organizado em 10 de Agosto de 1859, figuravão: como presidente do conselho e ministro da fazenda Angelo Muniz da Silva Ferraz (barão de Uruguayanna), ministro do imperio João de Almeida Pereira, da justiça J. L. da C. Paranguá, de estrangeiros J. Lins V. Cansansão de Sinimbú, da marinha Francisco X. Paes Barreto e da guerra S. do Rego Barros.

Desejando percorrer algumas das provincias septentrionaes do Brazil, S. M. o Imperador partio do Rio de Janeiro, acompanhado de S. M. a Imperatriz, no dia 4 de Outubro de 1859; visitou a Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Espirito-Santo. Em toda a parte os imperiaes viajantes fôrão recebidos com as mais ardentes demonstrações de affecto tanto nas grandes cidades, como nas mais pequenas povoações. Em 4 de Fevereiro de 1860 a capital do Imperio recebia com as mais sinceras demonstrações de amor e respeito os augustos imperantes, que regressavão após uma excursão de quatro mezes.

Com a dissolução do gabinete de 10 de Agosto de 1859, foi o marquez de Caxias incumbido de formar um novo gabinete, que em 2 de Março

de 1861 se constituiu do seguinte modo: na presidencia do conselho e pasta da guerra o Marquez de Caxias, na do imperio José Ildefonso de Sousa Ramos (visconde de Jaguaré), na da justiça F. de P. de N. Sayão Lobato, na de estrangeiros B. A. de Magalhães Taques, na da marinha Joaquim José Ignacio (visconde de Inhaúma), na da fazenda J. M. da Silva Paranhos (visconde do Rio-Branco). Tendo a Lei de 28 de Julho de 1860 creado o novo ministerio da agricultura, foi interinamente nomeado para exercê-lo Joaquim José Ignacio, até que effectivamente tomou posse o primeiro ministro Manoel Felizardo de Souza e Mello.

Tendo naufragado em Junho de 1861 a barca ingleza *Prince of Wales* na costa deserta do Albardão, na provincia do Rio-Grande do Sul, a equipagem salvou-se, mas uma grande parte da carga, atirada á praia, foi roubada por individuos que averiguou-se terem depois transposto a fronteira. Um anno depois, na tarde de 17 de Junho de 1862, tres officiaes da fragata ingleza *Fort* fôrão presos, quando caminhavão á paisana na estrada da Tijuca, arrabalde do Rio de Janeiro. Esta prisão foi effectuada por simples policiaes, que ignoravão quem erão os presos. Por todas as circumstancias então cuidadosamente verificadas, ficou bem patente não ter havido a menor intenção de desrespeitar a marinha ingleza, mas o ministro inglez no Rio nem por isso deixou de formular violentas reclamações.

Quanto ao caso da barca naufragada, o governo encetou as mais sollicitas pesquisas para chegar ao conhecimento da verdade, e quanto á prisão dos officiaes de marinha, o governo imperial offereceu todas as explicações para

desvanecer a impressão produzida na opinião da Inglaterra.

Geralmente julgava-se no Brazil estarem as duas questões a ponto de ser liquidadas definitivamente, quando o ministro inglez William Dougal Christie inesperadamente communicou ao governo imperial em 5 de Dezembro de 1862 que, considerando o governo do Brazil responsavel, exigia uma indemnisação pecuniaria por perdas e danos quanto à barca naufragada, e uma satisfação quanto ás offensas irrogadas á marinha ingleza na pessoa dos tres officiaes. Novas explicações sendo dadas pelo governo imperial, o ministro inglez não julgou-as sufficientes, e em 30 de Dezembro communicou acharem-se as questões affectas ao commandante da estação naval. De facto, as hostilidades começarão logo pelo aprisionamento de propriedade brasileira equivalente á indemnisação exigida. Os vapores inglez *Stromboli* e *Curlew* apoderarão-se de cinco navios brasileiros, avaliados em £ 13.000, que fôrão conduzidos para a bahia das Palmas.

Estas medidas violentas despertârão a mais profunda indignação na população brasileira. No Rio de Janeiro e em todas as provincias, onde a noticia dos acontecimentos foi chegando, manifestou-se a maior exaltação, parecendo todos dispostos a acompanhar o governo imperial por todas as vicissitudes da perigosa luta que surgia. Impressionado pela attitude patriótica da população, e não desejando levar os factos ás suas derradeiras consequencias, o ministro Christie consentio em submeter as duas questões a um juizo arbitral. Em 5 de Janeiro de 1863 o governo imperial declarou aceitar a arbitragem quanto ao caso da fragata *Fort*, e estar prompto a pagar, debaixo de protesto, a somma exigida

pelo desaparecimento da carga na costa do Albardão.

O arbitro escolhido foi o venerando rei dos belgas, Leopoldo I, a quem o governo imperial propôz se havia alguma injuria para a marinha ingleza na applicação da lei brasileira em tres officiaes que andavão á paisana. A legação brasileira em Londres entregou ao governo inglez a importancia de £ 3.200 pela perda do navio *Prince of Wales*. Todas as relações diplomaticas fôrão interrompidas até que o rei de Portugal interpôz seus bons officios e promoveu uma reconciliação.

Tendo sido aberta a assembléa geral no dia 3 de Maio de 1863, a camara dos deputados resolveu dirigir-se em corporação á augusta presença de S. M. o Imperador para agradecer-lhe em nome do paiz as muitas provas de patriotismo que acabára de dar na questão ingleza. Esta manifestação realizou-se no dia 6 do mesmo mez, e no dia 12 baixou um decreto dissolvendo-a e convocando uma outra para o dia 1º de Janeiro de 1864. Dando sua demissão o gabinete de 2 de Março de 1861, organizou-se, depois de uma infructifera tentativa, em 24 de Maio de 1862, um novo ministerio em 30 de Maio de 1862, no qual teve a presidencia do conselho e a pasta do imperio o marquez de Olinda; a da justiça o visconde de Maranguape e depois J. L. V. Cansação de Sinimbú; a de estrangeiros o marquez de Abrantes; a da marinha Joaquim Raymundo de Lamare; a da guerra Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão; a da fazenda o visconde de Albuquerque; e a da agricultura Pedro de Alcantara Bellegarde.

Desde longos annos os subditos brasileiros estabelecidos no territorio oriental não cessavão de manifestar suas queixas contra o governo da

Republica Oriental. Ataques constantes contra a propriedade, actos de violencia contra as pessoas excitavão a indignação no Brasil, que considerava esses crimes como outras tantas affrontas contra sua nacionalidade. Ao mesmo tempo, todas as reclamações erão menoscabadas sob ridiculos pretextos e vãos sophismas. Allegavão-se innumerous factos em que a insolencia não era inferior á crueldade, sendo os autores de homicidios e roubos protegidos pelos agentes civis e militares do governo. A audacia dos assassinos e a arrogancia de seus fautores subirão de ponto, quando o general Venancio Flôres invadiu o territorio oriental para vingar-se das perseguições do partido chamado blanco. *

Os gritos de desespero da população brazileira ecoárão no parlamento, e muitos deputados eloquentes procurárão em linguagem apaixonada arrastar á guerra o governo imperial. Dirigia então os negocios publicos, depois da quêda do gabinete de 30 de Maio de 1862, o gabinete de 15 de Janeiro de 1864, no qual era presidente do conselho e ministro da justiça Zacarias de Góes e Vasconcellos; do imperio José Bonifacio de Andrada e Silva; de estrangeiros João Pedro Dias Vieira: da mariuha F. C. de Araujo Brusque; da guerra José Marianno de Mattos; da fazenda J. P. Dias de Carvalho; e da agricultura Domiciano Leite Ribeiro (visconde de Araxá).

O governo imperial resolveu mandar um enviado extraordinario, que procurasse despertar no governo oriental a consciencia da justiça e de seus deveres para com o Brazil. O enviado, José Antonio Saraiva, partiu do Rio de Janeiro em 24 de Abril com as necessarias instrucções para exigir o castigo dos malfetores, e as medidas indispensaveis para evitar a repetição dos crimes. O

enviado Saraiva ficou em breve desilludido a respeito dos sentimentos do presidente Aguirre, que não tentou occultar sua antipathia aos meios conciliatorios, e a linguagem do ministro de Aguirre era franca em seu odio contra o Brasil. Não havia outro recurso senão a suspensão das relações diplomaticas.

O governo argentino, representado na pessoa de Rufino Elizalde e apoiado pelo ministro inglez E. Thornton e pelo enviado brasileiro Saraiva, procurou pôr termo á revolução capitaneada pelo general Flôres; mas o procedimento desleal do presidente Aguirre fez que se mallograssem os bem intencionados esforços dos mediadores. Sendo inuteis todas as tentativas, os agentes diplomaticos regressarão a Buenos-Ayres, onde tambem conservou-se o enviado brasileiro á espera de novas instrucções, que lhe chegarão a 21 de Julho. Saraiva dirigio-se então para Montevidéo, e apresentou ao governo oriental um *ultimatum*, que não foi tomado em consideração por Aguirre. No dia 10 de Agosto, Saraiva communicou que ia transmittir ao commandante da estação naval brasileira as ordens necessarias para protecção da vida e propriedade dos cidadãos brasileiros,

Obedecendo ás ordens recebidas, o almirante brasileiro fez subir pelo rio Uruguay uma divisão sob o commando de Francisco Pereira Pinto. Apesar das notificações feitas ao governo de Montevidéo, o vapor *Villa del Salto* appareceu nas aguas em que estacionava a divisão brasileira, e, sendo perseguido, varou em terra, defronte de Paysandú, onde a tripolação o incendiou. Em vista deste acontecimento, o almirante brasileiro declarou bloqueados os portos de Salto e Paysandú. Apenas teve conhecimento, do occorrido, o presidente Aguirre expedio os passaportes ao ministro

brazileiro em Montevidéo, Loureiro, cassou o *exequatur* aos consules brazileiros, e prohibio qualquer communicacão com os navios brazileiros. Para tornar mais saliente e solemne o rompimento, mandou queimar pela mão do carrasco, em praça publica, todos os tratados celebrados com o Brazil.

Dissolvendo-se o gabinete de 15 de Janeiro de 1864, foi a administração publica commettida ao gabinete de 31 de Agosto de 1864, no qual teve a presidencia do conselho e a pasta da justiça Francisco José Furtado, a do imperio José Liberato Barroso, a de estrangeiros J. P. Dias Vieira, a da marinha F. X. Pinto Lima, a da guerra Henrique de Beaurepaire Rohan, a da fazenda Carlos Carneiro de Campos (visconde de Caravellas) e a da agricultura Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá.

Desejando obter um exito feliz para a revolução que capitaneava, o general Flores propôz ao almirante Tamandaré unir os esforços da esquadra brazileira aos das forças orientaes em operações contra o partido de Aguirre, e comprometteu-se a attender ás reclamações ultimamente apresentadas pelo governo do Brasil contra o governo oriental.

O visconde de Tamandaré aceitou as propostas de Flores, e empenhou-se em entregar-lhe as praças de Salto e Paysandú, logo que as tomasse, e em auxilia-lo em todas as operações militares.

Confirmando as promessas secretamente feitas ao presidente Aguirre, não demorou-se Francisco Solano Lopez, presidente do Paraguay, logo que soube das reclamações brazileiras, em participar que tinha assumido o encargo de mediador entre os contendores, e que a isso era impellido pela imperiosa necessidade de manter relações de amizade com as nações platinas. O ministro brazileiro

Saraiva retorquiu-lhe que, esperando obter solução satisfactoria, julgava de nenhum objecto a mediação annunciada. Lopez, porém, inflamado pela ambição e dominado de intenso odio contra o Brasil, não deixou escapar a primeira occasião de paten-tear seus sentimentos hostis. Sendo informado de toda a correspondencia que terminou pelo *ultima-tum* de 10 de Agosto, Lopez enviou em 30 do mesmo mez uma nota ao ministro brasileiro em Assumpção, na qual declarava considerar a occu-pação do territorio oriental como um attentado contra o equilibrio politico dos estados platinos e julgar-se exonerado de qualquer responsabili-dade pelas consequencias de sua declaração. O mi-nistro brasileiro em Assumpção, Vianna de Lima, replicou que nada encontrava na nota paraguaya que devesse levar ao conhecimento do seu governo, por achar-se empenhado no sagrado dever de defender a vida, a honra e a propriedade dos cida-dãos brasileiros. Em sua nota de 3 de Setembro. Lopez, confirmando seu protesto, declarou que o tornaria effectivo todas as vezes que os factos correspondessem á declaração do ministro bra-zileiro e mais tarde ; ao saber da occurrencia do vapor Villa del Salto, reiterou as mesmas asserções. Esta correspondencia diplomatica foi acremente discutida no *Semanario*, folha official do governo Paraguay, e em meetings organizados por Lopez para excitar o animo popular contra o Brasil.

V

Rompimento com o Paraguay.—Invasão de Matto-Grosso.—Tomada de Salto e Paysandú.—Convenio de 20 de Fevereiro — Tomada de Corrientes.— Tratado da Triplice Alliança.

A guerra do Paraguay foi iniciada por uma igno-miniosa violação da fé internacional, por um acto

de incontestavel perfidia. O vapor brasileiro *Marquez de Olinda*, tendo a bordo o coronel Frederico Carneiro de Campos, deputado geral e presidente de Matto-Grosso, chegou á Assumpção no dia 11 de Novembro, e algumas horas depois, quando devia partir, foi inopinadamente detido por ordem do presidente Lopez. Os passageiros, á excepção de tres, fôrão levados para uma cadêa, e toda a propriedade de bordo, inclusive 400:000~~0~~ em notas do thesouro, foi confiscada. Indignado por este acto infame, praticado em plena paz a despeito de todos os tratados existentes, o ministro brasileiro não demorou-se em protestar e pedir seus passaportes, que lhe fôrão transmittidos com a intimação de deixar immediatamente o territorio da republica. Privado dos meios de transporte, Vianna de Lima vio-se obrigado a recorrer ao ministro americano Washburn, por cuja interferencia Lopez permittio que fôsse elle transportado a Buenos-Ayres a bordo de um navio de guerra paraguayo. Assim rompeu a guerra do Paraguay sem a minima provocação da parte do Brazil.

Em 15 de Dezerabro uma expedição paraguaya, composta de cinco vapores e commandada pelo coronel Barrios, cunhado de Lopez, partio de Assumpção com destino á provincia de Matto-Grosso. Parecia facil a Lopez apoderar-se de uma região remota e completamente desguarnecida de meios de defesa, apezar dos repetidos avisos que o governo do Brasil recebêra a respeito dos suprimentos militares introduzidos no Paraguay por Carlos Antonio Lopez e seu filho Francisco Solano Lopez.

O primeiro objectivo da expedição paraguaya era o forte de Coimbra. Situada em um ponto desprotegido e escassamente abastecida de tropas e provisões militares, a pequena praça de guerra

repellio tres ataques consecutivos nos dias 26, 27 e 28 de Dezembro. Mas o commandante tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrêro, vendo sem armamento sua pequena tropa de 155 homens, alguns dos quaes erão indios da tribu Canindé, e considerando a resistencia como inutil sacrificio de vida humana, desamparou a posição, e retirou-se para Corumbá no pequeno vapor *Anhambahy*. Senhores de Coimbra, os paraguayos continuárão a subir o rio, e tomárão Albuquerque, que antes fôra abandonado, e Corumbá, onde tambem não encontrárão signal de vida.

No entretanto, um terror panico estendeu-se por toda a provincia; os habitantes e a tropa, assombrados pela audacia dos paraguayos, e abatidos pela falta de recursos, forçárão o coronel Carlos Augusto de Oliveira a retirar-se para a região pantanosa do interior com muitas centenas de pessoas desprovidas de todos os meios de existencia. O pequeno vapor *Anhambahy* não tardou a cahir em poder dos paraguayos. O forte de Dourados foi obrigado a capitular, depois de uma desesperada resistencia por parte da pequena guarnição de 15 homens, commandada pelo tenente Antonio João Ribeiro. Enquanto a expedição subia o rio e submettia todos os pontos fortificados da margem brasileira, uma outra expedição de 3,000 homens, commandada pelo coronel Vicente Dappy, tomava Nioac e Miranda, e incendiava o estabelecimento colonial de Taquary, recentemente creado.

A despeito das noticias assustadoras que chegavão diariamente, o presidente de Matto-Grosso, Alexandre Albino de Carvalho, tomava todas as medidas a seu alcance para augmentar a resistencia, no caso que os paraguayos intentassem

aggreddir Cuyabá. Não erão, porém, sómente as calamidades da guerra que ameaçavão assoberbar a misera população de Matto-Grosso; erão as chuvas torrencias, a cheia horrorosa do Rio Cuyabá, que destruiu uma parte da cidade, e alagou varias fazendas da circumvizinhança, reduzindo muitas familias ao maior apuro da miseria. A todas as desgraças da guerra accresceu a fome. Parecia que a provincia ia submergir-se no concurso medonho da peste, fome e inundações em frente de um inimigo selvagem.

Conforme o accordo feito entre o barão de Tamandaré e o general Flôres, tres canhoneiras e uma lancha a vapor postarão-se diante da villa do Salto, enquanto Flôres a cercava por terra. Não podendo resistir a forças tão superiores, a praça rendeu-se em 22 de Novembro de 1864 ao almirante Tamandaré, que a entregou ao general Flôres, conservando nella, porém, uma guarnição brazileira. Em seguida o almirante brazileiro resolveu investir Paysandú, que era o baluarte do governo oriental. Tentou-se um assalto, no qual praticarão-se muitos actos de bravura, mas por falta de artilharia de assedio as hostilidades fôrão adiadas até effectuar-se, em 31 de Dezembro, a junção das forças de mar com as de terra, que tinhão transposto a fronteira em 1 de Dezembro. Atacada por mar e por terra, foi Paysandú obrigada a render-se em 2 de Janeiro de 1865, depois de uma brilhante defesa dirigida pelo valente coronel Leandro Gomes.

Considerando conveniente fixar pelos tramites diplomaticos as relações existentes entre o Brazil e o beligerante oriental Venancio Flôres, e ao mesmo tempo aliciar a cooperação da republica Argentina, o governo imperial mandou para o Rio da Prata como enviado extraordinario J. M. da S.

Paranhos (mais tarde visconde do Rio Branco). Não conseguindo demover o presidente da confederação argentina de seu firme proposito de manter a mais estricte neutralidade, o diplomata brasileiro, depois de ter conferenciado com o almirante Tamandaré, estabeleceu as bases de uma alliança do general Flôres com o Brasil. O general Flôres assumio o encargo de auxiliar o Brazil na campanha contra o Paraguay, concordando-se em que os dous alliados tomarião Montevidéo e derrubarião o partido chamado blanco. Era essa a occasião em que os dous caudilhos, Bazilio Muñoz e Apparicio, mandados pelo governo oriental com 1,500 homens, invadião o territorio brasileiro, e assaltavão Jaguarão, de onde fôrão rechassados. Em toda a parte estes chefes de bandos crueis assignalárão sua marcha pelo saque e pela devastação.

Compellido á luta pelos actos provocadores do governo de Montevidéo e pelas offensas gratuitas do presidente do Paraguay, o governo imperial fez um appello ao patriotismo das populações do Brasil. Em toda a parte organizárão-se corpos de voluntarios, a guarda nacional foi destacada para defesa das fronteiras e das praças maritimas, e tomarão-se todas as medidas necessarias para a garantia dos interesses do imperio. A guarda nacional e os voluntarios da patria desenvolvêrão grande coragem e persistencia, correspondendo assim amplamente ás esperanças da nação.

No começo da guerra em 1865 resolveu o governo imperial coadjuvar a marcha do exercito alliado no sul por meio de uma diversão ao norte, que libertasse a provincia de Matto-Grosso dos horrores da invasão, e contribuisse para demarcação dos limites do territorio nacional. Para esse fim lançou-se mão da guarda nacional de

Minas-Geraes e S. Paulo, servindo de nucleo um corpo de tropas regulares, que partio do Rio de Janeiro em Abril de 1865, e esperou em Uberaba, no Alto-Paraná, a organização das forças expedicionarias. O commandante nomeado, Manoel Pedro Drago, queria dirigir-se para Cuyabá e já tinha chegado ao rio Parnahyba, quando recebeu ordens terminantes do ministro da guerra para retroceder e desalojar os paraguayos de Miranda. O corpo expedicionario regressou para o rio Cochim, e, acompanhando a serra de Maracajú, chegou em 10 de Dezembro á região pantanosa a lêste da mesma. Ao coronel Drago succedeu no commando o coronel Galvão. Já no acampamento de Cochim tinham as tropas soffrido consideravelmente pelas doenças e pela falta de viveres; mas, continuando sua marcha, chegarão ao Rio-Negro, onde falleceu o general Galvão, e em Setembro de 1866 entrarão na pequena povoação de Miranda. Em quasi dous annos tinha o corpo expedicionario percorrido 320 leguas, e perdido um terço da gente que se tinha reunido em Uberaba. Ao general Galvão tinha succedido no commando o coronel Carvalho, e a este o tenente-coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes, sendo finalmente nomeado definitivamente em 1º de Janeiro de 1867 o coronel Carlos de Moraes Camisão.

O primeiro acto do coronel Camisão foi abandonar a região pantanosa de Miranda, e dirigir-se para Nioac, onde chegarão a 24 de Janeiro. Ahi, depois de um mez de repouso, resolveu Camisão marchar para o rio Apa. Tendo chegado á povoação abandonada de Miranda no dia 4 de Abril, atravessarão o rio Miranda com extrema difficuldade e no dia 17 chegarão ao rio Apa, e ahi acamparão. No dia seguinte, pela primeira vez, avistarão-se com os paraguayos, que evitarão

combate, e acolherão-se à estancia da Machorra. No dia 21 de Abril resolvêrão atacar o forte da Bella-Vista, collocado do outro lado do rio Apa, sendo para isso necessario transpôr a corrente e atravessar um vasto terreno coberto de macega. Os paraguayos não incomodárão a passagem do rio, e os brasileiros tomárão posse do forte. Reconhecendo a necessidade de abastecer-se de gado, o coronel Camisão resolveu dirigir-se para a Laguna, grande estancia do presidente Lopez, onde dizião existirem excellentes condições de defesa militar e grande abundancia de gado. Ahi chegando, após grandes difficuldades, encontrou tudo em cinzas, e, não sendo possivel permanecer na localidade, decidio regressar para o Apa, para onde encetou a marcha no dia 8 de Maio, depois de ter inutilmente travado luta com a cavallaria paraguaya. A marcha realizou-se nas mais desastrosas circumstancias que é possivel imaginar-se. Tendo parado no Apami, onde houve um tiroteio com os paraguayos, a columna retirante chegou á Bella-Vista, onde recebeu a noticia de terem chegado á Machorra munições e provisões de boca, mandadas de Nioac. Receiando o coronel Camisão que os paraguayos, antecipando sua chegada á Machorra, interceptassem o transporte, mandou que o mesmo regressasse a Nioac, onde acreditava tambem poder chegar com os recursos de que dispunha. Ao mesmo tempo ordenou que suas tropas acampassem por alguns dias em Bella-Vista para que os paraguayos não acreditassem que as forças brazileiras fugião. Este desejo de dar á retirada o character de marcha tranquillã e systematica custou a vida, em uma emboscada, ao official que acabava de ser incumbido de ir á Machorra. Irritado por este revez, o coronel Camisão determinou transpôr o Apa,

que felizmente não estava muito cheio e pôde ser atravessado sem grande difficuldade.

Apenas pizou em territorio brasileiro, o corpo expedicionario proseguio na marcha para Nioac, ao principio em planicie e depois em terreno muito accidentado, onde o aguardava uma emboscada paraguaya. Este ataque repentino no dia 11 de Maio foi corajosamente repellido, mas os brasileiros contárão 19 mortos e 40 feridos e os paraguayos oitenta e tantos entre mortos e feridos. Foi esta a ultima vez que a columna paraguaya, ao mando do major Martin Orbieta, travou peleja com os brasileiros; mas, se este encontro não acarretou extraordinario sacrificio de vidas, causou a perda de todo o gado, e abriu, portanto, a perspectiva das mais dolorosas privações. A marcha da expedição levou a direcção de Miranda, ao principio seis leguas para lêste e depois para o norte. Nioac, unico ponto onde o corpo expedicionario podia abastecer-se de munições e de viveres, dista 24 leguas do Apa, e, a calcular pelo tempo gasto da Laguna ao Apa, as forças brasileiras devião consumir 15 dias em caminho até Nioac. Os paraguayos precederão a expedição, e destruirão Nioac, onde esperavão poder aniquilar o resto das forças brasileiras. Desejando evitar o encontro com a cavallaria paraguaya, o coronel Camisão preferio um caminho, anteriormente rejeitado, pela estancia El Jardin, propriedade do vaqueano Lopez, que acompanhava a expedição brasileira. Esta estancia estava a tres dias de marcha ao sudoeste de Nioac. Surpreendidos pela nova direcção da expedição, os paraguayos dirigirão-se para Machorra. Nestas paragens a marcha dos brasileiros tornou-se extremamente penosa, através dos vastos desertos de macega. A fome e a sede sobrevierão em todo o seu horror, os animaes

morrião inanidos e esfalfados, os doentes e feridos não achavão lenitivo para seus soffrimentos, e entre tantas angustias virão-se os brazileiros de repente no meio de um oceano de fogo, por terem os paraguayos incendiado os immensos macegaes. Era o quadro lugubre da desolação e da miseria, em cujo fundo surgião as columnas paraguayas para apagar qualquer vislumbre de esperança, Para cumulo de infortunio o cholera invadio as tropas, sendo as primeiras victimas os caboclos da tribu Terenas, que acompanhavão a expedição. Tendo attingido o Rio Prata, pequeno confluento do Miranda, o coronel Camisão mandou emissarios a Nioac, os quaes chegarão á colonia Miranda, e dahi a Nioac. Não tendo mais meios de tratar nem de transportar os affectados de cholera, o coronel Camisão abandonou-os no deserto, onde fôrão trucidados pelos paraguayos. Poucos dias depois, perecêrão victimas do cholera o tenente-coronel Juvencio, o coronel Camisão e o guia Lopez, antes de ter o resto do corpo expedicionario transposto o rio Miranda. Tomou então o commando das forças o major da guarda nacional José Thomaz Gonçalves, que restabeleceu a disciplina, e soube por sua energia communicar novo alento aos soldados. Effectuada a passagem do rio Miranda, no dia 1 de Junho, os brazileiros continuârão a marcha, vadeârão o pequeno rio Canindé, e, depois de varias escaramuças sem importancia com os paraguayos, atravessârão o rio Nioac, e chegarão á antiga povoação de Nioac, onde só encontrârão a igreja, e esta mesmo em ruinas. Assim terminou esta triste retirada da Laguna, que com razão foi comparada á dos 10,000 gregos e á dos francezes na Russia no tempo de Napoleão I. O resto do corpo expedicionario partio de Nioac para Cuyabá. De seu lado os

paraguayos fôrão pouco a pouco forçados, pelas necessidades da guerra em outras paragens, a abandonar os pontos conquistados na provincia de Matto-Grosso.

Tendo sido resolvido o assedio de Montevideó, o exercito brasileiro, commandado pelo general João Procopio Menna Barreto, operou sua junção com as forças orientaes ao mando do general Flores. Reconhecendo tambem a impossibilidade de prolongar por mais tempo a resistencia, o presidente Aguirre resignou o poder nas mãos de Thomaz Villalba, que apresentou propostas de paz, aceitas pelo ministro Paranhos e pelo general Flôres. Foi este o celebre convenio de 20 de Fevereiro de 1865, que pôz fim ao dominio do partido *blanco* em Montevideó. O alliado do Brazil, o general Flores, tornou-se chefe do governo provisório, e reconheceu a justiça das reclamações brazileiras, como fôra estipulado nos tratados precedentemente celebrados. Ao principio a noticia deste convenio despertou muito contentamento no Rio de Janeiro, mas o governo imperial, cedendo às impressões do momento, mudou tambem de opinião, e exprimio seu desagrado pela demissão do ministro Paranhos.

Em Janeiro de 1865, Solano Lopez pediu ao presidente da Confederação Argentina permissão para a passagem de um exercito paraguayo, que ia operar contra a provincia do Rio-Grande. Este pedido collocou em grandes difficuldades o general Mitre, que, apezar de todos os esforços de Luiz Caminos, agente diplomatico do presidente Lopez, recusou peremptoriamente a permissão de atravessarem as tropas paraguayas o territorio argentino. Então Lopez resolveu mover guerra á Confederação Argentina. Ao passo que, sem declaração de guerra, aprisionava os navios argentinos

Vinte e Cinco de Maio e Gualeguay, mandava o coronel Robles apoderar-se, em 13 de Abril, da cidade de Corrientes, de onde foi obrigado a fugir o governador Lagraña. Taes actos de consummada perfidia suscitarão a mais violenta indignação em Buencs-Ayres, e a Confederação Argentina declarou guerra ao governo do Paraguay.

Estes acontecimentos facilitarão ao novo enviado especial do Brazil, Francisco Octaviano de Almeida Rosa, a conclusão de um tratado de triplice alliança em 1 de Maio de 1865, que foi, em nome dos respectivos governos, assignado pelos tres plenipotenciarios Octaviano Rosa, Rufino Elizalde e Carlos de Castro. Apezar de ter sido logo revelado o seu teor, uma das clausulas deste tratado era que seria conservado secreto até á terminação da guerra.

Emquanto se davão estes factos, dissolveu-se o gabinete de 31 de Agosto de 1864, que, no meio de graves complicações externas, teve de debellar uma crise commercial de character assustador. Todos os estabelecimentos de credito suspendêrão seus pagamentos em 10 de Setembro de 1864, e causarão graves prejuizos aos seus credores, repercutindo os effeitos da crise por quasi todas as provincias do Imperio. Em 12 de Maio de 1865 assumio a direcção dos negocios publicos um novo gabinete, do qual fazião parte como presidente do conselho e ministro do imperio o marquez de Olinda; da justiça, J. T. Nabuco de Aranjó; de estrangeiros, José Antonio Saraiva; da marinha, F. de P. da Silveira Lobo; da guerra, Angelo Muniz da Silva Ferraz (barão de Uruguayana); da fazenda, J. P. Dias de Carvalho e depois J. da Silva Carrão; da agricultura, A. F. de Paula e Souza.

VI

Batalha naval de Riachuelo. — Invasão do Rio-Grande. — S. M. o Imperador em Uruguayana. — Tomada de Itaipirú. — Batalha de Tuyuti. — Derrota de Curupaity.

Emquanto o exercito, sob as ordens do brigadeiro Manoel Luiz Osorio, acampava diante de Paysandú, duas divisões da esquadra subião pelo rio Paraná para receber a bordo o contingente argentino commandado pelo general Wenceslau Paunero. De accôrdo com o commandante brasileiro, chefe de divisão Francisco Manoel Barroso, resolveu o general argentino atacar a cidade de Corrientes em 25 de Maio, e della se apoderou, não podendo deixar uma guarnição por acharem-se perto os paraguayos em forças superiores. A divisão brasileira proseguio para as Tres-Bocas para fazer o bloqueio do rio Paraguay.

As tropas brasileiras partirão da Concordia e sôrão esperar os contingentes argentino e oriental diante da cidade da Concordia. Nessa occasião uma divisão naval brasileira, composta da fragata *Amazonas* e de oito canhoneiras, achava-se estacionada meia legua abaixo de Corrientes, quando na manhã de 11 de Junho um repentino ataque foi executado por uma flotilha de oito vapores paraguayos. Deu-se uma renhida peleja, na qual os navios brasileiros tiveram de resistir simultaneamente ás forças do inimigo, ás baterias levantadas na margem do rio, e aos obstaculos resultantes da baixa das aguas e das obstrucções naturaes do leito do rio Paraná. Depois de uma luta de sete horas, em que sôrão praticados actos do maior heroismo, a victoria decidio-se pelo Brazil. Nossas perdas

fôrão muito avultadas, mas o inimigo perdeu quatro vapores e 2,000 homens. Foi esta a celebre batalha de Riachuelo, o mais importante feito naval da America Meridional, cujas consequencias militares e politicas actuarão sobre o andamento da guerra. Incontestavelmente, se a esquadra brasileira tivesse succumbido em Riachuelo, as capitães das duas republicas platinas terião cabido em poder dos paraguayos. Tal foi o importante serviço que Francisco Manoel Barroso prestou á causa da civilisação, e que lhe grangeou o glorioso titulo de Barão do Amazonas e o posto de vice-almirante.

Senhores do territorio correntino, os paraguayos transferirão suas baterias para Mercedes, de onde podião, defendidos pelos obstaculos naturaes, incomodar com suas peças os navios brasileiros. Para livrar-se desta posição embaraçosa o valente commandante Barroso resolveu transpôr o passo, o que effectuou em 18 de Junho. Outro feito brilhante, então realizado, foi a passagem de Cuevas, estreito passo do rio Paraná, onde os paraguayos tinhão assentado formidaveis baterias.

Em 10 de Junho de 1865 os paraguayos atravessarão em chalanas o rio Uruguay, e em numero de 8,000 atacarão S. Borja, que, depois de desesperada resistencia, tomárão e saquearão no dia 12. Sob o commando do tenente-coronel Estigarribia, uma columna paraguaya marchou na direcção de Itaquí e Uruguayana, margeando sempre o rio, enquanto uma outra de 3,000 homens, ao mando do major Duarte, caminhava parallelamente pela margem direita do rio. Apesar de seguida e observada pela divisão commandada pelo brigadeiro David Canabarro, a columna paraguaya em operações no territorio brasileiro assignalou sua marcha pela devastação e pelo incendio,

tomando em 17 de Julho a cidade de Itaqui, e dous dias depois a de Uruguayana, onde não encontrâo resistencia alguma.

A invasão do territorio brasileiro por um inimigo cruel, que entregava ao ferro e ao fogo povoações indefesas, produziu um sentimento de dôr e de indignação, que abafou a alegria despertada pela victoria de Riachuelo. Em todo o paiz manifestou-se o mais ardente desejo de vingança, e S. M. o Imperador, movido pelas calamidades que assoberbavão grande parte da nação, resolveu partir para o theatro da guerra para partilhar dos perigos e animar o exercito com seu augusto exemplo. Apesar da estação desfavoravel, Sua Magestade chegou á Uruguayana em 11 de Setembro, e despertou no exercito brasileiro um verdadeiro delirio de enthusiasmo.

As tropas do general Flores, compostas de orientaes e sobretudo de brasileiros, fizerão junção com as tropas argentinas ao mando de Wencesláu Paunero, e chegarão á Restoration em numero de 9,000 homens. Achando-se acampados á pequena distancia os paraguayos sob as ordens do major Duarte, o general Flores resolveu ataca-los em 17 de Agosto. Esta foi a batalha de Yatahi, na qual os paraguayos tiveram 1,700 homens mortos e 1,200 prisioneiros, entre os quaes o proprio major Duarte. Destruida a columna paraguaya, o corpo argentino-oriental atravessou para a margem esquerda do Paraná em pequenos vapores, despachados rio acima pelo almirante Tamandaré, e seguiu para Uruguayana, onde em 10 de Setembro tambem chegou o general Mitre. Marcou-se o ataque da cidade para o dia 18 de Setembro, mas nesse mesmo dia os paraguayos, em numero de 6,000 homens, capitularão.

Havendo conseguido o principal resultado de sua viagem, S. M. o Imperador resolveu regressar para a côrte, onde chegou em 9 de Novembro de 1865, depois de ter visitado Itaqui, S. Borja e Porto-Alegre. Por seu nobre exemplo e pela autoridade de sua presença, fez desaparecer o inimigo do territorio do Rio-Grande, onde ficarão alguns batalhões, que servirão de nucleo ao segundo corpo do exercito ao mando do barão de Porto-Alegre. As outras tropas brazileiras partirão para o rio Paraná para fazer junção com o grosso do exercito e invadir a terra inimiga. Muitas circumstancias desfavoraveis retardarão a marcha do nosso exercito, que só em 1º de Abril de 1866 chegou á margem do Paraná. No dia 5 do mesmo mez foi atacada a pequena ilha fronteira a Itapirú, onde travou-se uma renhida luta, que terminou, ao cabo de cinco dias, pela tomada da ilha.

Duas divisões brazileiras, tendo á sua frente o denodado general Osorio, marchavão em territorio brazileiro. O inimigo apenas offerecia uma resistencia frouxa. Itapirú foi atacada e tomada no dia 15, e as forças alliadas, dispondo agora de uma passagem franca, atravessarão para a margem direita, onde foi Osorio o primeiro que pisou com 12 soldados brazileiros.

Nunca antes um exercito tão numeroso e uma tão poderosa esquadra tinhão surgido nas aguas platinas, e, com a transposição do Passo da Patria, parecia ter se realizado o facto decisivo da guerra. Os alliados dispunhão de todos os recursos militares, ao passo que os paraguayos, repellidos da provincia do Rio-Grande do Sul e do Estado de Corrientes, não tinhão podido deter os alliados na outra margem do Paraná. De facto, a situação estrategica dos alliados fôra decisiva, se tivessem

podido correr no encalço dos paraguayos, que se retiravão para Humaytá; mas, sobre desconhecerem completamente a natureza do terreno, os chefes políticos e militares não podião expôr-se ao menor accidente, que acarretaria a perda de todas as vantagens até então obtidas e a dissolução da triplice alliança, cujos tenues fios ameaçavão a cada instante romper-se pelo ciúme das populações do Estado Oriental e da Confederação Argentina.

Achando-se os alliados acampados perto do Estero Bellaco, fôrão no dia 2 de Maio atacados pelos paraguayos em numero de 6,000 homens. Os orientaes que formavão a vanguarda fôrão sorprendidos e aniquilados, e o general Flores escapou de cahir prisioneiro. Felizmente o general Osorio acudio em tempo para salva-lo, e os paraguayos fôrão rechassados com perda de 1,000 homens e muitos prisioneiros. Apezar deste revez, o presidente Lopez tomou a resolução de atacar os alliados no dia 24 de Maio em Tuyuti, perto do acampamento entrincheirado de Rojas, esperando, pelas disposições que adoptou, esmagar os invasores de seu paiz. Com 8,000 homens de infantaria e 1,000 de cavallaria devia o general Barrios atacar os brazileiros, o coronel Diaz com 5,000 homens de infantaria e quatro obuzes aos orientaes, e o general Resquin com 7,000 homens de cavallaria e 2,000 de infantaria aos argentinos, que formavão a ala direita. Os alliados, quando transpuzerão o Passo da Patria, contavão 45,000 homens e 150 peças de artilharia. Esta batalha, talvez a mais encarniçada que jámais se pelejou na America Meridional, decidiu-se a favor dos alliados; os inimigos perdêrão para cima de 5,000 homens. De ambos os lados combateu-se com o maior denodo, e o grande numero de mortos

paraguayos dá-nos uma prova do extraordinario fanatismo politico das legiões de Lopez.

Para substituir o general Osorio (já então agraciado com o titulo de barão do Herval), foi nomeado o marechal de campo Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão (mais tarde visconde de Santa-Theresa), que assumio o commando das tropas imperiaes em 15 de Julho. O segundo corpo do exercito, sob as ordens do barão de Porto-Alegre, chegou em 29 de Julho ao Passo da Patria e operou sua junção com o primeiro. O primitivo plano militar fôra dirigir estas tropas pelo rio Uruguay, através do territorio das antigas Missões até Candelaria no rio Paraná, transpôr o Paraná em Itapuá, defronte de S. José, e, marchando na direcção de noroeste, chegar á Assumpção. Esta diversão teria paralyzado Humaytá, obrigando o presidente Lopez a abandonar sua capital e a destacar tropas para lêste em defesa de Villa-Rica e Cerro-Leon. Infelizmente não pôde este plano ser executado por causa das difficuldades da marcha em terreno completamente desconhecido, através de montanhas e dos confluentes do Tebiquari e em luta com uma população ardentemente devotada á causa do presidente Lopez.

Emquanto a esquadra brasileira bombardeava o forte de Curupaity, 8,300 homens do segundo corpo do exercito, que tinham embarcado defronte da ilha do Cerrito em 4 de Setembro, desembarcaram no dia 2 meia legua ao sul do forte de Cruzú, posição fortemente defendida pela natureza e por numerosos recursos militares, mas desconhecida totalmente dos alliados. O barão de Porto-Alegre cogitava apenas coadjuvar a esquadra que operava contra Curupaity; mas, subitamente aggreddido, teve de ferir um combate em Cruzú.

Passando além da ilha das Palmas, foi o almirante Tamandaré postar-se com os cinco encouraçados *Bahia*, *Brasil*, *Barroso*, *Lima Barros* e *Rio de Janeiro* defronte de Curupaity, recebendo o fogo cruzado deste forte e de Curuzú sem poder causar damno serio ao inimigo. No dia 3 de Setembro o barão de Porto-Alegre tinha tomado as seguintes disposições: o general Carvalho devia atacar a posição pelo lado do sul, quando o general Fontes tivesse contornado a lagôa e pudesse atacar por nordeste; pelo lado do sul devia operar-se um ataque de artilharia, e pelo lado do norte um assalto. Os paraguayos parecião ter receiado o ataque só pelo lado do sul, onde estavam entrincheirados cerca de 2,000 homens, ao passo que pelo lado do norte e de léste não havia fortificação alguma. O subito apparecimento dos brasileiros despertou um verdadeiro panico entre os paraguayos, que guarnecião as trincheiras; mas, quando a luta se travou no recinto do forte, os paraguayos resistirão com a maior galhardia, e, depois de vencidos, fugirão para Curupaity, sem serem perseguidos. Se os brasileiros tivessem querido ou podido aproveitar este successo, terião tomado Curupaity sem difficuldade. Durante a acção a esquadra cooperou frouxa e desastradamente, sendo os encouraçados muito damnificados pelo fogo concentrico de norte e sudoeste. O bello encouraçado *Rio de Janeiro* bateu sobre um torpedo e afundou-se quebrado pela explosão. De sua guarnição de 115 homens perezêrão 53, entre elles o heroico commandante Mariz e Barros, filho do almirante Joaquim José Ignacio.

Além do encouraçado *Rio de Janeiro*, perdêrão os brasileiros cerca de 700 homens no ataque de Curuzú; os paraguayos perdêrão mais de 800 homens, além de 13 peças de artilharia que fôrão

encontradas no forte. Quando o general Diaz referio ao presidente Lopez as circumstancias do ataque de Curuzú, attribuiu o desastre ao 10º batalhão, que precipitadamente deixára as trincheiras em demanda de Curupaity. Lopez mandou pôr a ferros o commandante Sayas e dizimar esse batalhão, que anteriormente tinha invadido a provincia de Matto-Grosso.

A perda do forte de Curuzú impressionou profundamente o animo do presidente Lopez, que reconheceu não poder sustentar as linhas de Roxas, se tambem viesse a perder a posição de Curupaity. Desejando, portanto, ganhar tempo para mais consolidar as obras de fortificação, e julgando talvez poder quebrar a alliança de seus tres inimigos, solicitou do general Mitre, que era o chefe dos exercitos alliados, uma entrevista em Yataity-Corá para terminar a luta pelos tramites diplomaticos. Mitre annuo ao convite, bem como o general Flores, recusando-se porém o general Polydoro a tomar parte na conferencia, porque, disse elle, fôra mandado para derrubar e não para conferenciar com o presidente do Paraguay. O general Mitre communicou officialmente aos generaes das tropas alliadas que na entrevista o presidente Lopez declarára que, «tendo sido derramado bastante sangue nesta guerra, sem duvida a mais sanguinolenta de todas havidas na America, desejava chegar a um accôrdo honroso com os belligerantes e estabelecer condições de paz e amizade sincera», e que elle promettêra submeter a questão á apreciação dos governos alliados. Voltando para Curuzú, o general Mitre communicou ao presidente Lopez ter levado ao conhecimento dos governos alliados suas propostas de paz, o que de modo nenhum envolvia uma suspensão de hostilidades, e em sua resposta,

datada do Passo-Pocú, o presidente Lopez retorquiu que, tendo consciencia de haver procurado pôr termo a uma luta por demais sanguinolenta, experimentava a satisfação de haver por suas propostas de paz manifestado seu patriotismo pela republica e sua profunda deferencia pelos inimigos que o combatião e pela humanidade inteira que contemplava a luta.

Esta conferencia, bem que não decidisse da sorte da guerra, teve por immediato resultado um profundo estremecimento entre os alliados. Por sua attitude energica em prol da dignidade e dos interesses de sua patria, o general Polydoro implicitamente desapprovou o procedimento do general Mitre, e dahi sem duvida originou-se o mallogro do ataque de Curupaity.

Voltando para Curuzú, o general Mitre passou em revista as tropas alliadas, que contavão 18,000 homens das tres armas, e pronunciou-se cheio de fé pelo bom exito do ataque de Curupaity, que traria em resultado abandonarem os paraguayos a linha de Roxas. O ataque foi marcado para o dia 21 de Setembro, mas só pôde effectuar-se no dia seguinte, por causa dos aguaceiros, que tornarão o terreno intransitavel. Apesar de terem combinado o dia da operação, nem o barão de Porto-Alegre nem o general Mitre procederão ao mais ligeiro reconhecimento, e completamente ignoravão as novas obras de defesa levantadas pelo general Diaz, que commandava em Curupaity. Na madrugada do dia 22 a esquadra brasileira rompeu o fogo, e sustentou-o até meio-dia sem causar grande damno ao inimigo. Cinco columnas alliadas começaram o assalto, transpuzerão um profundo fósso, e galgarão as trincheiras, encontrando muito fraca resistencia. Qual não foi, porém, a surpresa dos alliados quando, suppondo ter

tomado Curupaity, reconhecêrão estar apenas de posse das obras exteriores, separadas do forte por um extenso banhado. Observando o combate do entrincheiramento do forte de Curuzú, o general Mitre deu ordem de continuar o ataque contra Curupaity; mas as tropas alliadas, varridas pela artilharia inimiga, lutarão em vão durante duas horas, e tiverão de voltar para o acampamento. Enquanto isto se passava, o general Polydoro, que devia atacar o centro da linha de Roxas em Passo-Gomez, limitou-se a dispôr suas forças em ordem de batalha, não podendo avançar por causa das difficuldades do terreno, e por não ser auxiliado pela esquadra. Tambem o general Flores não entrou em acção, bem que avançasse para léste de Tuyuti até Passo-Cañon e Tuyu-Cué.

Tal foi o desastre de Curupaity, que plantou a desharmonia no campo alliado, e paralysoou as operações militares por mais de 10 mezes. Os paraguayos experimentarão perdas pouco sensiveis, mas os alliados ficarão desfalcados de 9,000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, e tres mil e tantas espingardas fôrão recolhidas pelos paraguayos.

VII

O Marquez de Caxias. Tuyuti. Tuyú-Cué. Villa del Pillar. Passagem de Humaitá. Itororó, Avahy. Lomas-Valentinas. Angustura, Tomada de Assumpção. Retirada do Marquez de Caxias.

Quando a noticia do desastre de Curupaity e das grandes dissensões no campo alliado chegou ao Rio de Janeiro, ao ministerio de 12 de Maio de 1865 tinha succedido o ministerio de 3 do Agosto de 1866, composto de Zacarias de Góes e Vasconcellos (ministro da fazenda e presidente

do conselho), J. J. Fernandes Torres (ministro do imperio), J. L. da C. Paranaguá, e depois Martim Francisco R. de Andrada ministro da justiça), João Silveira de Souza (ministro de estrangeiros), Affonso Celso de Assis Figueiredo (ministro da marinha), Angelo Moniz da Silva Ferraz (barão de Uruguayana), e depois J. L. da C. Paranaguá (ministro da guerra), e M. P. de Souza Dantas (ministro da agricultura).

O primeiro cuidado do novo ministerio foi restabelecer a harmonia entre os chefes militares, e imprimir actividade ás operações da campanha. Para isso era preciso lançar mão de uma individualidade que alliasse ao mais subido patriotismo grande tino politico e alto prestigio militar. Nestas condições coube o commando ao inclyto Marquez de Caxias, sendo encarregado da esquadra Joaquim José Ignacio (visconde de Inhaúma). Um terceiro corpo de exercito foi formado no Rio-Grande, pelo presidente da provincia, barão Homem de Mello, e collocado sob o mando do barão de Herval. Sendo necessario augmentar as forças em operações, reunirão-se, além desse terceiro corpo, numerosos contingentes enviados de todas as provincias para preencher os claros. O estado sanitario das tropas não era satisfactorio, devido principalmente á natureza paludosa do territorio paraguayo; as febres e o cholera tinham arrebatado milhares de victimas, e algumas vezes existirão 7,000 e mais enfermos nos hospitaes. Estas circumstancias desfavoraveis contribuirão para procrastinar os movimentos até 22 de Julho de 1867.

Quando iniciou as operações, o marquez de Caxias não cogitou utilizar-se do Grán-Chaco, que servia para a communicação dos paraguayos, e era guardado por um batalhão no

Riacho-Quiá, mas ordenou que uma parte do exercito, partindo de léste do Estero Bellaco e Roxas, avançasse pelos extensos pantanaes de Neembucú até o rio Hondo, a nordeste de Humaitá, cortando assim as communicações da grande fortaleza com Assumpção, e ameaçando, pela retaguarda, a poderosa linha de Roxas. Para melhor execução deste plano foi abandonada a posição de Curuzú, e o barão de Herval recebeu instrucções para marchar com o terceiro corpo ao longo do Paraná para Tuyuti. Na conferencia havida em 19 de Maio em Itati, na margem correntina, entre o marquez de Caxias e o barão de Herval, ficou assentado que o barão de Herval marcharia com o terceiro corpo do exercito até um ponto intermediario entre Itati e La Cruz, a léste do Passo da Patria, para receber os reforços que lhe seriam enviados pelo marquez, e depois avançaria na direcção de norte para San Solano e o Rio Hondo através da região de Neembucú. No acampamento de Tuyuti conservou-se o então visconde de Porto-Alegre com o segundo corpo e metade do contingente argentino para manter as communicações com Itapirú, entreter os paraguayos nas linhas de Roxas e observar os movimentos do lado da lagôa Piris, que ficava descoberto, desde que se abandonava a posição de Curuzú.

Tendo-se reunido no Passo da Patria as tropas vindas de Tuyuti, começou a marcha na madrugada do dia 23 de Julho pelo lado de léste da lagôa Roxas até Tuyucué, onde chegou-se no dia 30 e estabeleceu-se um acampamento entrincheirado. A maior difficuldade para os alliados neste ponto era o abastecimento das tropas, que só podia effectuar-se de Itapirú; mas para o

presidente Lopez este movimento significava o isolamento de sua posição militar, que elle procurou por todos os modos neutralizar. Não só mandou reparar a communição telegraphica de Humaitá com Assumpção pela villa del Pilar, como estabeleceu uma nova linha ao longo da margem do rio até á villa del Pilar, e além disso abriu uma estrada pelo Gran-Chaco desde o forte Timbó até Monte-Lindo, defronte da confluencia do Tebiquary com o Paraguay.

Assim tinham proseguido os movimentos militares em terra, quando em 15 de Agosto a esquadra, sob o mando do vice-almirante Joaquim José Ignacio, rompeu a longa inacção e transpôz o forte de Curupaity em duas horas. Erão todos os encouraçados brasileiros, que com ligeiro damno acabavão de forçar um grande obstaculo e de mostrar que, pelo lado do rio, tambem o grande baluarte de Humaitá não era inexpugnavel.

Para o proseguimento das operações era incalculavel a vantagem que se acabava de conseguir, posto que o transporte das provisões para os navios offerecesse imensas difficuldades, que só puderão ser attenuadas pela construcção de um caminho de ferro pelo Gran-Chaco desde o Riacho-Quiá até á ultima curva do rio antes de Humaitá. O presidente Lopez não tardou a reconhecer que só lhe restava defender Humaitá, e por isso, confiando o commando de Curupaity ao capitão Gil e o de Humaitá ao coronel Alén, ordenou que fôsse transportado para Humaitá todo o material de guerra que se pudesse dispensar em Curupaity e no Passo-Gomez. De Tuyú-Cué procedêrão os alliados a importantes reconhecimentos em varias direcções.

O primeiro, dirigido pelo brigadeiro Andrade Neves, attingio á grande estancia de San Solano, propriedade particular do presidente Lopez, onde os alliados aprisionarão muito gado. Um outro reconhecimento não menos proficuo foi operado sob as ordens do mesmo brigadeiro pelo Potreiro Ovelha até á Villa del Villar, antigamente Nembucú, estação importante na estrada de Humaitá á Assumpção, onde o commandante brasileiro reunio valiosos despojos. Foi tambem neste reconhecimento, emprehendido a 19 de Setembro, que se verificou a importancia do Potreiro Ovelha, quer como posição integrante no systema geral da defesa paraguaya, quer como ponto militar destinado a cobrir a retirada de Humaitá; era um immenso deposito de gado, onde o presidente Lopez mantinha uma guarnição de 600 homens, ao mando do major Franco, e 14 peças de artilharia, que defendião a estrada que ao longo do rio desdobra-se até á estancia fortificada de Laurel, defronte de Tayi. Em 27 de Outubro o marquez de Caxias enviou o general Menna Barreto para proceder a um reconhecimento, que com grande sacrificio de gente deu em resultado não só a tomada do Potreiro Ovelha, como a occupação de Tayi, onde commandava o major Villamayor. Neste ultimo ponto tiverão os brasileiros de lutar tambem com os vapores paraguayos, que vierão em auxilio da guarnição, soffrendo os paraguayos, alem de 600 homens entre mortos e prisioneiros e dos estragos consideraveis do vapor *Iporá*, a perda do vapor *Olympo*, que se afundou, e do vapor *Vinte cinco de Maio*, que se incendiou. Foi uma coincidência curiosa que o *Olympo* era o antigo vapor brasileiro *Marquez de Olinda* e o *Vinte cinco de Maio* o vapor argentino apresado no porto de Corrientes.

Apenas senhores de Tayi, os brasileiros entrincheirarão-se e guarnecerão a posição com 14 peças mandadas de Tuyu-Cué, e, mantendo por uma cadeia de postos as suas communicações com San Solano, estendêrão uma divisão inteira contra Humaitá. Como ignorassem a existencia da estrada do Gran-Chaco, suppuzerão poder isolar completamente Humaitá estendendo sobre jangadas e barcas uma corrente desde Tayi até á confluencia do rio Vermejo, que de facto só interceptou a communicação fluvial de Humaitá com Assumpção. Se não fôsem tão completamente desconhecidas as condições topographicas do Gran-Chaco, facil fôra ter transportado tropas de Tayi para a outra margem, e estabelecido communicações com a divisão dos encouraçados ancorados ácima de Curupaity.

Apezar dos continuos revezes que acabára de experimentar, o presidente Lopez não deixou transparecer receio algum pela victória final de sua causa. Calculando a eventualidade da rendição de Humaitá, mandou o tenente-coronel Nuñez preparar novas posições no rio Tebiquary, e resolveu assumir a offensiva, tentando romper a extensa linha brasileira de Tuyuti a Tuyú-Cué, atirar o visconde de Porto-Alegre para Itapirú e talvez até ao Paraná, e, isolando o general Mitre, força-lo a uma retirada tão desastrosa, como foi a do coronel Camisão do Apa para Nioac. O general Barrios pôz-se em marcha com 8,000 homens de Yataity-Corá, na direcção de lêste para oeste, para atacar as forças argentinas pelo flanco, ao passo que a cavallaria, sob as ordens do coronel Caballero, devia surprender a retaguarda do acampamento brasileiro. Felizmente o bem delineado plano fálhou, graças á pericia do visconde de Porto-Alegre e á inhabilidade dos soldados paraguayos.

Comtudo ficou aniquilado o pequeno contingente de tropas orientaes; os brasileiros tiveram 700 homens mortos ou feridos, e fôrão aprisionados o major brasileiro Cunha Mattos e o major argentino Aranda.

O resto do anno de 1867 passou-se em ligeiros combates sem resultado notavel. Tendo abandonado as linhas de Roxas, os paraguayos estabelecerão uma nova secção de defesa ao sul de Passo-Pocú, entre Passo-Gomez e Humaitá, no ponto denominado Espenillo, donde podião atirar sobre Tuyu-Cué. No meio de suas disposições militares, o presidente Lopez sempre contava com successos politicos, que viessem quebrar os élos da triplíce alliança. De facto, o general Flôres cahio em Montevideó sob os golpes dos sicarios, e o general Mitre, pela morte do vice-presidente da Confederação Argentina, Dr. Marcos Paz, foi obrigado a retirar-se para Buenos-Ayres; mas a sabedoria do governo imperial do Brasil soube conservar a harmonia entre os alliados, e a incontestavel superioridade militar do marquez de Caxias indissolovelmente prendeu a victoria ao pavilhão imperial do Brasil. Até então sômente chefe das tropas imperiaes, o marquez de Caxias assumio, pela retirada do general Mitre, o commando supremo do chamado exercito alliado, e delineou, com o almirante Joaquim José Ignacio, o plano da passagem de Humaitá, que devia ser auxiliado por um ataque simultaneo em todos os pontos,

Na madrugada do dia 19 de Setembro, enquanto os encouraçados avançavão para romper o maior obstaculo que tolhia a marcha do exercito, o visconde de Herval atacava a posição do Estabelecimento, fundada no logar chamado Cierva, onde existia uma guarnição de 1,600 homens com 15

hocas de fogo, sob as ordens do major Olabarieta. O forte succumbio depois de uma tenaz resistencia dos paraguayos, que se retirárão para Humaitá, contando 500 mortos e feridos, enquanto os brazileiros ficárão com mais de 600 homens fóra de combate.

Os encouraçados brazileiros, que tinham de forçar a passagem de Humaitá, formárão em ordem de batalha á meia-noite do dia 18 para 19 de Setembro, e começárão a subir o rio, não sendo percebidos pelo inimigo senão ás 3 horas e meia da manhã. Então começou o fogo. De bordo do vapor *Barroso* subio ao ar um foguete ás 3 horas e 50 minutos para dar signal que elle e o vapor *Rio-Grande* tinham transposto a bateria. Seguiu-se o vapor *Bahia*, levando a reboque o vapor *Alagoas*, cuja amarra foi cortada por uma bala. Finalmente, passárão os dous ultimos vapores, o *Tamandaré* e o *Pará*. Foi um feito heroico, que se realizou com extrema felicidade. Tres dos vapores soffrêrão grandes avarias, mas o *Barroso*, o *Bahia* e o *Rio-Grande* tiveram ordem de subir o rio até Assumpção, que já encontrárão completamente desamparada pela população. Em caminho encontrárão o vapor *Pirabebé*, que conseguiu escapar, e no porto de Assumpção dous navios submergidos, o *Paraguay* e o *Rio-Branco*. Na capital as casas estavam quasi todas fechadas, apenas em algumas fluctuavão bandeiras de nações estrangeiras. Mas o grande arsenal achava-se em actividade, e os trabalhadores dispostos a aceitar combate. O commandante desta expedição, Delphim Carlos de Carvalho (barão da Passagem), não tendo tropas de desembarque, limitou-se a bombardear a cidade por espaço de duas horas. Profundamente magoado pelo novo revez, Lopez concebeu o insano projecto, que totalmente falhou,

de tomar de abordagem os dous encouraçados *Herval e Cabral*, que formavão a vanguarda da divisão estacionada entre Curupaity e Humaitá.

Forçada a passagem de Humaitá, a despeito de todos os obstaculos, o marechal Lopez transferio seu acampamento de Passo-Pocú para Tebicuary, mandando transportar para o recinto de Humaitá toda a artilharia pesada e deixar em Curupaity 12 bocas de fogo e outras tantas nas fortificações do Angulo ao Espinillo. Tendo-se apoderado de varios fortes, o marquez de Caxias resolveu cortar as communições do inimigo com a fortaleza de Humaitá, e para esse fim mandou occupar o Chaco, o que se effectuou a despeito da resistencia dos paraguayos, e tambem ordenou o reconhecimento das fortificações de Humaitá. Tendo sido galhardamente executado este reconhecimento pelo visconde de Herval, no dia 16 de Março de 1868, manifestou-se logo o resultado desta brilhante acção: a guarnição paraguaya retirou-se para o Chaco e rendeu-se, depois de 10 dias de inutil resistencia. Assim, a famosa fortaleza, com suas 180 peças e immensa provisão de petrechos e munições, prostrou-se diante das tropas brasileiras, em 25 de Março de 1868, e foi demolida pelo coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes.

O ministerio de 3 de Agosto de 1866, que tinha mandado para o sul o marquez de Caxias, não teve a fortuna de assistir á terminação da guerra; foi o ultimo da situação chamada progressista, que desde 24 de Maio de 1862 dirigia os destinos do Brasil. Subio então o ministerio conservador de 16 de Julho de 1868, tendo por presidente do conselho e ministro da fazenda o visconde de Itaborahy, da justiça José Martiniano de Alencar, do imperio Paulino José Soares de

Souza, da agricultura J. A. Fernandes Leão, da marinha o barão de Cotegipe e da guerra o barão de Muritiba.

Tendo desaparecido em Humaytá o maior obstaculo para as armas alliadas, o inimigo não cessou de experimentar revezes sobre revezes, marchando acceleradamente a occupação do territorio paraguay. Lopez tinha-se passado para a posição fortificada de Pikiricy, e, querendo desaloja-lo, o general brasileiro determinou contorna-lo pelo flanco esquerdo. Era para isso necessario abrir uma estrada pelo terreno pantanoso do Chaco desde Palmas até o porto fronteiro de Villeta, para o que foi escolhido o marechal Alexandre Gomes de Argolo Ferrão (visconde de Itaparica), que desempenhou sua tarefa com grande pericia e denodo. Por esta estrada marchou nosso exercito para as importantes pelepas do mez de Dezembro de 1868. No curto espaço de 25 dias fôrão feridas quatro batalhas de seis a 30 horas de duração, além de varios encontros de menor importancia. A primeira na ponte de Itororó no dia 5, em que foi ferido o visconde de Itaparica; a de Avahy no dia 11, em que foi ferido o visconde do Herval; a de Lomas-Valentinas no dia 27 e a de Angustura no dia 30. As columnas brasileiras avançavão soffrendo as maiores privações, e sem gozar do menor repouso, perdendo gente aos milhares; mas tambem o poder do inimigo rapidamente se esboroava, suas tropas e seus recursos desvanecião-se com pasmosa celeridade. Finalmente, no dia 1º de Janeiro de 1869, os exercitos alliados entrárão triumphantes em Assumpção.

As fadigas de longas e perigosas marchas e as emoções de um mez inteiro abalárão a saude do marquez de Caxias, inspirando muito receio sua

vida, já bastante adiantada em annos. Obedecendo ao conselho de seus medicos, e aproveitando-se da faculdade concedida pelo governo imperial, o venerando marquez de Caxias transmittio o commando das tropas ao marechal de campo Guilherme Xavier de Souza, e retirou-se para Montevidéo. Elle suppunha ser uma ausencia temporaria; mas, aggravando-se seus incommodos de saude, acolheu-se ao Rio de Janeiro, sua cidade natal, onde S. M. o Imperador lhe conferio o glorioso titulo de duque de Caxias. Ao mesmo tempo regressou para o Rio de Janeiro, no mais melindroso estado de saude, o almirante Joaquim José Ignacio, visconde de Inhaúma, assumindo em seu lugar o commando da esquadra o chefe de divisão Elisiario Antonio dos Santos, barão de Angra. O visconde de Inhaúma, portuguez de nascimento, prestou á sua patria adoptiva os mais relevantes serviços como administrador e como militar.

À excepção do ministerio que dirigio durante a viagem de S. M. o Imperador á Europa, foi a guerra do Paraguay o ultimo grande serviço que o prestimoso duque de Caxias pôde prestar ao Brazil. Hoje a posteridade pôde lavar juizo imparcial sobre os extraordinarios feitos de sua longa e bem preenchida carreira. Ninguem, no segundo reinado, teve oportunidade de servir com mais proveito á causa do Imperio, ninguem gravou mais brilhantemente seu nome na historia patria do que o cidadão que reunio ao mais fino tino politico os dotes de verdadeiro chefe militar, que restaurou a paz em todas as provincias dilaceradas pela revolução, que no exterior esmagou todos os inimigos da bandeira imperial, e que nas assembléas politicas e nos conselhos da corôa foi o typo da moderação e da sinceridade.

VIII

S. A. o Sr. conde d'Eu. Batalha de Pirabebuy.
Batalha de Campo-Grande Morte de Lopez. Go-
verno provisório no Paraguay.

Reconhecendo o governo imperial a necessidade de concentrar nas mãos de um só general o commando em chefe das tropas brasileiras, foi Sua Alteza Real o Sr. marechal do exercito conde d'Eu nomeado commandante em chefe de todas as forças brasileiras em operações contra o governo do Paraguay por Decreto de 22 de Março de 1869. Partindo do Rio de Janeiro em 30 de Março no vapor *Alice*, Sua Alteza chegou a Montevideo em 5 de Abril, em Buenos-Ayres a 6 e em Assumpção a 14, e dous dias depois assumio o commando, de que estava interinamente revestido o marechal de campo Guilherme Xavier de Souza.

Desejoso de proseguir com a maior celeridade nas operações militares para poupar a seu paiz os enormes sacrificios de uma guerra prolongada, não pôde Sua Alteza realizar completamente este intento, por achar-se o exercito desprovido dos meios de locomoção, e por ter o presidente Lopez, depois de sua derrota em Lomas-Valentinas, procurado abrigo no quasi inacessivel departamento da cordilheira. A involuntaria inacção prolongou-se até fins de Maio, emquanto era necessario curar da reorganização do exercito. Conservou-se a divisão das tropas em dous corpos, ficando como commandante do primeiro o tenente-general visconde do Herval e do segundo o tenente-general Polydoro da

Fonseca Quintanilha Jordão. Os dous corpos comprehendião tres divisões de cavallaria e duas de infantaria, além de um commando-geral de artilharia, bem que o total das forças brasileiras no Paraguay chegasse a 26,000 homens.

As forças brasileiras achavão-se em sua quasi totalidade acampadas em Luque e suas immedições, donde uma linha ferrea levava á Assumpção. No dia 22 de Maio Sua Alteza sahio de Luque, e, atravessando a ponte de Juquery, que o primeiro corpo do exercito sob as ordens do general José Luiz de Mena Barreto começara a transpôr, seguiu em direcção a Areguá. Enquanto o segundo corpo do exercito, ao mando do tenente-general Polydoro, deixava a posição de Luque, o primeiro corpo acampava na base do outeiro de Areguá e uma columna commandada pelo coronel Manoel Cypriano de Moraes occupava a ponte de Patino-Cué. Continuando sua penosa marcha por Itanguá e pela villa de Pirayú, fronteira ao acampamento de Ascurra chegarão as forças brasileiras á estação de Cerro-Leon, que foi encontrada intacta.

O arroyo Pirayú atravessa uma vasta planicie, em cuja extremidade acha-se a villa de Paraguay. Enquanto o brigadeiro Vasco Alves Pereira operava um movimento sobre Paraguay, estação terminal da estrada de ferro, Sua Alteza dirigia um reconhecimento sobre a posição de Ascurra, na entrada da estrada que pelo dorso da montanha conduz para o interior do departamento da Cordilheira. O primeiro feito importante da nova campanha deu-se em Jejuy em 30 de Maio, onde o general José Antonio Corrêa da Camara (visconde de Pelotas) bateu o major Galeano, tomando-lhe 16 bocas de fogo,

matando 500 paraguayos e aprisionando 300 outros. Uma outra acção de grande influencia sobre a marcha dos acontecimentos foi a do general João Manoel de Menna Barreto, que na sua expedição para Villa-Rica apoderou-se de Sapucaia, a chave do Tebiquary. Achando-se senhor da estrada de ferro de Luque ao Paraguay pôde o exercito brasileiro encetar a longa serie de brilhantes feitos que puzerão em relevo a indomavel coragem e a pericia militar de seu illustre chefe.

Em 4 de Agosto pôz-se em movimento, na direcção de Paraguay, o primeiro corpo do exercito sob as ordens do visconde de Herval, avançando Sua Alteza até defronte de Cerro-Leon. No dia seguinte o segundo corpo do exercito, ao mando do tenente-general Polydoro, deixando o acampamento de Tacuaral adiantava-se na direcção de Pirayú, emquanto Sua Alteza com as forças do general José Auto operava um reconhecimento sobre Ascurra. No dia 3 de Agosto formou-se o acampamento em Paraguay, povoação distante tres leguas e meia de Pirayú e na borda do valle do mesmo nome, e continuando-se a marcha dahi em diante, parou-se na boca do desfiladeiro da Sapucaia, e no dia 6 junto ao ribeirão Ipcú, onde Sua Alteza foi reunir-se ao visconde de Herval no ponto da bifurcação das estradas de Ibitimy e Valenzuela. Da margem do arroyo Ipcú seguiu o exercito pela picada da serra na direcção de Valenzuela, que foi occupada no dia 7.

Procedendo em uma direcção quasi parallela á que fôra seguida de Parayú até Paraguay, o segundo corpo do exercito ficou dominando a estrada de Peribebuy a S. José, ao passo que a cavallaria occupava a estrada de Ascurra e

Caacupé. No dia 12 de Agosto fôrão dispostas as columnas de ataque contra Peribebuy, commandando a esquerda o general Osorio, o centro o marechal Victorino e a direita Sua Alteza. O fogo começou ás 6 1/2 horas da manhã e ás 8 1/2 Sua Alteza mandou parar o bombardeio e dar o assalto. O general Osorio operou prodigios de valor; o denodado brigadeiro João Manoel Menna Barreto foi morto por uma bala de fuzil; Sua Alteza, conservando-se sempre debaixo do fogo das balas de infantaria, inflammava os combatentes com sua heroica serenidade. Ás 9 horas a resistencia tornou-se impossivel e os primeiros soldados brazileiros penetrárão em Peribebuy. As perdas do inimigo fôrão immensas, 700 cadaveres, entre os quaes o do tenente-coronel Cavallero, commandante da praça, trezentos e tantos feridos e 800 prisioneiros incolumes constituirão a guarnição. Os despojos fôrão de grande valor: além dos archivos do Estado, muita prata e mobílias, fôrão tomados 19 canhões e 13 bandeiras.

No dia seguinte, 13 de Agosto, Sua Alteza mandou dar o toque de avançar, tomando então a frente o primeiro corpo do exercito; mas á meia legua de distancia de Peribebuy, junto ao arroyo Itú, parou-se no entroncamento de tres estradas. A estrada da esquerda ia a Pirayú por Cerro-Leon, a do centro á Sangahú e a da direita á Caacupé. Tomou-se esta ultima direcção, chegando-se a Caacupé, onde foi tomado o grande arsenal, que ainda continha 22 canhões, muitos projectis, espingardas, lanças, etc. Proseguindo na marcha, o exercito chegou no dia 16 á grande planicie de Nhunguassú ou Campo-Grande, onde devia ferir-se a mais renhida batalha desta ultima phase da guerra paraguaya, batalha que durou das 7 horas da manhã até as 3 da tarde,

em uma extensão de mais de duas leguas. Foi ella o feito de armas que mais illustrou o nome de Sua Alteza, causando ao inimigo a perda de mais de 3,000 soldados e muito importante material de guerra.

Na da tarde do mesmo dia 16 de Agosto, Sua Alteza transpoz o Peribebuy e chegou ao acampamento do segundo corpo do exercito, no lugar denominado Pindoti e defronte da entrada da picada que leva ao povoado de Caraguatahy. Da planicie de Nhunguaçú ou Campo-Grande, ramificão-se tres estradas para Caraguatahy, que fôrão simultaneamente utilizadas pela columna alliada e pelos dous corpos do exercito brasileiro. Parou-se em Tubichaty e no ponto chamado Alfonso, e o marechal Victorino com o segundo corpo do exercito investio a posição de Caraguatahy, depois de ter derrotado a força paraguaya postada na boca da picada ou Caguijurú. Os brasileiros aprisionarão em Caraguatahy 12 bocas de fogo, grande quantidade de lanças e fuzis e mais de 400 soldados. Na vespera ainda Lopez estivera no povoado, donde se retirou com direcção a Santami, ou S. Estanislão nos Hervaes, quando o distincto general Camara (visconde de Pelotas) chegou em perseguição dos fugitivos até o rio Jaguy, assistio ao incendio ateado pelos paraguayos nos vapores *Apa*, *Anhambahy*, *Guyrá*, *Iporá*, *Paraná* e *Pirabebé* ali encalhados. Erão os destroços da marinha paraguaya que tinha infestado os pontos ribeirinhos de Malto-Grosso.

Desbaratado em todos os encontros, e desprovido de todos os recursos militares, Lopez foi buscar abrigo nas mais remotas paragens de seu paiz, onde contava talvez salvar sua pessoa em pontos quasi inaccessiveis. O commandante brasileiro foi obrigado a interromper as operações para logo recomeça-las com dobrada actividade.

Os soldados brasileiros emprehendêrão esta ultima parte da campanha nas condições as mais embaraçosas, privados de viveres e de todos os confortos da vida. Consecutivamente fôrão tomados Caraguaty, S. Estanisláu e Iguatumy, ultimo baluarte do governo paraguayo.

A tarefa de perseguir a Lopez foi commettida ao general Camara (visconde de Pelotas), que o desbaratou em Naranjay. Foi esta a ultima acção militar.

Lopez fugio internando-se pelo paiz. Suppunha-se que tencionava transpor a Serra de Maracajú e o territorto de Matto-Grosso, na direcção de Dourados, para buscar refugio na Bolivia, mas tudo era incerteza. Os generaes Camara e Victorino delineárão o plano de perseguição ao fugitivo e confiárão a execução aos coroneis Paranhos, Mesquita, Silva Tavares e Menezes. As ordens erão de procura-lo em differentes direcções pela invia região onde elle errava. Em 1 de Março de 1870, o general Camara chegou a Cerro-Corá, onde Lopez tinha parado na margem do rio Aquidaban com alguns officiaes e soldados. Travou-se uma pequena luta, Lopez não quiz render-se e foi mortalmente ferido por um soldado brasileiro.

A morte de Lopez pôz fim á longa guerra do Paraguay, que custou ao Brasil immensos sacrificios de vidas e de dinheiro e ao Paraguay acarretou quasi completo aniquilamento. Lopez tinha sido prodigamente favorecido pela fortuna; mas, transviado pela ambição, que não reflecte, perdeu sua elevada posição e sua vida no estolido proposito de prejudicar ao imperio do Brasil. Ficando vago o governo do Paraguay, o enviado extraordinario do Brasil José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio-Branco, installou um governo provisorio, até que em 7 de Agosto fôrão por eleição popular creados chefes do poder executivo

Carlos Loizaga, José Dias Bedoya e Cyrillo Rivarola.

No dia 16 de Abril Sua Alteza embarcou em Humaitá, no vapor *Galgo*, chegou a 20 em Buenos-Ayres, a 23 em Montevidêo, a 27 em Santa-Catharina e no dia 29 fez sua entrada triumphal na capital do Imperio. Sua Alteza tinha satisfeito do modo mais esplendido a ardua missão que tinha assumido ao tomar o commando em chefe de todas as forças brasileiras no Paraguay. Immensos erão os obstaculos que se antepunhão. Fazia-se a guerra em um territorio completamente desconhecido, onde a astucia e a actividade do inimigo erão favorecidas pela cega dedicação de um exercito de 16,000 homens e por mais de 100 bocas de fogo. Nesta ultima phase da guerra não foi de grande alcance a cooperaçã da esquadra, quando as operações abrangêrão, de um extremo ao outro, os littoraes dos rios Paraguay e Paraná, mas ás tropas de terra coube a preeminencia na fadigosa luta por ermos quasi inacessiveis. De Maio de 1869 a Fevereiro de 1870 foi o inimigo recuando, desde as portas da deserta Assumpção, e desde as barrancas que em Itapúa dominão o caudaloso Paraná, até ás paragens incultas, onde têm suas nascentes o Apa e o Anhambay. A aspera cordilheira de Maracajú, que atravessa todo o territorio do Paraguay, teve de ser transposta em S. Joaquim, no Espadim e no Chiriguêlo. Os soldados brasileiros tiveram de supportar os frios de Julho nas margens do Tebicuary, o sol ardente do verão no districto da Conceição, as aguas insalubres do Jejuy e os horrores da fome nos desertos, onde fôrão acoutar-se os ultimos restos do orgulhoso exercito de Francisco Solano Lopez; mas por fim triumphou a causa da justiça e da civilisação.

IX

Ultimos acontecimentos. Primeira viagem de S. M. o Imperador á Europa. Primeira regencia de S. A. a Princesa Imperial. Reformas internas. O elemento servil. Conflictos religiosos. Segunda viagem de S. M. o Imperador á Europa. Segunda regencia de S. A. a Princesa Imperial. Situação liberal. Reforma eleitoral.

A morte do presidente Lopez e a retirada de Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu para o Brasil assignalão o termo da guerra do Paraguay, que, além do sacrificio de muitos milhares de vidas, absorveu immensos thesouros. Se por um lado essa guerra libertou o Brasil de um inimigo trefego e assegurou a tranquillidade na fronteira meridional, por outro lado influuiu poderosamente nas circumstancias politicas e economicas, e attraheu a attenção publica para muitos defeitos sociaes, cujo desaparecimento se tratou de realizar. No dia 7 de Maio concluiu-se em Buenos-Ayres entre os tres alliados e o Paraguay um tratado de paz, que no dia 10 de Junho foi ratificado pelo governo do Paraguay. Fôrão negociadores deste tratado preliminar José Maria da Silva Paranhos por parte do Brasil, Julio de Vedia por parte da Confederação Argentina, e Carlos Loizaga e Cyrillo Antonio Rivarola por parte do governo paraguayo. Estipulou-se que o governo provisorio da republica paraguaya aceitaria as condições do tratado da triplice alliança, e tornaria desde logo franca para a marinha militar e mercantil a navegação do Alto-Paraná e Paraguay.

O ministerio de 16 de Julho, que presenciara a terminação da guerra, pediu a sua demissão e foi substituido em 29 de Setembro de 1870 pelo

ministerio presidido pelo visconde de S. Vicente, que teve a pasta dos negocios estrangeiros, ficando com a pasta da justiça o barão das Tres-Barras (visconde de Jaguary), com a da fazenda F. de S. Torres Homem (visconde de Inhomirim), com a do imperio João Alfredo Corrêa de Oliveira, com a da marinha L. A. Pereira Franco, com a da agricultura Jeronymo José Teixeira e com a da guerra João Frederico Caldwell. O novo gabinete deparou com gravissimas difficuldades financeiras, que exigirão a emissão de 25,000 contos de apolices da divida interna e um emprestimo externo de tres milhões esterlinos contratado com a casa Rothshild de Londres.

Durante este ministerio enlutou-se o povo do Brasil com a triste noticia de haver fallecido em Vienna, em 7 de Fevereiro de 1871, a Serenissima Princeza D. Leopoldina, duqueza de Saxe, deixando quatro filhos.

Com a retirada do gabinete presidido pelo visconde de S. Vicente, formou-se em 7 de Março um novo gabinete, sob a presidencia do ministro da fazenda visconde do Rio-Branco, conservando a pasta do imperio João Alfredo Corrêa de Oliveira e assumindo a da justiça F. de P. N. Sayão Lobato, a de estrangeiros Manoel Francisco Correia, a da marinha Manoel Antonio Duarte de Azevedo, a da agricultura Theodoro Machado F. P. da Silva.

Desde muito tempo desejava S. M. o Imperador visitar a Europa com o dapto intento de repousar das fadigas de seu longo reinado e aproveitar os progressos das nações mais adiantadas em beneficio do Brasil; mas só agora, achando-se o paiz na mais completa paz interna e alliviado das complicações internacionaes, pôde S. M. realizar sua excursão transatlantica.

SS. MM. II. partirão para a Europa em 25 de Maio de 1871, no meio de grandiosas demonstrações de profunda veneração da população do Rio de Janeiro e regressarão no dia 31 de Maio de 1872 á capital do imperio, que os recebeu com a mais sincera manifestação de alegria. Foi durante esta memoravel viagem que S. M. o Imperador foi escolhido arbitro para julgar as pendencias entre os Estados-Unidos e a Grã-Bretanha.

Durante a ausencia de S. M. o Imperador, exerceu as funcções de regente S. A. I. a Sra. Princesa D. Isabel, condessa d'Eu, e sob sua administração effectuarão-se reformas do mais elevado alcance. Entre ellas a reforma judiciaria, porque era reconhecida a necessidade de prover á recta distribuição da justiça e proteger os direitos individuaes contra quaesquer excessos e abusos, principalmente estabelecendo para melhor administração judiciaria novos tribunaes de 2^a instancia. Uma outra reforma de summa importancia na vida economica do Brasil foi a emancipação do ventre escravo. Depois dos mais ardentes debates nas duas casas do parlamento e na imprensa, foi sancionada a Lei de 28 de Setembro pela Princesa Imperial em nome de seu Augusto Pai. Brilhante feito da civilisação moderna, a lei do elemento servil proclamou a liberdade dos nascituros de ventre escravo, e reservou o producto da taxa de escravos para alforrias annuaes por meio de sorteio. Foi este um golpe decisivo vibrado contra a instituição servil, que, em vez de encontrar violenta opposição no povo, multiplicou as manumissões espontaneas quer dos particulares, quer de corporações.

Com o fim de regular as pretensões dos allia-dos, reuniu-se uma conferencia diplomatica em

Assumpção, na qual tomáráo parte o barão de Cotegipe, representante do Brasil, Adolpho Rodriguez, representante da Republica Oriental, e Manoel Quintana, representante da Confederação Argentina. Ajustou-se uma paz definitiva com a retirada de todas as tropas de guarnição e restituição de prisioneiros, mas não se pôde chegar a uma conclusão quanto á demarcação de limites territoriaes, por ter o commissario argentino exigido que sem prévia discussão fôssem reconhecidas as pretenções argentinas.

Emquanto estava pendente esta questão de limites, não se decidião outros pontos de menor importancia, como a distribuição das presas. Sob o pretexto que nenhuma solução definitiva se poderia adoptar sem a prévia decisão da questão capital e sem a transferencia da séde das negociações de Assumpção para Buenos-Ayres, o commissario argentino retirou-se do Paraguay para seu paiz. O commissario brasileiro encetou novas negociações com Carlos Loizaga, representante do Paraguay, e em 9 de Janeiro de 1872 assignou varios tratados relativamente aos ajustes de paz, aos limites, á entrega de prisioneiros e desertores, ao commercio e á navegação dos dous paizes. Em 13 de Julho do mesmo anno o governo da Confederação Argentina entabou por meio de um enviado especial, general Mitre, novas negociações com o governo brasileiro no Rio de Janeiro, e celebrou-se um accôrdo que pôz termo a todas as questões pendentes em 19 de Novembro.

Infelizmente um conflicto com a autoridade episcopal ennuviou o horizonte do Brasil e ameaçou estorvar seu progresso. A discordia começou na provincia do Pará, onde o bispo D. Antonio Macedo Costa, em 2 de Dezembro de 1871,

prohibio, sob graves penas espirituaes, a leitura do jornal *Liberal do Pará*, que defendia a maçonaria. Posto que se receissem serios disturbios, como se derão em 1835 por occasião da revolução da Cabanagem, a ordem publica não foi alterada. Infelizmente, porém, o bispo de Pernambuco, frei Vital de Oliveira, imitou o exemplo de seu collega do Pará e fulminou a interdicção contra as igrejas e as irmandades em que sobresahião os maçons. Em 14 de Março de 1873 houve seria perturbação da tranquillidade publica no Recife; mas o bispo de Pernambuco, indifferente ás consequencias de seu comportamento, ordenou que os vigarios na missa conventual recitassem o breve pontificio de 29 de Maio. Assim o buliçoso prelado mandava excluir os maçons das corporações religiosas em virtude de uma ordem da côrte de Roma, que não recebêra o beneplacito imperial, como preceitua o § 14 do art. 102 da Constituição Brasileira.

O procedimento revolucionario dos dous bispos obrigou o governo imperial a intervir energicamente. Em 11 de Outubro de 1873 o procurador da corôa D. Francisco Balthazar da Silveira denunciou o bispo de Pernambuco perante o supremo tribunal de justiça, e em 7 de Novembro ao bispo do Pará, e ambos fôrão recolhidos á prisão. Ao libello accusatorio contra a sua pessoa o bispo de Pernambuco limitou-se a responder *Jesus autem tacebat*, ao passo que o bispo do Pará contrariou com as seguintes palavras: «Nada mais me resta que fazer senão appellar para a justiça divina.» Condemnados a quatro annos com trabalho, grão médio do art. 96 doCodigo Criminal, fôrão os bispos encarcerados, mas o poder moderador commulou-lhes a pena em

prisão simples, e em 18 de Setembro de 1875 agraciou-os com uma amnistia completa.

A despeito destes embarços na administração interna, o governo imperial não descurou dos progressos do paiz. Entre esses sobresahe a substituição pelo systema metrico do antigo systema de pesos e medidas no dia 1 de Janeiro de 1874. Esta data é tambem memoravel pela inauguração das communições telegraphicas da capital do Imperio com as capitaes das provincias da Bahia, de Pernambuco e do Pará, facto memoravel, que devia apenas preceder de pouco tempo ao estabelecimento do cabo telegraphico entre a Europa e o Brasil. Infelizmente no fim deste anno, e em principio de 1875, grandes inundações em algumas provincias septentrionaes vierão causar avultados prejuizos á riqueza nacional. As aguas crescêrão nos rios Itapicurú, Jaguarybe, Assú, Banabuim, Capiberibe e outros, soffrendo extraordinariamente muitas localidades do Ceará, Rio-Grande, Parahyba e Pernambuco. No Maranhão a villa do Codô foi completamente destruida, no Ceará a cidade do Sobral foi seriamente damnificada pelo transbordamento do rio Acaracú.

Em 25 de Junho de 1875, retirando-se o ministerio de 7 de Março, foi organizado um novo ministerio, no qual o duque de Caxias, juntamente com a pasta da guerra, assumio a presidencia do conselho, cabendo a pasta do imperio a Antonio da Costa Pinto, a da justiça a Francisco Januario da Gama Cerqueira, a de estrangeiros a Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, a da fazenda ao barão de Cotegipe, a da marinha a Luiz Antonio Pereira Franco e a da agricultura a Thomaz J. Coelho de Almeida. Tres factos notaveis assignalárão a existencia deste gabinete, a cuja frente se achava o mais illustre brasileiro

de então. Após uma ausencia de 29 annos SS. MM. II. visitarão pela segunda vez a provincia de S. Paulo, desembarcando em Santos e chegando á capital pela estrada de ferro do Cubatão. S. M. o Imperador visitou a fabrica de Ypanema, as cidades de Jundiahy, Indaiatuba, Itú, Rio-Claro, e regressou á côrte em 31 de Agosto.

No dia 13 de Outubro de 1875, depois de um laborioso parto, S. A. I. a princeza D. Isabel deu á luz um principe, que na qualidade de herdeiro da corôa recebeu o titulo de principe do Grão-Pará. Tendo perdido a successão masculina de S. M. o Imperador, todos os bons brasileiros alegrarão-se com o nascimento de um principe, que tem de vir a ser para sua patria um novo pennor da ordem e da liberdade.

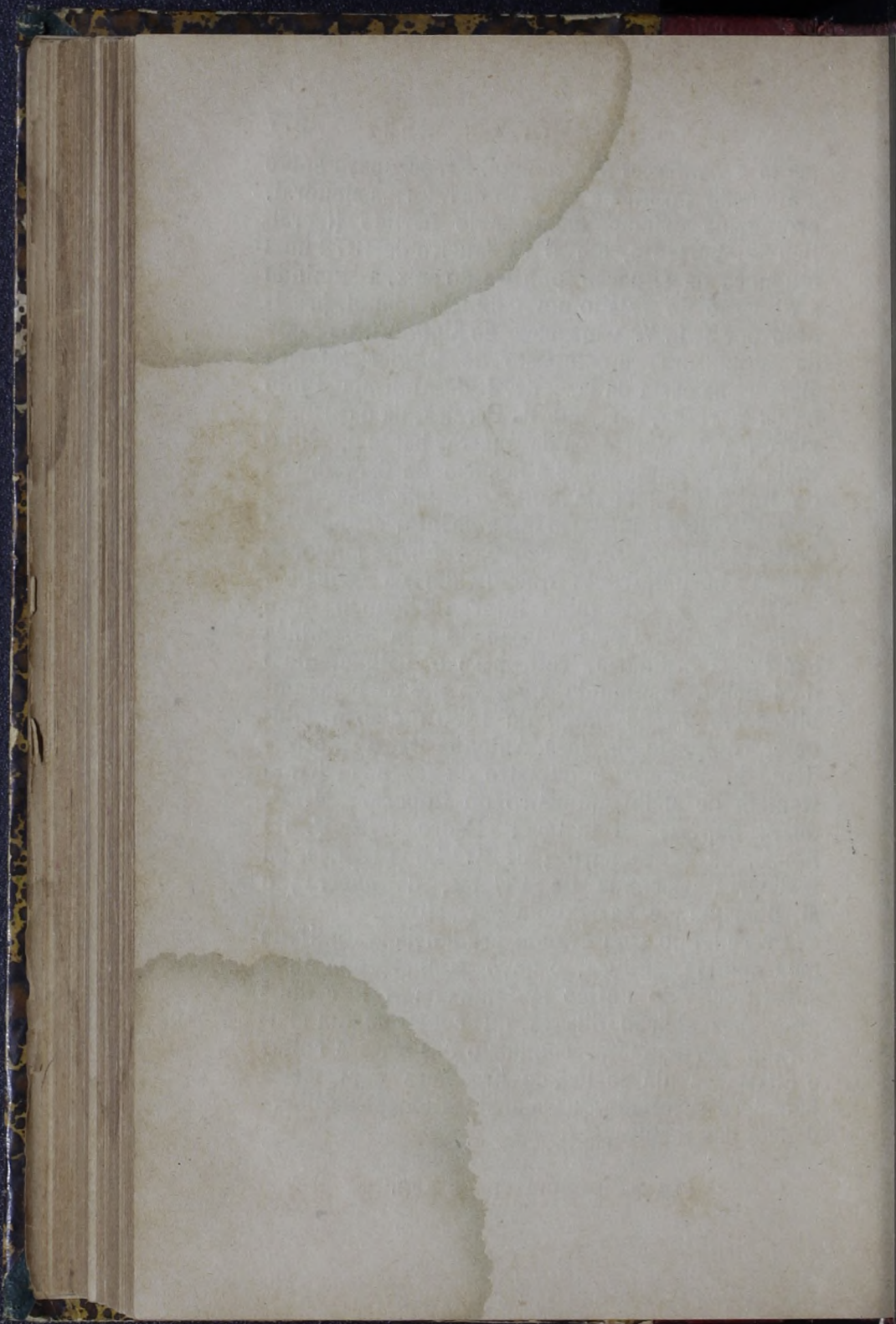
Achando-se muito abalada a saude de S. M. a Imperatriz, S. M. o Imperador resolveu fazer uma segunda viagem a paizes estrangeiros. Em 26 de Março de 1876 os augustos imperantes embarcarão-se no vapor *Hevelius*, e, depois de visitarem a Bahia, Pernambuco e Pará, chegarão em 15 de Abril a New-York, onde um telegramma do presidente Grant saudava os illustres hospedes e agradecia-lhes a honra de visitarem os Estados-Unidos. SS. MM. Imperiaes percorrerão o territorio da União, visitarão S. Francisco da California, inaugurarão em 4 de Julho a grande exposição internacional de Philadelphía, visitarão o Dominio do Canadá e embarcarão-se para a Europa, onde viajarão por todos os paizes, estendendo suas excursões até ao Egypto, á Asia Menor e á Palestina.

Regressando S. M. o Imperador de sua viagem, o duque de Caxias, alquebrado pela idade e cansado dos grandes serviços prestados a seu paiz,

pedio a demissão do gabinete. Preocupava então a atenção publica a questão da reforma eleitoral, promovida principalmente pelo partido liberal. Deu-se, portanto, em 5 de Janeiro de 1878 uma mudança na situação politica do paiz, assumindo a direcção do estado um gabinete liberal, presidido por J. L. V. Cansansão de Sinimbú, na pasta da agricultura, e composto de Gaspar Silveira Martins na pasta da fazenda, J. de Andrade Finto na da marinha, Lafayette R. Pereira, na da justiça, marquez de Herval na da guerra, barão de Villa-Bella na de estrangeiros e Leoncio de Carvalho na do Imperio. Além de muitas complicações financeiras, o novo ministerio tinha de lutar com graves difficuldades na realização da reforma eleitoral, questão incandescente que dividia os espiritos.

Não tendo conseguido levar a effeito o novo systema eleitoral pela votação de uma assembléa legislativa ordinaria, retirou-se o gabinete de 5 de Janeiro, assumindo a gestão dos negocios publicos em 28 de Março de 1880 um novo gabinete, composto de José Antonio Saraiva, presidente do conselho e ministro da fazenda; barão Homem de Mello, ministro do Imperio; M. P. de S. Dantas, da justiça; Pedro Luiz P. de Souza, de estrangeiros; J. R. Lima Duarte, da marinha; visconde de Pelotas, da guerra; e M. Buarque de Macedo, da agricultura.

Procedendo com grande prudencia e auxiliado pela opinião publica, o novo gabinete operou a substituição do antigo systema eleitoral de dous grãos pela eleição directa, que constitue um eleitorado permanente, composto das classes cultas e abastadas da sociedade brasileira e promette beneficos resultados para a consolidação da liberdade e das instituições.



INDICE CHRONOLOGICO

DA

HISTORIA DO BRASIL

—103—

- Descobrimto do Brasil por Pedro Alvares
Cabral 1500
- Primeira exploração das costas do Brasil
por Gonçalo Coelho 1501
- Segunda exploração das mesmas costas por
Christovão Jacques 1503
- Naufragio de Diogo Alves Corrêa (chamado
depois *Caramurú*) na Bahia de todos os
Santos 1510
- João Dias de Solis navega desde o cabo de
Santo Agostinho até o Rio da Prata, ao
qual deu seu nome por algum tempo,
havendo entrado na bahia do Rio de Ja-
neiro. 1515
- Fernando de Magalhães e Ruy Falleiro, pi-
lotos portuguezes ao serviço de Castella,
destinados a fazerem o primeiro gyro do
globo, entrão na bahia do Rio de Janeiro
(13 de Dezembro) 1519
- Morte de El-Rei D. Manoel, em virtude da
qual subio ao throno de Portugal seu
filho D. João III (13 de Dezembro). . . 1521
- Diogo Garcia, piloto portuguez ao serviço
de Castella, aporta na ilha de S. Vicente. 1527
- Duarte Coelho Pereira expulsa os Francezes
da feitoria de Itamaracá (27 de Setembro),
e depois estabelece a de Iguarassú. . . 1530

- Martim Affonso de Souza, primeiro donatario do Brasil, aporta em Pernambuco e navega por toda a costa até ao Rio da Prata, tendo-se demorado tres mezes na bahia do Rio de Janeiro, onde entrou no dia 30 de Abril. 1532
- Fundação da primeira Colonia ou Capitania de S. Vicente pelo mesmo Martím Affonso, de volta do Rio da Prata (22 de Janeiro). 1532
- Fundação das Capitancias de Santo Amaro, Parahyba do Sul, Espirito-Santo, Porto Seguro e Ilhéos. 1534
- Fundação das Capitancias de Pernambuco e da Bahia de todos os Santos, naufragio de Luiz de Mello nos baixos do Maranhão. 1535
- Naufragio de Ayres da Cunha, e dos filhos de João de Barros, nos mesmos baixos. 1536
- Naufragio e morte desastrada de Francisco Pereira Coutinho, primeiro donatario da Bahia de todos os Santos, na ilha de Itaparica. 1548
- Thomé de Souza, nomeado primeiro governador geral para o Estado do Brasil, chega á Bahia de todos os Santos, e com elle os primeiros Jesuitas que vierão ao Novo Mundo (28 de Março). O mesmo Thomé de Souza lança os fundamentos da cidade de S. Salvador, ajudado por Caramurú e pelos Tupinambás. 1549
- A igreja da Bahia de todos os Santos foi elevada á categoria de bispado. 1550
- D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil, chega a S. Salvador. . . 1552
- Duarte da Costa, segundo governador geral, chega á Bahia e toma conta do governo do Brasil. 1553

- Fundação do collegio de S. Paulo nas planícies do Piratininga pelo Jesuita Anchieta, em cujo lugar foi depois fundada a cidade do mesmo nome** 1554
- Nicoláo Durand de Villegaignon, vice-almirante da Bretanha, vem ao Rio de Janeiro com uma expedição de Protestantes Calvinistas, e levanta o forte Coligny na mesma ilha onde hoje está a fortaleza, que ainda conserva o nome do seu primeiro fundador.** 1555
- Naufragio e morte desgraçada do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha nos baixos de S. Francisco, sendo devorado pelos selvagens Cahetés, que habitavão aquellas costas** 1556
- D. Sebastião, de tres annos de idade, sobe ao throno de Portugal por morte de seu avô El-Rei D. João III (11 de Junho). . .** 1557
- Mendo de Sá, terceiro governador geral, vem succeder a Duarte da Costa no governo do Brasil, e toma posse em S. Salvador.** 1558
- O mesmo Mendo de Sá toma aos Francezes o forte Coligny (hoje Villegaignon) na bahia do Rio de Janeiro; e passando depois a S. Vicente deu ordem de transferir para Piratininga o estabelecimento de Santo André, em cujo novo sitio tomou a invocação de S. Paulo, origem da cidade do mesmo nome.** 1560
- Estacio de Sá chega á Bahia de todos os Santos com dous galeões asim de receber alli reforços para vir depois expulsar os Francezes da costa e bahia do Rio de Janeiro** 1564
- Ataque e tomada do forte de Uraçumiri**

- na bahia do Rio de Janeiro pelos Portu-
guezes e Indios alliados (20 de Janeiro) ;
em consequencia do que forão os Fran-
cezes totalmente expulsos desta bahia e
costa. Immediatamente depois da victoria
começou Mendo de Sá a fundação da ci-
dade de S. Sebastião na praia occidental
da mesma bahia. 1567
- O celebre Indio Martim Affonso de Souza,
aliás Ararigboia, bate os Francezes e
Tamoyos, que o forão atacar na sua
aldêa de S. Lourenço; e perseguindo os
depois em suas canôas até Cabo Frio
consegue tomar-lhes uma das quatro náos
com que os mesmos Francezes tinham
voltado para desaffrontar-se da derrota
do anno anterior. 1568
- Luiz de Brito de Almeida vem render a Mendo
de Sá, que morreu no mesmo anno.
Divisão do Brasil em dous governos sepa-
rados: um pertencente á repartição do
Norte, residindo na Bahia de todos os
Santôs, onde ficou o mesmo Luiz de Bri-
to; e o outro, pertencente á repartição
do Sul, devia residir no Rio de Janeiro,
para onde veio como governador o Dr.
Antonio Salema. 1572
- Sebastião Fernandes Tourinho foi mandado
pelo governador Luiz de Brito fazer as
primeiras explorações pelo interior das
terras do Brasil, subindo pelo Rio Doce. 1573
- Nova reunião dos dous governos, em que
quatro annos antes tinha sido dividido o
Estado do Brasil, em um só, residindo
o governador geral como d'antes na
Bahia de todos os Santos. 1576
- Diogo Lourenço da Veiga, governador ge-

- ral do Estado do Brasil, vem render a Luiz de Brito. Morte d'El-Rei D. Sebastião em Africa (4 de Agosto); em consequencia do que sobe ao throno de Portugal o Cardeal Infante D. Henrique. 1578
- Morte do Cardeal-Rei D. Henrique (31 de Janeiro). Felippe II de Hespanha foi declarado Rei de Portugal nas côrtes que se celebrarão em Thomar a 19 de Abril. . 1580
- Sem embargo de por differentes épocas terem vindo ao Brasil Missionarios Benedictinos, a ordem de S. Bento só foi estabelecida permanentemente neste Estado no anno de 1581
- Manoel Telles Barreto, nomeado por Felippe II governador geral para o Estado do Brasil, chega à Bahia de todos os Santos e toma posse do governo 1582
- A ordem dos padres Observantes reformados da provincia de S. Antonio foi estabelecida no Brasil, e fundou a sua primeira casa na capitania de Pernambuco no anno de 1585
- A ordem Carmelitana, que segundo alguns, fôra estabelecida no Brasil em 1580, segundo Fr. Gaspar da Madre de Deos só o foi no anno de. 1589
- D. Francisco de Souza foi mandado por governador e capitão general do Estado do Brasil. Incursão do pirata inglez Thomaz Cavendish sobre S. Vicente e Espirito Santo, donde foi ultimamente rechaçado com grande perda. 1591
- Jaime Lancaster e João Venner tomão e saqueião o Recife de Pernambuco . . . 1593
- Felippe III sobe ao throno de Hespanha e de Portugal por morte de seu pai Felio-

- pe II, que falleceu no convento do Escurial no dia 13 de Setembro. 1598
- Diogo Botelho, nomeado governador e capitão general para o Estado do Brasil, vem succeder a D. Francisco de Souza, e toma posse do governo em S. Salvador. 1603
- D. Diogo de Menezes vem succeder no cargo de governador do Brasil a D. Diogo Botelho 1605
- Martim Soares Moreno foi nomeado capitão-mór do Ceará em 1610
- La Ravardière, Rassilly e Harley, á testa de uma expedição franceza, occupão a ilha de Maranhão, onde tentão fundar uma colonia permanente 1612
- Gaspar de Souza veio render a D. Diogo de Menezes como governador e capitão-general do Estado do Brasil, devendo porém residir em Pernambuco. 1613
- Os Francezes são expulsos do Maranhão por Alexandre de Moura e Jeronymo de Albuquerque, ficando este ultimo como capitão-mór da colonia. 1615
- Fundação da cidade de Belém na margem oriental do Tocantins por Francisco Caldeira Castello Branco, commandante de uma expedição sobre o Amazonas. . . . 1616
- Felippe IV de Hespanha e III de Portugal succede a seu pai em ambos os thronos. . 1621
- Diogo de Mendonça Furtado veio para o Estado do Brasil como governador e capitão-general. 1622
- O capitão-mór Bento Maciel Parente expulsa do rio Curupá diversos estrangeiros, que se tinham estabelecido e fortificado nas suas margens, tomando lhes todos os seus reparos. 1623

- C**reação do novo Estado do Maranhão como governo separado do Brasil. Primeira incursão dos Holandezes contra a Bahia de todos os Santos, e occupação immediata da cidade de S. Salvador. O Pará foi elevado á categoria de governo separado com patente régia, mas subalterno ao do Maranhão, e formando entre ambos um governo geral, independente do governo geral do Brasil. 1625
- O**s Holandezes evacuação por capitulação a cidade de S. Salvador, entregando-se prisioneiros de guerra. D. Fradique de Toledo, almirante hespanhol, depois de haver regulado o estado politico do Brasil, entrega as rédeas do governo a D. Francisco Rolim de Moura, novo governador geral, e regressa para a Europa. . 1625
- F**rancisco Coelho de Carvalho, nomeado governador e capitão-general para o novo Estado do Maranhão, chega á cidade de S. Luiz, e toma posse do governo em Setembro 1626
- D**iogo Luiz de Oliveira chega á Bahia de todos os Santos, e toma posse como governador e capitão-general do Estado do Brasil. O almirante batavo A. Patrid volta á Bahia, e arrebatou do porto doze navios carregados, levando o terror por todo o Recôncavo, que assolou por esta incursão inesperada. 1627
- M**athias de Albuquerque volta a Pernambuco, encarregado da defesa desta capitania. 1629
- O**s Holandezes invadem por segunda vez o Brasil, e occupão a cidade de Olinda e o Recife na capitania de Pernambuco. 1630
- C**ombate naval entre as esquadras hollan-

- deza e hespanhola nas aguas da Bahia, no qual perece o almirante batavo Adrião Patrid. Incendio da cidade de Olinda pelos Hollandezes (23 de Novembro) . . . 1631
- Um reforço de tres mil Hollandezes, com dous commissarios da Companhia Occidental, chega a Pernambuco. 1632
- Primeira emigração dos patriotas de Pernambuco; os Hollandezes occupão toda a provincia. 1635
- Pedro da Silva, chamado o *Duro*, veio render como governador e capitão-general do Estado do Brasil a Diogo Luiz de Oliveira. Por doação régia de 14 de Junho foi Bento Maciel Parente nomeado senhor perpetuo e donatario da nova capitania do *Cabo do Norte*, que devia estender-se do dito Cabo até o rio de Vicente Pinson 1636
- O Principe João Mauricio de Nassau, commandante general dos Hollandezes, chega ao Recife de Pernambuco, e ganha neste mesmo anno a celebre batalha de Porto Calvo contra os Portuguezes, commandados por Bagnuolo. Pedro Teixeira parte da cidade de Belém com uma expedição para explorar o rio das Amazonas e seus confluentes (28 de Outubro). 1637
- O mesmo João Mauricio de Nassau com sete mil e oitocentos Hollandezes apparece á vista da Bahia (14 de Abril), põe cerco regular á cidade de S. Salvador, e dá um assalto geral (18 de Maio), sendo derrotado e repellido com grande perda; em consequencia do que tornou para o Recife, depois de assolar o Recoucavo por barbara vingança. 1638

- O Conde da Torre, nomeado governador e capitão-general para o Estado do Brasil, chega á Bahia, e toma posse do governo. Pedro Teixeira volta de Quito pelo Amazonas com o padre Christovão da Cunha, e chega á cidade de Belém no dia 12 de Dezembro, depois de haver explorado os confluentes do grande rio. Neste mesmo anno o capitão portuguez Pedro da Costa Favella reconheceu e entrou pelo Rio Negro, sendo o primeiro que o explorou 1639
- O Marquez de Montalvão, primeiro Vice-Rei nomeado para o Estado do Brasil, chega á Bahia, e toma posse do governo. Reunidos em S. Paulo os procuradores de todas as villas e camaras da capitania, resolvêrão expulsar della os Jesuitas por accordo tomado aos 13 de Julho; em consequencia do que forão expulsos os referidos Religiosos de toda a capitania. Revolução de Lisboa (1º de Dezembro), em virtude da qual a Casa de Bragança sobe ao throno de Portugal na pessoa d'El-Rei D. João IV 1640
- O Brasil entra de novo no dominio dos Portuguezes, á excepção das capitánias occupadas pelos Hollandezes. O Vice-Rei Marquez de Montalvão é preso e enviado para Lisboa como suspeito . . . 1641
- Antonio Teiles da Silva, nomeado por El-Rei D. João IV Vice-Rei do Brasil, chega a S. Salvador, e toma posse do governo do Estado 1642
- Mauricio de Nassau, depois de governar por espaço de seis annos a colonia hollandeza do Brasil, volta para a Hollanda.

- Antonio Muniz Barreto começa a insurreiçãõ contra os Hollandezes no Maranhãõ 1643
- Insurreiçãõ de Pernambuco. João Fernandes Vieira é reconhecido chefe dos Independentes (13 de Junho). Combate de Tabocas (3 de Agosto), em que João Fernandes Vieira triumphou completamente das tropas hollandezas commandadas pelo coronel Huss 1645
- Ataque, incendio e tomada da casa forte por Vieira e Vidal. O coronel Huss prisioneiro. 1646
- Antonio Telles de Menezes, Conde de Villapouca, chega á Bahia e toma conta do governo geral do Brasil. El-Rei D. João IV eleva o Estado do Brasil a Principado na pessoa do seu Primogenito o Principe D. Theodosio 1647
- Francisco Barreto de Menezes toma o commando do exercito de Pernambuco. Batalha dos Guararapes, em que o general hollandez Sigismundo foi derrotado pelos independentes (19 de Abril). Morte de D. Antonio Felipe Camarão, pouco tempo depois desta batalha, em consequencia de uma enfermidade. 1648
- Segunda batalha dos Guararapes, em que foi derrotado e morto o general hollandez Brinck, depois de haver-se obrado de uma e outra parte prodigios de valor (19 de Fevereiro). 1649
- O Conde do Castello-Melhor chega á Bahia na qualidade de Vice-Rei e Capitão-General, e toma posse do governo geral do Brasil 1650
- Começa a povoaçãõ da ilha dos Patos, hoje

- de Santa Catharina, por Francisco Dias Velho Monteiro, que para alli fôra nesse mesmo anno com a sua familia e quinheentos Indios mansos tirados de S. Vicente 1651
- Por uma resolução de 25 de Fevereiro, sobre representação dos moradores do Pará, supprimio El-Rei D. João IV o governo geral do Estado do Maranhão, dividindo o em duas capitánias, de S. Luiz do Maranhão e do Grão-Pará, com jurisdicção independente uma da outra. A Relação da Bahia, mandada crear por Felippe III em virtude da Resolução de 7 de Março de 1609, sendo extincta pelo Alvará de 5 de Abril de 1626, foi de novo restabelecida por Diploma de 12 de Setembro 1652
- Não obstante ter mandado El-Rei por duas vezes (em 1643 e 1647) que os Jesuitas, expulsos em 1640 da capitania de S. Paulo, voltassem para os seus collegios, só forão restituídos a elles pelos povos com certas condições estipuladas em uma escriptura, que se lavrou na camara de S. Vicente aos 14 de Maio de. 1653
- Expulsão total dos Hollandezes das provin-
vências que occupavão no Brasil, em vir-
tude da capitulação do Recife (26 de Ja-
neiro). A capitania de Pernambuco,
governada por seus donatarios até a
invasão dos Hollandezes (1630), teve de-
pois da restauração um governador e
capitão general nomeado por El-Rei D.
João IV, que a annexou á corôa. A Pa-
rahyba ficou sendo igualmente governo
separado, mas subalterno ao de Pernam-

- buco. Por outra resolução de 25 de Agosto El Rei D. João IV tornou a reunir em um só governo as duas capitánias do Maranhão e do Grão-Pará, nomeando para governal s o primeiro governador e capitão-general deste Estado André Vidal de Negreiros, um dos restauradores de Pernambuco 1654
- D. Affonso VI subiu ao throno de Portugal por morte de seu pai El-Rei D. João IV, acaccida aos 6 de Novembro de 1656
- Francisco Barreto de Menezes, que fôra commandante do exercito de Pernambuco na guerra contra os Hollandezes, foi nomeado Vice-Rei para o Estado de Brasil. 1657
- Tratado de paz entre Portugal e as Provincias Unidas da Hollanda, pelo qual fica definitivamente terminada a questão ácerca do Brasil. 1660
- O Conde de Obidos foi nomeado Vice-Rei do Brasil para succeder a Francisco Barreto de Menezes, e tomou conta do governo geral do Estado. 1663
- Alvará de 27 de Maio pelo qual creou El-Rei o titulo de Barão da Ilha Grande de Joannes na capitania do Grão-Pará, de que fez mercê a Luiz de Souza de Macedo, em duas vidas 1667
- Tendo sido El-Rei D. Affonso VI récluso e em um quarto do paço no dia 23 de Novembro de 1667, foi o infante D. Pedro jurado Principe Regente e herdeiro da corôa em Córtes de 27 de Janeiro seguinte. Tratado de paz entre a Hespanha e Portugal, pelo qual foi a Casa de Bragança reconhecida como soberana de

- Portugal e seus domínios (13 de Fevereiro). Affonso Furtado de Mendonça, Vice Rei nomeado para o Estado do Brasil, chega á Bahia e toma posse do governo geral. O capitão-mór do Pará Antonio de Albuquerque Coelho funda a fortaleza do Cabo do Norte da invocação de Santo Antonio de Macapá sobre as ruínas da de Camaú, que seu tio Feliciano Coelho havia demolido em 1632, depois de a ceder aos Ingleses. 1668
- Ⓐ Naufragio e morte do almirante João Corrêa da Silva, com quatrocentos Portuguezes, na entrada da Bahia de todos os Santos. 1669
- Ⓐ O bispado da Bahia foi elevado á categoria de arcebispado, e tiveram a preeminencia de bispados as igrejas do Rio de Janeiro, de Pernambuco e do Maranhão (Bulla do SS. Padre Innocencio XI em 16 de Novembro). 1676
- Ⓐ Provisão régia de 30 de Março (1678) confirmando a Relação metropolitana da Bahia, creada por Provisão ou Carta constitutiva de 30 de Novembro do anno anterior (1677), expedida pelo primeiro arcebispo D. Gaspar Barata de Mendonça. Roque de Castro Barreto, Vice Rei nomeado para o Estado do Brasil, chega á Bahia de Todos os Santos e toma posse do governo geral 1678
- Ⓐ Os religiosos Capuchinhos Italianos começarão a fundar o seu primeiro Hospicio de Nossa Senhora da Piedade na cidade de S. Salvador, capital da Bahia de todos os Santos. 1679
- Ⓐ Fundação da Colonia do Sacramento na margem septentrional do Rio da Prata. . 1680

- Por morte de D. Alonzo VI (12 de Setembro) nos paços de Cintra, o Príncipe D. Pedro, Regente do Reino, assumio o titulo de Rei de Portugal e dos Algarves, debaixo do nome de D. Pedro II. . . . 1683
- O Rio Grande do Norte teve o titulo de Condado, e desde então ficou sendo governo separado, mas subalterno ao de Pernambuco 1689
- Descobrimto das minas do Sabará por uma Bandeira de Paulistas. 1690
- Os religiosos descalcos de Santo Agostinho da Provincia de Portugal edificação na Bahia o seu hospicio da Palma no anno de. 1693
- Fundação do Arraial do Ouro Preto no Districto chamado das Minas. Destruição completa da reunião dos *Negros dos Palmares* na comarca das Alagôas. Quando de ordem do Marquez de Ferrol governador de Cayena, aleivosamente tomãrão os Francezes a fortaleza do Cabo do Norte, da invocação de Santo Antonio de Macapá, foi esta gloriosamente rendida e restaurada pelos Portuguezes debaixo do commando de Francisco de Souza Fundão
- Tratado entre Portugal e a Hespanha, em que pelo artigo 14 se estatuiu que Portugal possuisse *in solidum*, com inteiro dominio, a margem septentrional do Rio da Prata (18 de Junho).
- El-Rei D. João V sobe ao throno de Portugal por morte de seu pai D. Pedro II no dia 9 de Dezembro de.
- El-Rei D. João V em virtude da guerra civil entre os Paulistas e Boabas, delibe-

- rou crear em S. Paulo uma capitania geral, sujeitando-lhe o Districto das Minas, e desannexando-a do Rio de Janeiro 1709
- Expedição mallograda do capitão Carlos Duclere contra o Rio de Janeiro. Seu desembarque no porto da Guaratiba (5 de Setembro), d'onde marchou por terra sobre esta capital. Encerrado finalmente no trapiche chamado da Ordem, alli capitula e se entrega prisioneiro de guerra com todos os seus (11 de Setembro). 1710
- Expedição de Duguay-Trouin contra a mesma cidade, sua occupação e resgate (desde 12 de Setembro, em que entrou nesta bahia, até o dia 13 de Outubro, em que se fez á véla para a França, levando um official, quatro guardas-marinhas, e perto de quinhentos soldados, que tinham ficado prisioneiros depois da derrota do capitão Duclere). Fundação de Villa Rica, hoje cidade do Ouro Preto, capital da Provincia de Minas Geraes. . 1711
- Tratado de Utrecht entre a França e Portugal, em que se fixão os limites do Brasil pelo Norte, debaixo da mediação da Inglaterra (11 de Abril). 1713
- Tratado de Utrecht entre Portugal e a Hespanha, em que pelos artigos 6 e 7 devia o Rio d' Prata ser o limite meridional do Brasil (6 de Fevereiro). 1715
- A igreja do Pará foi elevada á preeminencia de Bispado. 1719
- O Districto das Minas foi separado do governo de S. Paulo por carta régia de 21 de Fevereiro, e creado Capitania Geral com o titulo de *Minas Geraes* pelo alvará de

- 2 de Dezembro do mesmo anno, sendo nomeado primeiro governador e capitão-general da dita capitania de Minas Geraes D. Lourenço de Almeida. 1720
- A *Academia Brasilica dos Esquecidos* foi creada na Bahía de todos os Santos sob a protecção de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rei do Estado do Brasil. 1724
- A povoação de Cuyabá recebe o titulo de Villa 1726
- Primeiro diamante achado no districto do Serro do Frio por Antonio da Fonseca Lobo 1729
- A ilha de Santa Catharina fórma governo separado, mas subalterno ao do Rio de Janeiro 1738
- A povoação de Goyaz, sita nas margens do Rio Vermelho, teve o titulo de Villa Boa de Goyaz. 1739
- Em 19 de Setembro chegou a Belém (capital do Grao-Pará) *M. de La Condomine*, que descia do Perú, depois de concluida a sua viagem ao Equador para determinar a figura da terra, e partio para Cayena, recebendo todo o auxilio necessario para a sua viagem. 1743
- O SS. Padre Benedicto XIV, pela Bulla datada em Roma a 6 de Dezembro, instituiu, a pedido d'El-Rei D. João V, os Bispados de S. Paulo e de Marianna (na capitania de Minas Geraes), e as Prelazias de Goyaz e de Cuyabá (na capitania de Matto-Grosso) 1746
- Real Provisão de 9 de Maio, pela qual resol-

- veu El-Rei crear duas novas capitánias nos districtos de Goyaz e de Matto-Grosso, desannexando-os da capitania de S. Paulo, e dando esta por extincta. Ordem da mesma data incumbindo o governador de Santos do governo de S. Paulo subordinado ao Rio de Janeiro. Rodrigo Cesar de Menezes primeiro governador e capitão general nomeado para Goyaz 1748
- atado de Madrid fixando os limites das conquistas entre El-Rei D. João V de Portugal e D. Fernando VI da Hespanha (13 de Janeiro). Por morte de D. João V aos 31 de Julho subio ao throno de Portugal seu filho. 1750
- Resolução do conselho de 11 de Fevereiro mandando crear uma relação no Rio de Janeiro, mas só foi effectivamente creada pelo regimento de 13 de Outubro do mesmo anno, que é a sua lei organica. D. Antonio Rolim de Moura, primeiro governador e capitão general nomeado para a nova capitania de Matto-Grosso, chega a Cuyabá 1751
- Por carta regia de 29 de Abril extinguiu-se o titulo de Barão da Ilha Grande de Joannes na capitania do Grão-Pará, e passou a incorporar-se na corôa o inteiro, pleno e real dominio della, recebendo o barão que a possuia o titulo de Visconde de Mesquitella por carta datada de 28 de Maio do mesmo anno 1751
- Carta de lei mandando declarar nas cidades de Belem do Grão-Pará, e de S. Luiz do Maranhão, que os Indios fossem tidos como livres, e isentos de toda a escravidão 1751

- dão, podendo dispôr de suas pessoas como melhor lhes parecesse (6 de Junho). 1755
- O Piauí, governo separado com patente regia desde 1718, não começou a ter governadores senão no anno de . . . 1758
- Alvará de 19 de Janeiro declarando os Jesuitas banidos e proscriptos de Portugal; carta regia de 21 de Julho mandando prender e deportar os Jesuitas existentes no Brasil; alvará de 13 de Setembro do mesmo anno, publicado na Chancellaria em 3 de Outubro, declarando os Jesuitas rebeldes, traidores, desnaturalizados e proscriptos; em consequencia do que foram aquelles padres presos e mandados sahir de todos os lugares do Brasil, em que residião, no mez de Novembro . . . 1759
- O Rio Grande de S. Pedro do Sul forma governo separado, mas subalterno ao do Rio de Janeiro . . . 1762
- Mudança da capital do Estado do Brasil da Bahia de todos os Santos para o Rio de Janeiro. D. Antonio Alvares, Conde da Cunha, primeiro Vice-Rei e capitão general de mar e terra, nomeado para o Rio de Janeiro, chega a esta cidade de S. Sebastião, e toma posse do governo no dia 10 de Outubro de . . . 1763
- De ordem d'El-Rei fez o governador e capitão general do Pará, Fernando da Costa de Athayde Teive, construir a praça de S. José de Macapá pelo sargento-mór de engenheiros Henrique Antonio Galussi . . . 1764
- Resolução d'El-Rei D. José I mandando restaurar a capitania de S. Paulo (4 de Fevereiro). D. Luiz Antonio de Souza Bo-

- telho Mourão, morgado de Matheus, nomeado governador e capitão general para a mesma capitania, chega á villa de Santos (23 de Junho) 1765
- D. Antonio Rolim de Moura, segundo Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo em 17 de Novembro do anno de 1767
- O Marquez de Lavradio, D. Luiz de Almeida, terceiro Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo em 4 de Novembro 1769
- O tenente Candido Xavier de Almeida e Souza (depois tenente-general) descobre os campos de *Guarapuava*, que se estendem desde o Rio Itatú, em cujas margens esteve a antiga e demolida *Villa-Rica*, até as cabeceiras do Uruguay, e desde a serra dos Agudos até o rio Paraná (8 de Setembro) 1770
- A Sociedade Litteraria com o titulo de — Academia scientifica do Rio de Janeiro — estabelecida nesta capital em tempo e sob os auspicios do Marquez de Lavradio, celebra a sua primeira sessão publica no dia 18 de Fevereiro do anno de 1772
- Era Belem a capital e residencia do governador e capitão general das capitancias do Grão-Pará e do Maranhão, quando por Decreto de 7 de Maio foi desmembrada uma da outra, ficando reunidas e sujeitas ao governo geral da primeira as capitancias do Pará e Rio Negro, e ao da segunda as do Maranhão e Piauhy. . . . 1774
- Morte d'El-Rei D. José I (24 de Fevereiro). Sobee ao throno de Portugal sua filha D. Maria I. Tomada da ilha de Santa

- Catharina pelos Hespanhóes ao mando de D. Pedro Cevallos (27 de Fevereiro). Tratado preliminar de paz entre as corôas de Hespanha e de Portugal, fixando os limites do Brasil com as colonias hespanholas, assignado em S. Ildefonso (1º de Outubro). 1777
- Tratado de amizade, garantia e commercio entre as duas corôas de Hespanha e de Portugal, assignado no Pardo (11 de Março). Depois que os Hespanhóes evacuarão (no dia 30 de Julho) a ilha de Santa Catharina, tomou della posse em nome da Rainha o coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara no dia 4 de Agosto immediato 1778
- D. Luiz de Vasconcellos e Souza, quarto Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo em 5 de Abril 1779
- O tenente-coronel Manoel da Gama explorou o Rio Branco, e o descreveu com prolixa investigação, fazendo levantar a carta respectiva pelo engenheiro Dr. em mathematicas José Simões de Carvalho. 1787
- Projectada revolução de Minas; prisão dos indiciados mandada fazer pelo capitão general daquella capitania, que então era o Visconde de Barbacena. 1789
- D. José de Castro, Conde de Rezende, quinto Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo em 4 de Junho. 1790
- Achada do grande diamante da corôa de Portugal junto ao arroio do Abaeté 1800
- Carta régia expedida geralmente para todas as capitancias da America, inhibindo o uso de sepulturas dentro das igrejas, e

- mandando aos governadores, que, de accordo com os bispos, fizessem construir cemiterios em lugares separados, onde sem excepção se sepultassem todas as pessoas que fallecessem nas povoações (14 de Janeiro). Guerra na provincia do Rio Grande do Sul contra os Hespanhóes. Occupação dos sete povos das Missões da margem oriental do Uruguay por alguns aventureiros (de 3 a 28 de Agosto). D. Fernando José de Portugal, sexto Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo no dia 14 de Outubro. 1801
- Suspensão das hostilidades entre os Hespanhóes e Portuguezes na America, em virtude da paz celebrada em Amiens. . . . 1802
- D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, setimo e ultimo Vice-Rei nomeado para o Rio de Janeiro, toma posse do governo no dia 21 de Agosto. 1806
- O governo subalterno do Rio Grande do Sul foi elevado á categoria de capitania geral com o nome de Rio Grande de S. Pedro, ficando-lhe subordinado o governo da ilha de Santa Catharina, por carta régia de 19 de Setembro. Decreto do principe regente de Portugal declarando a sua intenção de mudar a cõrte para o Brasil, e creando a regencia, que devia governar o reino em sua ausencia (26 de Novembro). Partida de toda a familia real de Bragança de Lisboa para o Brasil, comhoiada por uma esquadra ingleza (29 de Novembro) 1807
- O principe regente de Portugal chega á Bahia (19 de Janeiro). Decreto assignado na Bahia franqueando os portos do Brasil

- a todas as nações em paz com Portugal (28 de Janeiro). O principe regente parte da Bahia, e chega ao Rio de Janeiro, onde se reúne com toda a real familia (7 de Março). Manifesto da côrte do Brasil expondo os motivos que a obrigarão a declarar a guerra ao Imperador dos Francezes (4º de Maio). Creação nesta côrte da academia dos guardas-marinhas (15 de Maio). Decreto renovando e augmentando a ordem da Torre e Espada, creada por El-Rei D. Affonso V (13 de Maio). Alvará com força de lei erigindo em villa a povoação de Porto Alegre, hoje cidade e capital da provincia do Rio Grande do Sul (foi a primeira villa creada no Brasil pelo principe regente depois da sua chegada a este Estado) (23 de Agosto). Carta régia mandando crear o banco do Brasil (12 de Outubro). . . . 1808
- Capitulação em virtude da qual o tenentecoronel Manoel Marques occupou no dia 14 de Janeiro a cidade de Cayena, e se apoderou de toda a Guyana Franceza, em nome do principe regente de Portugal (12 de Janeiro). 1809
- O Conde de Linhares por parte do principe regente de Portugal, e Lord Strangford por parte da Grã-Bretanha, assignarão o tratado de commercio e navegação entre ambas as potencias (19 de Fevereiro). Casamento do Infante de Hespanha D. Pedro Carlos com a Princesa da Beira, sua prima, nesta côrte (13 de Maio). Primeira missão fundada nos campos de Guarapuava em virtude da carta régia do 1º de Abril de 1809,

- debaixo do nome de povoação da Atalaia (17 de Junho). Creação da academia militar do Rio de Janeiro por carta de lei de 4 de Dezembro. 1810
- Em** Fevereiro e Março formou-se um exercito de observação nas fronteiras do Rio Grande do Sul, debaixo das ordens do governador e capitão general da mesma provincia D. Diogo de Souza Nascimento do Infante D. Sebastião, filho do Infante de Hespanha D. Pedro Carlos e da Princeza da Beira D. Maria Thereza, no Rio de Janeiro (4 de Novembro). 1811
- Inf**ausa morte de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, que tão sensível foi a todos os corações brasileiros (25 de Janeiro). Alvará dando regimento á relação do Maranhão, mandada crear pelas resoluções de 23 de Agosto de 1811, e 5 de Maio de 1812 (15 de Maio). Convenção de armistício em virtude da qual o general D. Diogo de Souza, com o exercito do seu commando, teve de retirar-se do territorio de Montevideo, que havia em grande parte occupado (26 de Maio). Nesse mesmo dia e anno, por aziaga coincidência, morreu no Rio de Janeiro o Infante D. Pedro Carlos, esposo da Princeza da Beira. A villa de S. Salvador de Campos foi condecorada com o titulo de baronato, conferido a D. Anna Francisca Maciel da Costa (17 de Dezembro). 1812
- M**orreu nesta capital a Serenissima Infanta D. Marianna, irmã da Rainha Fidelissima, com setenta e sete annos de idade (16 de Maio). Abrio-se pela primeira vez

- o real theatro de S. João, hoje de S. Pedro de Alcantara (12 de Outubro). Neste mesmo anno o habil engenheiro Barão de Eschwege foi encarregado, por ordem do principe regente, de explorar varias minas de ferro na provincia de Minas Geraes. 1813
- Decreto ordenando a livre entrada dos navios de todas as nações nos portos dos dominios portuguezes, e permittindo a sahida dos navios nacionaes para qualquer destino (18 de Junho) 1814
- Carta de lei elevando o principado do Brasil á categoria de reino unido aos de Portugal e Algarves (16 de Dezembro) . 1815
- Morte da Rainha Fidelissima D. Maria I (20 de Março). A divisão portugueza de voluntarios reaes do Principe chega ao Rio de Janeiro (30 de Março). A mesma divisão parte para o Sul (12 de Junho). As Princezas do Brasil, destinadas a casarem com o Rei e Infante de Hespanha, partem do Rio de Janeiro para Cadiz (3 de Julho). Decreto concedendo pensões aos artistas francezes, que vierão fundar no Brasil uma escola real de sciencias, artes e officios (12 de Agosto). Derrota de um troço de trezentos homens da columna de Fructuoso Rivera pelo major Manoel Marques de Souza, no passo de Chafalote (24 de Setembro). Combate entre as tropas de Artigas e as do mando do tenente-coronel José de Abreu no povo de S. Borja, em que aquellas foram batidas e dispersas (3 de Outubro). Outro combate entre o mesmo Artigas e o brigadeiro João de Deos Mena Barreto,

nas vizinhanças de Yuh nduy e Paipaes, em que o caudilho gaúcho foi completamente batido (19 de Outubro). Combate de India Morta entre a vanguarda da divisão de voluntarios reaes ao mando do marechal Sebastião Pinto de Araujo Corrêa, e uma forte columna de mais de dous mil gaúchos, dirigida por Fructuoso Rivera, que foi posto em completa fuga (19 de Novembro)

1816

Combate de Catalan entre a legião de S. Paulo e o corpo do tenente-coronel Abreu de um lado, e do outro uma columna de tres mil gaúchos commandados por La Torre, Verdun, e Moudragon, em que estes foram completamente batidos e derrotados (4 de Janeiro). Occupação da praça de Montevideo pelo general Lecor (20 de Janeiro). Revolução de Pernambuco (6 de Março). Morte do Conde da Barca nesta côrte (21 de Junho). Tratado com a França sobre a devolução de Cayena, e limites com o Brasil (28 de Agosto). O capitão Bento Manoel Ribeiro surprende na povoação de Belém e faz prisioneiro o chefe gaúcho Verdun com trezentos dos seus, levando consigo tão sómente quarenta lanceiros e cincoenta milicianos do Rio Pardo (15 de Setembro). A comarca das Alagôas, pertencente á provincia de Pernambuco, foi elevada a governo separado em virtude do decreto de 16 de Setembro. A Archiduqueza D. Carolina Josepha Leopoldina chega ao Rio de Janeiro (5 de Novembro), e desposa o Principe Real do reino unido o senhor D. Pedro de

- Alcantara, que foi o fundador do Império do Brasil. 1817
- Coroação e aclamação d'El-Rei D. João VI (6 de Fevereiro). Decreto da mesma data creando a nova ordem da Conceição de Villa Viçosa. O tenente-coronel Caetano Alberto de Souza Canavarro derrotou no arroio de Pando e suas immedições varias partidas de Fructuoso Rivera, nos dias 30 e 31 de Março, e 1º de Abril, ficando prisioneiro, além de outros muitos, o irmão do mesmo Rivera. O marechal Francisco das Chagas Santos ataca a povoação de S. Carlos, onde existia uma força de oitocentos gaúchos; bate-a completamente, apoderando-se da povoação, e ficando morto o caudilho Aranda com mais cem dos seus, e trezentos prisioneiros (7 de Abril). Decreto creando o musêo real, hoje nacional, do Rio de Janeiro (6 de Junho). O sargento-mór Antero José Ferreira de Brito faz prisioneiro os chefes gaúchos La Torre, Pancho e Talier, junto a Castilhos (16 de Junho). Cayena foi devolvida aos Francezes, e evacuada pelas tropas brasileiras (8 de Novembro). . . . 1818
- Nascimento da Princeza D. Maria da Gloria, hoje Rainha de Portugal com o nome de D. Maria II (4 de Abril). Alvará com força de lei dando estatutos á nova ordem da Conceição de Villa Viçosa, creada por decreto de 6 de Fevereiro do anno anterior (10 de Setembro). Neste mesmo anno celebrou-se uma convenção entre o Conde da Figueira, governador e capitão-general da provincia do Rio Gran-

- de do Sul, por parte da côrte do Rio de Janeiro, e o cabildo de Montevidéo, sobre limites entre esta provincia e a do Rio Grande, a cuja convenção se refere o Visconde de S. Leopoldo na sua Memoria sobre limites, pag. 17. 1819
- B**atalha de Taquarembó ganhada sobre os caudilhos La Torre e Sotello pelo Conde da Figueira e pelos brigadeiros José de Abreu e Bento Corrêa da Camara; ficando morto no campo o caudilho Sotello, quatro officiaes e setecentos e noventa e cinco inferiores e soldados do inimigo (22 de Janeiro). O formidavel caudilho D. José Artigas, refugiado no Paraguay, foi confinado á Aldêa de Curugnaty por ordem do dictador Francia. Alvará desanexando a villa de Lages da capitania de S. Paulo, a que pertencia, e incorporando-a na capitania de Santa Catharina (9 de Setembro). Chega no mez de Outubro ao Brasil a noticia da revolução de Portugal, que teve origem na cidade do Porto no dia 24 de Agosto, com o objecto de obter-se uma carta constitucional. Neste mesmo anno foi fundada na rua dos Barbonos desta capital a primeira igreja episcopal anglicana. 1820
- P**ronunciamento do Pará no mesmo sentido da revolução de Portugal (1º de Janeiro). Alvará com força de lei creando uma relação em Pernambuco com a mesma alçada e graduação que a do Maranhão (6 de Fevereiro). Pronunciamento da Bahia no mesmo sentido da revolução de Portugal (10 de Fevereiro). Nascimento do principe da Beira D. João Carlos (6

de Março). O collegio eleitoral do Rio de Janeiro, reunido na praça do commercio, é assaltado pela força armada que fez fogo sobre os cidadãos alli juntos, de que resultarão varias mortes e ferimentos graves (21 de Abril). Decreto pelo qual El-Rei nomêa o Príncipe Real D. Pedro de Alcantara Regente do reino do Brasil, e nelle seu lugar-tenente (22 de Abril). Partida d'El-Rei para Lisboa (26 de Abril). O general Luiz do Rego Barreto, governador e capitão-general da provincia de Pernambuco, leva um tiro de pistola, do qual ficou gravemente ferido (21 de Julho) Acta de incorporação de Montevidêo, debaixo da denominação de Estado Cisplatino ou Oriental, ao reino de Portugal, Brasil e Algarves (31 de Julho). Combate renhido entre as tropas do general Luiz do Rego e os liberaes de Pernambuco junto á cidade de Olinda, cujo resultado foi a capitulação que o mesmo general offereceu, e foi aceita (3 de Outubro). O general Luiz do Rego embarca para Portugal, deixando para sempre a provincia de Pernambuco (24 de Outubro) 1821

○ Príncipe Regente resolve-se a ficar no Brasil (9 de Janeiro). Morte do principe da Beira D. João Carlos, com onze mezes de idade (4 de Fevereiro). Embarque da divisão lusitana para Portugal (15 de Fevereiro). Decreto creando um conselho de procuradores das provincias do Brasil (16 de Fevereiro). Nascimento da princeza D. Januaria (11 de Março). O Príncipe Regente parte para a provincia

de Minas (25 de Março). Sua volta a esta capital (25 de Abril). Titulo de Defensor perpetuo do Brasil offerecido pela camara e povo, e aceito pelo Principe Regente(13 de Maio). Installação do conselho de procuradores das provincias do Brasil (2 de Junho). Decreto convocando uma assembléa constituinte e legislativa para o reino do Brasil (3 de Junho.) O Principe Regente parte para a provincia de S. Paulo (14 de Agosto). O grito do Ypiranga (7 de Setembro). O principe volta de S. Paulo e chega a esta capital (15 de Setembro). Acclamação do Senhor D. Pedro I como Imperador Constitucional e Defensor perpetuo do Brasil (12 de Outubro). Acto solemne da coroação do mesmo augusto Senhor; creação e instituição da imperial ordem do Cruzeiro do Sul, primeira ordem americana creada no Brasil (1° de Dezembro) 1822

Nascimento da princeza D. Paula (17 de Fevereiro). Abertura da assembléa constituinte (3 de Maio). Os Portuguezes evacuação a cidade de S. Salvador na Bahia de todos os Santos (2 de Julho). Dissolução da assembléa constituinte (12 de Novembro). Capitulação de Montevidéo entre o general D. Alvaro e o Barão da Laguna (18 de Novembro). Os tres irmãos Andradas e mais tres deputados da assembléa constituinte sahem deportados para a França (20 de Novembro). Decreto nomeando uma commissão especial, ou conselho de estado, composto de dez individuos, afim de organizar uma constituição que merecesse a approvação imperial (26 de Novembro) 1823

Revolução de Pernambuco em virtude da prisão de Manoel de Carvalho Paes de Andrade (20 de Março). Juramento da constituição (25 de Março). Neste mesmo dia foi o incendio do theatro de S. Pedro de Alcantara, que o reduzio a cinzas. Manoel de Carvalho, intruso presidente de Pernambuco, proclama o governo republicano (24 de Julho). Nascimento da princeza D. Francisca (2 de Agosto). O brigadeiro Francisco de Lima e Silva entra na cidade do Recife, e occupa o bairro de Santo Antonio (12 de Setembro). Combate da Boa Vista (13 de Setembro). As tropas imperiaes occupão finalmente o bairro de S. Pedro Gonçalves e a cidade de Olinda, em virtude da retirada dos rebeldes (17 de Setembro). Assassinato do commandante das armas da Bahia Felisberto Gomes Caldeira (25 de Outubro). 1824

Lavalleja salta no porto das *Vaccas* (19 de Abril), e subleva a provincia de Montevideo. Tratado e convenção de 29 de Agosto, em virtude dos quaes a independencia do Brasil foi solemnemente reconhecida pelo Senhor D. João VI. Combate de Sarandy, em que as tropas brasileiras ao mando de Bento Manoel Ribeiro foram derrotadas por Lavalleja (12 de Outubro). Carta de lei pela qual o Senhor D. João VI declara aos Brasileiros que cedera a seu filho D. Pedro os seus direitos sobre o Brasil, reservando sómente para si o titulo de Imperador (15 de Novembro). Nascimento do Senhor D. Pedro II (2 de Dezembro). Manifesto do Se-

- nhor D. Pedro I, expondo as razões que tem para declarar a guerra á republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (10 de Dezembro) 1825
- Tratado perpetuo de amizade e garantias entre a França e o Brasil (8 de Janeiro). Partida do Imperador para a Bahia (3 de Fevereiro). Morte do Sr. D. João VI em Lisboa (10 de Março). O imperador volta da Bahia e chega a esta côrte (1º de Abril). Acto solemne pelo qual o Senhor D. Pedro IV abdicou a corôa de Portugal em sua filha primogenita a Princesa do Grão-Pará D. Maria da Gloria (3 de Maio). Reunião e abertura da primeira assembléa legislativa do Imperio do Brasil (6 de Maio). O Imperador parte para o Rio Grande do Sul com o fim de animar a guerra contra os Argentinos (24 de Novembro). Morte da Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina (11 de Dezembro). 1826
- O Imperador volta do Rio Grande a esta côrte (15 de Janeiro). Desastre da esquadrilla brasileira do Uruguay ao mando do capitão de fragata Jacintho Roque de Sena Pereira (9 de Fevereiro). Batalha de Ituzaingo, chamada do Passo do Rosario (20 de Fevereiro). Decreto creando a —Ordem de Pedro I, Fundador do Imperio do Brasil — com o fim de marcar de uma maneira distincta a época em que foi reconhecida a independencia deste vasto Imperio (16 de Abril). Convenção celebrada nesta côrte por Manuel José Garcia, ministro plenipotenciario de Buenos-Ayres, que a isto veio

- expressamente; cuja ratificação foi negada pelo governo daquella republica (24 de Maio). Carta de lei creando dous cursos juridicos em Olinda e S. Paulo (11 de Agosto). Installação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional (19 de Outubro). Decreto da assembléa geral approvando a elevação das prelasias de Goyaz e de Cuyabá a bispados por bulla do summo pontifice Leão XII, que começa—*Sollicita Catholicae Gregis cura*— (3 de Novembro). Tratado de commercio e navegação entre o Brasil e a Grãa-Bretanha (10 de Novembro). 1827
- Sublevação das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro (11 de Junho). A Rainha de Portugal a Senhora D. Maria II parte para a Europa, acompanhada pelo Marquez de Barbacena (5 de Julho). O contra-almirante Barão Roussin chega ao Rio de Janeiro para reclamar os navios francezes tomados pela esquadra brasileira no Rio da Prata (6 de Julho). Tratado preliminar de paz entre o Brasil e Buenos-Ayres, no qual se fixa terminantemente a independencia de Montevideo (28 de Agosto). O supremo tribunal de justiça, mandado estabelecer pelo artigo 163 da constituição, foi definitivamente creado pela carta de lei de 18 de Setembro, que é o seu regimento. 1828
- Decreto suspendendo as garantias na provincia de Pernambuco (27 de Fevereiro). Chegão ao Rio de Janeiro as Senhoras D. Maria II. Rainha de Portugal, e D. Amelia, Duqueza de Leuchtenberg, segunda esposa do Senhor D. Pedro I (16 de

- Outubro). Creação da ordem militar e civil da Rosa (17 de Outubro) 1829
- Assassinato do Visconde de Camamu, presidente da provincia da Bahia (28 de Fevereiro). Novo código criminal para o Imperio do Brasil (16 de Dezembro). O Imperador parte para a provincia de Minas Geraes com a Imperatriz (30 de Dezembro) 1830
- Celebre proclamação do Ouro Preto (22 de Fevereiro). O Imperador regressa de Minas e chega ao paço de S. Christovão (11 de Março). A noite das *garrafadas* (14 de Março). Abdicação do Senhor D. Pedro I em seu augusto filho o Senhor D. Pedro II (7 de Abril). Nomeação da regencia provisoria (id.). O Senhor D. Pedro II vem para o paço da cidade no meio das aclamações e enthusiasmo geral do povo (9 de Abril). Eleição da regencia permanente pela assembléa geral (17 de Junho). Sedição da tropa no campo de Santa Anna (14 e 15 de Julho). Prisão e deportação tumultuaria do Visconde de Goyana, presidente da provincia do Pará (7 de Agosto). Sedição militar e popular na capital do Maranhão, de que resultarão muitas perseguições, e a expulsão de alguns magistrados e pessoas notaveis para fóra da provincia (13 de Setembro). Horrora sedição da tropa em Pernambuco, chamada a *Setembrisada* (14, 15 e 16 de Setembro). Sublevação do corpo de artilharia de marinha na ilha das Cobras, e em outras fortalezas desta bahia (7 de Outubro). Motim popular no Maranhão contra o presidente da provincia,

o qual sendo suffocado na capital, foi reaparecer no interior, e só acabou em Abril do seguinte anno (19 de Novembro). Nascimento da Princesa D. Amelia em Pariz (4º de Dezembro). Levantamento de Pinto Madeira no Ceará (14 de Dezembro). Primeiro encontro de armas no engenho Burity (27 de Dezembro). A academia de Bellas-Artes foi definitivamente organizada pelo decreto de 31 de Dezembro 1832

Movimentos populares no Rio de Janeiro (3 e 17 de Abril). Sedição da tropa e assassinato do commandante militar do Rio Negro, coronel Joaquim Felippe Reis (12 de Abril). Movimento de Pernambuco em consequencia do qual começa no interior a guerra chamada dos Cabanos (14 de Abril). Acta da independencia da comarca do Rio Negro, constituindo-se como provincia separada do Pará (23 de Junho). Resignação da regencia permanente, que não foi aceita pela camara dos deputados (30 de Julho). Demissão do ministerio Feijó e Vasconcellos (id.) Carta de lei determinando que as Academias Medico-Cirurgicas do Rio de Janeiro e da Bahia sejam denominadas Escolas ou Faculdades de Medicina e Cirurgia, e lhes da nova organização (3 de Outubro). Codigo do processo criminal de primeira instancia (29 de Novembro). Instrucções para a execução do codigo do processo criminal (13 de Dezembro) . 1833:

Morte da Princesa D. Paula (16 de Janeiro). **Revolução do Ouro Preto** (22 de Março). **Matança do Para**, assassinato do nego-

ciente Jalles, etc. (16 de Abril). O deputado Venancio Henrique de Rezende propõe o banimento do Ex-Imperador (28 de Junho). Installação da sociedade Militar do Rio de Janeiro (11 de Agosto). Sedição militar contra o presidente do Ceará, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, que foi logo abatada (10 de Novembro). A casa em que a sociedade Militar fazia as suas reuniões foi invadida pela gentaglia e despedaçados todos moveis: algumas typographias foram arrojadas á rua, e quebradas as vidracas de varias casas das pessoas mais conspicuas desta capital (5 de Dezembro). Prisão do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, tutor de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II e de suas Augustas Irmãs, mandada executar por ordem do governo dentro do proprio paço da Boa Vista (15 de Dezembro). 1833

Anarchia e matança de Cuyabá (30 de Maio a 5 de Julho). Passa na camara dos deputados o projecto de banimento do Ex-Imperador (3 de Junho). O mesmo projecto cahio em primeira discussão no senado por grande maioria (18 de Junho). Reforma da constituição, chamada acto adicional (lei de 12 de Agosto). Chega em Novembro a noticia da morte do Duque de Bragança, acaecida a 24 de Setembro em Lisboa. Assassinato juridico do coronel Joaquim Pinto Madeira na villa do Crato (28 de Novembro). . . . 1834

Assassinatos do presidente, do commandante das armas, e do chefe da estação naval do Pará (7 de Janeiro). Assassinato

de Malcher, presidente intruso do Pará, em consequencia do que Vinagre assume a autoridade civil e militar da mesma provincia (26 de Fevereiro). Decreto elevando a sociedade de Medicina do Rio de Janeiro á honra e primazia de Academia Imperial de Medicina (18 de Maio). Fundação da Sociedade Philharmonica do Rio de Janeiro (24 de Agosto). Revolução do Rio Grande do Sul (20 de Setembro). Manifesto do coronel Bento Gonçalves da Silva, chefe daquella revolução (25 de Setembro). O padre Diogo Antonio Feijó presta o juramento constitucional como primeiro regente unico do Acto addicional (12 de Outubro). Carta de lei reconhecendo a Senhora D. Januaria como Princesa Imperial e successora do throno do Brasil (30 de Outubro). A guerra dos Cabanos termina em Pernambuco e nas Alagoas pela influencia do bispo daquella diocese, e do major Joaquim José Luiz de Souza, no mez de Novembro. A sociedade de Colonisação do Rio de Janeiro deu principio a seus trabalhos em uma das salas da Academia Militar no dia 13 de Dezembro. A Academia Imperial de Medicina foi solemnemente installada no paço da cidade em presença do Imperador, da côrte e de um luzido concurso de pessoas convidadas para este acto no dia 21 de Dezembro 1835.

Derrota do coronel Albano e do major Marques em Pelotas, de que resultou ficarem ambos prisioneiros dos rebeldes (6 de Abril). O brigadeiro Andréa entra na

cidade de Belém, depois de a haver mandado occupar por uma columna de infantaria e de artilharia, e pe'a marinha (13 de Maio). A Senhora D. Januaria presta no senado o juramento constitucional como Princeza Imperial, depois do acto solemne de seu reconhecimento em virtude da carta de lei que a declarou successora do throno do Brasil depois do Senhor D. Pedro II, e de sua legitima descendencia (31 de Maio). Reacção effectuada na cidade do Porto Alegre contra os rebeldes, que a occupavão (15 de Junho). Combate do Faanha, de que resultou a prisão de Bento Gonçalves, intitulado Presidente da Republica Rio-Grandense (2, 3 e 4 de Outubro). 1838

Defecção do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, commandante das armas da provincia do Rio-Grande do Sul, que começou prendendo o de igual classe Antero José Ferreira de Brito, presidente da mesma provincia, no passo de Tapevy (23 de Março) Perda de Caçapava, e de toda a força que commandava o coronel João Chrysostomo (8 de Abril). Fuga de Bento Gonçalves da Bahia (10 de Setembro). Renuncia que fez o padre Diogo Antonio Feijó do cargo de regente: o ministro do imperio Pedro de Araujo Lima entra como regente interino na fórma da constituição (19 de Setembro). Revolução na cidade da Bahia (7 de Novembro). Decreto convertendo o seminario de S. Joaquim em collegio de instrucção secundaria, debaixo da denominação

- de — Collegio de D. Pedro II (2 de Dezembro) 1857
- Combate e derrota dos rebeldes da Bahia (16, 17 e 18 de Março), de que se seguiu a completa pacificação de toda a provincia. Morte do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva no mesmo dia em que, sete annos antes, tinha sido nomeado pelo Senhor D. Pedro I tutor de seus Augustos Filhos (6 de Abril). Assassinato do presidente do Rio Grande do Norte, Manoel Ribeiro da Silva Lisboa (11 de Abril). Combate e derrota dos imperialistas, commandados pelo marechal Barreto-e brigadeiro Cunha e Calderon, na villa do Rio Pardo (30 de Abril). Abertura do collegio de Pedro II debaixo da direcção do bispo de Anemuria, seu primeiro reitor (1º de Maio). Fundação e installação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cujos Estatutos forão approvados por aviso de 4 de Abril do anno seguinte (21 de Outubro). Rebelião de Raymundo Gomes na villa da Manga do Iguará, comarca de Itapicurú-mirim, na provincia do Maranhão (14 de Dezembro). 1838
- Perda de duas canhoneiras imperiaes tomadas pelos rebeldes do Rio Grande no rio Cahy (31 de Janeiro). Retirada precipitada do marechal Antonio Elizario, presidente e commandante das armas da mesma provincia, chamada do Cahy (2 de Fevereiro). O Maranhão assolado pelos bandos de Raymundo Gomes: Caxias tomada por estes bandos e saqueada (1º de Junho). O caudilho re-

- belde David Canavarro occupa a villa da Laguna (23 de Julho), e toda a provincia de Santa Catharina, á excepção da ilha do mesmo nome. O capitão de mar e guerra Frederico Mariath retoma a Laguna com a sua esquadilha (15 de Novembro) 1839
- Combate do Taquary entre uma brigada do exercito imperial, ao mando do tenente-general Manoel Jorge Rodrigues, e os rebeldes dirigidos por Bento Gonçalves (3 de Maio). Projecto apresentado no senado para a maioria do Senhor D. Pedro II (13 de Maio). Ataque da villa de S. José do Norte por Bento Gonçalves e Canavarro com mil e duzentos homens (16 de Julho). Adiamento das camaras: reunião no senado, e nova convocação da assembléa geral (22 de Julho). Proclamação da maioria e juramento do Imperador no paço do senado (23 de Julho). Nomeação do primeiro ministério formado pelo Imperador no exercicio de suas altas attribuições (24 de Julho). Decreto de amnistia geral (22 de Agosto). Missão do deputado Alvares Machado ao Rio Grande do Sul; os rebeldes não aceitam a amnistia. Alvares Machado, nomeado presidente da mesma provincia, rompe com os rebeldes a sua missão de paz (8 de Dezembro). Renovão-se as hostilidades (10 de Dezembro). 1840
- Demissão do primeiro ministério nomeado pelo Imperador em maioria (23 de Março). Pacificação do Maranhão por effeito da amnistia geral. Carta de Lei reconhecendo a Senhora D. Maria Aze-

- lia, filha legitima do Senhor D. Pedro e da Senhora D. Amélia de Leachtemberg, como Princesa do Brasil (5 de Julho). Sagração e coroação do Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil (18 de Julho).
- Continúa a revolução no Rio Grande do Sul. Tentativa de assassinato na Parahyba do Norte. Creação do conselho de estado. Reforma do código do processo. Novo ministério. 1841
- Revolução em S. Paulo. Procedimento do padre Feijó. Expedição do Barão de Caxias. Revolução em Minas. O Barão de Caxias vence em Santa Luzia 1842
- Novo ministério. Casamento de S. M. o Imperador. 1843
- Sobe ao poder o partido liberal. O presidente da provincia das Alagoas é obrigado a fugir. O Barão de Caxias pacifica a provincia do Rio-Grande do Sul 1844
- Viagem de S. M. o Imperador ás provincias do Rio-Grande do Sul, Santa Catharina e S. Paulo. Grande secca na provincia do Ceará 1845
- Mudança de ministério. Termina a secca no Ceará 1846
- Novo ministério. Creação da presidencia do conselho de ministros. Fallecimento do principe imperial D. Affonso 1847
- Ultimo ministério da situação liberal. Subida do partido conservador. Arrebenta a revolução em Pernambuco 1848
- A revolução é suffocada em Pernambuco . 1849
- Fallecimento do principe D. Pedro Affonso,

- segundo filho de S. M. o Imperador. Supressão do trafico de Africa os. Promulgação do novo codigo do commercio. Negociações com o Paraguay 1850
- Complicação com o Estado Oriental. O Conde de Caxias passa a fronteira á frente de um exercito. Occupação de Montevidéo. 1851
- Guerra com a Confederação Argentina. Quêda do dictador Rosas. Formação de um novo ministerio conservador. 1852
- Iniciação de grandes processos economicos. Creação do Banco do Brasil Abertura do porto de Albuquerque, em Matto Grosso. 1853
- O ministerio do Marquez do Paraná. Primeira estrada de ferro no Brasil. 1854
- Retira-se a estação naval brasileira de Montevidéo. 1855
- Permitte-se a livre cabotagem aos navios estrangeiros em Matto-Grosso até o porto de Albuquerque. Morte do Marquez de Paraná. Ministerio do Marquez de Caxias. 1856
- Ministerio do Marquez de Oinda. Medidas financeiras de Souza Franco. Crise bancaria. 1857
- Ministerio do Visconde de Abaeté. Medidas financeiras de Salles Torres Homem. 1858
- Novo ministerio. Viagem de S. M. o Imperador ás provincias do norte do Brasil. 1859
- S. M. o Imperador volta á capital do Imperio. Creação do ministerio da agricultura. 1860
- Novo ministerio presidido pelo Marquez de Caxias. Naufragio da barca ingleza *Prince of Wales* 1861
- Prisão de alguns officiaes da marinha ingleza. Procedimento violento do ministerio inglez 1862

- Solução das questões com a Inglaterra.
Felicitação da Camara dos Deputados a
S. M. o Imperador. Complicações com
o Estado-Oriental. 1863
- Formação de um novo ministerio. Missão
Saraiva. Bloqueio de Salto e Paysandú. 1864
- Ministerio de Francisco José Furtado. O ge-
neral Flôres Intervenção do presidente
Lopez. Crise commercial no Brasil. Rom-
pimento com o Paraguay. O presidente
Lopez declara guerra á Confederação
Argentina. Invasão da provincia de
Matto-Grosso. Missão Paranhos. Ren-
dição de Montevidéo. Missão Octaviano.
Tratado da triplíce alliança. Expedição
de Matto-Grosso. Batalha de Riachuelo.
Invasão do Rio-Grande do Sul. Capitu-
lação de Uruguayina. Viagem de S. M.
o Imperador ao Rio-Grande. 1865
- O general Osorio desembarca no territorio
inimigo. Sanguinolenta batalha de Tuyuti.
O general Polydoro substitue ao Barão
de Herval. Tomada de Curuzú. Entre-
vista dos generaes alliados com o pre-
sidente Lopez em Yataity-Cora. Desastre
de Curupaity. Formação de um novo
ministerio. Nomeação do Marquez de
Caxias para dirigir as operações contra
o Paraguay. 1866
- Desastrosa retirada da Laguna. Passagem
de Curupaity. Villa del Pilar. Potreiro
Ovelha. Tuyi. Assassinato do general
Flôres. O Marquez de Caxias assume o
commando em chefe das forças alliadas.
Passagem de Humaitá. Occupação do
Chaco. 1867

- Rendição de Humaitá. Quêda da situação progressista. Subida do ministerio conservador presidi lo pelo Visconde de Itaboraahy. Batalhas de Itororó, Avahy, Lomas Valentinas e Angostura. Tomada de Assumpção. O Marquez de Caxias resigna o commando e retira-se para o Brazil. 1868
- S. A. o Sr. Conde d'Eu foi nomeado commandante em chefe das tropas brasileiras no Paraguay. Combate de Jejuy. O general Menna Barreto ap'leira-se de Sapucaia. Sua Alteza ganha a batalha de Pirabebuy, toma o grande arsenal de Caacupé e derrota os Paraguayos em Campo-Grande 1869
- O general Camara vence em Naranjay o presidente Lopez, que, fugindo, é morto na margem do Aqudaban. Installação de um governo provisorio do Paraguay. Sua Alteza retira-se para o Brasil. Segundo ministerio conservador em 29 de Setembro. 1870
- Fallece em Vienna a 7 de Fevereiro a Serenissima Princeza D. Leopoldina, duqueza de Saxe. Terceiro gabinete conservador em 7 de Março. Primeira viagem de S. M. o Imperador a Europa em 23 de Maio. S. A. a Princeza Imperial assumio a regencia. Promulgação da lei do elemento servil em 28 de Setembro. 1871
- Negociações paraguayas. Accôrdo de 19 de Novembro. Principio do conflicto religioso 1872
- Prisão dos bispos do Pará e de Pernambuco 1873

- Amnistia dos bispos encarcerados. Introducção do systema metrico. Telegraphos. 1874
- Grandes inundações no norte do Brasil. Ultimo ministerio conservador sob a presidencia do Duque de Caxias. Nascimento do Principe do Grão-Para. 1875
- Segunda viagem de S. M. o Imperador aos Estados Unidos e Europa. Segunda regencia de S. A. a Princeza Imperial. S. M. o Imperador inaugura a exposição internacional de Philadelphia 1876
- Ascensão da situação liberal. Ministerio Sinimbú em 1 de Janeiro 1878
- Segundo ministerio liberal. Reforma da legislação eleitoral em discussão. . . 1880

FIM DO INDICE CHRONOLOGICO.

INDICE DAS MATERIAS.

Introdução Pag.

CAPITULO PRIMEIRO.—1500—1531.

I. Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral.	1
II. Primeiras explorações das terras do Brasil.	5
III. Martim Affonso de Souza navega por toda a costa desde o Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, e volta a fundar a colonia de S. Vicente. Duarte Coelho Pereira expulsa os Francezes de Itamaracá.	8
IV. Descrição geral desta vasta região.	10
V. Character, usos e costumes dos habitantes naturaes do Brasil.	16

CAPITULO SEGUNDO.—1532—1580.

I. Capitánias hereditarias estabelecidas no Brasil no reinado d'El-Rei D. João III	27
II. Estado das outras Capitánias. Chegada ao Brasil de Thomé de Souza, primeiro governador geral.	37
III. Influencia da religião no Brasil. Estado do clero da colonia. Segundo e terceiro governadores geraes.	42

- IV. Tentativa dos francezes para se estabelecerem no Brasil. Expedição de Nicoláo Durand de Ville-gaignon. Expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro. Fundação da cidade de S. Sebastião. 76
- V. Divisão do Brasil em dous governos distinctos. Transmigração dos Tupinambás. O Brasil reunido de novo debaixo de um so governo. Acontecimentos que fazem passar o reino de Portugal e suas colônias para o dominio da Hespanha. 56

CAPITULO TERCEIRO—1580—1640.

- I. Estado do Brasil na época em que passou para o dominio da Hespanha. Diversas incursões dos piratas inglezes. Novas indagações sobre as minas de prata do Brasil. O fabuloso paiz—EL DORADO 62
- II. Administração de Pedro Botelho. Aliança dos Aymorés. D. Diogo de Menezes. Fundação do Ceará. Estabelecimento dos Francezes no Maranhão. Gaspar de Souza. 68
- III. Expedições de Jeronymo de Albuquerque, e de Alexandre de Moura. Expulsão dos Francezes da ilha e costa do Maranhão. Conquista do Grão-Pará, e fundação da cidade de Belém. Creação do novo Estado do Maranhão. 71
- IV. Os Hollandezes invadem o Brasil. Occupação da cidade de S. Salvador. Expulsão dos Hollandezes. Desastre das esquadras hespanhola, portugueza e hollandeza. Incursões parciaes. Crueldade commettida contra os Indios. 75
- V. Segunda expedição hollandeza contra o Brasil. Occupação de Olinda e do Recife. Campo Real do Bom-Jesus. Surpresa do general Loncq. Ataque de Olinda pelos Portuguezes. 81
- VI. A guerra mu'la de aspecto. Combate naval. Incendio de Olinda. Calabar abandona os Portuguezes. Consequencias funestas da sua traição. Morte do general hollandez Reimbach. Rasgo patriotico de Jaguarary. Os Palmares. Conquista da Parahyba pelos Hollandezes. Occupação do Pontal de Nazareth. 86

- VII. Ultimos esforços dos Portuguezes em Pernambuco. Emigração e abandono da Provincia. Occupação de Porto Calvo. Supplicio de Calabar. Albuquerque é chamado á Europa. Rebello, Camarão e Henrique Dias. Segunda emigração de Pernambuco. Mauricio de Nassau. Derrota dos Portuguezes em Porto Calvo. Fuga de Bagnuolo. Segunda invasão da Bahia. Retirada de Nassau. Outras conquistas dos Hollandezes. 97
- VIII. Estado politico das provincias do Maranhão. Viagem de Teixeira pelo Amazonas até Quito. Sua volta a Belém. O Conde da Torre. O Marquez de Montalvão, primeiro Vice-Rei nomeado para o Brasil. Revolução de Portugal. 100

CAPITULO QUARTO.—1641—1654.

- I. O Brasil entra de novo no dominio Portuguez. Mauricio de Nassau deixa o governo da colonia, e volta para Hollanda. Decadencia do Brasil hollandez. O Maranhão e o Ceará libertão-se dos Hollandezes. Conspiração de Pernambuco descoberta. João Fernandes Vieira reúne os seus amigos e toma as armas. 107
- II. Vieira é reconhecido chefe dos independentes de Pernambuco. Combate de Tabocas. Junção de Vidal, Moreno, Henrique Dias, e Camarão, com João Fernandes Vieira. Combate naval de Tamandaré. Ataque e tomada da casa forte por Vieira e Vidal. O general Huss prisioneiro. 112
- III. Compra da fortaleza de Nazareth. Ataque de Itamaracá. Traição dos transfugas Hollandezes. Vieira queima as suas proprias plantações. Conspiração contra Vieira. Sua magnanimidade. O general Sigismundo chega com uma frota hollandeza ao Recife. 116
- IV. Proposição de amnistia. Resposta de Vieira. Sigismundo é batido e ferido. Tomada da ilha de Itaparica. Morte de Rebello. O Conde de Villapouca vem render a Telles da Silva. Francisco Barreto de Menezes toma o mando do exercito de Pernambuco. Batalha dos Guararapes. Triumpho dos Pernambucanos. 121

- V. Apoderão-se os Holandezes de Onnda. Sortida do general Brinck. Sigismundo devasta de novo as costas da Bahia. Morte de Camarão. Segunda batalha dos Guararapes. Derrota e morte do general Brinck. O Conde de Castello-melhor Vice-Rei do Brasil. Continuação do cerco do Recife. 126
- VI. A esquadra de Magalhães surge em Nazareth. Conselho de guerra. Bloqueio do Recife. Ataque das obras exteriores por Vieira. Ataque das Cinco-Pontas. Motim do povo e da guarnição do Recife. Capitulação dos Holandezes. Todo o Brasil entra no dominio da corôa de Portugal. 131

CAPITULO QUINTO.—1664—1807.

- I. Tratado de paz de 1660 entre Portugal e a Hollanda. O Principe D. Pedro, Regente de Portugal. Tratado de paz de 1668 entre Portugal e a Hespanha. Estado do Brasil. Os Paulistas ou Mamelucos do Brasil durante o seculo xvii 135
- II. A ilha de Santa Catharina. Povoação das Alagôas. Fundação da Colonia do Sacramento. Sabará e Villa Rica. Guerra civil. Antonio de Albuquerque, governador do Districto das Minas. Destruição completa dos Palmares. 142
- III. Bispados do Brasil. Expedição mallograda de Duclerc. Duguay-Trouin toma a cidade do Rio de Janeiro, que foi depois resgatada pelos seus habitantes 147
- IV. Tratado de Utrecht. A cidade de Marianna. Villa do Cuyabá. Villa Boa de Goyaz. Primeiro diamante achado no Brasil. Tratado de 1750. O Marquez de Pombal. Extinção dos Jesuitas. 153
- V. Influencia da administração de Pombal sobre o Brasil. Guerras do Sul. Santa Catharina e a Colonia do Sacramento cahem em poder dos Hespanhóes. Dona Maria I. Quêta do Marquez de Pombal. Tratados de 1777 e 1778. O Arraial do Tejuco. Grande diamante da corôa de Portugal. 157
- VI. Projecto de revolução em Minas. O Principe D. Joao Regente de Portugal. Estado do Brasil no fim do seculo xviii. Guerra de 1801. Transmigração da familia real de Bragança para o Brasil. 162

CAPITULO SEXTO.—1808—1821.

- I. A familia real chega ao Brasil. Entusiasmo geral. Os portos do Brasil abrem-se a todas as nações amigas. Novos e importantes estabelecimentos. Tomada e occupação de Cayenna. D. Rodrigo de Souza Coutinho. Os aventureiros que acom anhão a familia real. O Brasil elevado á categoria de reino 171
- II. Evolução e independencia de Buenos-Ayres. Exercito de observação nas fronteiras do Rio Grande. Campanhas de 1811 e 1812. Armistício. A divisão portugueza de voluntarios d'El-Rei. Campanhas de 1816 e 1817. Occupação de Montevidéo e da Colonia do Sacramento. 175
- III. Morte da Rainha. Revolução de Pernambuco. Causas principaes deste acontecimento. Conselho de guerra. Morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro. O governador capitula no forte do Brum, e parte para o Rio de Janeiro. Governo provisório. 181
- IV. A Parahyba e o Rio Grande do Norte. Comissões ao Ceará e á Bahia. Funestos resultados. Bloqueio de Pernambuco. O marechal Cagominho e as tropas da Bahia. Reacção nas Alagoas, no Rio Grande e na Parahyba. Combate de Ipojuca. Dissolve-se o governo republicano. Os patriotas são remetidos para a Bahia. Novas execuções naquella cidade. Luiz do Rego chega a Pernambuco. Outros supplicios. A Alçada 185
- V. Proseguem as hostilidades no Sul. Varios combates. Convenção de 1819. Artigas retido no Paraguay. Definitiva incorporação de Montevidéo ao reino unido de Portugal, Brasil e Algarves. . . . 197
- VI. Revolução de Portugal em 1820. Seus effeitos no Brasil. O Pará e a Bahia pronuncião-se pela futura constituição portugueza. Soltura dos presos de Pernambuco. Conducta de Luiz do Rego. Acontecimentos do Rio de Janeiro. A tropa e o Príncipe Real. Reunião eleitoral. Os tiros da Praça do Commercio. El-Rei embarca para Portugal. D. Pedro Regente do Brasil. 203

CAPITULO SETIMO.—1821—1831.

- I.** Primeiros actos do Príncipe Regente. Influencia das tropas portuguezas. Effeitos das medidas legislativas tomadas pelas côrtes de Lisboa ácerca do Brasil. S. Paulo e o Rio de Janeiro se pronuncião contra a partida do Príncipe. Embarque da divisão lusitana. Convocação de um conselho de procuradores das provincias. Novas desordens em Pernambuco e na Bahia..... 212
- II.** Uma esquadra portugueza chega ao Rio de Janeiro. Sua volta. Viagem do Príncipe a Minas. O titulo de Defensor Perpetuo. Convocação da Assembléa Constituinte. Manifestos. Viagem a S. Paulo. O grito do Ypiranga. O Príncipe é aclamado Imperador do Brasil. Coroação..... 219
- III.** Sete deputados brasileiros abandonão as côrtes de Lisboa. Lord Cochrane entra no serviço do Brasil. Os Portuguezes evacuaõ a Bahia. Cochrane segue a esquadra portugueza alguns dias, e volta sobre o Maranhão. Successos do Maranhão e do Pará. Horrivel catastrophe. A divisão lusitana capitula e evacua Montevidéo. A Assembléa Constituinte do Brasil. Demissão do Ministerio dos Andradas. Dissolução da Constituinte. Deportação de seis deputados..... 226
- IV.** Manifesto relativo á dissolução da Constituinte. Mediação da Inglaterra. Primeiras negociações ácerca do reconhecimento da Independencia por Portugal. Revolução de Pernambuco. Acontecimentos subsequentes. Pacificação completa do Norte. Execuções. Lord Cochrane torna ao Maranhão. Contribuição forçada. Sua volta para Inglaterra. Motim militar na Bahia. Assassinato do governador das armas..... 235
- V.** O tratado de 29 de Agosto. Reconhecimento da Independencia. Revolução de Montevidéo. Defecção de Fructuoso Rivera. Batalha de Sarandy. Declaração de guerra entre o Brasil e Buenos-Ayres. D. Pedro vai á Bahia. Morte de D. João VI. D. Pedro abdica a corôa de Portugal. Primeira Assembléa Geral Legislativa. Operações no Rio da Prata. Viagem ao Rio Grande. Morte da Imperatriz. Volta de D. Pedro..... 242

- VI. Patalha de Ituzaingo. Combate naval do Uruguay. Convenção de 1827, que Buenos-Ayres não ratificou. Continuação das hostilidades. Tratado preliminar de paz entre o Brasil e Buenos-Ayres. Negocios de Portugal. A sessão legislativa de 1829. A Princesa Amelia de Leuchtemberg. Sessão legislativa de 1830. Effeito no Brasil da revolução franceza dos tres dias de Julho. 248
- VII. Desenvoltura da imprensa periodica. Viagem do Imperador a Minas. Proclamação do Ouro-Preto. Seu regresso ao Rio de Janeiro. A noite das garrafadas. Representação dos deputados. Te Deum em S. Francisco de Paula. Gabinete de 6 de Abril. Reunião do campo de Sant'Anna. Defecção de alguns corpos. Sangue Frio de D. Pedro. Abdicação. Embarque da augusta comitiva. Sua partida. Character de D. Pedro. 257

CAPITULO OITAVO.—1831—1841.

- I. Eleição da Regencia Provisoria. Sedição militar de 4 de Abril na Bahia. O Padre Feijó Ministro da Justica. Movimentos de 14 e 15 de Julho e 7 de Outubro no Rio de Janeiro. A Setembrisada ou a sedição da tropa em Pernambuco nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 1831. 265
- II. Sociedades politicas. O Estado no Estado. A Sociedade Defensora. Os movimentos de 13 e 17 de Abril. O golpe d'Estado de 30 de Julho. O partido Caramurú. A revolução do Ouro-Preto. Projecto do banimento do ex-Imperador. Estabelecimento da sociedade Militar. Os dias 2, 5 e 15 de Dezembro de 1833. Quebramento das typographias. Prisão do tutor de S. M. I. e de suas Augustas Irmãs. 270
- III. Movimento de 14 de Abril em Pernambuco. Guerra dos Cabanos. Revolução do Ceará. Assassinato juridico de Pinto Madeira. Movimentos de 13 de Setembro e 19 de Novembro de 1831 no Maranhão. Guerra civil no interior. Morte do Caudilho rebelde. Pacificação da Provincia. O Pará desde 1831 até a presente época. 277

IV. O banimento do ex-Imperador. O Acto adicional. Eleição do padre Feijó para Regente do Imperio. Revolução do Rio Grande do Sul. Araujo Ribeiro e Bento Manoel. Combate do Fanta. Prisão de Bento Gonçalves. Demissão de Araujo Ribeiro. O Prigadeiro Antero presidente. Sua prisão. Feijó resigna o cargo de Regente. Pedro de Araujo Lima Regente interino. Revolução da Bahia.	286
V. A Bahia entra na ordem legal. Desastre do Rio Pardo. Fuga de Bento Gonçalves. Assassinato do Presidente do Rio Grande do Norte. Sedição de Raymundo Gomes. Retirada do Cahy. Toma' a da Laguna. Combate de Taquary. Luiz Alves de Lima Presidente do Maranhão.	292
VI. Emenda ao voto de graças. Projecto da maioria no Senado. Projecto de reforma do art. 121 da Constituição. Adiamento da assembléa geral. A reunião do Senado. O <i>quero já</i> do Imperador. Sua Magestade presta o juramento constitucional. Ministerio de 24 de Julho. Amnistia de 22 de Agosto. Sagração e coroação do Senhor D. Pedro II. Futuros do Brasil.	295

CAPITULO NONO 1841—1870

I. Negocios do Rio-Grande do Sul. Revolução em S. Paulo e Minas-Geraes.	304
II. Casamento de S. M. o Imperador. Insurreiçõ em Alagoas. Pacificação do Rio Grande. Viagem imperial. Morte do Sr. D. Affonso.	309
III. Revolução praieira em Pernambuco. Morte de D. Pedro Affonso. Trafico de africanos. Guerra no Rio da Prata.	316
IV. Viagem de S. M. o Imperador ao norte do Brasil. Questão ingleza. Complicações no Rio da Prata.	324
V. Rompimento com o Paraguay. Invasão de Matto-Grosso. Tomada de Salto e Paysandú. Convenio de 20 de Fevereiro. Tomada de Corrientes. Tratado da triplice alliança.	332

VI. Batalha naval do Riachuelo. Invasão do Rio-Grande S. M. o Imperador em Uruguayana. Tomada de Itapirú. Batalha de Tuyuti. Derrota de Curupaity.....	343
VII. O Marquez de Caxias. Tuyuti. Tuyu-Cué. Villa del Pilar. Passagem de Humai á. Itororó. Avañy. Lomas Valentinias. Angostura Tomada de Assumpção. Betir da do Marquez de Caxias..	352
VIII. S. A. o Sr. Conde d'Eu. Pata'ha de Pirabebuy. Batalha de Campo-Grande. Morte de Lopez. Governo provisório no Paraguay.....	363
IX. Ultimos acontecimentos. Primeira viagem de S. M. o Imperador á Europa. Primeira regencia de S. A. a Princeza Imperial. Reformas internas. O elemento servil. Conflicto religioso. Segunda viagem de S. M. o Imperador á Europa. Segunda regencia de S. A. a Princeza Imperial. Situação liberal. Reforma eleitoral.....	370
Indice Chronologico	379

FIM DO INDICE DAS MATERIAS.

